

KELL TEIXEIRA

AUTORA DE MEU VICIO

LIVRO 2

NÓS ALÉM DE

EXISTE PERDÃO APÓS O FIM?
O TEMPO PODE MESMO CURAR?

bezz
EDITORA



NÓS
ALÉM DE

NÓS

ALÉM DE

LIVRO 1
KELL TEIXEIRA

Copyright © 2018 Kell Teixeira

Copyright © 2018 Editora Bezz

Título Original: *Além de Nós*

Capa: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capítulo 1

Felipe

O som do despertador ecoa pelo quarto e eu abro os olhos, lutando contra o sono e não querendo acreditar que já é o momento de levantar. Sinto como se tivesse dormido poucas horas e antes que possa constatar isso em meu telefone, torcendo para ter mais tempo, a risada que ouço pelo quarto denuncia o que está acontecendo.

— Não, você não fez isso de novo — sussurro entre bocejos.

Viro meu rosto e me deparo com o sorriso endiabrado da ruiva ao meu lado, que se aproxima e faz um biquinho. Olhando assim, nem parece que tivemos uma briga na noite anterior por conta do seu ciúme excessivo. O pior é que nem mesmo existe motivo, ela o inventa.

— Você adora quando faço isso. — Ela me beija. — Não é? — Sorri, esperando a minha confirmação.

Mas estou com sono, e muito, então ela se afasta esperando que eu me aproxime, porém, não faço isso, somente encaro o teto.

— O que você acha? — pergunto sem interesse, mas isso não a impede de prosseguir.

— Tudo que acho é que eu quero você. Quero agora — diz de maneira provocativa e em nada lembra a louca histérica de ontem. — Por favor, não me ignore — ela insiste. Um vento mais forte atravessa o quarto, então desvio o olhar para a janela aberta. Já perdi as contas de quantas brigas tivemos para no fim ela dar uma de coitada, inverter os papéis e eu fingir que caí na dela. — O treino na academia foi pesado, não achou? — Muda de

assunto, não querendo deixar o silêncio permanecer entre nós.

— Você só está indo porque cismou com a recepcionista — falo, e no mesmo instante ela muda o semblante.

— Foi só cisma? Jura? — Altera o tom. — O dia que você não foi treinar, ela te ligou e você diz que é cisma minha? — Flávia responde, demonstrando irritação.

Respiro fundo e, sinceramente, eu nem quero mais argumentar. Confiro as horas, cinco da manhã. Depois que me tornei gerente no banco, o meu horário de entrada é às oito, porém prefiro sempre chegar mais cedo, normalmente entro às sete. Mas o mesmo não acontece com a Flávia, que faz questão de aproveitar os seus quinze minutos de tolerância.

— Você nem se atreve a negar, não é mesmo? — insiste, e isso não me surpreende.

— Negar exatamente o quê? Ela me ligou apenas uma vez, jura que quer começar com isso às cinco da manhã? — retruco e ela arqueia a sobancelha.

— Sabe, Felipe, estou começando a achar que você se faz de bobo porque gosta da atenção que recebe das mulheres.

Eu não consigo acreditar no que estou ouvido. Respiro fundo mais uma vez, antes de tentar me levantar.

— Desculpa, Felipe, você tem razão. Não quero começar o dia com brigas.

O silêncio paira e eu começo a me questionar se ignorei os sinais de desequilíbrio antes de assumir esse relacionamento, ou se eles surgiram depois de estarmos juntos. O despertador volta a tocar e antes que o barulho se torne pertinente, eu o desligo.

— Já que colocou o telefone para despertar bem mais cedo, quer correr hoje?

Ignoro as minhas divagações ao tentar me enganar. Essa noite eu sonhei com o meu passado, que insiste em se tornar sempre presente. E em dias como esse, eu prefiro ignorar tudo que sinto, ainda que isso me anule completamente.

— Ah, Felipe, nem vem. Quem em sã consciência chama alguém para correr às cinco da manhã? — reclama.

— Alguém que é acordado às cinco da manhã sem motivo algum por sua namorada — retruco.

Ela ignora a provocação, aproxima-se novamente e me beija com charme. Correspondo e coloco o seu corpo sobre o meu. Os beijos continuam até descer para os seios, então eu a escuto sussurrar no meu ouvido:

— Você sabe que eu te amo e tenho medo de te perder. Sabe que é insegurança, não sabe? — diz, ficando completamente nua.

Eu volto a beijar a sua pele e quando fecho meus olhos, a imagem que surge me faz recuar bruscamente. Por que isso ainda insiste em me assombrar?

— O que foi? — Flávia pergunta, assustada.

— Nada, só preciso de um banho — falo e me levanto rapidamente.

— Amor, por favor...

— Vou tomar um banho e já volto. Prometo. — Pisco e tento dar um sorriso.

Ela me ignora, mas ao olhar em meus olhos sabe que não quero prolongar essa conversa, então sigo para o banheiro e ligo o chuveiro. Suspirando, eu entro embaixo da água e enquanto ela escorre pelo meu corpo, penso em como o tempo passou. Todas as lembranças voltam e eu me lembro de como me sentia o cara mais sortudo do mundo, e agora a minha vida se resume a isso.

Deus, que merda tenho que fazer para me livrar desse fantasma? Até

quando vou continuar revivendo o passado?

Sinto as lágrimas queimando em meus olhos, enquanto as lembranças do sonho permanecem em mim. Ao fechar os olhos, eu vejo o seu rosto e o quanto éramos felizes. Ainda consigo ver o seu sorriso, enquanto seus sussurros se misturam ao silêncio.

Eu amo você, Felipe. Agora é a sua vez, diz o quanto me ama?

Eu te amo, bonequinha, muito...

Abro os olhos e percebo que não é real. Nunca foi. Olho fixamente para o ladrilho escuro à minha frente, escutando o barulho da água caindo no chão, então respiro fundo tentando varrer cada lembrança. Mas, como uma cicatriz profunda, tudo volta quando se aproxima *daquela* data. Apesar de não querer, eu revivo e volto a sentir vividamente tudo que éramos até o nosso fim. Penso em Flávia e em como consegue falar tão abertamente sobre seus sentimentos – mal sabe ela que eu procuro todas as distrações possíveis para manter os meus bem enterrados. E mesmo me esforçando, em momentos frágeis como esse, percebo que tudo permanece intacto, como se meu coração fosse um baú velho onde todas as lembranças ficam guardadas cuidadosamente, esperando apenas o momento propício para surgirem. Já cansado e sem força para lutar, eu apenas inspiro e expiro por longos minutos, esperando recuperar o fôlego enquanto lentamente as lembranças vão passando e deixando mais cicatrizes. E a cada cena que me vem à mente, eu me pergunto como cheguei a isso ou o que fiz para perdê-la dessa maneira?

Eu tive todos os motivos para esquecê-la, e de todos os males que sua ausência me trouxe, nada se compara com a dor desse amor, que mesmo sem respostas, se negou a morrer.

Implorei por respostas e cheguei ao ponto de criar em minha mente possíveis explicações, mas, por fim, nunca encontrei nada. Passei anos

questionando meus passos, minhas escolhas, tentando inutilmente saber em que momento errei, mas, novamente, eram apenas perguntas sem respostas. Eu a perdi sem nem mesmo saber o porquê. E reviver tudo em meus pensamentos me sufoca, e sem ter muitas opções, eu tento seguir em frente com a certeza de que vai passar, assim como aconteceu em outras vezes, e só fantasmas restarão em minha mente.

Termino o banho, me enxugo rapidamente e volto ao quarto. Quando Flávia abre os olhos e percebe que estou me vestindo, ela protesta.

— Ah, Felipe, você prometeu.

— Eu sei, mas podemos deixar isso para mais tarde? Vou correr, quer vir comigo?

— Quem chama alguém para correr às cinco e meia da manhã?

— Eu. — Sorrio e já vestido eu me aproximo para lhe dar um beijo.

Em cinco minutos já estou na rua, que começa a dar seus primeiros sinais de um novo dia. Começo a dar os primeiros passos e em segundos encontro o meu ritmo. Passo por casas, tentando deixar novamente o passado no passado, mas é inútil.

Meses depois que Ísis me deixou, eu tentei encontrá-la, cheguei até a implorar para que a Monique que me ajudasse. Foi através do Marcos que ela soube que a Ísis estava na Alemanha, que se reconciliou com os pais e estava seguindo com a vida, demonstrando que todas as palavras naquela carta eram verdadeiras. Eu tentei muito não acreditar, e mesmo se ela voltasse meses depois e dissesse que era mentira, eu fingiria acreditar. Mentir é cruel, eu sei, mas às vezes uma mentira doce parece mais suportável para um coração dilacerado do que a infame verdade.

Os meses passaram e doeu ter que finalmente reconhecer o fim. Como ela poderia seguir com a sua vida, se havia acabado com a minha? Estava claro que Ísis fez sua escolha e seguiu seu caminho, só me restava seguir o

meu. Quando Mari e Léo se casaram em uma pequena cerimônia para os amigos mais íntimos, eu já fingia que tinha superado. Mas, naquele dia em particular, quando vi Mari de noiva e entrei com ela na igreja, foi inevitável não pensar em Ísis e que poderíamos ter chegado a isso. Foi então que me dei conta, da pior forma possível, que me ter sempre ao seu lado estava fora dos seus planos.

Eu estava enlouquecendo e procurava todas as distrações possíveis, então cheguei à conclusão de que precisava ocupar a minha mente ao máximo, porque trabalhar no banco e cursar Arquitetura ainda não era o suficiente. Eu não queria ter tempo de pensar, porque pensar significava reviver Ísis. Com o incentivo da minha família, ingressei na faculdade a distância de Finanças, e foi penoso conciliar as duas graduações e trabalho, mas era isso ou enlouqueceria.

Dois anos após o casamento, Mari teve gêmeos, e mesmo com toda a mágoa queimando em mim e mentindo para mim mesmo que eu a perdoei, a vida continuou seguindo pouco se importando com o que eu estava sentindo.

Para ajudar a minha irmã com a rotina dos filhos, ao se aposentar, a minha mãe foi morar com a Mari.

Antes de me graduar em Finanças, para a minha surpresa, fui nomeado como gerente local do banco. Acredito que tenha sido por indicação do pai da Flávia, que estava se aposentando na época, mas ainda assim eu não tinha os requisitos para a vaga. Carlos, outro funcionário, era o mais cotado e tinha todos os requisitos exigidos, contudo, fiquei grato pela oportunidade e decidi aproveitá-la. E como me esforçar em fazer o melhor nunca foi problema, os frutos do sucesso profissional chegaram. E apesar de ver a minha família feliz com os novos membros, todas as perguntas sem respostas tiraram o brilho de cada acontecimento. Eu me forcei a continuar, a seguir meu caminho como se essa parte da minha vida não tivesse existido.

E é impressionante como a vida tem um jeito estranho de nos surpreender. Tudo estava caminhando bem, minha carga viral se tornou indetectável de novo e meu HIV finalmente me deu uma trégua. Eu dei um salto na minha vida profissional, troquei de carro e apartamento, e mesmo com todas essas realizações eu não conseguia esquecer. E toda essa experiência me mostrou que não há meios de esquecer o passado, você pode apenas superá-lo, mas ele sempre estará aqui, um passo atrás de você.

A vida estava me dando uma nova chance e eu deveria ser grato, deveria me sentir feliz por ter me adaptado à nova combinação de medicamentos, por já não sentir tantos efeitos colaterais, mas nada que eu fizesse conseguia preencher o vazio. Eu precisava dar um passo além, precisava ceder, deixar Ísis ir e permitir que alguém ocupasse o seu lugar. Mas, até então, a única pessoa além da minha família que estava sempre presente era a Flávia.

Eu estava tendo um péssimo dia. Enquanto estava no trabalho, eu senti a fragrância do *Chanel 5*, o perfume dela. No mesmo momento, eu me levantei e fiquei procurando Ísis – claro que não a encontrei –, como se somente ela tivesse o direito de usar o maldito perfume. Depois daquilo, meu dia foi ladeira abaixo. Então, assim que Flávia me convidou para um jantar, eu decidi aceitar e uma coisa levou a outra. Eu não tinha intenção alguma de me relacionar com ela, porém, após ela insistir muito em ir para o meu apartamento e dividirmos duas garrafas de vinho, aconteceu. Tê-la ali naquela noite me fez vê-la de maneira diferente e pela primeira vez houve atração. Quando amanheceu, além da dor de cabeça, acordei com ela em meus braços. Foi então que fiquei sabendo que ela estava se guardando para o homem da sua vida. Ela acreditava naqueles contos de fadas e, conseqüentemente, na sua cabeça eu era esse cara e acabei sendo o seu primeiro sem saber disso.

O relacionamento se estendeu e o ciúme, que antes eu achava até

tolerável, se tornou insuportável. De lá para cá já tivemos três ou quatro brigas bem intensas – seu ciúme doentio faz até o ser mais calmo chegar ao limite. Na última briga que tivemos, eu fui conversar com a minha mãe e expliquei os motivos para colocar um fim no relacionamento, e foi aquele drama, Flávia conseguiu que até mesmo a minha família ficasse do seu lado. Mas não são só momentos ruins que temos, na verdade, são as coisas boas que ainda me fazem querer lutar para que ele dê certo.

Minha vida mudou drasticamente. Uma vez sendo o gerente, eu fiquei responsável pelas transações de Marcos Medeiros e a sua empresa, uma filial da Advocacia Brückner – nome que eu adoraria esquecer, mas que está gravado em mim. Pouco sei sobre ele, porém, a sua fama de mulherengo e seu relacionamento complicado com a Monique rendem aos funcionários do banco muitos assuntos. Não sei exatamente qual parte de tudo que falam é verdadeira, mas Monique agora ostenta uma vida de luxo, então há fatos que não podemos negar.

Em todas as vezes em que nos encontramos, nunca mencionamos a Ísis. Após descobrir o paradeiro dela e confirmar a veracidade da carta, não me atrevi a perguntar sobre ela, assim como ele também nunca o fez. Há um limite e nenhum dos dois quer ultrapassá-lo. Ainda que todas as noites eu ultrapasse.

Respiro com pesar tentando finalizar esses pensamentos. Termino o quarteirão e volto ao apartamento, entro no quarto e escuto o chuveiro – Flávia está no banho –, tiro minha roupa enquanto observo o cabelo vívido debaixo da água. Assim que entro no box, ela se vira para mim e, como sempre, ao olhar para o seu rosto eu me forço para tentar fazê-la feliz.

— Você me deixou esperando, agora é a minha vez de dar o troco — ela diz, arqueando a sobrancelha antes de passar por mim e sair do box.

Eu nem mesmo penso em protestar, simplesmente começo a me

ensaboar. Hoje o meu dia será péssimo, tenho certeza disso. Assim que termino o banho, eu me enrolo na toalha e sigo para o quarto para me aprontar para o dia.

Termino de colocar o terno e vou direto para a cozinha tomar um café forte, em seguida deixo o apartamento antes da Flávia que, provavelmente, irá demorar um tempo para sair. Todo início de mês o banco fica muito movimentado, então não posso me dar ao luxo de chegar atrasado.

Essa é a vida seguindo em frente. Chego ao banco e após a rotineira reunião com todos os funcionários, exceto Flávia, sigo para a minha sala. O dia será cheio e sei que, como em todos os dias agitados, no final do expediente terminarei acompanhado da minha dor de cabeça.

Heloisa Telles é a primeira a entrar com seu cabelo longo, liso e preto junto ao corpo bem-definido, que chamam muita atenção. Eu indico a cadeira e ela, que após me cumprimentar se senta. Ela me entrega dois malotes – sua família possui uma rede de frigoríficos – e apesar da pouca experiência, eles a colocaram à frente do departamento financeiro. Mesmo com alguns sorrisos da sua parte, toda conversa gira em torno de transações, boletos e cheques. Quando terminamos, ao me despedir, eu me assusto quando ela menciona que frequentamos a mesma academia.

— Desculpe-me, Heloisa, mas eu realmente sou distraído. Não se sinta mal se passei por você e não a cumprimentei.

— Tudo bem. Caso eu o veja de novo por lá, faço as honras — ela diz e sorri, então nos despedimos novamente.

Antes do próximo cliente, saio para um café rápido e passo pela ruiva em sua mesa, que sorri discretamente. Depois de assumirmos o nosso relacionamento, que já dura um ano, as outras funcionárias se aproximam sempre com cautela.

No caminho de volta para à minha sala, eu paro para conversar com o

Carlos e a Aline sobre algumas vendas e volto ao meu posto. Hoje tenho uma longa lista de clientes para receber e o próximo é Marcos Medeiros. Escuto passos e acredito ser ele, mas pelo barulho do salto descarto a possibilidade, provavelmente Aline veio avisar que Marcos não irá aparecer. Ouço uma batida à porta.

— Pode entrar — digo sem olhar em sua direção e ainda conferindo as transações de Marcos, tentando achar o problema que ele diz ter tido com o cheque. De repente, sinto um perfume estranhamente familiar vindo de Aline, que está parada na frente da porta. — Algum problema? — digo ainda atento ao computador, procurando o erro que Marcos diz existir, mas não o encontrando.

— Bom dia. — A voz ecoa e tudo perde o sentido quando olho em sua direção.

A pessoa na minha frente me faz paralisar. Não é real, não pode ser. Tenho certeza que a qualquer momento o despertador vai tocar e eu vou acordar. Meu coração começa a bater descompassado. Ela vem em minha direção. Ísis está vindo em minha direção. Vestida em um terno preto, cabelo preso elegantemente, ela não lembra em nada a menina que me abandonou. Mas o perfume é o mesmo, aquele maldito perfume que ficou marcado em mim e agora seu cheiro está por toda a sala, me enchendo de lembranças. Tudo que eu venho tentando ignorar grita dentro de mim. Por um tempo, que parece longo demais, eu a encaro.

— Felipe. — Sua voz sai em um sussurro, mas eu não consigo responder. — A partir de hoje estarei à frente do departamento financeiro da Advocacia Brückner. Marcos já o comunicou disso?

Ouvir sua voz não deixa dúvida, é ela.

— Não — falo em um sussurro. Minha voz desaparece e até respirar fica difícil. Ela não parece a mesma pessoa, algo está totalmente diferente.

Ísis me entrega uma pasta com vários documentos, e eu evito olhar em seus olhos. Então é isso, depois de tudo que fez para mim, ela volta e acha que está tudo certo? Tento me recompor, mas é inútil. Abro a pasta, implorando para conseguir jogar o seu jogo. Ali encontro um documento assinado por Marcos declarando que a partir de hoje, Ísis estará à frente do departamento financeiro da empresa. No final do documento vejo que ambos assinaram e não passa despercebido que agora ela é advogada. Engulo a verdade, sentindo-a me queimar. Ísis realmente seguiu com a sua vida! E por que não o faria, uma vez que foi ela quem decidiu se afastar. Busco força onde não existe e faço seu jogo.

Deus, a garota que bagunçou a minha vida agora está à minha frente. Não a mesma garota, agora ela é uma mulher, e não sei exatamente o que ela pretende com a sua volta. Será que ela voltou para me humilhar demonstrando que a melhor escolha que fez na vida foi me abandonar?

— Alguma dúvida? — Seu timbre de voz varia de melancólico a autoritário.

Não consigo sequer encará-la. Meu estômago embrulha e todas as perguntas que nunca tiveram respostas gritam em minha mente. Em meu coração amargurado, eu quase imploro para não ter que encarar isso novamente. Depois de todo esse silêncio, da sua carta ridícula, de todas as lágrimas, de juntar cada pedaço quebrado, não é justo que Ísis surja aqui como se pudesse, como se tivesse o direito de abalar a paz que finjo ter. Dessa vez eu não vou cair em sua armadilha, não vou me sujeitar a essa ilusão. Visto a minha melhor máscara e olho em seus olhos.

— Nenhuma. — Engrosso a voz e tento parecer indiferente, como se a sua presença não me abalasse.

— Ótimo. — Ela me encara e parece querer dizer algo, mas se contém. — Faz tanto tempo, não é? Fico muito feliz em ver que você está

bem — ela sussurra. Seu olhar ainda é o mesmo, mas seu semblante parece um pouco mais suave.

— Não teria porque não estar, mas é recíproco. Que bom que está bem. — Forço um sorriso.

Ísis desvia o olhar, parece emocionada, mas não sei dizer com precisão.

— Hoje estou recomeçando a minha vida, Felipe — diz ao me encarar de uma forma que me desconcerta. Só de ouvi-la falar o meu nome, algo em mim estremece. Há mais nesse olhar do que eu quero ver.

— Que bom. Espero que consiga alcançar os seus objetivos, se já não os alcançou. Recomeçar não é fácil, mas muitas vezes é necessário. —É quase inacreditável que todos os sentimentos que finjo não ter possam queimar com um simples olhar.

— A vida é um aprendizado, Felipe, e eu aprendi muito com os meus erros. Pode parecer confuso e um tanto audacioso o que vou dizer, mas eu vim aqui exclusivamente para ter de volta o que tiraram de mim.

Suas palavras ecoam e me atingem em cheio. Mas, dessa vez, não vai existir uma venda para me impedir de ver a verdade. Não vou me deixar enganar, não por ela, não pela mulher que me abandonou.

Capítulo 2

Ísis

Alguns erros são mais graves que os outros, mas nenhum deles te permite voltar atrás...

A frase sobrevoa meus pensamentos, enquanto mantenho meu olhar fixo no teto branco do consultório da doutora Karen Kitada, psicóloga brasileira que, assim como eu, reside na Alemanha. Durante quatro anos, estive olhando para esse mesmo teto, enquanto tentava inutilmente esquecer o que nunca saiu da minha mente.

— Estamos fechando um ciclo, você irá se formar essa semana. Quer começar falando sobre a formatura? — Sua voz ecoa pelo consultório e se choca contra as paredes brancas. — Seus pais virão?

Durante um tempo, eu nem mesmo conseguia falar sobre isso. Muitas sessões de terapia foram necessárias para que as palavras que me sufocavam finalmente saíssem. E sendo essa a última consulta presencial, Karen está novamente refazendo todos os passos. Quer ter certeza de que nada ficou preso em mim.

— Não, não vou à colocação de grau. — Meu tom melancólico parece se quebrar com o vento gélido que adentra pela janela.

— Então decidiu não ir? Tem a ver com o seu pai? — Mantenho-me em silêncio. — Há quanto tempo não o vê? Quer falar sobre isso?

Meus olhos se enchem de lágrimas. As feridas estão todas aqui e não há cura para o que não quer cicatrizar.

— Ísis...

— Falar sobre o quê? Que o meu pai me tirou do meu caminho de uma hora para outra, e que desde então eu vivo procurando a trilha que me levará de volta? Ou se não implorei o suficiente? Se desisti fácil demais? — Volto a chorar.

— Você ainda está magoada e depois de anos nutre esse sentimento por seu pai. Acha que está preparada para revê-lo?

— Não, não haverá reencontro, foi só um acordo. Ele deixaria Felipe e a sua família em paz em troca da minha permanência e graduação em Direito, aqui na Alemanha. E se eu tentasse voltar, ele estaria disposto a destruir a vida do Felipe, e não apenas a dele, mas da família também. Só não sei se o meu pai esperava ter que encarar as consequências. Ele arruinou a minha vida.

— Sua vida não foi arruinada, Ísis. Ainda é tão jovem, sempre podemos recomeçar.

— Como recomeçar, Karen? Eu perdi cinco anos tentando loucamente me convencer de que era o certo, que foi melhor assim. E tudo foi arrancado de mim, sequer tenho esperança.

— O perdão deve ser trabalhado para haver cura. Não podemos retroceder.

— Como perdoar alguém que me quebrou por completo? Alguém que me viu implorar todos os dias e dizia para eu ignorar tudo o que sentia, que era o melhor, que eu ficaria bem. Durante o dia eu me esquivava de tudo focando nos estudos, e durante a noite eu escutava a sua voz gritando na minha cabeça. Mas o meu pai foi além ao documentar cada passo do Felipe com o intuito de mostrar que eu deveria cumprir o acordo. Eu estava enlouquecendo, confusa e perdida, implorando para estar fazendo o certo. No fundo, eu sabia que tinha cometido um erro. Eu queria fugir, mas então Felipe teria que passar por tudo novamente em relação ao preconceito. Foi

então que aconteceu...

— Foi então que, após um ano, você teve a primeira crise. Quando seus pais entenderam o que estava acontecendo, além de você não se socializar, chegaram a falar sobre isso?

— Não, eu me isolei, não havia mais diálogo. Eu me sentia aprisionada e mesmo querendo me convencer de que foi o melhor, eu carregava um peso enorme pela forma como deixei o Felipe. Tudo isso me aprisionava cada vez mais. Nada tinha sentido. Estava vivendo na amargura de um sonho que foi tirado de mim, tentando inutilmente manter a normalidade, mas enlouquecendo cada vez mais.

— E seus pais, ao perceberem isso, não procuraram tratamento. Só depois da primeira crise. Sente mágoa por isso também?

— Não sei. Entendi que se eu não seguisse as regras, não teria notícias do Felipe, e eu me mantinha presa a isso, precisava saber sobre ele. Era o nosso único laço.

— Houve alguma tentativa em se libertar?

— Tudo era controlado. Um segurança me acompanhava por todos os lados, foi ingenuidade minha acreditar em liberdade, mas apesar de tudo, eram meus pais. E como parte do acordo, depois de um tempo não tive mais notícias. — Deixo as lágrimas caírem. — Eu implorava a Deus para que Felipe não me esquecesse. Em um ato de desespero, um dia consegui fugir e fui até um telefone público e liguei para ele – já havia passado tanto tempo. Foi uma mulher que atendeu o telefone, e eu não consegui falar, apenas ouvia ao fundo a voz do Felipe que, para a minha decepção, parecia tão feliz. Eu não senti em sua voz que havia sofrimento, desilusão. Assim que meu pai descobriu, ele me ligou e disse que se eu desistisse da faculdade, o Felipe perderia o emprego. Acho que, no fundo, meu pai passou a me odiar tanto quanto eu o odiava. Foi então que comecei a pensar que não tinha mais por

que voltar. Felipe estava feliz, seguindo em frente.

— Você quis acreditar nisso.

— Eu tinha medo do que poderia encontrar e isso me fazia recuar. Eu não queria saber quem era ela, não queria acreditar que alguém havia ocupado o lugar que eu abandonei.

— Não tentou mais?

— Mais umas duas vezes, mas o número tinha sido cancelado. No fim, eu já havia causado muito estrago, Felipe estava feliz e eu... — Volto a chorar. — Eu deveria seguir a minha vida.

— Mas nunca conseguiu — Karen completa.

— Era impossível continuar, mas percebi tarde demais. Eu havia caído em um jogo sujo e passei a me sentir tão suja quanto o meu pai. Eu continuei não tendo acesso ao dinheiro e ao meu passaporte, não havia como voltar. Ele me anulou completamente. Era como se nada do que eu sentisse tivesse importância. O meu pai jogou todos os meus sonhos no lixo com o pretexto de que era por amor. Em uma das nossas brigas, ele jogou na minha cara que facilitou para que a mãe do Felipe se aposentasse e que, graças a ele, agora o *aidético* era gerente de banco sem ter qualificação para isso, que ajudou a irmã em um processo de multas abusivas. Karen, ele sempre esteve por perto, sempre me mostrando que estava cumprindo a sua parte e que eu deveria cumprir a minha. Todas as vezes que eu tentava me rebelar, ele me derrubava e destruía tudo o que eu via como força. Na cabeça dele, eu estava fazendo pirraça. Continuamos nessa luta até que não restou mais nada de mim, então ele venceu.

Ficamos em silêncio.

— Ainda passa as noites lendo sobre HIV/AIDS?

— Sim, é a única maneira de continuar a ter um pouco do Felipe. Ele tinha esse hábito e eu sentia que, de alguma forma, lendo e guardando esses

arquivos nós manteríamos algo em comum. E eu precisava disso, precisava para continuar.

— Então, mesmo depois de tudo, você ainda nutre esperanças de revê-lo. Pode não querer admitir, mas isso te motivou a continuar, a ficar aqui e se formar, cumprindo a sua parte no acordo. Mas agora você está livre.

— Sei que conversamos sobre isso, mas não sei se consigo voltar.

— Não só consegue, como sabe que precisa voltar e encarar o Felipe novamente.

— Em determinando momento, eu tive essa ilusão, mas sabia que só poderia voltar quando não dependesse mais do meu pai, senão, todo tempo que passei longe dele teria sido em vão. Mas para isso eu precisaria de um diploma e em minha inocência, eu acreditava que se pudesse arcar com as minhas despesas financeiras, poderia enfrentá-lo. Poderia finalmente ter de volta tudo o que o meu pai me tirou. Eu me agarrei a essa ilusão. Fiquei noites chorando e pensando em tudo que havia perdido.

“Foi então que, um dia, ao ver o meu estado, o quanto havia emagrecido, praticamente definhando, meu pai prometeu que assim que eu tivesse o meu diploma estaria livre definitivamente e que eu poderia voltar ao Brasil. Naquele momento, eu até pensei que ele estava arrependido, mas foi então que descobri, através da minha mãe, que Felipe havia refeito a vida e estava com outra pessoa. Eu acredito que o meu pai deva achar que, uma vez com a vida refeita, não tenho chance alguma com Felipe. É quase inacreditável que o amor que está tão vivo em mim, tenha morrido nele.”

— Ísis, ele não sabe da sua versão da história. Ainda que tenha refeito a vida, acho ele que merece saber. Se desistir de voltar, nunca irá se curar. É o que você quer, digo, se curar, certo?

— Quero, mas tenho medo. Perdi todos os sinais, eu não sei mais quem é o Felipe ou se existe perdão. Tudo desapareceu. Às vezes imploro

para sonhar com ele, mas não acontece. Não mais. Nunca mais.

— Não acha que passou a acreditar nisso como uma forma de bloqueio?

— Se estamos fechando o ciclo, por que ainda tenho tanto medo? Por que a dor persiste?

— Depende de você fechar o ciclo, Ísis. Nesse tempo você melhorou muito, evoluiu bastante, mas de nada adianta se não for ao núcleo da questão, se não enfrentar o problema de frente. Enfrentar o seu medo, quebrar as barreiras e voltar para o Brasil. Sabe que a cura não está aqui, e continuar fingindo não vai adiantar.

— E se ele não me perdoar? Se não entender?

— Felipe tem esse direito e, caso aconteça, deve aprender a lidar com isso também. Mas a pergunta é: você já se perdoou?

— Não tenho essa resposta. Eu o deixei depois de prometer que não o faria. Ele estava no hospital. Deus, não me deixaram nem me despedir dele. Apenas aquela carta que me atormentou durante anos.

— Como sempre falo para você, Ísis, antes de tudo deve se perdoar pelo que fez. Como pode querer o perdão dele, se você não consegue se perdoar? E, Ísis, se perdoar é o principal, mesmo que Felipe não a perdoe. Ao fazer isso, você vai saber lidar melhor com a situação.

Meu coração acelera com essa possibilidade e a pergunta me aflige. E se ele não me perdoar? Eu o machuquei, eu o abandonei. E se ele não me aceitar de volta?

— Ísis, está tudo bem?

— Não sei. Eu não me lembro mais do beijo dele, não sei se o cabelo dele está como antes, se ele tem os mesmos hábitos, se me odeia... Karen, e se não for real? E se Felipe não existir mais? O meu Felipe. — O medo novamente me atormenta.

— Você só irá descobrir se voltar.

— Estou com medo.

— Você vai conseguir, Ísis, estaremos juntas. Vamos continuar nos falando toda semana, nada vai mudar, ou melhor, você vai colocar em prática tudo o que trabalhou durante esse tempo. Você tem os meus contatos, pode me ligar a hora que quiser. Você não vai estar sozinha nunca.

— É o momento?

— Chegou o momento.

Eu me levanto, enquanto ela se aproxima de mim e me abraça carinhosamente. Respiro fundo pelo que parece ser a milésima vez desde que cheguei ao consultório. Eu cumpri a minha parte do acordo com o meu pai, concluí o curso de Direito na Escola de Direito Freie Universitaet Berlin (Universidade de Berlim) – uma das melhores universidades da Europa. Na semana que enviei o certificado, ele devolveu o meu passaporte. Eu me mantive distante e quieta, mas agora quero reviver o meu passado. Minha relação com o meu pai foi completamente destruída e hoje estou pronta para retomar o controle da minha vida, que se tornou vazia.

Enquanto caminho pela rua gélida, sentindo o frio no rosto, eu observo o movimento. Chego ao apartamento alugado e faço as malas. Estou com medo, mas me preparei durante anos, e Karen tem razão, não posso mais adiar, tenho que começar a viver.

Quarta-feira à noite eu embarco no aeroporto de Berlim, fazendo uma conexão em Frankfurt, e de lá sigo para o meu destino. Quatorze horas de viagem. E a cada hora sinto como se o meu coração fosse parar a qualquer momento.

Depois de anos, eu aprendi a sobreviver em meio a dor, a forçar um sorriso mesmo com o coração dilacerado. Meu pai não me amedronta mais, ele não pode causar mais dor, não mais do que já causou.

Depois de cinco anos, estar novamente no mesmo aeroporto em que tantas vezes Felipe esteve comigo faz meu coração acelerar. Assim que desembarco, pego minhas malas e sigo para a área externa, onde entro em um táxi.

Através da janela, eu observo a chuva caindo e as ruas passando. Faz tanto tempo, mas ainda posso sentir todos os nossos planos que foram quebrados em mil pedaços. Minhas lágrimas não passam despercebidas pelo taxista e quando ele passa em frente ao shopping, o choro se torna desesperado.

— Moça, está tudo bem?

— Está sim, por favor, pode virar à direita? — peço ao taxista.

Assim ele o faz, passamos em frente à casa que era do Felipe, que agora está fechada, assim como o *Pet Shop*. Vou dando instruções, então o taxista passa em frente ao pequeno prédio onde morávamos. Meu coração dói tanto, que peço para ele parar em frente. Olho para a janela pela qual tantas vezes observei Felipe chegando, e agora tudo se foi. Ficamos ali por poucos minutos, para então seguirmos ao banco, que não está muito longe.

Um pouco mais a frente, fica o hotel onde estarei hospedada. Sabendo que tenho dinheiro suficiente para me manter por um tempo, fiz reserva quando parti da Alemanha. Através da minha mãe, eu soube que Marcos comprou a filial e abriu mão da parte dele na matriz. Apesar de não mantermos contato, eu irei procurá-lo. Seria ótimo não precisar de ninguém, mas, agora, eu preciso. Não se aprende a voar sozinha, e até mesmo para isso, você precisa do vento. Mesmo estando perdida nessa cidade tão familiar, sinto que não a conheço mais.

Sozinha, no quarto do hotel, eu mal consigo dormir, e sei que nem mesmo tomando os medicamentos, eu o farei. Não quando sei que o Felipe está tão perto. Minha mente sabe que ele tem outra pessoa, mas o meu

coração se nega a acreditar, está relutante, mesmo agora sinto como se pudesse reviver as nossas vidas. Ele é o fio que me guiará de volta para as nossas lembranças.

Na manhã seguinte, precisamente às cinco, já estou de banho tomado e me preparando para o longo dia à frente. A noite mal dormida é perfeitamente disfarçada pela maquiagem.

Após algumas buscas na internet, descubro o endereço do escritório de Marcos e sigo para lá. Ao chegar, por volta das nove horas, eu me deparo com o letreiro ainda com o sobrenome Brückner, mas não o julgo, na Alemanha descobri como um sobrenome faz a diferença. Cumprimento a recepcionista, e apesar de odiar o meu sobrenome, a menção dele me faz ter acesso direto para a sala do Marcos. Demora quase uma hora para que eu escute sua voz enquanto o aguardo na recepção do seu andar.

— Pode sustar o cheque. Não... não, não mesmo. Ele não me repassou o dinheiro, pode sustar. O combinado era fazer o depósito antes e se ele quebrou o acordo, não tenho o porquê manter a minha palavra. Estamos entendidos... tudo bem. Obrigado, bom dia. — Sua voz ecoa pelo corredor.

Assim que coloca os olhos em mim, Marcos fica boquiaberto. Vestindo um terno preto feito sob medida fica mais do que claro que ele se tornou um típico advogado Medeiros-Brückner.

— Ísis? De longe senti o cheiro delicioso da sofisticação. — Ele sorri maliciosamente, ainda segurando o celular. — A que devo a honra?

Ele vem em minha direção, então eu me levanto e estendo a mão. Apesar de estar com um terninho preto sem decote algum, Marcos encara descaradamente cada curva do meu corpo.

— Procurando emprego. Acabo de me formar e preciso adquirir experiência — falo com firmeza e ele sorri debochadamente, em seguida abre a sua sala e me diz para entrar.

— Você está linda e de bom humor, sinal de que a sua temporada em Berlim fez bem. Mas agora vamos ao que interessa, ou seja, o real motivo. — Ele pisca para mim, deixando claro que não caiu nessa de *experiência*.

— Mas é verdade. Preciso de emprego e *experiência*. Eu voltei ontem, estou no hotel Otto, próximo ao seu escritório, e vim para saber se você tem algum escritório para me indicar — falo abertamente, sem deixar que nem mesmo a sombra de um sorriso apareça.

— Sem meias verdades, Ísis, abra o jogo. Não banque a humilde, sendo recém-formada em Freie Universitaet Berline. E para ser mais direto, quem precisa de referências quando se é uma Brückner? Qual a jogada? Ninguém se forma fora do país e vem para uma cidade como essa recomeçar.

— Por que não? Não há nada de errado com a cidade. E o que é melhor do que fazer carreira em seu próprio país? Mas se iremos começar por esse lado, o que anda fazendo, Marcos?

— Filhos, ou melhor, filho. Miguel Medeiros. Quer ver uma foto dele? Olha que obra de arte eu fiz — ele diz e logo mostra uma foto do menino, que é a cópia dele.

— Ele é lindo. Seus pais o conhecem?

— Ficam com ele de quinze em quinze dias. Miguel é pilha *Duracell*, mas não tem como não amar. Sou eu em uma versão mais fofa ainda. A mulherada pira — ele brinca e sorri com charme.

— E os pais dela?

— Depois que assumi a paternidade, a história mudou. E que fique claro, isso foi antes de ele nascer.

— Fico feliz por você, mas não vamos esquecer que ela está há muito tempo em sua vida, não é mesmo? — Seu sorriso se desfaz. — Marcos, eu sei que algumas coisas ficaram pendentes entre nós, mas não estou aqui para isso. Para ser sincera, nada disso me importa. Eu não sei o quão grave foi o

seu erro, mas já o perdoei. Digamos que adiantei os ponteiros do relógio.

— Gentil de sua parte. Posso te agradecer com flores? — ele diz e sorri. Continua o mesmo debochado de sempre.

— E como vocês estão?

— Pedi a Monique em casamento duas vezes, e as duas vezes ganhei um não. Ela fala mal de mim pelos quatro cantos, mas eu só presto na hora de pagar o silicone, fazer lipo e torrar o meu dinheiro. Monique é foda, Ísis, pisa muito no meu coração machucado — diz, fazendo com que eu sorria.

— Imagino que você não faça nada para merecer. É um santo!

— Todos choram suas mágoas, alguns se afogam no álcool, outros na farra. Monique não entende que a segunda opção é meu modo de sofrer por ela.

— Na farra? — Arqueio a sobrancelha.

— Sem julgamento, Ísis. Cada um com a sua dor. — Ele sorri. — Se realmente é de um emprego que precisa, eu posso fazer isso por você. Mas não quero dar aos meus clientes a opção de ter uma Brückner representando-os – o seu sobrenome se tornou forte na região. No momento, estou precisando de alguém leal à frente do departamento financeiro. Não sou um cara que confia muito em estranhos, prefiro alguém mais próximo. Emprego eu posso te dar, já a experiência prática... — diz em seu mesmo tom irônico.

— Tudo bem, desde que esteja disposto a colocar o cargo de advogada na carteira, pode me colocar até na recepção. Isso é com você — falo com o intuito de deixar claro que preciso do emprego.

— Mas antes preciso saber se será um problema lidar com o Santos. Lembra dele? — Marcos me observa cautelosamente para ver a minha reação. Tento ignorar tudo que a menção do sobrenome Santos provoca em mim mantendo a máscara de pessoa fria. — Ele é o meu gerente e cuida pessoalmente da minha conta.

— São amigos? — pergunto com um sorriso forçado.

— Não diria amigos, mas me convém ter o gerente do banco a meu favor, assim como é conveniente para o Santos ter alguém disposto a tolerar as altas taxas de juros do banco. É apenas uma troca de favores. Mas você precisa se lembrar que está do meu lado e não pode aceitar qualquer proposta que aquele sanguessuga esteja disposto a oferecer.

Solto uma gargalhada antes de dizer: — Quando diz sanguessuga se refere a ele ou a você? Fiquei confusa agora. Quer dizer, não se sinta ofendido, afinal, eu sei que você não joga para perder.

— Ninguém joga, não é mesmo? Mas, e então, está disposta a encarar isso? Saiba que a namorada dele é um tanto ciumenta, e mesmo que o lance de vocês seja passado, não quero causar problemas a nenhum dos dois. — Ele dá um sorriso torto e eu me despedaço ao ter a confirmação de que Felipe realmente refez a vida.

— Ora, ora, Marcos Medeiros não querer causar problemas é um grande milagre! Já te declararam santo? — digo, tentando soar tranquila.

— O tempo nos muda, minha cara. E falando em tempo, como estão meus padrinhos?

— Como sempre, bem. — Minha resposta fria o faz engolir em seco. — Mas, e então, se realmente vai me dar o emprego, quando posso começar?

— Amanhã. Se precisar de indicação de um lugar para ficar, sei que no prédio do Santos tem um apartamento para alugar. Vai que role um *flashback* — ele provoca novamente. Sinto um calafrio cada vez que ele diz o nome do Felipe.

— Não são amigos, mas sabe onde o cara mora. Até onde vai essa conveniência? — retruco e ele gargalha.

— Caramba. Você realmente está diferente. O padrinho soube mesmo te transformar em uma autêntica Brückner, agora fala o que tem vontade. Mas

estou brincando, gosto de falar o nome dele só para te provocar, não podemos abandonar velhos costumes. Concorda?

— Claramente que sim.

Conversamos sobre processos jurídicos e como ele tem se saído. Marcos se mostra curioso em relação à minha permanência na Alemanha, e isso se torna o tema central da nossa conversa. Por fim, acabo aceitando o seu convite para irmos almoçar. Ele é astuto e sei que não consegui convencê-lo sobre os motivos do meu retorno ao Brasil.

Volto ao hotel bem mais tarde e com coração em pedaços, só então deixo a máscara cair. Será que eu conseguirei encará-lo? Durante a noite penso em como Felipe irá reagir, se fará perguntas, se ainda resta algo de nós. E se vai me dar a oportunidade de explicar tudo. Estou aflita e tenho certeza que essa ansiedade irá durar até que eu o veja. A vontade de procurá-lo não passa, mas agora ele é comprometido, não posso simplesmente aparecer e querer conversar, preciso saber se ele a ama e se está feliz. Já causei sofrimento demais a ele, e se está feliz com ela, não quero causar problemas, ainda que eu continue o amando.

No meu primeiro dia, Marcos me apresenta a equipe e aos poucos vai me colocando a par de tudo. Hoje ele parece estressado, mas não o culpo, é uma loucura isso aqui. Às dez da manhã ele pede que eu vá ao banco, já que está indo para uma audiência e quer que Felipe suste alguns cheques o quanto antes. Fico tensa e trêmula ao ouvir o que preciso fazer, mas uma vez que aceitei o emprego, eu sabia que passaria por isso. Antes de seguir para a audiência, Marcos me entrega uma procuração me colocando à frente dos assuntos financeiros e deixa o carro da empresa à minha disposição. Após organizar a documentação necessária, eu vou ao banco sentindo o medo crescer em mim e o coração acelerar. Finalmente irei revê-lo depois de cinco anos, e não sei se estou preparada para esse encontro.

Chegando ao banco, eu me identifico como a nova representante da Advocacia Brückner para a atendente e ela diz que Felipe já está aguardando o representante da empresa. Ela me acompanha até a sala dele, então começo a sentir como se estivesse flutuando. Paro por um segundo para respirar fundo e noto uma mulher ruiva de costas conversando de forma animada com outra mulher, e acabo sentindo inveja. Eu sequer me lembro de quando foi a última vez que conversei de maneira despreocupada com alguém.

Estou prestes a ver o amor da minha vida e ter a chance de juntar os pedaços do meu coração. Apesar do medo, não tenho mais nada para perder. Sinto minhas mãos suando e meu corpo tremendo, como se eu estivesse quase tendo um ataque de pânico, mas então eu me lembro das palavras da minha psicóloga sobre fecharmos o ciclo e isso faz com que eu me sinta mais segura para o encontrar.

— Ele a aguarda. — Ela sorri educadamente e se afasta, em retribuição apenas aceno com a cabeça, já que tenho certeza de que, se eu disser qualquer coisa, ela vai perceber que algo está errado comigo.

Respiro fundo e bato à porta enquanto mentalizo que preciso ser forte, que preciso estar preparada para rever o homem que abandonei na cama de um hospital. Aquele por quem meu corpo clamou a cada noite desde que fui embora desse país.

— Pode entrar.

Escuto sua voz e enxugo rapidamente as lágrimas que descem. Mordo os lábios, respirando fundo para tentar me acalmar. Assim que abro a porta e o vejo, sinto uma imensa vontade de desabar. Chorar de saudade e pelos anos que não estive ao seu lado, de emoção ao ver com meus próprios olhos que ele está bem e, principalmente, chorar por saber que é real. Que realmente estou aqui. Mas a nova Ísis foi obrigada a aprender controlar as emoções na frente das pessoas, então, por mais que a minha necessidade de me jogar em

seus braços seja maior do que respirar, eu entro na sua sala e paro em frente a porta enquanto cenas do nosso passado aparecem em minha cabeça. Deus, não acredito que estou aqui, que é real. Fico olhando para o seu lindo rosto e percebo o quanto mudou. O cabelo está um pouco maior do que ele costumava usar, suas feições parecem mais suaves, e ele parece bem mais saudável.

— Algum problema? — ele diz.

— Bom dia — finalmente respondo e vejo que o corpo dele adota uma postura rígida ao reconhecer a minha voz. Felipe me encara e tento procurar algum sinal de que está feliz por me ver, mas não encontro nada. Então me controlo para não me jogar em seus braços. — Felipe — seu nome sai em um sussurro. —, a partir de hoje estarei à frente do departamento financeiro da Advocacia Brückner. Marcos já o comunicou disso? — falo de uma única vez tamanho é o meu nervosismo.

Felipe finalmente me olha nos olhos e sinto o buraco que existe em meu coração se abrir ainda mais. Seu olhar é frio, enquanto sua postura continua rígida. Deus, sonhei tanto com o dia em que poderia voltar e lutar pelo meu amor, mas agora estou perdida. Se no começo ele parecia ver um fantasma, agora me sinto como se fosse uma completa desconhecida. Perguntas gritam em minha mente. Eu quero saber se ele sentiu a minha falta, se ainda me ama e, principalmente, se pode me perdoar. Mas as palavras estão presas em minha garganta e pelo seu olhar sei que passarei mais um dia sufocada com elas.

— Não — fala em um sussurro.

Eu não esperava um reencontro caloroso, mas nunca indiferença. Antes que o meu mundo desabe de uma vez, eu entrego a ele a pasta com os documentos, e, de repente, olhar em seus olhos passa a ser constrangedor. Felipe começa a analisar a procuração de Marcos que está dentro da pasta

atentamente.

— Alguma dúvida? — Meu tom de voz fraqueja. Não consigo sequer encará-lo.

— Nenhuma. — Suas palavras são frias como um iceberg, fazendo com que toda a minha esperança se dissolva em segundos.

— Ótimo. — Paro por um momento, tentando colocar os pensamentos em ordem. — Faz tanto tempo, não é? Fico muito feliz em ver que você está bem. — Tento romper a barreira que ele colocou entre nós.

— Não teria porque não estar, mas é recíproco. Que bom que está bem — ele diz sem emoção alguma.

— Hoje estou recomeçando minha vida, Felipe — falo, desejando que ele baixe a guarda.

— Que bom. Espero que consiga alcançar os seus objetivos, se já não os alcançou. Recomeçar não é fácil, mas muitas vezes é necessário.

— A vida é um aprendizado, Felipe, e eu aprendi muito com os meus erros. — Encaro o chão, me dando conta de que é tarde demais. — Pode parecer confuso e um tanto audacioso o que vou dizer, mas eu vim aqui exclusivamente para ter de volta o que tiraram de mim.

Aperto as minhas mãos para disfarçar as emoções. Ele continua usando o mesmo perfume. Aquele que ao me deitar todas as noites me fazia lembrar dele e chorar por estarmos longe um do outro.

Durante todos esses anos, mesmo sem estarmos juntos, eu me mantive fiel a ele e ao meu amor. Nunca permiti que outro homem se aproximasse de mim, nem mesmo com um simples beijo. Meu corpo se fechou, assim como o meu coração. Sempre foi como se todas as células do meu corpo soubessem que pertenciam ao homem que despertava os desejos mais insanos, mesmo ele não me amando mais. E ao estar aqui, à sua frente, sei que nada mudou, eu sou dele e pertenço apenas a ele.

— Que bom, fico feliz por você. Mas, mudando de assunto, como eu esperava a visita do Marcos hoje, deixei tudo preparado. Aqui estão os documentos da transação, e caso tenha alguma dúvida é só perguntar. — Ele evita me encarar e isso dói demais.

Depois de tudo o que eu passei, não é justo que ele me trate assim. Mas ele não sabe disso, e agora passo a entender o motivo do meu medo. Meu coração acelera, sentindo muita dor, mas eu me seguro para não chorar, mesmo que por dentro isso já esteja acontecendo.

— Como eu acabei de voltar, vou precisar de ajuda sobre os trâmites que são feitos aqui no banco. — Espero que ele entenda que eu voltei para ficar.

— Se precisar de mim é só me procurar. Estou aqui das nove até as dezesseis. Mas acredito que Marcos irá te explicar o que é feito semanalmente, e se mesmo assim alguma dúvida permanecer, estarei à disposição para esclarecer.

— Tudo bem. Felipe... — ao perceber que ele está praticamente me dispensando, faço uma última tentativa. —, será que podemos conversar quando terminar o seu expediente? — Sinto meu coração disparar, mas não consigo deixar essa sala sem tentar. Ele me encara parecendo um pouco confuso, engole em seco e logo desvia o olhar.

— Bom, eu não discuto assuntos profissionais fora do horário que trabalho, então, se precisar falar algum assunto sobre a empresa aqui é o local perfeito. Não leve para o lado pessoal, mas essa rotina é estressante e quando saio daqui, evito até pensar em financiamentos, empréstimos e transações. Mas se o Medeiros achar necessário, peça para ele entrar em contato comigo.

— Felipe, por favor.

— Pare, Ísis! — Seu tom de voz altera. — Eu não quero ser rude, mas não vamos esquecer quem foi embora sem sequer se despedir. — Sua

resposta me derruba. — Eu realmente fiquei mal, e esse é o problema. Eu *fiquei*, não *estou*. Passado. Você se foi, teve seus motivos, demorou um pouco, mas eu entendi. Posso jurar a você que não estou magoado, pelo contrário, estou feliz e me alegra saber que você continua bem. Me desculpe, mas para mim é estranho o fato de você ficar tanto tempo longe e depois aparecer querendo marcar um horário para conversarmos. Acho que não temos mais nada para resolver que o tempo já não o tenha feito. Entende? — Ele me olha friamente, enquanto termina de dizer a última palavra.

Engulo em seco e respiro fundo, tentando disfarçar a dor que estou sentindo ao saber que o tempo só nos destruiu. O medo ao pensar que talvez as minhas chances em ter Felipe de volta sejam nulas, faz com que mais uma vez eu me sinta em pedaços.

“Ísis, você precisa se perdoar para ir em busca do perdão dele”. A voz da minha psicóloga ecoa em minha cabeça.

— Tudo bem, desculpe-me — sussurro.

— Não há o que desculpar, está tudo bem. — As palavras de Felipe soam falsas. Mas se realmente está tudo bem, por que soam dessa maneira? — E quanto aos cheques que ele pediu para sustar, diga a ele para conferir as datas, pois já foram compensados há uma semana. O cliente os depositou antes da data, e eu o avisei. Marcos estava ciente, inclusive liberou a transação, provavelmente ele se confundiu. Mas se restar alguma dúvida, peça para ele me ligar. Ah, e parabéns, vejo que se formou em Direito. Seu pai deve estar orgulhoso.

— E você em Arquitetura. Parabéns, Felipe. Vejo que se saiu muito bem.

— Sim. Eu me formei em Arquitetura e fiz Administração Financeira a distância. Foram quatro anos corridos, mas consegui e valeu a pena.

— Parabéns, sua mãe e irmã provavelmente estão felizes.

— Obrigado. Estão sim. Tenha um ótimo dia, Ísis.

— Você também. — Dou um sorriso forçado e me levanto.

Ainda me sentindo muito idiota por ter criado expectativas, pego a minha bolsa e saio da sua sala. Vejo um bebedouro e rapidamente pego um copo de água e o bebo, sentindo o líquido gelado descer por minha garganta, enquanto seguro o copo com as minhas mãos trêmulas.

A fagulha de esperança que existia em mim precisa ser reencontrada. Repetindo o mantra de que não devo desistir até que ele me ouça, eu saio do banco. Eu só preciso que ele conheça a minha versão dos fatos, e se depois disso não me quiser por perto, eu irei entender. Pelo menos terei feito a minha parte, e já não será mais como se ele não soubesse de toda verdade.

Capítulo 3

Felipe

Ísis deixa a sala e leva com ela a minha sanidade. Por que agora, Ísis? Por que está fazendo isso comigo?

Eu levantei barreiras, construí muros para me proteger de todo preconceito e a falta de informação que ele traz. E quando acreditei que estava protegido, Ísis facilmente derrubou tudo e me fez amá-la de uma forma que me enlouquecia, chegando ao ponto de apenas me contentar com a sua presença ao meu lado. Eu acreditei em todas as suas mentiras, e quando ela finalmente me fez sentir que amá-la era estar no paraíso, sem cerimônia alguma, Ísis me lançou para o inferno ao brincar com meus sentimentos da forma mais cruel. Ela sequer deu sinal de que estávamos mal antes de simplesmente sumir da minha vida.

Eu passei anos tentando me reerguer, tentando não pensar, e justamente agora que tinha certeza que nunca mais queria vê-la, ela surge do nada e me mostra que eu nunca a esqueci e jamais a esquecerei. Não vou aguentar passar por isso novamente. Por favor, Deus, mantenha essa mulher longe da minha vida.

Tentando me concentrar, eu olho para pilha de correspondência que tenho que liberar e me lembro dos clientes que ainda receberei, mas tudo o que permanece em minha mente é essa mulher. Respiro fundo, precisando apenas relaxar. Saio da sala, que agora está impregnada com o seu perfume, e vou em busca de outro café.

— Felipe. — Levo um susto ao ouvir a voz de Flávia, uma vez que

estava perdido em pensamentos.

— Oi.

— Aconteceu alguma coisa? Está pálido.

— Nada, Flávia. O que você quer?

— Nossa! Precisa ser grosso assim?

Tento me acalmar e fico olhando para ela, esperando que diga o que quer.

— Conseguiu aquele financiamento para o Geraldo Assis?

— Flávia, eu não tive tempo de resolver isso, mas você mesma pode adiantar o processo.

— Ele não está tão seguro em fechar o negócio comigo, quer falar com o gerente antes — ela diz, revirando os olhos.

— Tudo bem, irei resolver isso daqui a cinco minutos.

Antes de seguir até a mesa da Flávia, meu telefone toca. Marcos. Decido não o atender agora e caminho para a mesa dela. No pequeno percurso, mais três funcionários me chamam e, de repente, me vem à mente que terei que treinar um novato hoje. Mesmo tendo poder para decidir tantas coisas importantes, eu me sinto pequeno. Ísis sempre foi boa em me fazer sentir assim.

— Felipe, você pode liberar o...

— Só um minuto, Carlos. Vou atender um cliente.

E, como se os outros da equipe não estivessem me escutado, novamente começam a me chamar. Vou direto para a mesa da Flávia e converso com o senhor Geraldo, então percebo que o problema é com o atendimento que ela está dando a ele. Assim que fechamos o financiamento, eu recebo outra ligação do Marcos.

— Santos, como que os cheques já foram compensados?

— Bom dia, Marcos, tudo bem? Falamos sobre eles na semana

passada. O cliente havia depositado antes da data e com a sua aprovação, eles foram compensados.

Marcos finge não entender e tenta a todo custo me culpar por algo que já estava ciente. A minha vontade de mandá-lo para o inferno é imensa, mas tenho que engolir sapos por ele ser quem é.

— Você está confundindo, Santos — ele insiste.

— Eu acredito que não, mas já que você tem tanta certeza, dê uma passada aqui para conferirmos. Se realmente não forem os mesmos da semana passada, traga os canhotos que vou rastreá-los e então sustamos. Mas tenho certeza que já foram compensados.

— Você pode rastreá-los sem...

— Eu preciso da numeração, Marcos, caso contrário é impossível fazer qualquer coisa... — eu mal termino de falar, antes de ele desligar na minha cara.

Sinceramente, não me importo mais, ele é só o primeiro do dia, tenho certeza que terei que aguentar muitos outros.

Volto para a minha sala ainda com o fantasma de Ísis me assombrando. Minha rotina diária é corrida. Primeiro a reunião com a equipe, em seguida com a administração e conferência da correspondência do escritório. Logo depois, eu me reúno com os empresários locais a respeito de empréstimos. Mal termino essa e tenho que verificar os problemas no TI, antes de receber alguns clientes. Novamente sou chamado para discutir alguns assuntos com a administração, depois sigo para a reunião sobre reescalonamento de hipoteca com o comitê de auditores a respeito de contas inadimplentes e quando me dou conta, já está na hora do meu almoço.

Depois de fazer uma refeição em quinze minutos, sou chamado para atender a um cliente antes de me reunir com o gerente da agência de cobrança. E minha tarde segue tão corrida quanto à parte da manhã. E mesmo

sem tempo para sequer respirar direito, assim que fecho os olhos, tudo que vejo é a imagem de Ísis.

Faço um enorme esforço para me concentrar, mas acabo fazendo tudo no automático enquanto me pergunto por que ela voltou. E pior, por que foi embora depois de prometer que não iria? Eu me sinto asfixiado por esse sentimento que teima em continuar no meu peito. Quase imploro para o relógio passar mais rápido. Eu gostaria que o dia de hoje tivesse sido um pesadelo e eu pudesse acordar amanhã apenas com um desejo tosco de estar com ela.

No fim do dia eu estou exausto mental e fisicamente. É decepcionante saber que todo sentimento que eu acreditava estar enterrado, tenha surgido tão vivo em mim. Quando finalmente termino o meu dia, encontro Flávia me esperando para irmos à academia. Entro no carro e ela rapidamente se senta no banco do passageiro. Ao ver que estou fazendo o trajeto para o meu apartamento, ela decide me questionar.

— Não vamos malhar hoje?

— Não, estou muito cansado. Eu só quero um banho e ter uma boa noite de sono.

— Qual o problema? Você me evitou o dia todo e se...

Eu levanto a minha mão, pedindo para que pare.

— Eu só estou cansado, não te evitando. Preciso tomar um banho e relaxar. Vai dormir aqui hoje ou quer ir para a sua casa? Você me disse que seus pais estão reclamando por ficar muito no meu apartamento.

— Acho que nenhum pai quer isso para a filha.

— Isso o quê?

— Vê-la em um relacionamento que não vai a lugar algum, né?

Ela me encara, mas estou tão desnorteado com os acontecimentos do dia, que não digo nada, somente sigo para o meu apartamento. Chegando lá,

vou direto para o banho, onde fico um bom tempo perdido em lágrimas. Estou em dúvida se devo falar sobre Ísis ou não. Se Flávia a tivesse visto, provavelmente já teria comentado e como estou cansado de discussão, opto por não falar.

Assim que a Flávia entra no banheiro, eu saio e me enxugo às pressas, vestindo uma bermuda rapidamente. Sigo para cozinha e não consigo sequer sentir o gosto da pizza, mas me forço a engolir. Volto para o quarto e vejo que Flávia ainda está no banho, então apago as luzes e me deito na cama com um nó na garganta. Eu tento pensar em outra coisa, mas Ísis nunca precisou da minha permissão para invadir meus pensamentos. Queria simplesmente ignorar o nosso encontro, mas não consigo. Depois de anos, todas as respostas que eu implorei para ter estão a um passo.

— Amor, já vai dormir? — Flávia surge enrolada na toalha.

— Sim... — sussurro e me viro de costas.

Escuto passos e sei que ela saiu o quarto, provavelmente foi assistir a algum programa na tv na sala ou no quarto de hóspedes. Continuo pensando em Ísis e todo amor que não quero sentir queima no meu peito e dói muito. Quando o alarme do telefone toca, eu tomo o meu medicamento e volto para a cama, onde tento dormir, mas até o silêncio sussurra palavras que não quero escutar.

Depois de um tempo, eu sinto Flávia me abraçar e sua respiração logo se acalma, então sei que já dormiu. Quando novamente o silêncio me cerca, eu consigo escutar toda a minha mágoa gritar em mim. Passo horas me perguntando por que ela voltou. Ísis realmente acha que tem esse direito? Que pode continuar brincando comigo?

Pela manhã, eu acordo sentindo o corpo de Flávia ainda junto ao meu. Eu queria esquecer o dia anterior, mas sem me dar trégua, todos os sentimentos e questões tomam lugar.

O telefone toca, indicando a chegada de uma mensagem, então eu o pego e o desbloqueio, me deparando com uma foto minha com a Flávia como tela inicial. É uma mensagem de bom-dia da Mari. Decido então me levantar e preparar o café da manhã. Quando são quase onze horas da manhã, Flávia aparece na cozinha enquanto estou lendo o jornal.

— Quer fazer alguma coisa hoje? — Eu quebro o silêncio.

— Uau, você acordou animado — ela diz de maneira provocativa e eu somente fico quieto. — Semana retrasada abriu um restaurante na Avenida Paulo Montes, podemos ir lá, o que acha?

— Acho que precisa fazer reserva — ressalto.

— Então estamos com sorte, o dono é amigo do papai e deixou uma mesa reservada para dois hoje. Eu ia cancelar, mas acabei esquecendo. Podemos ir, então?

Concordo e assim que ela termina o café, eu a chamo para ir à academia, mas Flávia dispensa. Depois que volto do treino, nós almoçamos juntos.

À noite, já pronto para sair, enquanto eu a aguardo terminar de se arrumar, percebo que passei o dia todo me esquivando de qualquer pensamento que envolva Ísis, mas no fim ela permanece onde sempre esteve.

— Está linda — digo ao vê-la se aproximar.

Flávia está com um vestido verde-escuro, que apesar de lindo, marca muito as suas curvas, então não entra para a lista dos meus preferidos, mas, obviamente, eu não a deixo perceber isso. Ela sorri com o elogio.

— Você está diferente, calado. Não tem nada acontecendo mesmo? — ela pergunta enquanto seguimos para o restaurante, rompendo o silêncio que se apossou do interior do veículo.

— Está tudo bem. Quero apenas apreciar a companhia da minha linda namorada — digo e ela se aproxima e me beija com carinho.

Chegamos ao restaurante e encontramos o lugar já lotado. Ao nos aproximarmos da *hostess*, ela confirma a nossa reserva e nos leva para a mesa. Agora tenho certeza que sem reserva é impossível jantar aqui – mal se consegue andar –, mas dizem que a culinária faz jus à boa fama. E, apesar disso, juro que teria ficado imensamente feliz se ela tivesse sugerido pedir uma porção de batatas fritas para comermos em casa, enquanto assistíamos a um filme. Antes de nos sentarmos, o dono do estabelecimento vem até nós para desejar uma boa-noite e pergunta pelo meu sogro. Quando ele se afasta, ela sorri para mim.

— Desde a inauguração que quero jantar aqui com você — comenta enquanto afasto a cadeira para ela se sentar.

— Você já disse isso. Já sabe o que vai pedir?

— Calma. Mal chegamos e você já está com pressa para irmos embora?

— Não, só que aqui é um restaurante e fazer o pedido é essencial, não acha? Eu estou com fome, você não? — digo.

— Sei não. Acho que é só um pretexto para irmos embora rápido.

Eu me aproximo, beijo seu rosto e olhando em seus olhos, digo enquanto afasto o seu cabelo: — Eu aprecio a sua companhia seja em um restaurante ou na minha cama. Ouvir você falar dessa maneira me faz sentir um ingrato, sabia?

Ela sorri ao me ouvir, então passo a mão em sua coxa de forma possessiva.

— Sabe que dia é hoje?

Ela não me deixa desviar o olhar, então fico tentando me lembrar, mas nada vem à minha mente.

— O nosso primeiro encontro.

— Me desculpe, mas são tantas coisas que acabo me esquecendo de

detalhes importantes como esse. Eu sei que não tenho te dado muita atenção, me desculpe novamente, mas acho que preciso de férias. — Suspiro, frustrado por ter esquecido.

— O seu problema é querer resolver tudo sozinho. Somos uma equipe e você tem que entender isso.

— Eu sei, e tento delegar as coisas, mas a maioria dos clientes quer tratar apenas comigo. Você sabe disso. — Pego a sua mão por cima da mesa, e noto que as minhas palavras não surtem efeito. — Flávia, por favor — beijo sua mão. —, eu prometo que...

— É, você sempre promete. Engraçado que o que deveria esquecer, você não esquece...

Mas ela para de falar assim que o garçom se aproxima para anotar o nosso pedido.

— Sinto que estou me tornando invisível cada vez mais para você, Felipe — ela completa.

— Está sendo injusta, Flávia. O pouco tempo que eu tenho é destinado a você e a minha família.

Ela se vira para mim e me beija, então correspondo mordendo delicadamente o seu lábio.

— Eu comprei esse vestido, pintei o cabelo e fiz um novo corte, você notou?

Olho para o cabelo dela e... Merda, está mais curto, mas a cor é a mesma. Como ela quer que eu note que um cabelo vermelho foi pintado de vermelho?

— Eu disse que você está linda. — Tento me safar.

— Você diz isso todos os dias, não sei se devo acreditar. — Ela se faz de “vítima” e eu dou uma mordidinha em sua orelha para acalmá-la.

— Muito obrigado pela sinceridade. Agora estou me sentindo um

canalha — eu brinco, ela continua me encarando, esperando ouvir a verdade. — Tudo bem, eu não reparei se ele é novo, mas reparei que você está deliciosa nele. É um bom sinal, não acha? — falo de forma maliciosa na esperança de desviar o assunto.

— Ainda estou chateada com você. — Pelo olhar que ela me dá, eu sei que não está, mas vai continuar fingindo a noite toda.

— O que você acha de passarmos um fim de semana no sítio dos seus pais? Só nós dois — sugiro e vejo seu sorriso aparecer aos poucos.

— Jura? Não quero planejar tudo e na última hora você desmarcar.

— Já está marcado. Assim que estiver mais disposto nós iremos, prometo que será em breve, o que acha?

Ela sorri e me beija. Nossa noite começa a melhorar e eu evito qualquer coisa que me lembre de Ísis. A conversa flui normalmente entre carícias e assuntos do trabalho. Flávia começa a fazer planos para o fim de semana seguinte e ouvi-la me distrai. Ela quer fazer tanta coisa que parece que ficaremos um mês e não um fim de semana. Fico feliz por saber que essa noite vou poder relaxar e esquecer toda essa merda. Flávia continua falando e nem sei como acabamos falando sobre uma “possível” mudança na cor do seu cabelo.

— Como assim, não acabou de pintar de vermelho?

— É ruivo. Mas pensei em loiro.

— Gosto de você ruiva, já me acostumei assim.

— A cabeleireira sugeriu e estou pensando a respeito. Loiro é sexy, não acha?

— Acho que você é linda do jeito que é. Não vejo necessidade de mudança.

Ela sorri e novamente me beija, então somos interrompidos por uma voz conhecida.

— Santos, que coincidência te encontrar aqui.

Não acredito que encontro esse chato até aqui. Assim que eu me viro em sua direção, meus olhos desviam rapidamente de Marcos para a pessoa que está ao seu lado, me deixando boquiaberto. Olho para a dona do perfume que mexe com os meus sentidos, e sem em pensar direito deslizo meus olhos por seu corpo, mas paro assim que vejo a mão de Marcos em sua cintura. Então noto que o olhar de Ísis está sobre os meus dedos entrelaçados com os de Flávia. Ela arregala os olhos, parecendo chocada, porém, rapidamente assume uma postura impassível ao desviar o olhar.

Então era isso, ela voltou para esse idiota. Ísis voltou só para ficar com ele? Droga. Mas isso não importa, Ísis não importa, não mais.

— Boa noite, Marcos. Ísis, como vai?

Sinto Flávia afastar a mão da minha rapidamente, deixando claro que ela notou a minha reação, e assim que meus olhos cruzam com os dela, eu vejo a raiva surgir.

— Boa noite, vou bem, e você? Flávia, quanto tempo — Ísis diz, tentando demonstrar indiferença, mas somos péssimos nisso.

— Acabamos de chegar — diz Marcos. — Eu convidei Ísis para jantar comigo, mas não fiz reserva. Até tentei convencer a *hostess* a arrumar uma mesa, mas estão todas ocupadas. Já estava quase desistindo quando eu te vi em uma mesa com dois lugares vagos. — Ele sorri descaradamente. — Vocês estão sozinhos, certo? Podemos nos sentar aqui?

— Meu Deus! — Ísis o encara, boquiaberta. — Você não muda mesmo, Marcos. Me disse que só ia cumprimentar um conhecido e me faz passar por isso? Que constrangedor — ela fala, ainda incrédula com a atitude de Marcos.

— Constrangedor por quê? Eu e Santos somos amigos íntimos e vocês dois já foram bem mais do que íntimos. — Ele sorri com malícia. —

Agora ele e a Flávia é que são íntimos, e devo ressaltar que ela é a melhor atendente daquele banco. Resumindo, todos fomos íntimos em algum momento, então nada de constrangimento. Quero apenas comer uma boa picanha, e tenho certeza que o Santos não vai se importar. Certo? — ele completa e fica me encarando.

— Fiquem à vontade, nós praticamente terminamos.

— Ah, qual é? Como assim? Se fizer essa desfeita, posso achar que o meu querido gerente está me dispensando, e isso me lembra de um possível divórcio e, sinceramente, não quero isso para a nossa relação. Eu te amo demais, Santos — ele diz, se achando engraçado, mas mal notando o quanto detesto essas piadinhas.

— É recíproco — digo, dando um sorriso forçado.

Ísis se senta à minha frente e Marcos ao lado dela. Sabe aquele ditado de que sempre dá para piorar um pouco mais, acabo de confirmar que é possível. Tento a todo custo não olhar para ela, mas algo me induz a isso e todo desejo que comecei a sentir por Flávia é dilacerado por sua presença. Sinto as feridas mal cicatrizadas que o seu abandono me causou sendo reabertas. A mágoa se aloja e dói admitir que todo o amor existente em mim está mais vivo do que nunca. Consigo ouvir Flávia bufar ao meu lado, deixando claro que essa noite terminará em uma discussão daquelas. Olho para ela e tento sorrir, mas sou ignorado.

— Voltou há quanto tempo, Ísis? — Flávia pergunta em um falso tom de normalidade, sei que ela está a ponto de explodir.

Ísis se mantém atenta ao cardápio e responde como se eu ou Flávia não a incomodássemos. E talvez não faça diferença mesmo.

— Quinta.

— Ísis voltou da Alemanha para recomeçar aqui, nessa cidade. Estou começando a acreditar que ela quer me seduzir. O que acha, Santos? Ela diz

que é pelo emprego, acha que dá para confiar? Mulheres são piores que o demônio quando querem nos ver na merda — Marcos pergunta e ele adora me provocar. Provavelmente o meu desconforto está evidente.

— Talvez ela queira reviver o passado de vocês. — Entro no jogo dele, mas somos interrompidos pelo garçom.

Marcos faz os pedidos – picanha ao alho e uísque –, e Ísis opta por casquinha de siri e vinho para acompanhar. Ela levanta o olhar ao fechar o cardápio e posso ver a decepção em seus olhos. Depois de tudo que me fez passar, ela ainda se sente no direito de ficar decepcionada por me ver com a Flávia? Esse comportamento chega a ser ridículo.

— Desculpem, mas não prestei atenção. Estou tão acostumada com a culinária alemã, que nem mesmo sei ao certo qual delícia brasileira devo pedir. Sobre o que estão falando?

— Estamos na dúvida sobre o que veio fazer aqui. Eu e Santos estamos apostando que foi apenas para me seduzir. O que me diz, Ísis?

— Interessante, Marcos, mas considerando que usa o meu sobrenome para se sobressair, diria que o contrário te beneficiaria mais — ela diz ao ser servida pelo garçom.

Ela sorri para nós e levanta a taça. Marcos finge tossir e, novamente, sem que eu consiga evitar, meus olhos estão sobre ela. Ísis está com um vestido social preto que realça o seu corpo, mas todo o charme está no decote canoa, que deixa à mostra seus ombros.

Sem que eu me dê conta, já me imagino beijando seu ombro e tirando o vestido. Fecho os olhos com força, implorando para esse maldito desejo passar. Eu respiro fundo, mas a verdade está muito clara para mim... Porém, não posso fazer nada sobre isso, tenho um compromisso e não vou destruí-lo. Jamais.

— Vocês namoraram? — Flávia pergunta e parece verdadeiramente

surpresa.

— Durante cinco anos essa mulher pisou no meu coração, Flávia, e depois me chutou para ficar com o Santos. Só que depois chutou o Santos para ir para Alemanha. No fim, nós dois perdemos. Santos, estamos no mesmo time agora, cara. — Ele pisca para mim. — Ísis é perita em pisar em corações apaixonados — ele brinca, mas ela não sorri, na verdade, sua expressão está tão séria que fica impossível descobrir como se sente em relação a esse comentário.

— Mulher independente é outro nível — Flávia diz com o rancor escorrendo em suas palavras.

Como posso passar o resto da noite sentindo o cheiro inebriante do perfume que sempre me levou à loucura? Eu tentei imaginar como ela estaria durante todos esses anos, mas em nenhuma das vezes imaginei que se tornaria a mulher linda e confiante que vejo agora. Sua pele, seus lábios, seus movimentos delicados, começo a viajar no desejo de tê-la. Mas sou tirado dos meus devaneios com um aperto em minha perna.

— Vou ao banheiro, com licença — Flávia diz e se levanta, deixando Ísis, Marcos e eu sozinhos.

— Acho que a sua namorada não está muito feliz com a nossa companhia — Marcos fala ironicamente e a minha vontade é de dizer algumas verdades, mas, nesse caso, ignorar é o melhor a ser feito.

— Ela já está acostumada e não é a primeira vez que algo assim acontece. — Uma mecha do coque de Ísis se solta e cai em seu ombro nu, automaticamente meus olhos vão para ele.

— Não é o que parece — Marcos diz e logo em seguida o seu celular toca, então ele olha para a tela. — É a Monique. Já é a segunda vez que ela me liga e agora preciso atender. Comportem-se crianças.

Não fico surpreso com a sua atitude, ele sabe que está nos colocando

em uma situação constrangedora, mas Marcos parece ter maturidade apenas no mundo dos negócios. Ele se levanta e me deixa sozinho com Ísis, em silêncio.

— Então é ela — Ísis sussurra ao levar o garfo com uma pequena porção de siri até a boca. Esse delicado movimento me excita, a maneira como ela movimenta os lábios me excita. Deus, isso é loucura! — Felipe, sinto muito, eu realmente não queria atrapalhar a sua noite com... a Flávia — ela diz o nome da Flávia com dificuldade, enquanto desvia os olhos dos meus.

— Tudo bem. Acho que teremos que nos acostumar com isso. Nós já estávamos de saída, então vocês poderão ficar mais à vontade.

Sinto um gosto amargo em minha boca ao pensar nos dois sozinhos pelo resto da noite. Eu gostaria tanto de tirar essa mulher de mim, ser indiferente a ela, mas não consigo sequer encará-la por mais de dois segundos sem que surja uma imensa vontade de beijá-la.

— Não iremos nos demorar também. Tenho muita coisa para resolver e pouco tempo para isso. — Sua respiração soa ruidosa, ela parece querer se segurar, escolher as palavras certas antes de dizer. — Felipe, não quero ser insistente, mas eu realmente preciso conversar com você.

— O que teria a dizer que já não foi dito? Como deixei claro ontem, nossos assuntos são apenas relacionados às nossas funções em nosso trabalho. — Tento soar o mais frio possível, mas ter Ísis à minha frente me deixa totalmente desequilibrado.

— Eu preciso explicar o que realmente aconteceu. Por favor, mesmo que você não queira mais falar comigo depois, me deixe contar os motivos que me fizeram ir embora.

— Por que quer reviver algo que já acabou? Você me deixou, decidi se afastar e eu fiquei sozinho. Quase enlouqueci com a dor da sua ausência e

implorei a Deus para te trazer de volta. Eu só queria saber como você estava e se tivesse voltado antes de... — Engulo em seco. — O tempo passou, você refez a vida e eu a minha. O que tínhamos ficou no passado, Ísis. Eu cansei de amar você. — Vejo a dor em seus olhos, mas não posso fazer mais nada. — Hoje eu tenho um relacionamento com a Flávia e não quero que o passado atrapalhe o presente. Ela é muito ciumenta, então, por favor, não dificulte as coisas para mim. — Quando termino, seus olhos ficam cheios de lágrimas, e por mais que eu deseje fazê-la sofrer por tudo que me fez no passado, vê-la nesse estado dói mais em mim do jamais imaginei.

— Você é feliz com ela?

Sua pergunta me pega de surpresa. Se me fizessem a mesma pergunta antes de ela reaparecer na minha vida, a resposta viria facilmente, mas agora, ao me lembrar de como éramos bons juntos, com todo esse desejo em meu corpo, com essa imensa saudade, não sei a resposta.

— Eu estou bem, nós estamos — sussurro.

— Não perguntei se está bem, perguntei se é feliz.

— Sim, eu sou — falo, querendo encerrar a conversa.

— Você nunca mentiu muito bem, mas a vida é sua e, conseqüentemente, suas escolhas.

— Isso é verdade. Mentir é algo que você sempre dominou, já que fingia me amar.

— Eu nunca fingi. Eu te amo.

Uma sensação agriçoce percorre o meu corpo ao escutar essas palavras.

— Chega, Ísis! O que você quer de mim? — Altero o tom, assustando-a.

— Você sabe...

— Pare! Você não vai fazer isso, acha que sou idiota? Não vai brincar

comigo, não dessa vez. Sou comprometido, respeite isso, por favor.

— Eu sei que é, sei que o que tivemos está no passado para você, mesmo que nunca tenha passado para mim. Mas eu preciso te pedir perdão, Felipe. O nosso mundo foi destruído e eu... — Ela enxuga as lágrimas e ver essa falsidade me irrita.

— Eu estou tentando ser feliz e preciso de paz para isso. Você me deixou e tudo ficou bem, não foi o fim do mundo. O tempo passou, eu encontrei alguém e quero seguir com ela. Tenho certeza que você é uma excelente profissional e saberá separar as coisas. Então, não adianta querer falar sobre nós dois, o “nós” deixou de existir há anos. Como eu disse quando você foi ao banco, não temos nada para conversar.

Ísis olha por cima da minha cabeça e eu me viro para acompanhar o seu olhar, então vejo Flávia atrás de mim. Não sei quanto tempo ela está aqui ou o que ouviu, mas percebo que ela esteve chorando.

— Você demorou. — Antes que ela diga alguma coisa, Marcos volta para a mesa e eu puxo a sua mão para que ela se sente. Sei que está sendo difícil para ela ver Ísis novamente, mas não tenho culpa alguma nisso.

Marcos começa um novo assunto sobre negócios e enquanto nós dois conversarmos, Ísis bebe o vinho em silêncio e responde uma ou outra pergunta que Marcos faz.

A raiva que sinto todas as vezes que ele a elogia faz com que a minha vontade de esganar o idiota cresça. Que sentimento louco é esse? Ora ciúme, ora desejo, ora raiva. Toda essa situação é culpa dele. Não, é dela. Ísis mal voltou e já está transformando a minha vida em um inferno. O ódio que sinto por ela é tão intenso quanto o desejo. Eu tento focar no assunto que estamos discutindo, mas não consigo controlar os meus pensamentos. Será que as curvas que eu tanto amei foram tocadas por outras mãos? Será que seus beijos ainda me levariam à loucura? Estou diante de um homem que teve as

mesmas sensações ao tê-la, e pelos sorrisos que ele direciona a ela, parece que deseja relembrar os bons tempos. Isso está acabando comigo.

Finalmente pedimos a conta e apesar de Marcos insistir para pagar tudo, eu não concordo e Ísis também não aceita, fazendo questão de pagar a sua parte. Seguimos juntos para o estacionamento e o carro dele chega primeiro. Como se todo o meu ciúme não fosse suficiente, tenho que presenciá-los irem embora juntos.

— Obrigado pela companhia agradável. Espero repetir a dose em breve — Marcos diz próximo ao carro.

— Eu que agradeço, e qualquer dúvida pode me ligar — falo e percebo que Flávia, que está ao meu lado com cara de poucos amigos, não diz nada.

— Vou discutir com a Ísis o que deve ser feito, então ela entrará em contato com você, já que agora está à frente das questões bancárias.

Ouçó Flávia respirar fundo, deixando claro que está prestes a explodir.

— Boa noite — Ísis diz sem jeito, enquanto Marcos abre a porta do carro para ela entrar.

Assim que eles vão embora, eu começo a me preparar para uma discussão que, com certeza, irá começar. Mas como um milagre, seguimos em silêncio até o meu apartamento. Ela evita olhar para mim e eu me sinto mal por saber que, de certa forma, eu a magoei em um dia que deveria ser especial para nós. Mas não tive culpa com os acontecimentos dessa noite, eu também não esperava que a presença de Ísis fosse me deixar tão vulnerável a ponto de quase não conseguir disfarçar o desejo que sinto por ela.

Assim que abro a porta do apartamento, Flávia entra na minha frente e vai direto para a geladeira pegar um pouco de água. Vejo suas lágrimas escorrendo, deixando claro que ela não aguenta mais.

— Flávia, não precisa ficar assim... — começo a falar, mas sou interrompido pelos seus gritos.

— Não precisa ficar assim? Sua ex-namorada aparece do nada e te procura e você não me diz nada como se fosse a coisa mais normal do mundo? — Termina aos berros, antes de arremessar o copo contra a parede, me deixando assustando.

— Chega, Flávia. Assim não vamos resolver nada. — Vou em sua direção tentando abraçá-la, mas ela empurra a minha mão.

— Não encoste em mim, Felipe! Eu não sei o que é pior: ela ter voltado e ter deixado claro que ainda quer você, ou o jeito que você olha para ela! — diz aos berros.

— Nós não conversamos nada que não fosse assunto do banco, Flávia. Estou com você e é com você que quero continuar.

— Ela te magoou, te abandonou, Felipe, e é inacreditável como você mal consegue disfarçar o que sente quando está perto dela.

— Não começa, Fláv...

— Não começa? Como acha que eu me senti ao ver o quanto ela ainda mexe com você? Ficou claro que você está comigo por comodismo, sexo, sei lá, você nem mesmo disse que me ama. Nunca! Nesse relacionamento, eu amo por nós dois. Desde que ela foi embora, você se tornou outra pessoa, mas eu sempre tive esperança de que você iria esquecê-la e voltar ao que era antes. Hoje eu tive certeza que sou idiota por acreditar nisso. — Ela chora cada vez mais alto, me deixando sem saber o que fazer.

— Não diga bobagens, Flávia, eu não amo...

— Não ama? Felipe, eu vejo em seus olhos a mesma adoração de anos atrás. Acha que dá para ignorar isso? Pode imaginar como estou me sentindo agora?

— Você está imaginando coisas, não é bem assim.

— Acha que sou idiota? Mal conseguiu tirar os olhos de cima dela, e o que mais doeu é que você nunca olhou para mim daquela maneira. Nosso relacionamento é muito conveniente para você, já que me come de graça e não tem intenção alguma de dar o próximo passo. Você é um otário. Ísis brincou com você, nunca te amou, e do jeito que é idiota, vai acabar correndo atrás dela de novo.

Perco a calma assim que ela termina de falar.

— Sêrio que você disse isso?

Ela me olha com um sorriso maldoso no rosto e continua: — Você achou mesmo que a Ísis, sendo mimada e rica, se casaria algum dia com você? Tudo não passou de uma brincadeira, e quando ela viu que a vida não seria fácil ao seu lado, quando percebeu que as pessoas poderiam saber que você tem HIV, ela aproveitou para te abandonar no hospital. Você pensou que a Ísis iria se casar com um soropositivo?

— Flávia, pare! — Ouvir essas palavras dói muito. — Você não tem nada a ver com o que eu tive com a Ísis, e não quero relembrar o passado. Ela faz parte do meu passado. Não vou levar em consideração o que você me disse porque sei que está com raiva e sei o quanto é ofensiva em situações como essa.

— Eu estou sendo ofensiva? O meu namorado fica louco para comer a ex bem na minha frente, e eu estou sendo ofensiva?

— Se realmente é isso que pensa de mim é muito idiota por continuar aqui — falo e no mesmo momento eu me arrependo ao ver o olhar de ira em seu rosto. Droga! — Desculpa. Eu sei que você está magoada, mas não tive culpa do que aconteceu. Eu não sou moleque, tenho um compromisso com você e respeito isso.

— Mas ela respeita? E se não respeita, até quando vai conseguir continuar fugindo? Eu te amo, Felipe, amo muito, e você não sabe como doeu

viver todos esses anos com o fantasma dela me cercando. Sempre quis que ela nunca mais voltasse para essa cidade. Essa piranha voltou para cá, uma cidade que não tem nada a ver com ela, e deixou claro que quer o brinquedinho dela de volta.

— Me ofende a maneira como você fala. Entenda uma coisa, eu sei o que Ísis me causou, senti a dor de ser abandonado. Ísis foi embora e só deixou uma merda de uma carta. Eu a amava sim, Flávia. Passado. Já disse que entendo que você esteja magoada agora, mas pare de me ofender. Eu superei a Ísis há muito tempo, você é quem precisa superar.

— Tudo o que eu sei é que fiquei aqui tapando os buracos que ela deixou. E você nem reconhece isso.

— Reconheço sim e você sabe disso.

— Então olhe nos meus olhos e diz que me ama. Vamos, estou esperando. Prova para mim que aquela piranha não significa nada para você — Flávia grita como uma louca e, sinceramente, estou farto dessa discussão.

— Flávia, cansei, não vou mais discutir...

— Discutir? Vamos discutir sim! Começando com o fato de você se sentir incomodado quando durmo aqui muitas noites, já com ela você foi morar junto em menos de um ano.

— Que merda, Flávia! Pare com isso, pare com essa loucura. Qualquer pessoa fica sufocada com o seu exagero.

— Exagero? Você só me chama para dormir aqui quando quer transar. Eu tenho certeza que quero me casar com você, mas você... Cada vez mais mostra que não é isso que quer. Não comigo, pelo menos! Pensando bem, do jeito que você é idiota, vai cair no joguinho dela bem rápido. Você só vai continuar comigo até ela cansar de dar para o Marcos, porque, a partir do momento que ela quiser abrir as pernas pra você, e ela vai querer, só vai ser preciso estalar os dedos para que você corra atrás dela como um

cachorrinho. Daí a Flávia aqui é carta fora do baralho.

— Chega. Eu vou dormir. Ela voltou e não posso fazer nada sobre isso. Sinceramente, cansei de tolerar as suas grosserias, eu não dei motivos para isso. Sei que não foi agradável passar a noite na companhia dela, ainda mais hoje, mas nada mudou. Com Ísis aqui ou não, nada mudou. Eu estou com você e quero você. — Eu a puxo para os meus braços e dessa vez ela não resiste. Sinto suas lágrimas molhando a minha camisa enquanto ela soluça, então a abraço mais forte, tentando reconfortá-la.

— Eu tenho medo que você me troque por ela. Eu quero ficar, mas nunca mais quero ter que ver a forma como você olhou para ela nessa noite, porque dói saber que você nunca me olhou assim.

— Não fique remoendo isso. Você é a única que eu quero e desejo. Não coloque coisas em sua cabecinha, por favor.

— Se isso é verdade, por que olhou para ela daquele jeito?

— Eles já estragaram o nosso jantar, vamos deixar que arruinem a noite também? — eu pergunto e ela nega. Beijo sua cabeça e ela se afasta, me olhando intensamente.

— Posso te pedir uma coisa?

— O que você quiser. — Seco suas lágrimas com o dedo.

— Passe para outra pessoa a conta da empresa do Marcos.

— Você sabe muito bem que não posso fazer isso, Flávia. — Eu me afasto dela. — A conta dele sempre foi a minha responsabilidade, e não é porque Ísis se tornou a sua representante que vou deixar de lado.

— Então você irá vê-la toda semana?

— Do jeito que você fala, parece que ela vai ao banco para ficarmos jogando conversa fora. Você conhece melhor do que ninguém o meu cronograma no banco, sabe como tudo é muito corrido.

— Mas eu sei que ela vai tentar tê-lo de volta e não posso fingir que

nada está acontecendo.

— Você tem que confiar em mim. Eu nunca te dei motivos e não será agora que farei isso. Ísis é apenas uma cliente como qualquer outra. E não se esqueça do que eu sempre friso nas reuniões, assuntos pessoais devem ser resolvidos fora do banco.

— Mas ela... — Flávia suspira. — Então posso pedir outra coisa?

— Pode.

— Vamos ter um bebezinho?

Fico chocado com o seu pedido.

— O quê? Isso está fora de questão. Eu não quero ter filhos e você sempre soube disso. Pare de andar com a Mari, está ficando louca igual a ela. — Flávia não diz nada. — Por hoje chega. Eu vou tomar o meu medicamento e me deitar. Esqueça tudo, por favor. Somos só nós dois aqui.

— Não vai mesmo voltar para ela?

— Estou com você.

— Queria ter certeza disso. — Ela olha em meus olhos. — Pode estar aqui fisicamente, mas a sua mente e coração não estão. Vejo em seus olhos que ainda a ama.

Cansado, eu não discuto e ela não insiste, apenas segue para o banheiro enquanto eu me sento no sofá com as mãos na cabeça, pensando que Ísis só voltou para tirar a minha paz. Se antes Flávia já era insegura com a nossa relação, com certeza irá piorar. Fecho os olhos e vejo Ísis à minha frente.

Que mal eu te fiz para ter voltado depois de tanto tempo?

Assim como a sua imagem, a pergunta fica no ar e sei que não terei mais sossego.

Capítulo 4

Ísis

Chegamos ao hotel e mal me despeço de Marcos. Estou com um nó enorme no peito e isso está me sufocando. Subo para o meu quarto e tiro os saltos, jogando-me na cama em seguida. Gostaria de chorar, mas não tenho mais lágrimas. Tudo que sinto é um vazio me sugando cada vez mais para dentro de si. Dói vê-lo com outra, dói mais ainda saber quem é ela, porque a parte que falta em mim agora pertence à outra pessoa. Dói porque eu procurei sinais de que ele estava mentindo, sinais de que ainda existia um pouco de nós, de que ele não está feliz, mas não vi. E cada segundo que passa me faz acreditar que o meu Felipe não existe mais.

A dor é tão sufocante que acho que, a qualquer momento, meu coração irá parar de bater. De uma forma dura, eu aprendi que nem tudo o que fazemos é reconhecido, e mesmo que se sacrifique por amor, não espere ser recompensado, porque o tempo costuma ser cruel e não permite uma segunda chance.

Memórias vêm e vão, e eu me viro e fico encarando o teto, sentindo-me cada vez mais sufocada. Lembranças do meu pai vêm à minha mente e instintivamente começo a enlouquecer. Agora entendo, depois de vê-lo com a Flávia, porque o meu pai me deu total liberdade para voltar ao Brasil. Não há esperança para uma árvore sem raiz, e arrancaram a raiz do nosso amor. Mesmo estando tão confusa quanto uma criança, sem saber qual o próximo passo dar, e dominada pela tristeza, não parece certo desistir. Mas há glória em uma luta sem honra?

Ele tem outra pessoa, pertence à outra. Agora, também começo a

entender melhor a Monique, porque, mesmo sendo errado e sabendo que ele tem um compromisso com a Flávia, se Felipe batesse à minha porta neste exato momento, eu me entregaria a ele. Na verdade, meu maior desejo é me perder em seu corpo e não ser mais encontrada.

Eu estou aqui, ele está com ela. O amor da minha vida está feliz nos braços de outra. Olhando em meus olhos, ele me pediu para deixá-lo em paz, para entender e ser profissional. Mas como ser profissional se durante todo esse tempo eu desejei, dia após dia, voltar para ele? Como todo esse amor, que está me matando, pode não existir mais nele? Minha noite beira a insanidade.

Não sei exatamente quando consigo dormir, mas acordo pela manhã desejando não ter feito isso. Respirando fundo, noto que ainda estou com o vestido da noite passada e maquiada. Eu me levanto, pedindo para não ser consumida pela dor por mais um dia.

Existe uma linha de chegada? Um lugar de descanso? Se de fato existir, preciso que meus pés me conduzam a ele.

Tomo um remédio para dor de cabeça, e olho ao meu redor. Sequer tenho uma casa, minha vida se resume a um quarto de hotel. A minha casa era ele e eu o abandonei, e quando voltei não existia mais porta de entrada.

Na segunda-feira, pela manhã, eu me arrumo da melhor maneira que consigo para enfrentar o dia. Ao sair, olho na direção do sol e, assim como amor, pela manhã ele surge timidamente, ganha força no decorrer do dia, mas quando chega ao seu esplendor, é tragado pela escuridão. E esse será o seu fim? Não. Na manhã seguinte ele ressurgir novamente, trazendo consigo uma nova esperança. Meu amor foi tragado pela escuridão, mas ele será forte o suficiente para ressurgir?

Chego ao trabalho e vou direto para a minha sala, e não demora muito para Marcos aparecer. Devo estar péssima, porque ele me encara por um

tempo antes de dizer alguma coisa. Mas eu pouco me importo, quando se ultrapassa o limite, algumas coisas perdem o sentido.

Conversamos sobre os problemas que preciso resolver e casos jurídicos, então ele diz que irá preparar o malote para que eu entregue ao Felipe, ressaltando que já conversaram e ele sabe o que fazer.

— Ísis, eu quero me desculpar por sábado. Não tive a intenção de...

— Você tinha, Marcos. Eu não revelei todo o motivo por ter voltado e como já desconfiava, quis ter certeza. E teve.

Ele desvia o olhar, parecendo sem graça.

— Se ainda ama esse cara, por que foi embora?

— Marcos, ainda não estou pronta para falar sobre isso e, sinceramente, nem sei se vou continuar por aqui. Restaram apenas sonhos, e nada real.

— Se achar que não está preparada, posso ir ao banco hoje.

— Preciso encarar tudo de frente e ir ou não, não irá amenizar o que eu sinto. Não é como se fosse morrer. — Tento parecer indiferente.

— Tudo bem. Se precisar de mim estou à disposição.

— Obrigada. — Engulo em seco. Marcos se aproxima e quando dá sinal de que irá me tocar, eu me afasto. — Não encoste em mim — digo em tom de desespero.

Marcos para no mesmo momento, chocado.

— O que fizeram com você, Ísis? — ele pergunta, olhando em meus olhos, mas eu os desvio rapidamente.

— Nada — respondo e mudo o foco da conversa. — Enquanto decido o que fazer da vida, acho que preciso de um lugar para ficar. Posso fazer isso essa semana?

— Claro, pode sim, só me avise antes.

Marcos vai até a sua sala e volta com o malote. Antes de sair da

empresa, eu vejo Monique no estacionamento, mas quase não a reconheço, está com o cabelo escuro, usando roupas de grife e parece que colocou silicone nos seios. Assim que ela me vê, faz sinal para esperá-la. Rapidamente ela sai do carro e vai até a porta traseira, então vejo uma cabeleira loira surgir. Miguel desce do carro e, de mãos dadas com ela, vem até mim. Eu percebo o quanto ela está receosa, mas para demonstrar que está tudo bem entre nós, eu estendo a mão para cumprimentá-la.

— Você está linda — ela diz, após apertar a minha mão. — Este é o Miguel. — Ela sorri ao olhar para o menino, que parece impaciente.

— Monique, deveria ter algo seu nesse lindo rostinho, mas ele é um mini Marcos! — eu brinco, acariciando a cabeça de Miguel, que sorri ao ouvir o nome do pai.

— Estou vendo que está de saída, mas irá voltar? Assim poderíamos almoçar juntas — ela diz, parecendo um pouco insegura.

— Talvez. Vou só resolver algumas coisas e se chegar a tempo, podemos sim — falo, mostrando o malote.

Monique se aproxima e me abraça, pegando-me de surpresa, então nos despedimos.

Dirigindo pelas ruas, eu me sinto tão sozinha e meu coração acelera com a aproximação do encontro. Por que me torturar dessa forma? Às vezes o amor não é suficiente, então desistir tem que ser o próximo passo de uma longa caminhada de esquecimento.

Entro no banco e dou de cara com a Flávia, e não há falsos sorrisos, nós simplesmente nos ignoramos. A mesma atendente da semana passada vem até mim, mas hoje ela está com um crachá com seu nome. Carla.

— Felipe está atendendo um cliente, pode aguardar um minuto?

— Claro — respondo.

Sinto o olhar da Flávia sobre mim, em seguida ouço passos e vejo

saltos pretos se posicionarem ao meu lado.

— Espero que tudo tenha sido esclarecido, Ísis. Acho que Felipe já deixou claro que não queremos problemas com você — Flávia sussurra.

Suas palavras apenas vagam em minha mente, estou tão em pedaços que nem mesmo ouvir a verdade novamente me atinge mais.

— Vim apenas entregar o malote, Flávia. Se quiser entregar a ele, fique à vontade. Marcos disse que ele sabe o que deve ser feito.

— Não é necessário. Peço apenas que respeite o nosso relacionamento.

— Irei respeitar da mesma forma que você respeitou o meu, não se preocupe.

Alguém a chama e ela se afasta. Não sei qual foi a reação que ela teve ao ouvir as minhas palavras, nem mesmo me dei ao trabalho de olhar para a cara dela. Mal tenho coragem de me encarar no espelho, que dirá olhar para ela.

Quando Felipe me recebe, ele mal me encara, e no decorrer dos dias continuamos a nos encontrar e cada vez que isso acontece, a minha esperança vai desvanecendo mais.

Eu passo a me sentir pequena e já deveria saber que estaria em queda livre no meu próprio precipício. Flávia não se aproxima mais, e pela forma como ignora a minha presença, talvez esteja segura com o amor que Felipe sente por ela. Depois de me questionar várias vezes se devo ou não continuar com isso, certo dia, ao entrar em sua sala, encontro Felipe em pé, de costas para a porta, olhando através da janela.

— Com licença — falo em um sussurro.

Ele se vira e, novamente, constato o quanto é lindo. Às vezes acho que é até irreal o quanto ele consegue mexer comigo. Ele se senta e não me encara, como já virou costume, então leva as mãos à cabeça com olhos fixos

à mesa, parecendo preocupado. Percebi, em nossos encontros, como ficamos desconfortáveis na presença um do outro, então assim que eu me aproximo, deixo o malote sobre a mesa, querendo acabar logo com isso. Mas, desta vez, antes que eu tenha chance de me afastar, ele direciona o olhar para o meu rosto.

— Se realmente me ama, por que me deixou? — Sua pergunta me surpreende. Ele suspira com pesar e sua dor é quase palpável. — Eu mal consigo dormir pensando nisso. Não consigo te entender. Por que está fazendo isso comigo?

— Eu fui forçada a ir — falo e vejo um sorriso cínico aparecer em seu rosto.

— Seu pai, imagino — diz com incredulidade. — Não sei se consigo engolir isso, mas não quero continuar a ser atormentado por essas perguntas. Eu almoço à uma da tarde e não tenho muito tempo. Flávia não pode nem sonhar com isso, sei que é errado, mas não suporto mais essa situação. Só que depois dessa conversa, eu quero que prometa que vai me deixar em paz. Não sei qual desculpa você terá que inventar para o Marcos, mas, depois de hoje, eu não quero mais te ver. Estamos de acordo?

— O último acordo que fiz me levou para longe de você — falo com pesar.

— Então estou no caminho certo, já que este também irá te levar. Mas se não for sozinha, tenha certeza que farei isso por nós dois, de uma forma ou de outra você irá se afastar.

— Por que mudou de ideia sobre falar comigo? — Sua mudança de atitude me deixa desconfiada.

— Flávia. Ela não se sente confortável com a sua aproximação e quero evitar problemas no nosso relacionamento.

Ouvi-lo dizer isso me destrói mais um pouco.

— Então é por ela?

— Não teria outro motivo, Ísis. Você só trouxe esse malote?

— Sim.

— Mais alguma coisa? — ele diz olhando em meus olhos, mas logo vira o rosto, parecendo atormentado por minha presença.

— Não, obrigada.

— Disponha.

— Onde é o restaurante? — pergunto já perto da porta.

— Eu te encontro naquele que fica perto da sua empresa. É melhor assim, já que Flávia almoça nesse próximo ao banco.

Ouvir as preocupações que ele tem com ela me deixa arrasada. Um dia ele se preocupou assim comigo. Somente quando saio do banco é que me lembro que marquei de almoçar com Monique, mas esperei tempo demais para falar com Felipe, ainda que pelos motivos errados, e essa chance eu não posso perder.

Chegando à empresa, vou até a sala de Marcos e digo que já está entregue o malote de hoje. Monique novamente está na sala com Marcos e Miguel, refaz o convite para almoçarmos e dispenso com o pretexto de que preciso dar uma olhada em um apartamento. Saio da sala, Marcos e ela continuam com o pequeno Miguel.

Penso em como falar ou o que falar. Felipe agora é inalcançável. As horas se arrastam e quando já são quase meio-dia e quarenta, eu me informo da localização do tal restaurante e sigo para lá.

Meus passos vagarosos demonstram o meu receio. Seguindo as orientações recebidas, chego rapidamente ao restaurante. Está vazio, então me sento em uma mesa mais no fundo. Não estou com fome, e só consigo pensar nas palavras que estão presas dentro mim. Ainda sentindo meus monstros crescerem, vejo Felipe surgir na entrada e olhar ao redor, me

procurando. Com passos rápidos, ele vem até mim com uma clara inquietação. Sem nem mesmo pedir licença, ele se senta à minha frente, mas confesso que pouco me importo com as regras de etiquetas nesse momento.

— Pode começar — ele fala com indiferença enquanto olha o cardápio. O garçom se aproxima, ele pede um refrigerante e eu, um suco.

— Eu sei que você...

— Fale apenas a verdade, não quero saber o que você pensa. Você foi embora depois de prometer que não iria, isso é tudo o que eu penso sobre você — diz de maneira rude.

— Tudo bem. — Mordo os lábios. — Naquele dia eu estava muito preocupada com você e quando fui para o nosso apartamento, tudo que eu queria era que as horas passassem rápido. Você tinha razão, eu estava cansada, então dormi muito rápido. — Respiro fundo ao me lembrar daquele fatídico dia. — Pela manhã, quando liguei para você, a campainha tocou, então fui ver quem era. — Felipe agora mantém o olhar fixo em mim, e eu sinto as lágrimas descenderem com as lembranças dolorosas. — Era o meu pai. Eu fiquei surpresa, então disse a você que o amava e desliguei. Lembra-se disso? — Ele acena com a cabeça. — Eu achei que tivesse acontecido algo com a minha mãe, mas ele não estava ali por ela. Ele começou falando que aquela não era a minha vida, que eu já havia brincado por muito tempo de casinha. — Respiro fundo e enxugo as lágrimas. — Eu insisti que aquela era a vida que eu havia escolhido, que eu te amava e estava em casa. Foi então que ele — Eu suspiro. — disse que se eu não me afastasse de você, ele tornaria público que você é portador do HIV. — Felipe parece atordoado. — Mas não foi só isso, ele se tornou amigo do diretor do banco em que você trabalha. Ele disse que faria você perder o emprego, e não apenas você, ameaçou a sua mãe e irmã também. — Felipe se mostra chocado ao me ouvir. — Você já havia passado por tanta coisa, eu tentei convencê-lo a me deixar

com você prometendo abrir mão do sobrenome. Se eu ficasse, ele disse que faria não só a nossa vida, mas a da sua família também, um inferno.

— Por isso decidi ir embora? — ele questiona friamente.

— Você estava frágil, eu tive tanto medo que...

— Eu não estava frágil. A sua fragilidade te fez acreditar nisso. Eu conheci o seu pai, Ísis, e nas raras vezes que ele vai ao banco se mostra muito receptivo. Mas eu sei o que ele fez com você quando descobriu sobre o HIV, e acredito no que está me dizendo. Mas o que você não sabe é que, ao te levar embora, fez da minha vida um inferno. Eu sabia o quanto você estava cansada aquele dia, e ele usou isso ao seu favor. Usou a sua fragilidade, o seu medo, aproveitando que eu estava longe. Foi uma boa jogada, fez com que você acreditasse que ele poderia me intimidar. Mas foi o seu medo que te forçou a ir. E se realmente foi forçada, por que nunca me procurou?

Respiro fundo e relato a Felipe como foram os meus cinco anos longe dele, e que até cheguei a ligar para ele. Conto como o meu pai o fez se tornar gerente, e Felipe parece decepcionado ao ouvir isso. Em determinado momento, ele desvia o olhar, mas volta novamente sua atenção para mim. Falo sobre a terapia e como senti a falta dele durante todo esse tempo.

— Ísis — ele sussurra e somente agora percebo que ele não está tão indiferente como eu imaginava. —, eu nunca entendi por que me indicaram para a gerência. Eu não tinha me formado ainda e nem experiência suficiente para ocupar o cargo, acreditava ter sido pelo pai da Flávia, mas soube depois que a indicação veio do diretor. Agora me sinto patético ao saber a verdade.

— Ele fez com que você conseguisse o cargo, mas você permanece nele pelo seu esforço.

— Então foi ele que ajudou quando a Mari procurou Marcos para resolver aqueles processos jurídicos? — Confirmo com a cabeça. — Até mesmo a minha mãe a se aposentar?

— Era parte do acordo. Eu deveria me manter longe e ele te ajudaria, ainda que indiretamente. — Seu semblante muda, e eu vejo o quanto está decepcionado, arrasado. Felipe respira fundo, segura as minhas mãos e quase levo um choque ao senti-lo me tocar. — Felipe, eu tive tanto medo, não queria te prejudicar. Eu...

— Eu senti sua falta, Ísis — Ele desvia o olhar. —, dia após dia, implorei para que você voltasse. Você poderia ter me dado qualquer motivo patético por ter se afastado, que eu perdoaria. Eu estava pronto para isso. Tudo o que seu pai poderia ter me feito sofrer não se compara com a dor que senti ao perder você. Eu te amei mais que a mim mesmo. Eu escolheria você acima de qualquer coisa, e sofreria o que fosse preciso para te ter ao meu lado. Mas você se foi, e apesar das consequências, foi uma escolha sua. — Ele volta a me encarar sem soltar as minhas mãos. — Você era a minha felicidade. Eu poderia ter tido uma merda de dia, mas eu sabia que tudo ficaria bem quando chegasse em casa e te encontrasse. Você era isso para mim, o meu tudo. — Vejo lágrimas escorrendo em seu rosto. — Seu pai me tirou isso. Ele me tirou a vontade de voltar para casa, a esperança de ter um mundo melhor, o meu tudo, tirou a minha vida. Eu te amava, Ísis.

— O que você faria se estivesse no meu lugar? — falo desesperada, tentando fazer com que ele entenda a minha escolha.

— Não estou julgando a sua escolha. Mas não existiria outra escolha na minha vida que não fosse você. E se eu soubesse exatamente onde você estava, eu iria atrás. Você sempre soube e nunca...

— Eu tentei — falo e ele me encara. — Felipe, por favor, não coloque meus sentimentos à prova, eu voltei.

— Eu sei. Depois de anos. — Felipe respira com pesar, e nesse momento vejo lágrimas silenciosas se tornarem desesperadas. — Eu fiquei sozinho, desejando a morte. Eu sentia a sua falta todos os dias, era uma

tortura sem fim. Eu sofria tanto, que a minha mãe e a Mari passaram a te odiar.

— Mas eu não fui por que quis e agora você sabe da verdade.

— O que você quer que eu faça? Você teve motivos, mas isso não anula o que passei. Sinceramente, é difícil acreditar que você nunca teve a chance de voltar. Sei que não deveria, mas acredito. Talvez a Flávia tenha razão e eu seja um idiota, mas acreditar não significa que eu te entenda, mas acredito. Por ironia ou castigo, estamos aqui, e ainda que eu desejasse, nada muda o que aconteceu.

— Eu ainda te amo como sempre amei. — Coloco a mão em meu rosto e Felipe a segura e a beija.

— Mas todo esse amor não te fez ficar. Durante todo esse tempo, a Flávia esteve ao meu lado, e sei que ela nunca me abandonaria e nós... — Ele engole as palavras e leva a mão a cabeça, antes de desviar o olhar. — Você entende o que isso significa?

Não tenho voz para responder, continuo apenas sentindo um gosto amargo na boca.

— Eu sei como dói ser abandonado, como dói não dar motivos e ainda assim a pessoa te deixar. — Ele volta a chorar. — Ah meu Deus! Você poderia ter enviado alguma mensagem. Por que não fez nem isso? Apenas uma e eu teria te esperado por todo esse tempo. Não é certo e não posso dar as costas para quem nunca me abandonou. Esse não sou eu.

— Felipe, eu não posso viver sem você.

— Não faça isso, por favor. Se acha que é fácil para mim, está enganada. Já não era fácil achando que fui abandonado, agora sabendo da verdade, só torna tudo pior.

— Eu te amo tanto, só voltei por você.

— Não faça isso. — Ele respira fundo, tentando se acalmar. — Ísis, eu

a perdoo por tudo que me fez passar, sei o quanto o seu pai pode ser intimidador, só que eu não consigo esquecer. Não sabendo que você deixou o medo vencer o nosso amor.

— Felipe, eu achei que...

— Tudo bem. — Ele novamente segura as minhas mãos. — Não precisamos mentir, acho que está claro que meus sentimentos não mudaram, mas não significa que quero reviver o que tivemos.

— Quer que eu vá embora, é isso? — eu pergunto com coração na mão.

— Eu mentiria se dissesse que sim. Não sei o que fazer, o que dizer. Eu sonhei tanto com isso, quis tanto ter você de volta e agora que voltou, não existe mais “nós”. — Ver o desespero dele me destrói. Felipe leva as minhas mãos aos seus lábios e as beija novamente. Eu sinto meu corpo absorver seus beijos com extrema necessidade. — Eu tenho que ir — ele sussurra.

— Felipe, por favor...

— Ísis, converse com o Marcos, por favor. Flávia fez um escândalo no sábado, e não quero ter que passar por isso de novo.

— Ela vai conseguir nos separar?

— Não foi ela quem nos separou. Foi você. — Sua resposta me cala na hora. — Me passa o número da sua conta. O seu pai deixou um valor depositado, quero e preciso devolver a você.

— Aquilo foi porque você havia juntado para ir a América do Sul e...

— Eu e Flávia fomos, e nunca precisei do dinheiro do seu pai para isso.

Ouvir isso é como uma facada em meu peito.

— Doe então...

— Por favor. Eu quero devolver a você, eu guardei por todo esse tempo, a carta também...

— Sinto muito pela carta — digo, envergonhada.

— Está tudo bem. Nem sempre escolhemos o melhor caminho, mas não significa que não podemos nos perdoar por isso. Se precisa de perdão para refazer a sua vida, estou dando a você. — Ele acaricia a minha mão. — Só não refaça nessa cidade, já sofri demais. Pelo menos me poupe de ter que vê-la com outra pessoa. Eu desejo, de todo o meu coração, que você fique bem, que seja feliz. Sinto muito que você tenha passado por tudo isso também.

Ouvir essas palavras faz tudo desmoronar. A minha respiração fica ofegante, eu começo a transpirar e a minha visão escurece. Tudo apaga. Alguém me toca e instintivamente eu empurro a pessoa. Já nem sei mais se estou vivendo isso ou se é um sonho.

Lentamente eu abro os olhos e observo, ainda confusa, tudo ao meu redor. Noto que estou dentro de um carro, então me viro e vejo Felipe, que está com o semblante preocupado, dirigindo rapidamente.

— O que aconteceu? — eu pergunto em um sussurro.

Ao me escutar, Felipe me encara e percebo que suspira aliviado.

— O que aconteceu? Aconteceu que estávamos conversando e você começou a ficar estranha, depois desmaiou. Estou te levando para um hospital.

— Não, hospital não! Não precisa, eu vou ficar bem. — Ajeito a minha roupa e percebo que Felipe para o carro no acostamento. Sei que não deveria estar pensando nisso, mas é inevitável não lembrar todas as vezes que fizemos amor dentro do seu carro.

— Não é a primeira vez que isso acontece? — Em seu olhar vejo preocupação e desconfiança.

— Não, mas vou ficar bem. Tenho que voltar para o trabalho.

— Nada disso. Você está pálida e sem condições de voltar para o

trabalho. Se não quer ir ao hospital, vou te deixar na sua casa. Onde você mora? — Pela segunda vez no dia, eu me sinto feliz por saber que, apesar de tudo, Felipe ainda se preocupa comigo.

— Por enquanto estou no Hotel Otto. Eu estou à procura de um lugar para ficar.

— Sei onde é — ele diz.

Seguimos em silêncio, mas dessa vez um silêncio confortável. Agora que tenho certeza que ele ainda me ama, a esperança voltou. No entanto, eu me sinto despedaçada por ele querer que eu me afaste por ser comprometido com outra.

Felipe foi o centro da minha vida desde que fui embora, mas o meu alicerce foi a certeza de que um dia eu o veria outra vez. Mesmo que ele queira que eu me afaste, não farei isso, não sabendo que ele me ama assim como eu o amo. Ele nunca será completamente feliz ao lado de outra me amando tanto assim.

— Chegamos.

A tristeza de saber que ele vai para os braços de outra acaba comigo.

— Obrigada. — Engulo as lágrimas que querem cair. Assim que vou abrir a porta, vejo Felipe descendo do carro e dando a volta, para abri-la para mim.

— Espero que você fique bem. — Ele me olha intensamente enquanto saio do carro, mas sinto uma tontura e sou amparada por seus braços em volta da minha cintura. — Ísis, deixa de ser teimosa e vamos ao hospital. — Tento encontrar uma palavra para recusar, mas seu perfume me deixa sem ação. — Está me ouvindo? — Ele me olha com a preocupação estampada em seu rosto.

— Estou. Eu não comi nada hoje, deve ser por isso que não estou muito bem.

— Você está morando sozinha, então não pode se dar ao luxo de passar mal. — Ele faz uma cara feia. — Imagina se acontece algo dentro do quarto, ninguém vai saber. Aliás, morar em um hotel, na minha opinião, não é saudável. — Ao perceber que estou bem, Felipe se afasta, parecendo sem jeito.

— Hoje eu ia procurar um lugar para ficar, mas não tenho a mínima ideia de por onde começar.

— Tenho um cliente que é corretor de imóveis, posso pedir para ele entrar em contato com você. Com certeza ele irá te ajudar. Vamos, eu irei acompanhá-la até o seu quarto para me certificar de que vai ficar bem.

— Tudo bem.

Seguimos um ao lado do outro em silêncio. É uma sensação estranha, já que entre nós existe amor, mas também uma barreira que foi erguida pelo passado, e se depender do Felipe ela vai permanecer intacta. Por mais que seja errado, eu não quero abrir mão do meu amor mais uma vez sem nem mesmo lutar por ele. Chegamos ao meu quarto e eu abro a porta, então olho para Felipe, que desvia o olhar. Já com a porta aberta, nossos olhos se encontram e é como um imã.

— Quer entrar? — Imploro internamente para que ele aceite.

— Acho melhor não, Ísis. — Ele passa a mão pelo cabelo como se estivesse em uma luta interna entre aceitar ou não.

— Fica comigo um pouco, por favor? Esperei tanto por isso — insisto.

— Se eu entrar, nada vai mudar, Ísis. E tenho que voltar para o banco.

— Eu sei, mas não quero ficar sozinha agora, por favor.

Ele suspira, confere as horas e entra no quarto. Eu fecho a porta e deixo a minha bolsa na cadeira ali perto, enquanto Felipe dá uma olhada ao seu redor.

— Quer beber alguma coisa? — pergunto.

— Não. Eu preciso ir embora, acho que já ficou claro como serão as coisas daqui pra frente.

— Felipe, eu não vou conseguir, sei que não vou. — Não suportando a dor em saber que ele quer me dizer adeus mais uma vez, eu começo a chorar.

Felipe se aproxima e me puxa para os seus braços, apertando-me contra o seu corpo e eu me agarro a ele como se a minha vida dependesse disso.

— Ísis, agora que eu sei quais foram os seus motivos, e respeito isso, por favor, respeite os meus. — Sinto sua respiração ofegante em meu cabelo. — O que tivemos ficou no passado. — Ele tenta se afastar, mas eu o seguro pela camisa, não permitindo que saia do lugar.

— Como acabou se ainda nos amamos? Por que desistir de tudo se ainda existe amor?

— Eu tenho a Flávia e não vou magoá-la. Ela não merece isso depois de tudo que vivemos. — Ele suspira, como se estivesse tentando manter o controle.

— Mas você acha que seremos felizes separados? Eu errei, Felipe, fui fraca e deixei que o meu pai me afastasse de você, mas nem ele e nem ninguém conseguiu acabar com o amor que sinto por você. Você é dono de tudo que existe em mim. Dono do meu corpo e do meu coração. Eu esperei por tanto tempo, desejei estar com você dia após dia, fazer amor com você.

Ele fecha os olhos e respira profundamente.

— Isso é tão errado. — Ele morde os lábios. — E eu quero tanto errar... — sussurra e me aperta contra o seu corpo.

Sinto seus lábios colarem aos meus e todo o meu desejo e felicidade explodem. No início, fico sem reação, como se fosse irrereal, mas ao sentir as

mãos que desejei por todos esses anos tocando a minha cintura por baixo da blusa, o meu corpo trêmulo retribui o beijo. Minhas mãos vão para o seu cabelo, fazendo com que os nossos corpos se juntem de uma forma única. Nossas línguas se encontram com volúpia e o desejo explode entre nós. Felipe avidamente leva sua mão até o meu sutiã e o abre, enquanto nossos lábios se chocam com força ao mesmo tempo que lágrimas de saudade deslizam pelo meu rosto. Eu sonhei tanto com o dia que estivesse novamente nos braços do Felipe. Solto um gemido e como se tivesse saído de um transe, Felipe se afasta bruscamente, ofegando.

Eu olho em seus olhos e vejo o quanto ele está confuso, assim como eu. Sei que ele está tão excitado quanto eu, e tenho certeza que nunca irei me sentir dessa forma se não for com ele. Eu tento me aproximar, mas dele dá um passo para trás, parecendo perdido.

— Eu não deveria ter entrado, isso não podia ter acontecido. — Ele se afasta rapidamente, caminhando até a porta, então eu me desespero.

— Mas nós nos amamos, não fuja desse sentimento.

— Foi você que fugiu primeiro, Ísis, e agora acha que só por ter voltado tudo ficará bem. Chega. Eu não vou trocar o que tenho com a Flávia por algo que nunca foi meu de verdade.

— Eu sempre fui sua e você sabe disso — afirmo.

— Você é minha até o momento em que seu pai quiser. Não posso arriscar uma relação estável por um relacionamento que poderá me destruir por completo. Sinto muito, mas acabou, Ísis.

Ele sai e fecha a porta com força. Eu sei que não será fácil, mas eu o terei de volta. E ninguém nunca mais conseguirá nos separar.

Capítulo 5

Felipe

Entro no carro e me sinto muito mal. Beijar a Ísis me fez ter certeza de que nada se compara a sensação de tê-la em meus braços, de me sentir vivo novamente. Sei que nunca conseguirei acabar com esse sentimento, mas esse não é o caminho, não é certo. Ainda que eu queira, não posso alimentar mais isso. Eu dirijo feito louco e instintivamente paro no acostamento em uma manobra ousada. Minha cabeça gira, enquanto o meu coração implora para que eu volte.

Eu tento me controlar enquanto me censuro, não deveria ter feito isso, não deveria ter beijado a Ísis estando com a Flávia. Mas é quase perfeito o que sinto por ela. E, bem latejante, a dor volta a se apossar de mim, e eu não consigo ver o fim disso. Volto a dirigir pelas ruas e mesmo que a minha consciência grite que cometi um erro, tudo o que quero é continuar a sentir o seu beijo, tocar o seu corpo e tê-la por completo.

Estou perto da tênue linha entre o certo e errado, o querer e o poder. Eu quero saciar o meu desejo, mas não ser aquele cara errado que pouco se importa com os sentimentos dos outros. Antes de qualquer desejo, a consciência e razão devem falar mais alto. Esse desejo me dominou, logo eu, que sempre tentei fazer as escolhas certas, cometi um grave erro, mas em se tratando da Ísis não existe opção de escolha certa ou errada. No meu coração existe apenas ela. Eu sei que errei e não foi algo inconsciente, assim que entrei naquele restaurante, que a vi no primeiro dia, eu quis cometer esse erro. A verdade é que eu sempre a quis e nem esses anos foram capazes de apagar

esse sentimento. É frustrante sentir tudo vir à tona sem conseguir ter controle algum.

Ísis deixou muitas partes quebradas em mim e Flávia tentou de todas as formas consertá-las. Quando acreditei que estava bem, que eu a havia superado, percebo que meu coração se mantém fiel a ela. Quantas noites implorei por isso? Quantas noites sonhei em tê-la em meus braços. E quando perdi a fé, quando finalmente me cansei de esperar, ela volta disposta a bagunçar tudo que eu fingi ter arrumado.

Ela me disse tudo o que aconteceu desde que partiu, me contou o motivo para ter feito isso e deveria ser fácil perdoá-la, ser fácil juntar todos os cacos, abrir as feridas e encontrar a cura. Mas ainda dói muito, consigo sentir explodir dentro em mim essa verdade tão ingrata. Eu amo Ísis, mas não quero sentir esse amor. Como ela não percebe que está me enlouquecendo?

Meu telefone toca e na tela vejo que é a Flávia. Eu preciso inventar uma desculpa, mas nada vem à mente, então ignoro a ligação. Eu me sinto mal ao olhar a sua foto, um nó se forma na minha garganta e após rejeitar outra ligação dela, já no estacionamento do banco, eu ligo para a minha mãe.

— Alô. — Ela atende no segundo toque.

— Mãe, pode me fazer um favor? Se a Flávia perguntar, você pode confirmar que hoje almoçamos juntos?

— O quê? Aconteceu alguma coisa? Por que precisa mentir?

— A Ísis voltou e... — As lágrimas chegam rápido, fazendo com que eu me sinta um garotinho. Ela sabe o que está acontecendo, mas não diz nada.

— Assim que sair do trabalho eu falo com você.

— Felipe, você sabe que isso não é certo. E, outra, eu almocei com a sua irmã. Ela apareceu em casa hoje para almoçar, então isso não vai dar certo.

— Por favor, faça isso por mim. Eu sei que não é certo, mas não

quero falar sobre isso agora. Eu preciso de um tempo para contar a ela.

— Estava com a Ísis?

— Sim, mas não é o que você está pensando. Depois nos falamos.

Ela se despede e pelo seu tom de voz sei que está decepcionada.

Tento me recompor, mas isso só acontece externamente, por dentro estou em pedaços, amando e odiando com a mesma intensidade. Entro no banco e com passos largos vou direto para a minha sala, ignorando alguns chamados. A agenda agitada preenche a minha tarde. As horas voam e termino meu expediente sem nem perceber, só então me dou conta de que não vi a Flávia. Do estacionamento eu ligo para ela, ciente que não dá mais para fugir.

— Oi, amor. — Sua voz parece cansada.

— Oi, eu não te vi depois do almoço e...

— Meu pai passou mal, pressão alta, então estou no hospital com ele.

A mamãe está muito gripada e não conseguiu trazê-lo.

— Quer que eu vá até aí?

— Não precisa. Já passamos pelo clínico e ele foi medicado, então logo seremos liberados. Mas vou ficar com eles hoje, talvez amanhã também.

— Tudo bem. Amanhã irei visitá-lo e se precisar pode me ligar, independentemente do horário.

— Obrigada, amor. Eu te amo e estou com saudade.

— Melhoras para o seu pai. Beijo, boa noite.

— Boa noite.

Desligo o telefone e a minha consciência pesada quase me mata. Chego ao apartamento e tudo que quero é aliviar essa culpa e expulsar Ísis dos meus pensamentos. Vou à academia, pego pesado no treino, e graças a isso consigo dormir rapidamente.

Pela manhã eu ligo para a Flávia e, como previsto, ela está na casa

com os pais. Ela diz que a saúde dos dois melhorou, mas que hoje não irá trabalhar.

Ao preparar o café, fico pensando nela, em Ísis e quase enlouqueço. Sigo para o trabalho sentindo o peso do meu erro e do desejo por Ísis. Tento me concentrar e me pego checando as horas a cada poucos minutos, e quando dou por mim, percebo que não quero que ela cumpra o nosso acordo. Eu preciso vê-la, mesmo que isso doa em minha alma. Sinto uma dor angustiante enquanto atendo cada cliente e não a vejo entre eles. Já quase no fim do expediente, Marcos me liga e, pela primeira vez, eu atendo no primeiro toque.

— Alô.

— Santos, boa tarde. Não estou no escritório agora, mas preciso que faça duas transferências para mim. — Ele passa os dados necessários para a transferência e enquanto anoto, fico implorando a Deus que ele diga algo sobre Ísis, mas isso não acontece e nem mesmo sei o que pensar.

Será que ela cumpriu o acordo e decidiu ir embora? Se ela..

Não posso deixar que isso me domine dessa forma, senão... Saio do meu devaneio com o toque do telefone. Minha mãe. Como ontem me esquivei dela, sei que ela quer explicações.

— Oi, mãe.

— Podemos conversar?

— Claro, mas hoje irei visitar os pais da Flávia. Estou indo para o apartamento tomar um banho rápido e agora tem muito trânsito e...

— Felipe, por favor, me diga o que está acontecendo. Não fuja disso.

Respiro com pesar enquanto entro no carro, pensando no que vou dizer. Nem sei por onde começar.

— Mãe, a Ísis me procurou e contou o que aconteceu para ela ter ido embora.

— E o que ela disse?

Demora segundos para conseguir falar, mas conto tudo o que Ísis me disse. Minha mãe não interfere em momento algum, mas não parece estar acreditando muito. Quando termino, ela não pergunta nada, então percebo que ela não deu importância alguma pelos motivos de Ísis. E, talvez, a verdade é que eu quero acreditar naquilo, quero manter a esperança de que os nossos momentos foram roubados e não que tenha sido uma escolha dela partir.

— Mas agora você tem a Flávia. E ainda que Ísis tenha tido seus motivos e se sacrificado em prol do seu bem-estar, nós sabemos muito bem que isso não aconteceu. Por diversas vezes eu achei que você tinha desistido de viver, Felipe. Mas, agora, esse relacionamento ficou no passado, certo?

— Ficou.

— Foi por isso que mentiu para a Flávia?

— Não quero magoá-la e acho que ela não precisa saber.

— Felipe, nenhum relacionamento sobrevive a mentiras. Hoje fui visitar os seus sogros e eles estão muito felizes por vocês. Você foi o primeiro e único homem dela, e eu sei que os tempos mudaram, mas acho que, sendo a sua mãe, posso te dar um conselho. Não a decepcione, Flávia não merece isso.

— Eu sei, mãe. Ninguém melhor do que eu, sabe o que a ausência da Ísis causou. Tenho consciência do que devo fazer.

— Fique longe dela. E não coloque ilusão alguma acima de algo sólido.

— Não vou colocar, não se preocupe.

— Eu te amo, filho.

— Também te amo, mãe.

Chego ao apartamento dividido entre a emoção e a razão, e sendo trágico por esse aperto no peito. Neste momento, tudo o que eu quero é a

cura. Tomo um banho, mal consigo comer e como prometido, vou até a casa dos pais da Flávia. Como encará-la depois de ter beijado outra? É o que logo vou descobrir. Estaciono o carro e cinco minutos depois de tocar o interfone, Flávia aparece, toda animada, e se joga em meus braços dizendo estar morrendo de saudade. Ela me beija e eu não sinto nada. Nada nunca irá se comparar com o que sinto com Ísis. Tento disfarçar, mas ela percebe que algo está diferente e antes que o questionamento venha, eu pergunto como estão seus pais.

— Estão bem. Eu disse a eles que você iria dormir aqui.

— Eu não vou dormir, vim apenas para visitá-los — digo, desviando o olhar.

— Por que não vai dormir? Felipe, você mal encostou em mim essa semana. Insiste em dizer que está tudo bem, mas demonstra o contrário a cada segundo que passa ao meu lado.

— Só estou cansado, foi uma semana longa e...

— Como todas as outras. — Ela me interrompe, irritada. — A não ser pelo fato de alguém ter voltado.

— Por favor, essa é a saudade que diz sentir? Saudade das brigas?

— Estou com saudade, quem parece não sentir nada é você.

Eu levo a mão ao rosto em um gesto de frustração.

— Flávia, eu até dormiria aqui, mas fico sem graça...

— Não me venha com essa desculpa ridícula. Não vai ser a primeira e nem a última vez que irá dormir aqui. Já esqueceu o que fizemos nessa casa, e naquela época você não pareceu se importar com...

— Chega. Vamos entrar.

Vencido pelo cansaço, eu acabo concordado com ela. Assim que entramos, Flávia já fecha a cara, e isso se torna muito chato. Após cumprimentar seus pais e conversarmos rapidamente, seguimos para o quarto

dela. A cama está desfeita e só agora noto que ela está de pijama. Ela se deita na cama fazendo a cara mais emburrada que consegue. Sem vontade alguma, eu me deito ao seu lado e espero que ela ligue a tv. Uma vez que ela não faz isso, sei bem o que quer.

— Tem visto a Ísis?

— Quer falar sobre ela?

— Eu não sei, tenho medo do que possa vir a seguir.

— Acredito que uma boa noite de sono, nada mais. — Era para soar engraçado, mas Flávia está irredutível.

— Ela mal voltou e conseguiu abalar tudo o que construímos. Estou me sentindo tão sem importância.

— Você está exagerando. Eu estou aqui, nós estamos. Destruir o que temos só nós podemos, mais ninguém — falo, querendo acreditar nas minhas palavras.

— Eu queria acreditar nisso, mas... sei lá. Apesar de negar, às vezes acho que ainda sente algo por ela. Em tão pouco tempo aqui, ela parece ter mexido muito com você. Já era difícil sem ela, agora...

Ela se vira e ao ver as suas lágrimas eu me sinto mais culpado ainda. Ao me aproximar, eu toco seu rosto com carinho, então Flávia aproxima seus lábios dos meus, e ao olhar em seus olhos sei que não posso abandoná-la. Ela me beija e eu correspondo, mas agora parece tão estranho, tão errado.

O gosto da traição ainda está em mim, mas agora parece que estou traindo o meu coração, a mim mesmo e isso dói mais do que pensei ser possível. Ela tenta me excitar, mas eu não consigo, porque todas as vezes que fecho os olhos eu só vejo a Ísis. Quando finalmente consigo me esquivar dela, começo o meu teatro de estar apenas cansado, e é conveniente para os dois acreditar nessa farsa. Eu me levanto para tomar a minha medicação e o sono logo vem.

Na manhã seguinte, eu passo rapidamente no meu apartamento e acabo chegando atrasado no banco, fato que não passa despercebido pelos outros funcionários. Mas, como sempre, Flávia chega depois, então a atenção é toda voltada para ela. Eu tento recuperar o atrasado correndo contra o tempo e em momentos como esse entendo que minutos valem ouro.

Heloisa Telles, como em toda sexta-feira, é a primeira a ser atendida. Assim que ela vai embora, eu escuto passos e sinto meu coração acelerar ao reconhecer o perfume invadindo a minha sala. Em seguida a dona dele aparece. Ver Ísis novamente me enlouquece. Eu fico deslumbrado ao observar as suas curvas e sinto um tesão quase que incontrolável. Ela pede licença e dá um sorriso tímido enquanto tento me controlar, mas estou a ponto de perder a cabeça. Eu absorvo cada movimento, e quando dou por mim estou feito um idiota encarando cada gesto que ela faz.

— Você não apareceu ontem, então achei que estivesse cumprindo o acordo. — Há mais rancor na minha voz do que eu gostaria de demonstrar.

— Precisei procurar um lugar para ficar — ela diz ao se sentar e me entregar o malote. — Ainda não...

— Desculpe-me. Eu disse que te enviaria o contato do corretor de imóveis, mas não tenho o seu número e não quis pedir ao Marcos. — Percebo que falei demais ao ver o sorriso em seu rosto, então desvio o olhar. — É só um malote hoje? — digo, tentando deixar a conversa mais profissional.

— Marcos já me indicou um corretor, mas eu posso te passar o meu número, se você quiser — ela diz, mantendo o olhar firme. — Felipe, eu pensei em você o tempo todo, cada segundo...

— Por favor, não faça isso. Sabe que é errado.

Ela respira fundo e se levanta, parecendo derrotada. Meus olhos vagam por cada curva do seu corpo, desejando loucamente tocá-la.

— Por que não posso ficar com você, se eu já sou sua?

Suas palavras fazem o meu desejo explodir.

— Por favor, Ísis. — Minha voz sai ofegante e eu não me atrevo a encará-la.

Ela está consciente do que causa em mim e mesmo assim não tenta mais nada. Simplesmente se aproxima, pega uma caneta e anota o seu número em um papel.

— Agora você tem o meu contato e não precisa de desculpas, nós não precisamos disso. Necessidade, é isso que temos um pelo outro, e você sabe o quanto eu preciso de você.

Ela não tem intenção alguma de facilitar para mim. Fecho os olhos, tentando inutilmente me controlar, e quando volto a abri-los ela não está mais na minha sala.

— Bom dia, Flávia.

Ao escutar a voz de Ísis cumprimentando Flávia no corredor, eu pego o papel com o número do seu telefone em um movimento rápido e guardo em meu bolso. Segundos mais tarde, Flávia surge à porta e me encara.

— Podemos almoçar juntos hoje?

— Claro. — A resposta a surpreende, então ela deixa a sala sem dizer mais nada.

No almoço quase nem conversamos. Meu telefone toca várias vezes, interrompendo a refeição. Volto para a minha intensa rotina e já esgotado, meu dia é finalizado.

Seguimos para o meu apartamento e Flávia liga para os pais avisando que não irá para casa hoje. Ao chegarmos, ela ainda está ao telefone, então sigo direto para o banho.

— Você anda muito estranho. Aconteceu alguma coisa? — ela pergunta enquanto entra no box.

Ao invés de encará-la, eu fecho os olhos e deixo a água cair sobre o

meu rosto.

— Está tudo bem — digo, abrindo os olhos.

Desde que Ísis voltou, eu tenho errado com a Flávia e ainda respondo que está tudo bem. Isso é o quê? O manual de como ser um cafajeste?

— Como foi com a Ísis hoje?

Sua pergunta me faz congelar.

— Eu... Normal, o esperado...

Termino meu banho e saio do chuveiro, deixando-a sozinha.

— Tem certeza que foi normal? Você quase não falou no almoço.

Eu me sinto péssimo por mentir para ela, mas sou um covarde e não tenho coragem de admitir que beijei outra mulher.

— Flávia, estou cansado e com dor de cabeça. E, quanto ao almoço, você sabe como funciona, eu precisava resolver algumas... Pendências. Apenas isso e nada mais.

Ela termina rapidamente o banho, sai e me abraça por trás, começando a beijar as minhas costas enquanto sua mão desce em direção ao meu sexo. Como sei qual é a sua intenção, eu seguro a sua mão.

— Você está realmente estranho. Há dias não fazemos amor, e agora, mais do que nunca, preciso estar conectada a você.

Ela para na minha frente, deixando nítida a sua insegurança, mas por mais que o meu corpo corresponda ao seu toque, minha mente está dizendo que é errado, e toda essa confusão de sentimentos me faz recuar.

— Meu anjo, estou cansado. Não de você, pode ter certeza disso. Mas olhe pelo lado bom, o próximo final de semana será só nosso. — Tento acalmá-la com essas palavras antes de beijar a sua testa.

— Tudo bem. Felipe, quase me esqueci de contar que a sua irmã ligou nos convidando para jantar amanhã. Eu disse que precisava perguntar para você antes, mas ela falou que não aceitaria um não como resposta, então

concordei.

— Ah, que droga! Eu ando tão cansado, só queria ficar em casa, só nós dois. Às vezes é chato ficar ouvido a minha irmã chamando a atenção dos gêmeos o tempo todo.

— Ela disse que a sua mãe irá sair com os gêmeos e como não nos vemos faz tempo, Mari nos intimou a comparecer.

— Você quer ir? — Ela confirma. — Fazer o quê? Dois contra um.

Ela veste um pijama, liga a tv, e eu acabo dormindo primeiro, perdido em meus próprios pensamentos.

Na manhã seguinte, assim que levanto, percebo que Flávia já levantou e preparou o café. Fazemos a refeição juntos e ela não toca no nome da Ísis, e quando penso que passaremos a tarde toda juntos, ela diz que marcou horário no salão e como fica próximo da sua casa, ela irá almoçar com seus pais e me convida para ir junto, mas acabo dispensando. Passo a tarde respondendo os e-mails financeiros e sendo consumido pelas lembranças de Ísis. Por volta das sete horas da noite a Flávia chega.

— Vou tomar um banho rápido, prometo — ela diz ao se aproximar e beijar o meu rosto.

— Vou me vestir e te espero. Mas, por favor, não demore muito. É só um jantar rápido.

— Prometo que não vou demorar — diz e rola os olhos. — Não precisa fazer essa cara.

— Vou fingir que acredito.

Por incrível que pareça Flávia, não demora e como viu que estou vestindo apenas uma bermuda jeans, camiseta e chinelo, ela opta por um macacão jeans curto e uma sandália baixa. Assim que chegamos ao apartamento da minha irmã, encontramos a minha mãe e Marta, uma amiga dela, colocando os gêmeos nas cadeirinhas do carro para saírem. Eu saio do

carro e vou até eles, cumprimento Marta e dou um beijo em minha mãe.

— Lembrou que tem mãe, Felipe? Faz dias que não o vejo — ela diz enquanto me abraça.

— Ah, certo! Eu que fui esquecido desde que esses dois nasceram. — Passo a mão no cabelo dos dois, que começam a rir.

— Que exagero, amor. Mas olha bem para eles e veja se tenho culpa de ter netos tão lindos? — ela fala olhando para eles, abobalhada, enquanto Flávia se aproxima e beija os dois antes de cumprimentar a Marta e a minha mãe.

Elas trabalharam no hospital juntas e se aposentaram quase ao mesmo tempo, agora paparicam os filhos da Mari, que são mais apegados a Flávia do que a mim, que sou o tio.

— Não vejo a hora de conhecer o seu filho. A Flávia será uma ótima mãe — Minha mãe diz baixo, de forma que apenas eu escute, e dá um sorriso que demonstra que ela espera que isso aconteça logo. Eu somente me mantenho calado.

— Flávia, vamos entrar?

Ela me olha, sorrindo, e em seus olhos vejo que realmente amaria ser mãe.

— Tchau, lindos da tia. — Ela beija os dois, que correspondem carinhosamente.

— Tchau B1 e B2 — brinco.

— Já disse para não chamar os meninos assim — minha mãe me repreende – ela detesta apelidos.

— A Mari nem liga, e outra, é um elogio, sabia? — brinco.

— Você não vale nada, Felipe. Além de colocar apelidos nos meus filhos, compra pijamas iguais dos Bananas de Pijamas — Mari grita da janela do seu apartamento que fica no segundo andar.

— Agora sei como você sabe tudo da vida dos vizinhos. Fica bisbilhotando pela janela — falo e ela faz careta.

Eu e Flávia subimos e, ao entrarmos, Mari me empurra quando sussurro em seu ouvido que ela é fofqueira. Logo depois, Flávia e ela se abraçam apertado e a forma como se olham deixa claro que existe algo que não estou por dentro e espero que não seja o que estou pensando.

— Léo, o Felipe chegou! — ela grita e meu ouvido dói.

— Os vizinhos não reclamam de você? Se eu morasse aqui, faria questão de reclamar para o síndico. Todo santo dia — provoco e Léo surge usando um avental. — Agora eu fiquei animado com o jantar, não é Mari que está preparando. — Sorrio e ela me dá um tapa de leve.

— Vem cá, cunhado, estou preparando uma carne para nós.

Deixo Flávia com Mari na sala e sigo para a cozinha atrás do Léo. Ele se aproxima do fogão e desliga o fogo.

— E aí, cunhado? Como vai a vida? — diz em seu tom habitual.

— Indo, e vocês?

— Acordando pela manhã com mais quatro pés na minha cama, isso quando não acabo no chão. Mas vale a pena. — Léo sorri.

— Imagino. Sei como a minha irmã pode ser difícil, às vezes.

Escuto as duas conversando na sala, mas não presto muita atenção.

— Mas está tudo bem mesmo, Felipe? — Ele me lança um olhar como se estivesse me avaliando.

Enquanto ele verifica se o assado está no ponto, eu vou até o fogão e abro as panelas. Mari fez macarronada – é a única coisa boa que ela sabe preparar.

— Estou bem sim, por quê?

— Como foi reencontrar a Ísis depois de tanto tempo? — Léo pergunta e eu o encaro sem entender nada.

Como ele soube?

— Quem te contou? Ah droga, claro que foi a minha irmã, mas quem contou para ela? Só pode ter sido a Flávia. — Bufo e reviro os olhos.

— Espero que eu não esteja invadindo a sua vida, antes de tudo somos amigos, e isso não tem nada a ver com a Mari. Só fiquei pensando sobre o assunto e imagino que seja uma barra você ter que lidar com isso novamente. Era louco por ela.

— É complicado. Mas passou, a vida seguiu.

— Sua irmã disse quer vai conversar com você, foi por isso que achei melhor te preparar. Mas, voltando ao assunto, Ísis foi atrás de você?

— Foi e conversamos a respeito. Ela disse os motivos de ter ido embora, mas nada muda o que houve. Léo, eu realmente não quero falar sobre isso. Agora tenho a Flávia e falar sobre outra mulher não é certo, sabe.

— Isso não cola, Felipe. Não comigo. Fingir que não está acontecendo não é o melhor caminho.

Eu respiro fundo e conto ao Léo tudo o que Ísis relatou.

— E você acreditou?

— Isso importa?

— Se você acredita, importa. Felipe, eu vejo como a sua mãe e Mari se metem na sua vida, como forçam para que você e Flávia fiquem juntos. Mas está na cara que isso não funciona. Sei lá, cara, eu não sei se engoliria essa conversa da Ísis, mas nunca consegui ver essa pessoa ruim que Mari pintou depois que ela foi embora. Ela havia mudado muito e não parecia querer te deixar, fora que o pai dela fez todo aquele alvoroço, então ele pode ter feito isso com ela. Mas a questão não é essa. Mari te chamou aqui porque quer marcar a data do seu casamento.

Cuspo a água que acabo de colocar na boca. Acho tão absurdo, que começo a gargalhar.

— O quê? Isso é sério?

— É sim, mas o que pretende fazer? Ainda ama aquela garota?

— É complicado, Léo, acho que quando a confiança acaba, o amor não é o suficiente para fazer dar certo. Ela fez uma escolha e independentemente dos motivos, tudo mudou entre nós.

Léo não diz mais nada, e percebo o quanto está estressado. A noite segue e mesmo Léo tendo tentado me prevenir sobre a “conversa” que Mari queria ter, não estava preparado para tanta chatice. Ela insiste tanto para marcarmos a data do casamento, que consegue deixar até mesmo a Flávia sem graça.

— Chega, Mari. Todos já entendemos que você aprova esse casamento — Léo a interrompe.

— Para com isso, Léo. Eu conheço o meu irmão e sei como ele é um pouco devagar. Você quer se casar com a Flávia, não quer, Felipe?

— Claro, mas as coisas não funcionam assim. Isso é entre nós dois. Mari, eu agradeço pelo jantar, mas precisamos ir — falo assim que termino de comer.

Nessa noite, Mari conseguiu ultrapassar os limites. Ao nos despedirmos, ela tenta amenizar a situação e só piora tudo. Mas essa é a minha irmã e, sinceramente, acho que eu esperava por isso. No trajeto para o meu apartamento, Flávia me surpreende ao pedir para deixá-la na sua casa, só então percebo que ela está com cara de poucos amigos.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, Felipe, só quero ir para a minha casa — ela diz em um tom arrogante e, na verdade, sei que ela está procurando algum motivo para brigar. Ela quer isso há dias.

— Achei que se sentia em casa no meu apartamento.

— Como você mesmo disse, é *seu*, ainda que me sinta em casa, só sou

uma hóspede.

E lá vamos nós novamente.

— Por que foi falar com a Mari sobre o nosso casamento? Não teria sido mais fácil falar comigo?

— Você quer falar sobre o nosso casamento? Essa possibilidade algum dia chegou a existir para você?

— Sabe que pode falar comigo sobre qualquer coisa, até sobre o “casamento”. Mas você sempre prefere colocar a minha família no meio da nossa vida — falo e ela me fuzila com os olhos.

— Não finja que quer se casar. Acho que nunca quis, pelo menos, não comigo.

— Flávia, eu já entendi o joguinho aqui e não estou a fim de brincar. É melhor mesmo você ir para a sua casa e amanhã nós conversamos melhor. Estou cansado e você também.

— Há anos que a sua rotina é a mesma e transávamos quase todos os dias. Não existia essa história de cansaço. Mas agora que a Ísis voltou, o cansaço se apoderou de você! — ela diz, debochando.

— Estou longe de conseguir te entender. Se eu quero sexo todo dia, estou me aproveitando de você, se não quero, estou com algum problema. Não dá pra te entender — finalizo, enquanto paro no semáforo.

— Por que te incomoda tanto falar sobre o nosso casamento?

— Me incomoda falar com pessoas que não têm nada a ver com isso. Você teve o dia todo para falar sobre isso, mas deixou o assunto surgir só na casa da Mari. Sério que achou que eu cairia nessa?

— Ela é a sua irmã, é normal que queira comentar sobre isso.

— Para de drama. Eu sei que vocês duas combinaram aquilo e, sinceramente, acho que já passou da idade de fazer as pessoas falarem por você. Se queria conversar sobre isso, poderia ter feito sem envolver outras

pessoas.

— Você é tão cínico, Felipe. Simplesmente não quer encarar a verdade. Você fica incomodado de falar sobre o casamento porque Ísis voltou! — ela grita.

— Está imaginando coisas, isso não é verdade — falo calmamente.

— Não é verdade? Eu vejo em seus olhos que nunca a esqueceu, nem mesmo se esforçou para isso depois de tudo que aquela vadia fez. Acha que sou idiota?

— Sério que vai começar com isso? Eu estou cansado e você também, então é melhor pararmos a conversa por aqui e outro dia...

— Não! — ela grita. — Não tem mais o que conversar. Estou com você há mais de um ano, então marca a droga da data ou pode rastejar para os pés daquela puta feito o belo babaca que você é, porque não vou continuar fazendo esse papel de trouxa — diz, gritando, e começa a chorar.

Eu odeio esse dramalhão que ela vive fazendo e, na verdade, não tenho vontade alguma de responder, mas estou cansado dessas ofensas.

— Não vou levar em consideração o que está dizendo, Flávia. É melhor você parar por aqui, pensar direito e quando estiver mais calma nos falamos.

— Então, vai levar o que em consideração? Você tem noção do quanto eu me sinto usada? E tem mais, acha mesmo que ela largaria o Marcos para ficar com você? Se enxerga, Felipe.

— Nossa. Não sabia que eu estava tão abaixo dele assim.

— Vai dar um de bobo agora? As mulheres vivem se jogando aos seus pés, porque não fazem ideia da sua soropositividade.

Estaciono em frente à casa dela e me viro para ficar de frente para ela.

— E isso é um problema para você? E, afinal, por que está se sentindo usada?

Ela enxuga as lágrimas, sai do carro e ainda bate à porta com força. Saio logo atrás dela e tento segurá-la, já bem irritado.

— Pare de agir como criança e de colocar merda na cabeça. Eu não tenho culpa se o seu plano ridículo de marcar uma data deu errado.

— Por que não diz na minha cara que quer voltar a comer aquela vadia ridícula?

— O quê? Você já reparou que é extremamente baixa e ofensiva sempre que está irritadinha? Acha que pode resolver tudo na base do berro? Já percebeu que nunca conseguimos conversar sem que você parta para a agressão verbal? Por que ao invés de tentar fazer Mari resolver isso, você não falou comigo? Por que nunca podemos resolver a nossa vida sem você envolver as nossas famílias?

— Você acha que pode brincar comigo e que vai ficar por isso mesmo? Eu te quis quando ela te chutou, seu idiota. Eu fiquei ao seu lado, e acho que às vezes você se esquece de que eu sou a única que nunca se importou por você ser soropositivo. Você deveria ser mais grato, mas é tão egoísta que não consegue enxergar isso.

— Você tem noção do que está falando?

Fico muito irritado com o que ela diz. Toda vez que ela se sente insegura, começa com essas indiretas, como se estivesse fazendo um favor para mim.

— Eu me entreguei a você, e nem isso valoriza.

— Entregou porque quis. Não foi obrigada a nada e insistiu muito para acontecer, eu nem mesmo sabia disso antes de transarmos. Esqueceu dessa parte?

Sua reação é mais rápida que o meu reflexo. Sinto a bofetada em meu rosto e eu fico sem reação, até ela parece surpresa com a atitude.

— Vai comer aquela puta, porque não tem mais uma trouxa aqui para

te impedir!

Ela se afasta e entra rapidamente na sua casa. Fico parado por um momento tentando entender o que acabou de acontecer. Entro no carro e vou para a minha casa, chegando antes das dez. Tomo o meu medicamento e o silêncio que se instala é ensurdecedor.

Deitado em minha cama, fico pensando nos acontecimentos dos últimos dias. Estou cansado, confuso e sentindo muita raiva. Recordações quase esquecidas vagam por minha mente como uma mala de lembranças, me mantendo preso a elas. Eu penso em Ísis e em tudo que ela disse, talvez este seja o jeito mais cruel de enlouquecer.

O que você faria se estivesse em meu lugar, Ísis? Por mais que eu me esforce a dormir, sei que ficarei a noite toda acordado com você em meus pensamentos e com toda a confusão que está causando em minha vida.

Eu tento, juro que tento, mas nada aquieta a mente. Preciso ouvir a voz de Ísis, e sem pensar muito vou à procura do seu número. Eu o encontro no bolso na calça no cesto de roupa suja. Antes que eu perca a coragem, ligo para ela, que atende no segundo toque.

— Alô.

Sinto um alívio inexplicável ao ouvir a sua voz.

— Ísis, eu... — Respiro fundo. — só queria saber como você está — completo, mas soa tão ridículo.

— Felipe — Sua voz sai em um sussurro, tenho certeza que está surpresa por eu ter ligado. —, estou bem, obrigada, eu...

— Eu e Flávia brigamos. Acho que acabou.

— Está triste por isso?

— Não sei, eu não sei o que fazer. O que faria se estivesse em meu lugar?

— Iria te ver. — Sua resposta é imediata.

— Ainda está no hotel?

— Estou.

— Isso parece errado, mas certo ao mesmo tempo. Não sei se eu deveria.

— Estou te esperando — ela sussurra e desliga.

Há algum bom senso em mim que não seja dominado pela necessidade de estar com ela? Novamente estou indo contra a maré, me afundando em algo que não tem a menor chance de dar certo, escolhendo o caminho que me leva à perdição. E, ainda assim, a minha necessidade é tão grande que caminho por ele novamente.

Capítulo 6

Ísis

Fico extasiada ao pensar em nosso reencontro. Esperei tanto pelo dia em que iria me procurar. Mas será que ele irá aparecer?

Ansiei muito para estar em seus braços novamente, ser sua, fazer amor com ele, para dizer como senti a sua falta, o quanto eu o quero, que podemos nos curar, que podemos amar na mesma intensidade novamente.

Em meio à louca ansiedade, o telefone do quarto toca e eu atendo para autorizar a sua entrada. Meu coração acelerado está a ponto de explodir. Abro a porta e fico ali parada, escutando o elevador. Os segundos são eternos até que Felipe surge, saindo do elevador. As minhas lágrimas começam a deslizar pelo meu rosto assim que me dou conta que está mesmo acontecendo. É real.

Confiante, ele se aproxima e não diz nada, simplesmente me agarra e começa a me beijar, então eu me entrego fielmente a ele, como se a minha vida dependesse disso. Sinto suas mãos em todo o meu corpo, que grita por mais. Aprofundo o beijo e cada vez que a minha língua resvala a sua, sinto meu corpo em chamas. Felipe passa as mãos por de trás das minhas coxas e me levanta, fazendo com que eu sinta a sua excitação no meu sexo. Eu me sinto uma deusa por saber que, depois de tudo, ainda consigo despertar o mesmo desejo nele. Ele caminha para dentro do quarto, fechando a porta atrás de si com o pé. Minhas mãos vão para o seu cabelo, enquanto ele me pressiona contra a porta, me mantendo presa ali. Suas mãos passeiam por debaixo da minha camisola, deslizando em meus seios, que ficam enrijecidos

pelo toque. Felipe faz uma trilha de beijos pelo meu colo até descer uma alça da minha camisola e abocanhar um dos meus seios, com seus quadris pressionando firmemente os meus.

— Senti tanto a sua falta, meu amor — sussurro e puxo seu cabelo, afastando-o para que ele olhe nos meus olhos.

Sua respiração está ofegante e em seu olhar está nítido o desejo, mas ele apenas volta a me beijar. Cada beijo que ele me dá faz com que o meu coração pareça prestes a explodir em meu peito por estamos juntos outra vez, por saber que ele me ama como eu o amo, e que agora pode ser o nosso recomeço.

— Eu te amo e só voltei por você, Felipe. Voltei para ficarmos juntos e prometo que desta vez não vou embora.

— Por favor, Ísis. — Ele balança a cabeça em negação. — Vamos esquecer, pelo menos por hoje, tudo o que aconteceu?

Antes que eu consiga dizer uma palavra sequer, ele me coloca no chão, tira a minha camisola rapidamente, deixando-me apenas de calcinha. Felipe me devora com os olhos e me puxa pela cintura, em seguida me joga na cama e desliza a calcinha pelas minhas pernas. Seus olhos percorrem o meu corpo enquanto tira suas roupas, ficando nu à minha frente. Registro cada pedacinho do seu corpo feito para o pecado e posso contemplar sua ereção pronta para me invadir.

— Vem — eu o chamo, então percebo que hesita um pouco.

— Não tenho camisinha — ele diz, frustrado, passando a mão pelo cabelo.

Eu me aproximo dele e o puxo para um beijo. Sentir sua ereção entre as minhas pernas é enlouquecedor.

— Eu te amo e esperei muito por esse momento — sussurro.

— Se você me disser que não quer, não vou tentar te convencer do

contrário.

— Eu quero, Felipe, mais do que tudo nesse mundo. Por favor, não me negue mais uma noite sem você. Eu esperei muito por isso. — Coloco a mão em seu sexo e começo estimulá-lo. Ouço um gemido baixo e sua respiração ofega, como se estivesse a ponto de explodir.

— Tem certeza, Ísis?

Nossos olhos se encontram e eu continuo com o olhar firme para que ele veja que tenho certeza do que quero. Dou um beijo nele carregado de desejo e passo os braços ao redor do seu pescoço, enquanto suas mãos vão para a minha cintura, aproximando-me e fazendo-o sentir o seu sexo no meu. Solto um gemido em sua boca e assim que sinto a sua mão me estimulando, eu enlouqueço.

— Eu quero você... Agora — falo, gemendo.

Aos poucos sinto Felipe me invadindo, e ambos gememos.

— Você continua sendo a minha perdição — ele diz entre os gemidos enquanto seus movimentos ganham intensidade.

— Eu te amo... Te amo muito — sussurro.

Felipe se deita de costas e me coloca montada sobre ele, segurando firme em meus quadris e ditando meus movimentos, enquanto seu quadril vem de encontro ao meu. Sonhei tanto com o momento que estaria mais uma vez nos braços do homem que amo, mas sei que a mágoa permanece nele, tão forte a ponto de Felipe não expressar seus sentimentos como fiz agora.

O prazer me faz transitar entre a sanidade e o amor. A cada investida, sinto que estou próxima de chegar ao ápice. Felipe troca as nossas posições, então passo a ficar embaixo dele, envolvo as minhas pernas ao redor do seu quadril e a cada movimento, ele me faz conhecer um novo ponto de prazer. Tento conter meus gemidos, que são cada vez mais altos, mas isso se torna impossível, já que Felipe sabe usar o belo corpo como ninguém. Sinto um

êxtase imenso, uma tremenda emoção me invade. Finalmente estamos juntos, nos amando loucamente como fazíamos antes. Agora tudo faz sentido e sinto como se cada coisa estivesse voltando ao seu devido lugar. Eu não posso e nunca vou desistir do nosso amor.

Chego ao ápice do prazer, e com mais dois movimentos sinto, pela primeira vez, Felipe se derramando dentro de mim com um gemido alto. Após alguns minutos, Felipe sai de cima de mim e se deita ao meu lado, cobrindo os olhos com o braço. Eu me aproximo e descanso a cabeça em seu peito, abraçando a sua cintura.

— O que foi? — pergunto quando o silêncio se torna desconfortável.

— Nada, só pensando. É quase surreal, depois de tanto tempo, estarmos aqui. Jamais poderia imaginar que estaria em uma cama com você novamente.

— Isso é bom ou ruim?

A pergunta apenas vaga pelo quarto, sem obter resposta. E antes que o silêncio possa voltar a tomar lugar, Felipe me agarra e volta a me beijar e, como um ciclo vicioso, fazemos amor repetidas vezes até esgotarmos os nossos corpos. Quase vencida pelo sono e ainda sentindo seus beijos, escuto sua voz ao longe.

— Não durma, Ísis, por favor — ele sussurra em meu ouvido, me prendendo entre seus braços.

— Amanhã eu ainda estarei aqui, prometo.

Olho em seus olhos e ele acaricia o meu rosto, então eu o puxo para um beijo e o sinto corresponder antes de tudo se apagar.

Acordo e antes de abrir os olhos um sorriso surge em meus lábios por me dar conta de que tudo o que aconteceu foi real, e não apenas mais um sonho. Seu cheiro está flutuando pelo quarto, aquecendo o meu coração. Eu me viro na cama e percebo que estou sozinha. Levanto-me completamente

nua e vou até o banheiro na esperança de encontrá-lo ali, mas, para o meu desespero, ele também não está aqui.

Se não fosse pelos lençóis bagunçados, seu cheiro no ar e meu corpo dolorido pela noite maravilhosa que tivemos, eu acharia que tudo não passou de um sonho. Olho para o relógio e vejo que não são nem nove da manhã. Penso em ligar para ele, então vou até a minha bolsa pegar o celular, mas acabo desistindo quando encontro um bilhete escrito em um guardanapo.

Amei passar a noite ao seu lado, você continua maravilhosa. Deixei dinheiro para comprar a pílula do dia seguinte. Obrigado pela noite perfeita, tenha um ótimo dia.

Felipe.

Ler essas palavras me deixa chocada. Que porra é essa de agradecer pela noite perfeita? Eu me sinto usada, humilhada. A vontade que eu tenho é de chorar ao reler esse bilhete tão frio. Como ele teve coragem de ir embora sem ao menos se despedir depois da noite linda que tivemos? Será que para ele não significou o mesmo que para mim?

Decidida a tirar satisfações, ligo para ele, mas depois de chamar três vezes cai na caixa de mensagens. Tenho certeza que ele ignorou a ligação. Tento novamente e recebo uma mensagem automática avisando que está em reunião. Entro no *WhatsApp* e procuro o seu contato para enviar uma mensagem, mas meu coração dói ao ver que a foto do perfil dele é com a Flávia, ambos sorrindo como um lindo casal feliz. Eu me deito na cama e abraço o travesseiro, que ainda está com o seu cheiro, e mando uma mensagem perguntando o que aconteceu, mas ele não responde. Acabo pegando no sono com o telefone na mão.

Acordo com o celular vibrando e me sento na cama rapidamente, na

esperança de que seja o Felipe. Abro a mensagem e mais uma vez a frieza está exposta em suas palavras.

Ísis, amanhã nos falamos. Eu tive que resolver alguns problemas, por isso saí sem te acordar. Não se esqueça de comprar a pílula, por favor!

Não vou conseguir esperar até amanhã para saber como ficamos depois da noite que tivemos. Mas pelo menos ele me deu uma satisfação. Olho novamente e dói ver que a foto dele com a Flávia continua no contato. Passo o dia no quarto, tentando entender o que está acontecendo. À noite tento falar com ele, mas seu telefone está desligado. E isso é muito estranho. O Felipe que eu conhecia nunca agiria assim. Antes de cair no choro novamente, tento ser racional. Alguma coisa pode ter acontecido de verdade, e ele precisou ir embora e não quis me preocupar. Provavelmente ele irá me ligar amanhã cedo.

Karen me disse para ter paciência, para não tirar conclusões precipitadas. Talvez ele tenha ido ver a mãe, ou... Tento não pensar em nada e decido tomar um banho, com a água do chuveiro deslizam as lágrimas. Em nenhum momento ele disse que teríamos alguma coisa, mas...

Cansada, eu me deito na cama e tento dormir. Tenho uma noite agitada, mal conseguindo descansar. Acordo pela manhã ainda sentindo a mente cansada, eu me preparo para o dia e sigo para o banco onde Felipe trabalha com o carro que Marcos disponibilizou para mim.

Às sete em ponto estou parada em frente ao banco e não preciso esperar muito por Felipe. Dez minutos depois, eu vejo seu carro chegando. Ele estaciona e quando vou sair do carro para ir ao encontro dele, eu o vejo

dando a volta em seu veículo para abrir a porta do carona. Fico boquiaberta quando vejo Flávia descer, e assim que o faz eles se beijam.

Eu congelo, sequer sei se estou respirando. Então me dou conta de que Felipe só me usou, e dói mais do que pensei ser possível. Como ele pôde brincar comigo dessa forma, se tudo o que eu fiz foi ser sincera com ele?

Rapidamente ligo o carro e o coloco em movimento, e ao passar por eles nossos olhos se encontram, só então deixo as lágrimas caírem com o meu coração se partindo em mil pedaços novamente.

Capítulo 7

Felipe

Quando eu a vi ali parada e olhei em seus olhos, sabia que devia ter tido o bom senso de me virar e ir embora, mas não conseguiria parar o meu desejo. Agora, deitado ao seu lado, não sei mais o que pensar. Naquele momento, não me importei com mais nada, só precisava tê-la novamente. Sabe, quando você está diante de um precipício e mesmo tendo a ideia do quanto irá sofrer com a queda, você pula? É bem isso que a Ísis faz comigo, a loucura de pouco me importar com o amanhã.

Ela até tentou conversar sobre nós, mas eu só queria senti-la novamente. Eu sabia que estar com ela, dentro dela, expulsaria qualquer sanidade que restasse em mim. E naquele momento eu precisava disso. A minha necessidade por ela era tanta que nem mesmo me preocupei com o fato de não ter preservativo. E senti-la, pela primeira vez sem barreira alguma entre nós foi algo mágico. Ísis me transportou para lugares já esquecido, revivi o que fingi não me lembrar mais, e quase implorei para que essa noite fosse eterna. Mas ela não será, então me entreguei loucamente a ela.

Depois de ter tido o melhor sexo da minha vida, onde entreguei meu corpo, alma e coração, fico observando Ísis adormecer enquanto as velhas questões se aproximam.

Será que ela se pergunta o que poderíamos ter sido? E mesmo que isso machuque, ainda que pensar em como foi doloroso depois que ela se foi, eu não quero conversar sobre o que passamos. Embora doa muito, é passado.

Ela tomou a decisão que achava certa, e eu tentei seguir em frente e, de alguma forma, foi o que ela fez também. Não há mais nada a dizer. Eu quis acreditar que a perdoaria, e mesmo agora, sentindo seu corpo junto ao meu, tão vívido como meu desejo e amor, permanece a mágoa.

O silêncio paira no quarto e Ísis permanece em meus braços. Continuo observando seu rosto angelical e dói encará-la ao pensar no que um dia fomos, então sinto uma repentina tristeza me invadir. Ísis se vira de lado e meus pensamentos continuam vagando em como foi difícil seguir e percebo que não quero lutar, que não quero acreditar nessa ilusão. Beijo sua pele delicadamente, inalando o seu perfume e toda essa carga de sentimentos me deixa exausto.

Escuto meu telefone vibrar, e mesmo sabendo que é a Flávia, eu não o pego, preciso dessas horas antes de voltar para a minha vida, para a vida que Ísis deixou para trás. Observo cada traço do seu rosto e sinto as feridas se abrindo novamente. Eu a amo e não quero amá-la de maneira alguma, é tão confuso. Ao pensar em Flávia, eu me sinto mais esgotado. As brigas têm se tornando cada vez piores, e antes mesmo de Ísis voltar para as nossas vidas, eu já me sentia sufocado e um tanto perdido.

Faço uma retrospectiva da minha vida desses longos cinco anos – senti dor, raiva e culpa. Não sei se quero passar por tudo novamente com Ísis, mas também não sei se conseguirei ficar longe dela.

Confiro as horas no telefone e sei que não posso prolongar isso. Eu me desvencilho delicadamente dela e a encaro pela última vez.

— Me desculpe por isso, bonequinha, mas a vida tem dessas. Você pode achar que daremos certo novamente, mas esse sentimento não me cega mais. É difícil ter que escolher me distanciar, mas esse sentimento não precisa ferir mais do que já nos feriu. Se você tivesse me contado tudo antes e pedido para te esperar, eu o teria feito, o tempo que fosse necessário. E você

sabe disso. Mesmo que ninguém acreditasse em você, eu esperaria. Mas hoje, depois de tudo, faço a mesma escolha que você fez anos atrás. Eu escolho me afastar. Sei que não sou forte o suficiente para passar por tudo novamente. — Beijo seus lábios, sentindo um nó na garganta. — É assustador recomeçar, sei disso, eu poderia até te ajudar a encarar esse medo, mas percorremos caminhos diferente e hoje não posso mais. Não me culpe por isso — digo, passando o polegar por seus lábios.

“Você fez a sua escolha e me forçou a tomar outro caminho. E foi difícil, muito difícil. Tem ideia do que é implorar para tudo ter um fim? Do que é amar tanto e se sentir tão sozinho com o seu amor? Sua partida me ensinou que às vezes o amor não é suficiente, e o nosso não foi. Eu sei que essa noite vai doer em nós, que vai me assombrar pelo resto da minha vida, você já deve saber que não sou bom em esquecer, não quando se trata de você. E não estou sendo hipócrita, mas me desculpe, bonequinha, não estou pronto para encarar isso de novo. Sinto muito.”

Eu a beijo, querendo que isso transmita todo o meu amor e dor que estou sentindo. Eu me levanto, lutando contra o desejo de permanecer, me visto e deixo o dinheiro para a pílula do dia seguinte antes de escrever um bilhete para ela. Caminho até a porta e antes de sair, olho uma última vez para o seu rosto. Odeio o fato de sair assim, mas não tenho coragem de dizer tudo isso olhando em seus olhos e, para ser sincero, eu perdi a fé nas palavras, elas vêm e vão fáceis demais.

Não é um jogo ou vingança, o nosso amor se quebrou e não existe cura para feridas que não querem cicatrizar.

Já em meu carro, eu observo as estrelas enquanto dirijo. O telefone vibra novamente, e mais uma vez eu o ignoro. Meus pensamentos gritam juntamente com a dor. Sinto as lágrimas e sei que momentos de prazer logo irão se converter em lembranças eternas, e com elas o desejo de querer

novamente estar em seus braços. Assim que entro no meu apartamento, eu me deparo com as várias fotos de Flávia. Sigo direto para o quarto e ao abrir o meu guarda-roupa e ver as roupas dela, eu me sinto péssimo.

Rapidamente troco de roupa e me deito na cama fria. Sentir o cheiro de Ísis em mim torna tudo pior. Pego o celular e vejo mais de quinze chamadas perdidas da Flávia. Olhar a sua foto me deixa arrasado, nem preciso dizer como a culpa me pega de jeito. Vou lendo as suas mensagens e a última me desmorona.

*Amor, por favor, eu não deveria ter
feito isso, eu te amo tanto, não quero te
perder. Sei que errei, mas, porra,
Felipe, como se sentiria se estivesse em
meu lugar? Por favor, eu te amo. Sei
que está magoado, mas me responda,
por favor.*

Eu respiro fundo, tentando me controlar. Se fechar os olhos, sei exatamente o estado em que Flávia estava quando escreveu cada palavra, posso sentir o seu desespero. Não é a primeira vez que chegamos a isso.

Mas pensar em tudo só faz com que eu me sinta pior. Flávia não merece sofrer por minha causa. Droga! Eu tentei, pedi tanto para que meu coração a escolhesse, mas ele continuou todos esses anos fiel a Ísis, mesmo que ela tenha me abandonado. Não sei se sou masoquista ou se o meu coração é, mas não posso permitir que ela sofra pelas decisões que Ísis e eu tomamos. Apesar de ser errado, não sou idiota, sei o que estar com Ísis me proporciona. Deus, não suporto mais essa pequena distância, já começou a doer. Como esse sentimento pode me tomar por completo? Que droga de

amor é esse?

Deixo o telefone de lado, decidido a entrar em contato com a Flávia assim que acordar. Não tenho condições psicológicas para mais uma conversa longa a respeito de nós dois. Se é que existe ou se quero que continue existindo um “nós”.

Tudo fica confortavelmente quieto e quando estou quase sendo vencido pelo sono, ouço meu celular tocar. Chego a cogitar a ideia de ignorar a chamada, mas assim que vejo que a ligação é da minha mãe, eu atendo.

— Oi, mãe, aconteceu alguma coisa? — pergunto, torcendo para que a Flávia não tenha contado que terminamos.

— Ontem eu liguei para a Flávia depois que a Mari me contou o que houve no jantar. A Flávia me disse que vocês terminaram. Eu fiquei preocupada com você e fui até o seu apartamento, mas não o encontrei. Não me diga que você foi atrás *daquelazinha*!

Fecho os olhos ao ouvir a voz decepcionada da minha mãe.

— Mãe, eu não quero...

— Não quer o quê? Felipe, o que pretende fazer? Por que agiu assim? Onde quer chegar com isso?

— Eu sei que está preocupada, mas é justamente isso que atrapalha, e muito, o meu relacionamento com a Flávia. A senhora, a Mari, os pais dela, todos estão sempre se metendo na nossa vida. Qualquer coisinha a Flávia vai reclamar com vocês, ela esquece que o relacionamento de um casal é composto por *duas* pessoas e...

— Não tente desviar o assunto, que tenho certeza que foi o motivo da briga entre vocês. Você dormiu com Ísis, não foi? — ela diz, me interrompendo.

Merda! Nunca menti para a minha mãe e não vai ser agora que vou começar.

— A Flávia e eu terminamos, então passei a noite com ela sim.

— Deixe-me ver se entendi direito. — Ela dá uma risada irônica. — Você terminou a menos de vinte quatro horas, ou melhor, tiveram uma pequena discussão como estão acostumados a ter, então se sentiu livre para ir correndo atrás *daquelazinha*. Felipe, você sabe que a Flávia se preservou esse tempo todo e...

— Estou cansado dessa história, cansado de tudo. Podemos conversar em outro momento — digo, respirando com pesar. Parece que isso nunca vai ter fim.

— Até imagino o porquê! — ela diz, irônica.

— Reconheço que não agi certo, mas não foi por causa da Ísis que brigamos. Estou cansado de tanta cobrança, de tanta gente se metendo na minha vida. Eu sempre a respeitei e a valorizei muito, mas não consigo mais aguentar as crises quase que diárias de ciúme da Flávia. Sem contar essa cobrança em relação ao casamento. Hoje eu *não* quero me casar, mas quem sabe amanhã eu queira. Isso tem que ser entre nós. Você não tem nada a ver com isso, a Mari não tem nada a ver com isso, muito menos os pais da Flávia. Ela sempre soube como seria o relacionamento comigo, sempre fui muito aberto quanto a isso, e se não estamos mais pensando da mesma maneira, para que continuarmos juntos, brigando a cada poucos minutos?

— Estou magoada com você, Felipe. Eu achei que a maneira como aquela garota o abandonou tivesse sido o suficiente para que você a esquecesse. Mas agora tenho certeza que não. Eu vi o quanto você sofreu e dói saber que ela só voltou para te destruir outra vez. Só que agora é diferente, tem outra pessoa nessa história que hoje está sofrendo. Se pretende voltar para a Ísis indo contra todos, só peço que a mantenha longe de nós. Não iremos agir como se nada tivesse acontecido.

Cada vez mais me dou conta de que eu não precisaria passar por nada

disso se a Ísis tivesse me contado os verdadeiros motivos por ter ido embora antes de eu me envolver com a Flávia. Mas, novamente, isso é passado. Agora estou vivendo em um inferno e nem sei como sair dele.

— Pare, mãe. Eu não vou voltar para a Ísis e nem para a Flávia. Pelo menos, não hoje. Eu quero um tempo para mim, um tempo para pensar. As minhas férias já venceram e estou pensando em viajar sozinho para me encontrar. Só peço que a senhora e a Mari respeitem a minha decisão de ficar sozinho nesse momento. Eu “acho” muita coisa sobre o casamento da Mari, assim como sobre a sua vida e a dos pais da Flávia, mas nem por isso eu me intrometo. Eu espero o mesmo respeito que dou a vocês no meu relacionamento com a Flávia. E se eu voltar com ela, será para viver uma relação a dois, e é isso que eu quero que ela também entenda.

— Tire esse tempo para você e pense no que quer da sua vida. Eu sei que você é homem o suficiente para assumir as responsabilidades, mas te peço que não diga a Flávia que dormiu com a Ísis. Ela te ama muito e sei que ela não vai aguentar saber a verdade.

— Eu conheço bem a Flávia e sei que ela já está achando isso. A primeira coisa que ela vai me acusar é de ter dormido com a Ísis, mas, como eu disse, nós terminamos antes. Ela queria que eu marcasse a data do casamento, senão terminaria comigo, e foi isso que ela fez. Já disse e repito, eu não quero me casar hoje. Então eu não a traí, sei que para a senhora é como se fosse isso, mas não foi.

— Se a sua consciência diz isso, quem sou eu para falar o contrário. Só peço que não faça a Flávia sofrer mais, porque ela não merece passar por isso.

— Preciso desligar agora — eu digo e ela desliga logo em seguida, sem dizer nada.

Eu sei que a magoei, mas não posso continuar vivendo a minha vida

como a minha mãe, a Mari e os pais da Flávia querem. A vida é minha. Coloco o telefone ao lado e minutos depois ele volta a tocar, ignoro sem ver quem é e volto a tentar dormir com as palavras da minha mãe pesando em mim.

Um bom tempo depois, eu acordo com o telefone tocando, até tento ignorar, mas a pessoa não parece disposta a desistir.

— Alô? — Atendo com a voz ainda sonolenta sem olhar o visor.

— Meu Deus, Felipe, onde você está? Estou ligando faz tempo e nada de você atender — minha mãe diz.

Olho o relógio e vejo que já passa das quinze horas. Dormi a manhã toda.

— O que aconteceu? — Eu me sento, desnortado.

— A Flávia está no hospital.

— O quê? — Eu me levanto rapidamente e me visto enquanto falo com a minha mãe. — Mas o que aconteceu? — Procuro a carteira e a chave do carro. — Em que hospital ela está?

— No que eu trabalhava. Chegando aqui eu te explico, mas não demore, por favor.

Termino rapidamente de me arrumar e sigo para o hospital, e enquanto dirijo, sinto uma imensa culpa por qualquer coisa que tenha acontecido com ela. Eu não retornei as suas ligações e sabia que ela não estava bem. Meu Deus, a minha vida já é tão complicada e agora tem mais isso.

Assim que estaciono o carro, eu pergunto pela Flávia na recepção e sou informado do andar no qual ela se encontra. Sigo para lá e logo vejo a minha mãe, que assim que me vê se levanta e vem em minha direção, se afastando dos pais da Flávia, que nem notam a minha presença. Vejo que seus pais estão abraçados, chorando, então me sinto o pior dos homens por

saber que, o que quer que tenha acontecido com Flávia, devo ter parte nisso.

— Como ela está? — pergunto assim que me aproximo.

Minha mãe me puxa para um canto mais afastado enquanto me olha severamente.

— A Flávia foi encontrada desmaiada no banheiro com um frasco de *Dieloft* ao lado. Os médicos a examinaram e constataram que ela ingeriu uma alta dose. Foi feita uma lavagem estomacal e agora ela está com o psicólogo. Acreditamos que ela terá alta assim que ele terminar de atendê-la.

— O quê? O que é isso?

— É um antidepressivo.

— Meu Deus! Mas a Flávia não toma nenhum tipo de medicamento. Ela tentou...? — Nunca pensei que ela chegaria ao ponto de tentar suicídio.

— Você sabe o que ela tentou fazer e o porquê. Felipe, essa menina te ama e por mais errada que tenha sido a atitude dela, só demonstra que o que ela sente é muito forte. Mas um amor assim, que é capaz de matar, não é saudável para ninguém. Ela precisa de ajuda, então reveja a sua decisão e estenda a mão para quem estendeu para você quando precisou.

Sei que ela está certa. Flávia não merece nada do que está passando e só de pensar que ela poderia estar morta enquanto eu me saciava com Ísis faz com que eu me sinta horrível. Recebo uma mensagem e vejo que é de Ísis. Respondo dizendo estar ocupado, que nos falaremos depois, e sem pensar duas vezes, eu desligo o telefone.

Cumprimento os pais de Flávia, que mal respondem, obviamente, eu sou o vilão da história. Não basta a minha consciência estar gritando o quão egoísta eu fui, ainda tenho que aturar esse desprezo mais do que merecido. Mas eu estava ciente que a minha noite com Ísis teria consequência, mas mesmo assim eu não me arrependo.

Não sei o que fazer e nem como agir nesse momento, nunca me

imaginei vivendo uma situação como essa, mas preciso ajudar a Flávia. Não posso simplesmente achar que ela tem que aceitar o término do relacionamento, uma vez que agora sei que ela não está muito bem. Penso em Ísis, em nós e sei que isso não tem dia nem hora para acabar e, novamente, sei o que virá a seguir. O amor nos torna insanos ao ponto de desejarmos até tirar a nossa própria vida. Eu já me senti assim quando Ísis me deixou. Então não posso julgá-la, eu já quis morrer por amar Ísis e por saber que o meu amor não foi suficiente para fazê-la ficar. Eu sei exatamente como a Flávia se sente nesse momento e como é amar mais alguém do que a si mesmo.

O médico aparece e conversa com os pais dela, que em seguida entram no quarto. Minutos depois ele sai e vem até onde estou.

— Felipe, a Flávia quer ver você.

Eu aceno com a cabeça e sigo para o quarto. Assim que entro, eu vejo sua mãe segurando a sua mão enquanto chora, então me aproximo, sentindo o peso da culpa. Ao vê-la tão abatida, sou corroído pelo remorso. Ela me encara e pede para a mãe nos deixar sozinhos, e mesmo relutante ela o faz. Eu me aproximo com cautela, sem saber o que dizer. Flávia começa a chorar e abandonando qualquer receio, eu a abraço e sinto suas lágrimas.

— Me desculpe — sussurro.

— Eu te amo tanto, não queria te perder, mas...

— Esquece isso, não me perdeu, estou aqui.

Ela olha em meus olhos, mas não diz nada. Ela parece querer perguntar algo, mas se mantém calada.

— Flávia, vai ficar tudo bem.

— Vai mesmo? — ela pergunta e sei o que espera ouvir.

— Sim, está tudo bem. Estou aqui — digo e beijo a sua testa.

Ela me puxa para mais perto e me beija. Logo em seguida o médico volta e dá alta a ela. Eles fizeram o procedimento padrão em casos como esse.

O psicólogo recomenda continuar a terapia e dá o encaminhamento para o psiquiatra.

Flávia prefere ir para a casa no meu carro, e o restante da tarde ela recebe a visita do irmão com a cunhada, da Mari, Léo e os gêmeos, enquanto eu só recebo olhares acusatórios, e a todo momento tento reprimir os meus pensamentos, que estão em Ísis.

Na manhã seguinte ela insiste que está bem para ir trabalhar e como ninguém consegue convencê-la do contrário, prometo aos pais dela que ficarei atento. Passamos rapidamente no meu apartamento antes de seguir para o banco e estranho o fato de ela agir como se nada tivesse acontecido. Talvez seja melhor assim.

Assim que desligo o carro no estacionamento do banco, sinto uma sensação ruim. Eu desço do carro e dou a volta para abrir a porta para a Flávia, que assim que sai, se aproxima e me beija.

— Felipe, eu não quero que ninguém fique sabendo que...

— Fique tranquila, não irei...

Vejo um carro vindo em nossa direção e ao passar por nós eu reconheço a Ísis. Fico chocado, mas me esforço para agir normalmente com a Flávia, não querendo deixar que ela perceba a dor me consumindo por ver a mulher da minha vida parecendo devastada se afastando de mim.

Capítulo 8

Ísis

Dirijo pelas ruas tentando ser forte, mas sinto como se o meu coração tivesse sido arrancado de mim mais uma vez. Até respirar se torna um sacrifício. E já banhada em lágrimas e sem forças para resistir, paro no acostamento, tentando entender onde errei. Que fiz de tão grave para ele ter agido tão friamente, para ter brincado comigo dessa forma? Choro desesperadamente e mesmo implorando por respostas, nada vem. Os carros continuam passando por mim e tudo perde o sentido, sinto apenas a minha dor latejante. Eu perco a noção do tempo quando as lembranças da nossa noite vagam em minha mente, enquanto sinto todos os meus sonhos desmoronarem.

Ainda que eu implore, nada alivia a dor. Foram cinco longos anos esperando por ele e no fim não resta mais nada. Mas como pode não significar nada, se quando Felipe estava comigo ele conseguiu me trazer de volta à vida? Não entendo. Eu tinha certeza que ele estava sentindo o mesmo que eu, então por que chegamos a isso?

O meu telefone toca e eu gostaria que fosse ele me dizendo que errou, que sente muito, que tentaria curar o que estou sentindo. Poderia até dar uma desculpa esfarrapada que eu aceitaria, mas ao olhar a tela vejo que é Marcos. Tento me recompor e sigo, imersa nessa melancolia, para a empresa. Ao estacionar, eu me deparo com Monique saindo do carro ao meu lado. Demoro um pouco para sair do carro, querendo que ela se afaste, mas isso não dá certo, ela me espera sair e quando o faço, ao notar o meu estado, ela se

aproxima. Não tenho forças sequer para afastá-la quando ela me envolve em seus braços. E era isso que eu precisava para desmoronar de vez. Choro tudo o que preciso enquanto sua mão desliza pelas minhas costas de maneira reconfortante.

— O que aconteceu, Ísis? — Ouço a voz de Marcos atrás de mim, então me afasto de Monique, pedindo desculpas a ela.

— Marcos, vou levar a Ísis para dar uma volta e de lá vou embora. Miguel disse que você irá buscá-lo na escola, só passei aqui para confirmar.

— Eu irei pegá-lo sim, Monique. Ísis, não precisa voltar se não estiver bem.

— Obrigada, Marcos. — Eu tento sorrir em agradecimento, mas não consigo.

— Vamos, Ísis?

Caminhamos em silêncio até uma praça próxima ao escritório e nos sentamos em um banco ao lado de um pipoqueiro. Ficamos em silêncio por um tempo, mas ao perceber que estou longe de falar alguma coisa, Monique o faz.

— Pelo menos uma vez na semana eu trago Miguel a essa praça. Sempre nos sentamos neste banco e comemos pipoca, então ele começa a falar sem parar — ela fala enquanto sorri, como se estivesse vendo o filho.

— E o que aconteceu depois que fui embora, digo, em relação à gravidez?

— Não foi fácil, Ísis. — Ela suspira. — Acho que toda mulher, quando engravida, espera ter o apoio da sua família e do pai do seu filho, ainda mais quando você o ama. Mas no meu caso foi totalmente diferente. O Marcos só me apoiou financeiramente até o dia do parto. Naquele dia, eu me senti tão sozinha, mas aí ele apareceu no hospital e ficou ao meu lado o tempo todo. Acho que ter presenciado o parto mexeu com ele, desde então ele

não desgrudou mais do Miguel. Na semana seguinte ao nascimento, os pais dele foram me conhecer, a mãe dele ficou impressionada com a semelhança entre os dois, nunca questionaram a paternidade. Marcos o registrou e eles disseram que queriam ser presentes na vida do Miguel, e eu não me opus. Demorou mais para os meus pais conhecê-lo, e quando aconteceu, eles se apaixonaram também. Um filho muda muito a nossa cabeça. Eu não me importo se não gostam de mim, desde que amem o meu filho. — Ela sorri e desconheço essa Monique à minha frente.

— Ele parece ser um bom pai e vocês parecem se darem melhor também.

Assim que as palavras deixam a minha boca, ela dá um sorriso enorme.

— Com Miguel ele é perfeito, mima demais o garoto e eu saio como a bruxa má da história. Quero que o meu filho cresça entendendo que nem tudo é fácil. Já comigo é diferente. Ele é um pilantra, você o conhece, então pode imaginar como é...

— Mas se você ainda gosta dele, por que não se casaram, já que continuam juntos?

— Não estamos juntos. Marcos não entende que eu quero mais do que uma conta no banco e um cartão sem limites, Ísis. E justamente por me proporcionar isso, ele acha que não posso reclamar. Jura me amar, mas continua o mesmo galinha de sempre. Ele me propôs casamento várias vezes, só que é mais por uma questão de segurança para ele em relação ao Miguel. No fundo, ele não quer deixar de transar com várias mulheres diferentes no decorrer da semana.

— Se você não é feliz com a vida que tem, por que não dá um basta nessa situação?

— Eu não sei. Faz dois meses que não temos nada, mas, na verdade,

eu gostaria que ele mudasse. Não é fácil ouvir o filho perguntar porque seu papai não mora com ele como a maioria dos seus amiguinhos.

— Entendo. Talvez, quando ele perceber que está te perdendo, ele mude. Espero que não seja tarde demais.

— Também espero, Ísis, mas aos poucos ele está me perdendo e não percebe, ou talvez não se importe. Mas, mudando de assunto, o que aconteceu para você ter ficado naquele estado? Se não quiser me contar eu entendo, mas às vezes é bom ter alguém para conversar.

— Eu realmente preciso de alguém para conversar, alguém que não seja apenas a minha psicóloga. — Nós duas sorrimos. — Monique, sei que não deveria perguntar, mas o Felipe te procurou quando eu fui embora?

— Primeiro para devolver as suas roupas, naquela ocasião ele parecia estar com muita raiva. Depois de alguns meses ele me procurou, desesperado, parecia tão mal, mas eu não tinha notícias suas. Mesmo assim ele insistiu muito e ficava me ligando. Eu fiquei com tanta pena que pedi ajuda ao Marcos, foi então que soube que você estava na Alemanha. Quando contei a ele o seu paradeiro, ele ficou desolado. — Meus olhos se enchem de lágrimas. — Vocês pareciam ser tão felizes e de repente aconteceu isso. Felipe ficou muito mal mesmo, e é uma pena não estarem mais juntos. Você está assim por causa dele?

— Por ele, por nós. Meu pai me obrigou a ir embora, fui obrigada a deixá-lo. Fui privada de qualquer contato durante todos esses anos. Mas pensei nele todos os dias, chorei por nós dia após dia. — Enxugo minhas lágrimas. — Mas se ele me amava, como ele e Flávia se...?

— Ela não dava trégua. Sempre que eu o via, lá estava ela. Felipe mudou muito, passou a mal me cumprimentar, não por falta de educação, você o conhece, sabe que isso ele tem de sobra. Mas acho que passou a evitar tudo que lembrava você. Um dia soube pelo Marcos que os dois estavam

juntos. Marcos ainda fez um comentário idiota a respeito de ele ter demorado tanto para estar com outra. — Ela bufa. — Mas ele sabe por que você foi embora?

— Sim. Nós conversamos, mas mesmo dizendo que me perdoa por tudo o que eu o fiz passar, Felipe está irredutível. E ele acha que é impossível ficarmos juntos porque ele tem um relacionamento estável agora. O problema é que eu ainda o amo muito, mas no fundo sei que a mágoa foi capaz de apagar tudo o que tivemos um dia.

— Eu sei o quanto dói, Ísis, mas dê tempo ao tempo. Se ele ainda sente algo por você, não acredito que a mágoa irá afastá-los.

— Eu também achava que não. Achava que o amor que sentimos um pelo outro talvez fizesse com que voltássemos, mas hoje tive a certeza que não.

— Por que teve certeza?

— Tivemos uma noite perfeita. Ele foi ao hotel, passamos a noite juntos, foi tão perfeito que acreditei que teríamos um novo começo. Mas quando acordei, Felipe já tinha ido embora. — Monique fica boquiaberta. — E como forma de agradecimento “pela noite maravilhosa”, ele deixou um bilhete. Tentei ligar para saber o que tinha acontecido, mas não obtive resposta, e hoje, quando eu fui até o banco falar com ele, eu o encontrei aos beijos com a Flávia.

— Que pilantra, mas ele te viu? — Monique parece chocada.

— Tenho certeza que viu, mas não esperei para confirmar. Nem precisa dizer como me sinto agora, né?

— Poxa, Ísis. — Ela me abraça. — Jamais imaginei que Felipe pudesse fazer uma coisa dessa. Quer dizer, foi ele que te procurou mesmo namorando com a Flávia. Uma safadeza da parte dele.

— Antes de ir me ver ele disse que tinham terminado e agora eu me

sinto uma idiota por ter acreditado. O Felipe que eu conheci nunca teria feito isso comigo.

— Sinto muito por você, mas pelo que eu soube, ele e a Flávia têm um relacionamento meio conturbado. Ela é muito ciumenta, então talvez eles tenham terminado e depois reataram — Monique diz, mas nem mesmo ela consegue acreditar nisso. — Ela é tão ridícula, que só me cumprimenta dentro do banco. Às vezes encontro Felipe por aí, e quando o cumprimento ela me olha de cima a baixo e ainda fica emburrada. É muito estranho.

— Ela já pediu para que eu respeitasse o relacionamento deles, e sei que deveria fazer isso, mas é difícil quando se ama. Acho que agora eu consigo te entender. — Monique não diz nada. — A noite de sábado foi muito especial para mim, mas depois que os vi juntos, não sei ao certo se significou algo para ele. Eu me sinto tão usada, tão magoada.

— Ah, Ísis, sei o quanto magoa, já passei por isso. Se fosse o Marcos no lugar do Felipe, eu nem me daria ao trabalho de lutar por aquele cachorro, mas Felipe não faz esse tipo. Sei lá, deve ter algum motivo para ele ter agido assim.

— Acho que não. Foi só isso, uma noite e mais nada.

— Eu nem sei o que dizer. Acho que são situações diferentes e somente você pode dizer se vale ou não a pena insistir nisso. Eu não sou boa com conselhos. — Ambas sorrimos. — Nunca fui e você sabe bem disso, mas se precisar de alguém para conversar que não seja a sua psicóloga, estou aqui.

Ficamos em silêncio por alguns minutos até que Monique decide mudar de assunto e conta mais sobre Miguel. Eu percebo que ele realmente mudou a sua vida. Conversamos mais um pouco, então pego o número do seu telefone e prometo manter contato. Volto para a empresa e me esquivo de qualquer conversa que não seja sobre trabalho com Marcos. No horário de ir

ao banco, pergunto se ele pode ir no meu lugar. Ele não parece gostar, uma vez que fui contratada para isso, mas simplesmente pega o malote que havia colocado sobre a mesa e sai sem dizer nada.

As horas passam lentamente e quando chega a hora de almoço sei que preciso comer alguma coisa, ainda que não sinta fome. Vou ao restaurante próximo ao escritório e ao me sentar à mesa, lembranças surgem novamente. Por que o Felipe me tratou da pior forma possível? Por que mentiu? Por que me fez ter esperança?

O garçom se aproxima, então faço o meu pedido. Minutos depois o meu telefone toca. Felipe. Eu até cogito atender, mas desisto. Se eu significasse alguma coisa para ele, deveria ter me procurado antes. Almoço rapidamente, sem vontade alguma, e volto à empresa, me concentrando no trabalho o resto do dia.

No fim do expediente, sigo para o hotel com lágrimas nos olhos. Como tinha combinado semana passada com o corretor, hoje preciso encontrá-lo para pegar as chaves do meu apartamento. Depois de um banho rápido, vou ao encontro do corretor, pego as chaves e entro no meu carro. Mas penso se não seria o momento de desistir. Por que preciso de um apartamento, se nada mais me prende aqui? Insistir no quê, e para quê? Por que simplesmente não faço as malas e vou embora?

A verdade é que mesmo sem voz, meu coração se nega a aceitar que perdeu. Mesmo sem esperanças e sentindo tamanha dor, sei que não consigo dar outro passo para longe dele. Então me forço a continuar, a seguir sem ele. Até penso em ir ao apartamento, mas não posso, não hoje, não quando não restou força para isso.

Volto para o hotel e me sentindo fracassada, esgotada, eu me tranco no quarto. Fico silenciosamente esperando a cura para a minha dor, mas é inútil. Fecho os olhos e consigo senti-lo comigo e talvez essa seja a forma

mais cruel de enlouquecer.

Mais tarde, depois de jantar, eu converso com Karen e ela reforça o que já havia dito na terapia. Quando finalmente eu me deito, sinto que os cinco anos que passei sofrendo foram em vão. Cinco longos anos esperando um sim. E em meio às lágrimas, eu começo a rir, a gargalhar da minha desgraça, da minha infelicidade, da minha solidão. Eu, que cresci acreditando nos milagres do amor, estou sozinha em um quarto de hotel, enquanto a única pessoa que amo está com outra. Pego o telefone e abro a foto do Felipe com a Flávia no *WhatsApp*. Quem diria que eu teria inveja dela? Amplio a foto, procurando a felicidade em seu rosto, mas tudo que vejo é um sorriso forçado.

Na manhã seguinte, eu quero me forçar a ficar bem, a fingir que esqueci, que esse amor não faz sentido e que vou sobreviver, seguir em frente, assim como ele fez. Eu me arrumo, lembrando-me que houve um tempo em que isso era prazeroso, mas agora não faz diferença. Ao me olhar no espelho eu forço um sorriso, um quase tão falso quanto o do Felipe com a namorada.

O início do meu expediente é sobrecarregado pelo estresse do Marcos. Sinceramente, nunca imaginei que ele fosse tão obstinado em se tratando de negócios. Quando o horário de ir ao banco se aproxima, ele me entrega três malotes, deixando claro que está atrasado e não poderá fazer esse “favor” para mim hoje. Ele sai intempestivamente da minha sala, sem me deixar argumentar. Olho os malotes e percebo que terei que encarar o Felipe. Ele tentou entrar em contato apenas uma vez e não insistiu. Essa atitude deixa claro o quanto insignificante sou para ele.

Concluo o meu relatório e alguns minutos antes das onze eu saio, com o intuito de não dar tempo de ser atendida por ele. Sigo pelas ruas tentando achar sentido nessa loucura. Por que esse amor se nega a morrer? Por que ele

continua vivo em meio a essa dor?

Chego e apesar de ver Flávia em sua mesa, não me atrevo a encará-la. Peço a atendente para entregar os malotes ao Felipe, mas ela diz que ele me aguarda. Então sigo pelo corredor, sentindo o olhar da Flávia em cada passo que dou. Abro a porta da sua sala sem bater e o encontro sentado à mesa. Seu perfume novamente me envia às lembranças dolorosas, que se misturam ao desejo, formando um sentimento tóxico e viciante.

Tento ignorar tudo o que a sua presença me causa, mas isso me domina. Ele levanta o olhar até o meu, e então percebo que esse amor é maior do que eu, frágil e prisioneiro.

— Ísis — diz meu nome e aponta para uma cadeira em frente à sua mesa.

Eu me aproximo, sentindo um gosto amargo na boca, e nem me dou ao trabalho de sentar, simplesmente coloco os malotes sobre a mesa e me viro para sair. Assim que dou o primeiro passo, eu congelo quando a sua mão quente toca o meu ombro.

— Eu não tenho muito tempo e nem quero prolongar isso. Sei que deve estar decepcionada achando que menti para você, mas...

— Você não faz ideia de como estou me sentindo, então dispenso o que acha que preciso ouvir. — Eu me viro e o corto rispidamente. — Só me diz uma coisa, quando foi que se tornou esse pilantra que brinca com os sentimentos de alguém?

Eu o vejo engolir em seco e me afasto da sua mão.

— Não estou brincando com você. — Ele desvia o olhar. — Nós tínhamos terminado.

— Então, por que foi embora tão sorrateiramente? Por que estava com ela ontem?

— Eu não menti. — Ele respira fundo e volta a me encarar. — Mas

nós conversamos e... Decidimos voltar. Era o certo.

— E você só se deu conta disso depois de transar comigo? Nossa, como você mudou — afirmo, amargurada.

— Não foi da forma como você acredita ter acontecido. Sei que está magoada e se estivesse em seu lugar eu também estaria. — Ele respira fundo, procurando as palavras certas, se é que existem. — Ísis, sinto muito por você ter acreditado que tudo voltaria a ser como antes, sinto muito por ter de alguma forma contribuído para isso. Não era a minha intenção te machucar, mas a verdade é que esse sentimento já nos feriu demais.

— Você não pode estar falando sério. Está tentando me dizer que não me ama mais? Vejo em seus olhos que é mentira.

— Eu não disse isso, mas de que adianta te amar? — Ele altera a voz. — Me diz o que adianta percorrer esse caminho, se no fim nós sabemos onde isso vai dar? Eu pensei sobre isso, sobre nós, passei a noite lembrando, na verdade, nunca esqueci. Nunca esqueci o dia em que eu te vi pela primeira vez, quando fomos ao cinema, eu revivi cada encontro, mas a verdade está clara. Você está magoada e não tiro a sua razão. Mas não consigo fingir que nada aconteceu, não dá para esquecer que você me abandonou.

— Você sabe o motivo — digo com rancor.

— Eu sinto muito.

— Depois de saber toda a verdade, você está escolhendo a Flávia? É isso? — pergunto, a dor me rasgando ao meio.

— Eu nunca teria escolhido a Flávia, e você sabe disso. Eu escolhi você e você me deixou. Nunca imaginei que eu... Que tudo que vivemos ainda era real para você. Com os anos, eu aprendi a seguir em frente, deixei a Flávia se aproximar, e só não posso deixá-la porque você guardou tudo isso, entende?

— Então é o fim? Está em dizendo que acabou? — Sinto minhas

lágrimas e meu desespero crescendo em mim. Meu Deus, eu não aguento mais isso. — Você não a ama. Como pode continuar com ela se não a ama?

— Eu te amei e para onde isso me levou? O que essa droga de sentimento nos fez? Olha para você. Olha para mim. Até quando vamos continuar com isso? Eu deveria te perdoar, tentar esquecer, mas não consigo. Provavelmente você também não irá me perdoar por isso, então sim, eu te amo, mas acabou e eu sinto muito por isso. Dói em mim, ainda que não acredite.

— Você vai se arrepender tanto quanto eu me arrependi por ter ido embora, Felipe.

— Tenho certeza disso, mas ao contrário de você, consigo viver com isso também — ele diz, tentando se recompor. — Eu desejo que seja feliz e...

— É isso? Não consegue me perdoar e está desistindo.

— Existem outros motivos, mas acho que não lhe diz respeito. É melhor assim.

Continuo perplexa. Está tudo tão confuso, não entendo. Ele diz que me ama, que é o fim e que tem certeza que irá se arrepender. Ele está querendo se vingar?

— Foi só sexo? — eu pergunto, sem querer aceitar o fim.

— Você me conhece. — Ele simplesmente fica ali, parado, me vendo chorar. — Nós dois precisávamos daquela noite, e se sentiu tudo o que eu senti não faria essa pergunta. Mas não existe nada a favor desse relacionamento. — Ele respira com pesar e conclui. — Tem mais alguma coisa que eu possa fazer por você?

A indiferença que vejo em seu rosto acaba comigo.

— Tem sim. Vai para o inferno! — disparo.

Felipe se aproxima mais, mas a porta se abre de repente e Flávia entra. Ele tenta se recompor, mas Flávia nota que algo estava acontecendo, já

que direciona seu olhar com ódio para mim. No entanto, nem tenho motivos para uma discussão, está mais do que claro o final dela.

— Tenham um bom dia — digo sem olhar para nenhum dos dois e saio da sala.

Percebo que para o Felipe essa conversa acabou, ele fez a sua escolha. É difícil, eu sei, mas tudo que me resta fazer é seguir em frente. Por mais que eu queira ir embora para qualquer outro lugar, de nada adiantaria, já que independentemente de onde eu for, Felipe vai continuar dentro de mim. A vida se resume a escolhas e agora estou pagando pelas minhas – os erros que cometi tentando acertar. Mesmo colocando todo o meu amor a prova, tentei preservá-lo, mas de nada adiantou. Para Felipe, todas as decisões que ele tomou depois que fui embora foi por minha culpa, e nada o convencerá do contrário.

Estaciono o carro em frente ao escritório e assim que entro no edifício, ouço os gritos do Marcos. Não sei o que aconteceu, mas nunca o vi tão alterado.

— O que aconteceu? — pergunto ao me aproximar.

— Tirando o fato de que todas as vezes que você vai ao banco e encontra com seu ex volta toda desnorteada, eu apenas perdi um processo importante. — Ele me olha e diz com ironia. — Mas claro, isso não é problema seu. O seu único problema é amar o cara que abandonou, então não há nada com que se preocupar a não ser o fato de ele ter outra.

Ele me dá as costas e sai andando, entra em sua sala e bate a porta com força. Depois de me deixar constrangida na frente de outros funcionários, eu caminho a passos largos para a sua sala e entro sem bater.

— Você não tem o direito de falar comigo dessa forma na frente de outras pessoas. Se fiz algo de errado, me chame em particular e fale. Mas expor a minha vida na frente de qualquer pessoa é errado, e você sabe disso

— eu o repreendo e cruzo braços na frente dos meus seios.

— Ísis, quero que seja sincera comigo, mesmo que eu já saiba a resposta. Por que voltou? — Ele se senta em sua cadeira enquanto sua mão vai para o queixo, parecendo me examinar cautelosamente enquanto aguarda a minha resposta.

— Se você diz que já sabe o motivo, por que pergunta? — respondo, sem paciência alguma.

— Vamos abrir o jogo aqui. Eu esperava mais de você. Tudo que você faz é ir ao banco e chorar, voltar ao banco e chorar. Pelo que estou vendo, seus planos de reconquistar o Santos não estão dando certo.

— Não estou entendendo. Você me contratou para isso, mas se não está satisfeito, pode me mandar embora. Foi você quem disse que precisava de alguém no departamento financeiro, não eu.

— Você parou no tempo, Ísis. E se conhecesse mesmo o Felipe, sendo certinho como é, não acho que vai deixar a ruiva para voltar correndo para os seus braços. Na verdade, o único lugar que é bem provável que ele vá correr, se já não tiver feito isso, é para a sua cama. Sinto te informar, mas, provavelmente, parou por ali mesmo. Desculpe a minha franqueza, mas nos conhecemos há muitos anos para ficarmos medindo as palavras. Falo por experiência própria.

— Marcos, não dou a minha opinião sobre a sua vida com a Monique e nem o que acho que ela deveria fazer a seu respeito. E, sinceramente, se eu dissesse tudo que penso acredito que não gostaria de ouvir. Voltei sim para tentar retomar tudo de onde deixei, mas voltei também para dar início a minha carreira de advogada.

— Você voltou apenas por ele e nada mais, Ísis. — Ele ri com desdém. — Você tem um diploma, mas está claro que esse não é o seu ramo.

— Está enganado.

— Estou? Então me diz por que você tem um nome que abre muitas portas, mas prefere ser orgulhosa e não aceitar qualquer ajuda que seus pais queiram te dar para realmente seguir com a sua carreira.

— Se está querendo me dispensar, faça logo isso. Detesto esses rodeios que você está fazendo. Seja claro e objetivo.

— Me poupe. Eu não faço rodeios e você sabe disso. Eu estou apenas querendo abrir os seus olhos. Você se tornou amarga e essa mágoa que você sente pelos seus pais só vai fazer mal a você. Não se deu conta ainda que só está fazendo mal a você. Sei que seus pais foram horríveis, mas os meus também foram, e ao contrário de você, eu soube lidar com isso. Você tem o mundo todo te esperando, Ísis, poderia ser a melhor, poderia fazer acontecer. Mas não, você fica aí, presa ao passado, tentando manter isso ainda vivo. Você não merece o que está passando, Ísis, já sofreu muito. O Santos tem outra, ele seguiu com a vida e você precisa fazer o mesmo. Estou falando isso como um amigo, uma pessoa que te conhece há muito tempo, que quer o seu bem.

— Você não tem o direito de falar isso, eu nunca...

— Vou contar uma parte da história que acho que não te contaram — ele diz, me interrompendo. — Seus avós vieram da Alemanha, uma família bem abastada e, vamos ser sinceros, todos eram preconceituosos. Seu pai, como filho mais velho, deveria ser o que mais daria orgulho à família. Mas você sabe o que aconteceu quando ele foi para a faculdade, ele conheceu a sua mãe. E adivinha? Esse relacionamento era péssimo e vergonhoso aos olhos dos seus avós paternos, soube que foi um inferno, sua mãe nunca foi aceita, nem mesmo depois do casamento. Eles cortaram totalmente os laços com o seu pai e isso só mudou quando você nasceu. Só então eles voltaram a ter contato.

— Mais um motivo para me manter afastada, afinal, após passar por

isso eles deveriam ter me apoiado, e não me afastado do Felipe — esbravejo.

— Pelo contrário. Em primeiro lugar, um pai jamais quer ver seu filho passar pelo mesmo sofrimento que ele. Se liga, Ísis. Eles encararam o preconceito racial, estamos falando de uma doença que carrega um estigma muito grande e outra, acha que é fácil ter que encarar essa sociedade hipócrita? As pessoas dizem “*eu não tenho preconceito*”, mas a verdade é que a maioria delas não quer se relacionar com soropositivos. E não venha me dizer que os tempos mudaram. Não mudaram merda nenhuma, e a prova disso é que o Santos mantém o seu diagnóstico escondido. Se fosse tão fácil como você acha que é, falar sobre isso não seria um problema para ele.

“A verdade dói, não é? Infelizmente, apesar de estarmos sujeitos a contrair HIV, o preconceito está presente e muitas vezes estampado. Seu pai sofreu muito, mas quem mais sofreu foi a sua mãe. E mesmo que você ache que, justamente por terem passado por tudo isso, eles deveriam ter aceitado o Santos, o medo de que a princesinha deles passasse por um preconceito maior que eles e contraísse HIV, deixou-os cegos. Sei que isso não justifica, no entanto, depois que fui pai, eu entendi melhor a situação, entendi os meus pais, os seus pais. Meus padrinhos só estavam tentando fazer o que achavam melhor para você. E se você tentar se colocar no lugar deles, pode não concordar, mas conseguirá ter uma visão melhor. Ou talvez só consiga entendê-los quando se tornar mãe.

— Isso não justifica. Era a minha escolha, Marcos.

— Esse é o problema. Você sempre foi criada dentro de uma caixinha de cristal, Ísis, é claro que não consegue enxergar nada além de si mesma. Se a sua história com Santos viesse à tona, mancharia o nome da sua família “perfeita”. Olha, é difícil aceitar e eu só estou dizendo isso para você refletir um pouco sobre o que pretende fazer da vida. Seja profissionalmente, a sua vida familiar, ou no amor.

— Não vai querer me aconselhar nisso também, vai? — eu o provoco.

— Ora, ora, só porque a minha vida amorosa é uma merda, estou proibido de te aconselhar? Eu e Monique somos outra história, o caso aqui é exclusivamente você!

— Marcos, obrigada por sua preocupação, mas eu sei o que é melhor para mim — falo com orgulho.

— Eu gosto muito de você, Ísis, mesmo não aceitando um *flashback* comigo. E espero, de coração, que saia dessa.

Eu tento me manter séria, mas perto de Marcos às vezes é difícil.

— Já que é tão bom em aconselhar, por que não começa a seguir seus conselhos?

— Não funciona assim, e a propósito, o que Monique anda falando de mim? Não acredite em tudo, acho que só uns setenta por cento é verdade. — Ele dá um sorriso torto. — Seus pais virão para cá semana que vem a negócios, mas a sua mãe quer te ver.

— Ela disse isso a você?

— Não, mas ela é sua mãe e toda mãe quer ver o filho. Pelo menos a maioria é assim.

— Então todo esse discurso é por isso?

— Não. Eu só queria dizer que você pode amar alguém, Ísis, só não vale parar a sua vida por causa desse amor.

— Sério? E o que tem feito da sua vida? Porque até o momento, você está estagnado. Pode se sair bem profissionalmente, mas Monique está aí para provar a grande mudança que houve em sua vida.

— É diferente. — Ele desvia o olhar. — Nós não confiamos um no outro, os dois deram motivos para chegarmos a isso. Mas não vem ao caso, é a sua vida, não a minha. Não precisa cometer os mesmos erros — ele conclui e sai da sua sala, me deixando sozinha.

Talvez eu tenha ido longe demais. Eu saio da sua sala, pensando em tudo o que Marcos disse sobre os meus pais. Mas se o amor deles foi capaz de vencer o preconceito, por que o meu não seria? Se eles não conseguiram se afastar um do outro, por que não pensaram em como seria difícil para mim?

Volto a pensar no que ele disse sobre Felipe, e acho que em parte está certo. Como se esquece o amor? Existe um manual para deixar de amar alguém? Se existe, eu preciso encontrá-lo, ainda que o busque por toda vida.

Capítulo 9

Felipe

— Está tudo bem? — Flávia pergunta ainda parada à porta da sala.

Ela sabe que aconteceu alguma coisa, mas escolhi esse caminho, e ao invés de lamentar, eu tenho que começar a viver as minhas escolhas.

— Está sim. — Dou um sorriso forçado, tentando me recompor, mas isso não a convence.

— Já conseguiu falar com Geraldo sobre as férias? — Ela continua querendo que o clima pesado desapareça.

— Já estava programado, então foi fácil. Essa é a última semana. E você, já que conseguiu uma semana, tem certeza que quer ficar no sítio? Foi uma sugestão da minha mãe, mas temos outras opções.

— Ah, Felipe, é só uma semana. Não quero ter trabalho de arrumar tudo para uma viagem. No sítio já tenho o que preciso. E outra, nós nunca ficamos por tanto tempo lá. — Ela se aproxima. — Só nós, uma semana, depois você terá três semanas para descansar. Já decidiu para onde vai?

— Te acompanhar nas consultas — afirmo e volto para a minha mesa.

— Não, por favor, não quero estragar as suas férias. Não é justo — ela diz, mudando o tom.

— Não vai estragar, vou ter uma semana, assim como você. Depois que voltarmos vou continuar de férias, mas vou com você ao psicólogo e ao psiquiatra.

— Amor, eu não quero fazer isso agora.

— Flávia, quando é por necessidade, não existe a opção de querer.

Você sabe que precisa ir, então vou com você. Vamos fazer isso juntos.

— Você prometeu não tocar mais nesse assunto. — Ela tenta adiar novamente.

— Mas você sabe que precisa — digo e ela respira fundo.

— Eu estou bem, você é meu melhor remédio. Só preciso que fique ao meu lado. Sempre! — ela diz e sorri.

Eu não quero ter que insistir, porém, como proceder se Flávia quer ignorar o que aconteceu?

— Eu entendo que esteja assustada, mas vou apoiá-la. Quero te ver bem e estar ao seu lado. Você sabe que ignorar não é a solução.

— Eu sei, mas preciso resolver essa parte sozinha. Não quero me sentir incapaz, por favor — ela insiste.

Eu não argumento e ela sai da sala. Recebo mais alguns clientes e me perco em juro, taxas, financiamentos e metas. Quando dou por mim, estou seguindo com o meu carro para um restaurante de beira de estrada. Um lugar que no momento julgo ser o meu favorito, quase sempre está vazio. Sento à mesa e não demora muito para que eu seja atendido. O lugar é rústico, comida em fogão a lenha, modesto, tão simples como um dia foi a minha vida. Ele fica a vinte minutos do banco, mas em momentos em que quase imploro para ficar sozinho, cada minuto gasto vale a pena. Faço meu pedido, em seguida o meu telefone toca.

— Felipe. — Reconheço a voz da minha mãe. — E então, conseguiu suas férias?

— Consegui. — Minha voz sai sem entusiasmo algum.

— Flávia também conseguiu?

— Sim, uma semana.

— Que maravilha! — Nota-se o alívio em sua voz. — Vai ser bom para vocês. Mas, falando nela, como ela está?

— Aparentemente muito bem, age como se nada tivesse acontecido.

— Talvez esteja envergonhada, cada um lida de um jeito. Pode ser uma forma de escape. — Não argumento. — Eu não quero atrapalhar o seu almoço, estou feliz que vocês estejam bem. E, Felipe, estou muito orgulhosa de você. Sei que é difícil, mas fez o certo. Nesse momento o que ela mais precisa é de apoio.

— Eu sei, e não se preocupe, não vou fugir disso.

— Sei que não, vou desligar agora.

— Tudo bem, mãe.

— Beijo.

Coloco o telefone sobre a mesa e suspiro, liberando toda a tensão. Olho para rua deserta e ainda consigo ouvir Ísis em minha cabeça, mas não há som algum. Fecho os olhos e a vejo à minha frente. Estou tentando fazer o certo, mesmo o certo sendo tão difícil.

Quem pode entender a vida? Passei anos tentando me convencer de que Ísis não voltaria, que a sua ausência e as lembranças eram tudo que eu teria. E hoje, depois de implorar por noites, ela esteve bem à minha frente, era real, e tudo que fiz foi esconder a verdade, esconder meus sentimentos. E foi horrível vê-la se despedaçar bem à minha frente, mas reviver o nosso passado não vai nos conduzir para a saída. Mas qual é a saída, se tudo que faço é tentar enganar a mim mesmo?

Por algum tempo eu quis seguir como se Ísis não fosse real, como se essa parte da minha vida fosse fruto da minha imaginação. Ela voltou e todas as vozes contrárias que ignorei quando me envolvi com ela, agora dizem qual caminho devo seguir. E eu estou tentando, construindo ilusões, fingindo não me importar, forçando sorrisos e acreditando na mentira de que tudo irá ficar bem, tentando, mais uma vez, seguir como se não fosse real. E em meio a tudo isso, eu imploro para o tempo passar.

Parece piada, assim como meus anticorpos não conseguiam identificar meu HIV, meu coração não consegue identificar o mal que Ísis causa em mim. Porque, mesmo depois de tudo, ele se mantém fiel e não parece disposto a me dar uma trégua. Volto à minha realidade e no fim do horário do almoço não consigo deixar de encarar a verdade. Eu a amo e vou continuar amando.

Sigo para o banco e sinto como se estivessem espaços em branco na minha vida. Uma parte minha é completamente dominada pela vontade de correr atrás da Ísis, implorar perdão, dizer que a amo e fazer amor com ela. Mas a minha consciência me lembra de que Flávia tentou tirar a própria vida, e eu sei que não tenho o direito de deixá-la. Não tenho o direito de ser tão egoísta.

Seus pais, assim como as poucas pessoas que souberam, indiretamente atribuíram a culpa ao nosso relacionamento, ou seja, a mim. E eu deveria ficar incomodado por pensarem isso, mas é a verdade. A verdade que odeio ter que encarar. Depois do que houve, todos estão mais atentos, e seus pais exigiram que Flávia dormisse mais vezes com eles. Não houve objeções. E eu entendo. Acho que de alguma forma estão tentando mostrar a ela que a vida continua, com ou sem mim.

No fim do dia, eu a levo para a sua casa. Ela percebe que não estou bem, mas não faz perguntas. Flávia simplesmente ignora o que aconteceu e eu quero ignorar também. Assim que paro o carro em frente ao portão, eu me viro para ela.

— Você vai ficar bem, não vai? — Acaricio seu rosto.

— Vou. — Ela me dá um beijo, mas não prolongamos muito. — Vai à academia hoje?

— Não, estou cansado. Nessa época, geralmente eu me sinto mais cansado, anticorpos baixam um pouco, você sabe. Talvez amanhã.

Flávia sorri de uma forma meiga, volta a me beijar, então nos

despedimos. Eu a espero entrar na casa e coloco o carro em movimento. No caminho para o meu apartamento, eu passo em frente à universidade e ao prédio onde Ísis morava com a Monique. Eu me pego olhando para a rua lateral onde eu costumava estacionar o carro, e antes de mergulhar nessas lembranças, volto a atenção para a direção, tentando ignorar o que elas me causam.

Dirijo o mais rápido que posso e sigo para o meu apartamento, ainda sem entender como cheguei a esse ponto na vida. Quando abro a porta, tudo que encontro é a solidão à minha espera. Antes de ir para o banho, preparo um café e fico olhando a rua enquanto a água está no fogo. Vou para o quarto, abro a última gaveta do guarda-roupa e pego uma caixa onde guardo as nossas últimas lembranças. Sentando-me na cama, eu vejo as nossas fotos, os bilhetes que trocamos em nosso primeiro mês morando juntos, nossas anotações de contas e não consigo me segurar ao pegar as alianças que comprei. Ela nem chegou a ver, seria uma surpresa, mas nunca aconteceu. Por último, a carta. Respiro com pesar, ainda não estou pronto para jogar o que restou do nosso passado fora. Eu queria muito, mas não consigo. Talvez nunca consiga.

Guardo tudo e, ao voltar para a cozinha, vejo que a água secou por completo. Desligo o fogo e sigo para o banho.

No decorrer da semana, quem vai ao banco é o Marcos. As nossas conversas são diretas e estritamente profissionais. A sexta-feira finalmente termina e todos se despedem me desejando boas férias.

Flávia vai dormir hoje na minha casa, já que sairemos cedo. Enquanto ela toma banho, meu telefone vibra. Uma mensagem da Mari desejando boa viagem. Mando uma mensagem agradecendo, e ao olhar as últimas conversas, vejo as mensagens da Ísis. Abro a sua foto e não permito que pensamentos me assombrem. Excluo seu contato. Após o jantar, eu tento

dormir cedo, serão algumas horas de estrada pela manhã. Flávia se deita ao meu lado, e enquanto sinto o perfume do seu cabelo, reflito sobre o nosso novo amanhã.

Após horas dirigindo, finalmente chegamos. Flávia desce do carro, toda animada, enquanto pego a minha mala implorando para que dessa vez dê tudo certo.

— Amor, parece um sonho estarmos aqui, nesse lugar lindo que eu amo tanto. Sua mãe teve uma ótima ideia.

Ela pula no meu colo, passando as pernas ao redor do meu quadril, enquanto deixo a mala cair no chão para poder segurá-la.

— É lindo mesmo. Vamos procurar alguma coisa para comer e depois descansar um pouco — sugiro e a coloco no chão.

— Ah não, Felipe, nós não viemos aqui para descansar. Eu quero tomar banho de cachoeira e aproveitar que estamos só nós para ficarmos bem à vontade. — Ela dá um sorriso malicioso e como a conheço tão bem, sei que ela tem planos. Seu ânimo deveria provocar algo em mim, mas tudo ficou difícil depois da minha noite com... Não. É melhor não pensar no meu coração que deixei para trás.

— Algumas horinhas de sono não irão atrapalhar os seus planos. Eu dirigi por horas, lembra?

Ela faz beicinho, mas não argumenta, então entramos e eu levo a mala para o quarto. Entrando na cozinha, eu a encontro preparando lanches. Depois de comermos em um silêncio confortável, eu sigo para o banho e ela fica no quarto. A primeira vez que vim aqui com ela, seus pais nos proibiram de dormir juntos, mas mesmo assim ela conseguiu escapar para o meu quarto.

Depois disso, dormir juntos se tornou rotineiro e eles aceitaram.

Como o dia está frio, deixo a temperatura da água um pouco mais alta, embaçando o vidro do box. Entro debaixo da água e meus pensamentos voltam, pela milésima vez, para a única pessoa que eu deveria esquecer. Passo o sabonete no meu corpo enquanto revivo as várias vezes que tomamos banho juntos. Vejo seus sorrisos, a maneira como ela costuma me tocar e como me enlouquecia em segundos. Ísis sempre teve o controle sobre mim. Até mesmo as suas lembranças conseguem me excitar e, já ofegante, eu me assusto ao sentir as mãos da Flávia no meu peito. Eu tento me afastar, mas ela desce direto para a minha ereção, que se torna mais rígida com o seu toque. Flávia começa a me masturbar e mesmo sendo completamente errado, imagino Ísis em seu lugar, ficando a ponto de enlouquecer.

Deixo um gemido no instante que jogo a cabeça para trás. Flávia começa a beijar minhas costas e eu sinto seus seios pressionando contra o meu corpo. Antes que goze, eu me viro de frente para ela e a encosto na parede do banheiro. Começo a beijá-la loucamente, mas é uma contradição esse desejo e o nó na garganta que sinto. Por um segundo eu me afasto e olho para o seu rosto, que sorri em resposta. Não suportando esse conflito, fecho meus olhos e a imagem de Ísis aparece em minha mente. Eu sei que não é ela à minha frente, mas sinto que estou traindo o meu coração e tudo o que acredito por estar com a Flávia. Mas o caminho que tomei não tem volta, e agora tenho que conviver com isso.

— Vamos para o quarto? — sussurro ao me afastar.

Eu vejo a frustração em seus olhos, e antes que ela diga alguma coisa, pego a toalha e a deixo sozinha no banheiro. Tiro uma roupa da mala para vestir, em seguida estico a coberta em cima da cama. Antes que eu tenha tempo de me vestir, Flávia vem até mim, totalmente nua. Suas mãos vão para a toalha presa em volta da minha cintura e neste momento o que mais desejo

é ser sincero com ela, dizer como me sinto e, juntos, tentarmos uma solução. Mas não posso. Estou ciente de que não posso machucá-la ainda mais.

Minha toalha vai parar no chão e ela leva as mãos para a minha nuca, e olhando em meus olhos sela nossos lábios. Um beijo carnal que eu gostaria de corresponder da mesma forma, mas ajo no automático e deixo que Flávia faça como deseja. Ela me empurra para a cama antes de se aproximar da minha mala.

— Onde está a camisinha?

— No bolso, na parte de dentro.

Eu a vejo abrir a mala e tento me manter concentrado nela. Antes ela tinha vergonha de ficar apenas de calcinha e sutiã, mas quanto mais ciúme, mais desinibida na cama ela passou a ser. Então vergonha não existe mais em nosso vocabulário.

Ela se aproxima de mim e então nos beijamos enquanto eu a sinto deslizar o preservativo em minha ereção. Sem perder tempo, ela se afasta da minha boca e se senta sobre o meu quadril, e aos poucos estou dentro dela. Enquanto ela se movimenta, eu me sinto um pouco distante, nem mesmo nos beijamos. O único som que ouço é do seu gemido. Eu prometi que faria de tudo para esquecer o meu passado e deixá-la finalmente entrar no meu coração, mas tudo em mim clama por Ísis. E, de repente, Flávia está transando com o meu corpo, mas a minha cabeça e coração estão em Ísis. Eu tento afastar a bonequinha dos meus pensamentos, mas, novamente, quando se trata de Ísis não tenho nenhum controle.

E como se tivesse percebido o que se passa comigo, Flávia se aproxima e me beija, enquanto nossos corpos se mantêm conectados.

— Eu te amo mais que a mim mesma — ela diz e eu tento beijá-la para que se cale, mas ela me impede ao me segurar pelo cabelo. — Diga que me ama, preciso ouvir isso.

Suas palavras me deixam perplexo. Até onde a culpa é capaz de me levar? Não sei como agir.

— Flávia, eu gosto mui... — sussurro, mas ela me corta.

— Diga pelo menos uma vez, mesmo que não esteja sentindo isso. Por favor. — Seus olhos imploram e eu me sinto horrível por ter deixado a nossa relação chegar a esse ponto. Ela está doente, mas não quer enxergar.

— Eu amo — falo e ela sorri, aumentando o ritmo dos movimentos.

Segundos depois ela geme alto, deixando claro que chegou ao orgasmo. Lentamente, ela desliza do meu corpo, deitando-se ao meu lado antes de nos cobrir e apagar o abajur.

Nós permanecemos abraçados, e eu sinto sua respiração suave em meu pescoço. Minutos se passam, então percebo que ela dormiu. Eu me afasto dela e sigo mais uma vez para o banheiro. Neste momento, meu sono está longe de ser encontrado. Jogo o preservativo no lixo, visto uma bermuda e blusa, calço os chinelos e levo os nossos celulares para o único ponto da casa em que eles localizam a rede.

Na cozinha, começo a preparar um café enquanto olho para o céu escuro através da janela. Minutos se passam antes do celular dela soar, indicando a chegada de uma mensagem. Na tela eu vejo que é da Karina, e estranho o fato de ela não ter ido visitar a Flávia, nem mesmo ter ligado para saber como ela estava depois daquele acontecimento. E uma vez que são muito amigas, tenho certeza que Flávia contou para ela. Como a Karina começa mandar uma mensagem após a outra, eu até penso em responder dizendo que Flávia está dormindo, mas desisto ao tentar desbloquear o celular e ver que a Flávia mudou a senha.

Uma última mensagem aparece na tela, então leio apenas a primeira frase.

*Parece que deu certo. Você é realmente
louca, mas pelo menos o plano
funcionou, me liga quando pu...*

Apesar de achar estranho o fato de ela ter mudado a senha, já que isso nunca existiu entre nós, não dou muita importância à mensagem. Volto para a cozinha e termino de preparar o café, então me sirvo de uma xícara e volto para o quarto, encontrando Flávia ainda dormindo. Eu me deito e fico perdido em pensamentos enquanto aprecio o café em um silêncio tão necessário.

Os dias passam e eu continuo sem saber o que sentir. Durante o dia eu tento mostrar para a Flávia como a vida, independentemente das adversidades, pode ser maravilhosa e que ser feliz depende exclusivamente de nós. À noite, o sexo é feito sem emoção e de maneira monótona, deixando as minhas noites mais solitárias.

Talvez isso seja parte do seguir em frente, mas na sexta-feira eu estou completamente louco por notícias da Ísis. Voltamos de viagem, e eu deixo a Flávia na sua casa por volta das onze horas da noite, antes de seguir para o meu apartamento.

Envio uma mensagem para a minha mãe avisando que já retornei, mas ela nem mesmo visualiza, provavelmente está dormindo. Respirando fundo, entro no meu apartamento ainda me perguntando por que estou tentando? Por que estou me esforçando tanto? E por mais que eu queira fazer a minha parte, é inevitável a sensação de estar do lado errado. Deus, como eu posso impor limites a essa droga de sentimento? Eu queria, mas não tenho respostas.

Capítulo 10

Ísis

As palavras de Marcos voltam à minha mente, mas não surtem efeito quando tenho que encarar mais uma noite presa em lembranças. Não era segredo que nós pertencíamos um ao outro, não era segredo que nos amávamos. E, de repente, eu sinto como se nada estivesse certo, como se eu não pertencesse mais a esse lugar. Como se a Ísis não existisse. As horas passam e me levam junto.

O dia amanhece e sei que preciso me levantar e seguir em frente. Mas é ilusão acreditar que vou esquecer o que está queimando em meu peito. No trabalho, eu abro o jogo com Marcos e apesar de dizer que devo seguir em frente, ele diz que irá ao banco o resto dessa semana. Depois do horário de expediente eu ocupo a minha mente escolhendo móveis para meu o “novo” apartamento e deixo acertado com a montadora que contratei que o apartamento deverá estar pronto para ser entregue na próxima segunda-feira.

A segunda-feira bate à minha porta e já preparada mentalmente para rever Felipe, acabo descobrindo que ele entrou de férias e viajou com a namorada. Isso deveria me machucar ainda mais, no entanto, meu coração já esperava por isso.

O breve alívio de não ter que vê-lo por uns dias rapidamente é preenchido pela melancolia de saber que ele não se importa mais. A ilusão traz a desilusão e estou aprendendo a lidar com essa verdade. Nós não existimos mais.

Respiro com pesar, buscando em mim os motivos que me fizeram

voltar.

Mas eles não existem mais. Tão frágil como a vida, nosso amor se quebrou, restando apenas pedaços inacabados em mim.

Solto todo ar preso nos pulmões, precisando ser forte, precisando seguir em frente dando um passo de casa vez. Dia após dia. No fim do dia, eu sigo para o hotel e faço o registro de saída, em seguida passo na montadora de móveis para pegar as chaves do meu apartamento e recomeçar a minha vida nessa cidade sem o Felipe.

Dirigindo pelas ruas conhecidas, tento me esquivar de cada lembrança que vaga pela minha mente. Estou voltando para o lugar de onde nunca desejei sair, e sei o impacto que isso poderá causar em mim. Será um salto no meu processo de cura. Estou, finalmente, indo para a minha “velha” nova casa. Ao chegar ao prédio onde morei com Felipe, sinto as feridas se abrindo. Parada em frente à porta do nosso antigo apartamento, recordações de como ele me abraçava ao chegar em casa, de como a nossa felicidade parecia imutável, me invadem. Eu abro a porta e tento conter a emoção, mas isso me faz fraquejar e uma sensação de injustiça se apossa de mim. Por mais que eu implore para ter um fim, nunca serei capaz de esquecer o que perdi. Eu queria tanto ter a chance de poder voltar no tempo, voltar para nós, nossos sorrisos, nossos sonhos.

Mas antes que toda essa angústia me sufoque, eu me prendo aos detalhes do apartamento. As paredes, que antes eram brancas, agora estão em um tom camurça. Um quadro solitário com uma pintura de inverno deixado pelo antigo morador ainda continua na parede da sala. Vou até o nosso antigo quarto e fico encarando a cama. Sei que não é a mesma, mas cada lembrança de nós volta a tomar lugar em mim, mostrando que nunca foi esquecida. Eu tentei deixar como era, pelo menos como me lembro que era. Ando por cada canto na loucura de encontrar o que falta, e imagino que a mesma dor que

sinto agora, Felipe sentiu quando voltou e eu não estava mais aqui.

Quando finalmente termino de guardar as roupas, entre lágrimas e fantasmas do fômos, eu me pergunto se algum dia serei feliz novamente. Já me sentindo cansada, tomo um banho e o solidão faz o meu peito se apertar, e com isso aparece o desconforto. Como um espiral, vejo que isso não tem fim. A dor me domina por completo ao me dar conta que ele teve que enfrentar tudo isso sozinho, enquanto eu sonhava, do outro lado do mundo, sem poder voltar. E agora aqui estou, no nosso antigo apartamento, sozinha, assumindo as consequências da escolha que fiz cinco anos atrás.

Meu telefone toca, me tirando desse estado de miséria. Assim que eu o pego e vejo que é Monique, decido atendê-la.

— Ísis, está tudo bem?

— Oi, estou sim.

— Que bom. Marcos disse que...

— Eu estou bem, obrigada por perguntar. Só preciso de um tempo.

— Acredito que você não queira conversar agora.

— Não no momento, mas obrigada por ligar.

— Vamos sair para almoçar amanhã?

— Claro.

Combinamos o horário e local, e em seguida nos despedimos com um breve boa-noite.

Já pronta para dormir, eu me deito na cama e fico pensando na noite que tivemos no hotel. Foi perfeita. Estar em seus braços novamente e senti-lo dentro de mim foi como encontrar a cura para uma alma doente. Mas ele construiu muralhas e sei que não terei forças para tentar derrubá-las. As questões vagam e percebo que todos os meus planos desapareceram, e com o medo do amanhã se apoderando de mim, passo a sentir a ansiedade em meu peito. Eu não posso mais... Não quero enlouquecer. Eu me recuso a entrar

naquele estado sombrio novamente.

Sinto um mal-estar tão grande, que entro em contato com Dra. Karen e pergunto se está disponível para uma consulta. Ela me liga imediatamente, e assim começo mais uma das intermináveis consultas. De início, ela percebe que estou em crise e, sem delongas, falo sobre os meus medos, do reencontro com o Felipe e como está sendo agora. Conto o que aconteceu naquele quarto de hotel e que ele preferiu reatar o namoro com a Flávia, mesmo depois de ter estado comigo.

— Ísis, eu entendo que é difícil, mas nós falamos sobre essa possibilidade. Felipe tinha o direito de reconstruir a vida, assim como você está livre para reconstruir a sua agora.

— Então é isso? Acabou? — digo e tenho certeza que ela sente o meu desespero.

— Você fez o que devia. Se abriu para ele, foi sincera contando o que aconteceu e o que sentiu e está sentindo. Mas agora é diferente, você precisa se perdoar e seguir o seu caminho. Não é o fim, Ísis, você tem a vida inteira pela frente.

— E como se faz isso, Karen? Como reconstrói a vida? Como se esquece de tudo e segue em frente?

— Só você tem essa resposta. A cura consiste em se perdoar e você está no caminho certo. Você teve a chance de voltar, falar sobre seus motivos, ele te escutou. Entendo que esteja frágil e pode estar sentindo que fracassou, mas tente se colocar no lugar do Felipe. Ele teve um impacto muito grande, é normal que se sinta intimidado e queira permanecer em sua zona de conforto. Mas não insista mais, siga o seu caminho, seja forte por você e se faça feliz. Procure distrações, saia com amigos, foque em outras áreas da vida, e quando você menos esperar, a dor não estará tão presente.

— Eu sei, mas é difícil.

— Nunca é fácil, mas vamos continuar e você irá conseguir. Tudo bem?

— Tudo.

Continuamos a nossa sessão, então falo sobre o meu emprego, o apartamento e o possível reencontro com meus pais. Karen não gostou muito de eu ter voltado para esse apartamento, e me aconselhou a não permanecer aqui. Uma vez que preciso seguir em frente, tenho que me desapegar do passado.

E agora que terei que encarar mais uma noite fria, sei que foi uma péssima escolha. Ela me aconselha a continuar tomando a medicação, seguir as recomendações do psiquiatra e insiste que preciso ter uma ocupação nas horas vagas, seja exercícios ou trabalho voluntário. Quando terminamos a sessão, consigo dar um suspiro de alívio. Eu sabia que estava precisando falar com ela, mas não imaginava que isso iria me ajudar tanto.

As horas passam e eu não consigo pregar os olhos, então me levanto e vou até a janela, observando os poucos carros passando na rua. Eu fecho os olhos e volto no tempo, sentindo os seus braços ao redor do meu corpo. Há cinco anos estavam iniciando a construção de um prédio outro lado da rua, e hoje vejo que ele está pronto. Felipe dizia que um dia iríamos morar na cobertura. Eu sei que é estranho, mas ao fechar os olhos consigo ver o seu sorriso, ouvi-lo sussurrando o quanto me ama enquanto fazemos planos para o futuro, mas é só os abrir novamente para tudo desaparecer.

Durante o resto da noite eu rolo na cama, ouvindo passos dos moradores do andar de cima, uma porta sendo fechada, e pessoas conversando. E quando tudo finalmente se cala, mais uma manhã fria surge me chamando de volta à realidade.

Apesar da matriz da Advocacia Brückner atuar em todas as áreas jurídicas, aqui na filial, Marcos atua somente na empresarial, garantindo a segurança legal no planejamento e efetivação dos negócios ao elaborar e analisar os contratos de acordo com as necessidades da empresa contratada, como também acompanha processos cíveis, tributários, trabalhistas e participa de audiências. E como hoje ele estará no tribunal, serei eu a analisar contratos de alguns clientes.

Entre um contrato e outro, o tempo passa, para e volta a passar. No almoço, enquanto espero por Monique no restaurante próximo à empresa, eu começo, sem sucesso, a refazer meus planos. Monique surge na entrada do restaurante ostentando curvas que antes não tinha e causando, com seu estilo, digamos, chamativo.

— Marcos disse que se mudou, onde está morando agora? — ela diz após um cumprimento rápido.

O garçom se aproxima novamente, Monique faz o seu pedido e eu fico sem graça com a pergunta. O que devo dizer? Que estou morando no meu antigo apartamento porque fui tola em acreditar que eu e Felipe poderíamos recomeçar? Isso agora soa como piada até mesmo para mim, e dói, então ignoro a sua pergunta.

— Ísis, está tudo bem? — ela insiste.

— Sim, quer dizer, estou morando no meu antigo apartamento e... — Eu coço a cabeça e ela percebe o meu desconforto.

— Eu entendo que ainda ama esse cara, mas não merece se torturar dessa forma.

— E o que espera que eu faça, Monique? Eu acreditei que nós poderíamos voltar, entende?

— Mas não aconteceu e você já perdeu tempo demais. Olha, não é

fácil esquecer, não é fácil recomeçar, mas é necessário. Sei que os anos passaram, mas não esqueci que você foi a única pessoa que me ajudou quando eu precisei. Não vou te dar as costas agora. Até encontrar outro apartamento, porque você vai se mudar de lá sim, você fica comigo — ordena, como se os anos não tivessem mudado nada para nós.

— Monique, não acho...

— Somos só Miguel e eu, o apartamento é grande e, sinceramente, se isolar em um lugar que só te trará lembranças não vai ajudar em nada.

— Eu não posso.

— Pense a respeito. Nós podemos fazer academia à noite, Miguel geralmente passa à tarde com Marcos e tenho a babá. Ísis, você precisa de distrações, fora que na academia tem um cara mais lindo do que o outro.

— Monique, entendo que você só queira ajudar, mas não é o momento certo. Desculpe.

— Deixe de ser idiota, Ísis. Não perca o seu tempo com alguém que não dá mais a mínima para você.

— É estranho ouvir isso de você — falo e me arrependo na mesma hora.

Ela desvia o olhar e sei que toquei na ferida, eu não tinha esse direito.

— São situações diferentes — ela se justifica, sem graça. — Não sei se você soube, mas o meu pai teve um AVC, e ficou com a metade direita do corpo paralisada. Agora é totalmente dependente da minha mãe. Após uma briga judicial, tudo que conseguimos foi uma aposentadoria de merda. — Seu semblante muda como se fosse confessar um pecado. — Eu não trabalho, Ísis, sequer tenho um diploma, e meus pais precisam de ajuda financeira. Cassia, a minha irmã mais nova, irá para a faculdade e... — O garçom se aproxima novamente. — Eu sei que me acha idiota por aceitar esse... — Ela respira fundo. — Sei lá como chamar isso com o Marcos, todos me acham

idiota, mas a minha mãe fica por conta do meu pai, além disso, pago uma enfermeira para ajudá-la. A Cassia estuda e mesmo com a pouca idade e experiência, não conseguiria um bom emprego, e além de tudo isso, tenho o Miguel.

— Monique, não precisa se justificar, não tenho...

Ela levanta a mão, interrompendo a minha fala.

— Não precisa dizer que me entende. Mas ao contrário de mim, você tem diploma, um nome e ele por si só já te abre muitas portas. Eu tenho um filho, não tenho emprego e sei que se tivesse que enfrentar Marcos em um tribunal, não sairia ganhando — ela conclui, constrangida.

— Não estou aqui para te julgar, e tem razão, eu preciso refazer a minha vida. Posso passar uns dias com você, não serão muitos, mas precisamos de distração. Nós duas. — Eu sorrio e levanto o meu copo de suco para um brinde.

Mais tarde, já de volta na empresa, eu me encontro com Marcos, que revê todos os contratos comigo. Por fim, acabei ocupando bem os meus pensamentos. Encerrando o expediente, ele me dá uma carona para o meu apartamento e toda a minha pose de “estou bem” desmorona quando as lágrimas aparecem enquanto tomo banho.

Quando estou saindo do banheiro, ouço o celular tocar e sigo para a cozinha, ainda enrolada na toalha para atendê-lo. Olho para a tela e vejo que é a minha mãe

— Oi. — Eu atendo e volto para o quarto para me vestir.

— Oi, Ísis. Soube que se mudou, queria saber como você está?

— Estou bem.

Não pergunto como eles estão, ainda que escutar a sua voz mexa com o meu emocional, não estou disposta a tentar uma reaproximação tão cedo.

— Querida, nós estaremos na cidade amanhã, e se puder, se sentir

disposta, gostaria de almoçar com você.

— Mãe, eu vou estar ocupada. Eu trabalho e...

— Eu sei, Marcos já havia nos dito. — Ela respira fundo. — Seu pai está bem... — Eu mantenho o silêncio. — E você, conseguiu conversar com o...

— Não quero falar sobre isso — eu a interrompo. — Se eu estiver disposta, podemos almoçar juntas. Eu te ligo, mas agora tenho que desligar.

— Tudo bem, eu te amo.

Escuto sua declaração ao longe antes de desligar. Como ainda não passei em um supermercado, acabo pedindo um lanche e, novamente, tenho por companhia a solidão. Meus pensamentos variam entre passado e presente, mas não me atrevo a pensar no amanhã, sem planos dessa vez.

Eu me tornei advogada na esperança de ter a minha liberdade, mas essa nunca foi uma profissão que pensei em exercer. Mas não é novidade, nada na minha vida anda tendo muito sentindo, então a minha profissão não seria diferente.

As horas passam e não recebo uma mensagem sequer do Felipe. Mas, para falar a verdade, nem sei por que ainda espero algo dele. E nessa mesma melancolia, procurando desesperadamente por distrações, minha vida continua.

Na manhã seguinte eu acordo atrasada graças ao medicamento. Faço um chá às pressas e me arrumo rapidamente. Ao fechar a porta, ainda sinto aquela sensação de vazio e tudo permanece monótono. Eu gostaria de sentir o vento da mudança, mas ao contrário disso, eu me sinto cada vez mais fraca, não consigo encontrar em mim a vontade de seguir.

Já dentro de um táxi, recebo uma mensagem de Marcos dizendo para ir direto para a sua sala quando chegar. Entro no escritório e cumprimento todos que encontro no caminho. Recebo alguns olhares curiosos dos

advogados, me deixando um pouco apreensiva. Assim que entro na sala dele, eu congelo. Antes que eu consiga reagir, a minha mãe vem ao meu encontro.

— Querida, você está tão linda. — Ela me abraça, mas como não correspondo, ela se afasta um tanto quanto sem graça antes de olhar para mim intensamente. Pelo olhar que ela me lança, sei que quer saber se encontrei o que realmente vim procurar nessa cidade. — Como você está? Senti tanto a sua falta.

— Quando vocês chegaram?

Meu pai se aproxima e não me olha nos olhos, apenas dá um frio bom-dia e se afasta, como se de alguma forma a minha presença também o incomodasse. Sua aproximação me causa repulsa. Sei que não deveria, mas não consigo olhar para o meu pai sem me lembrar de tudo o que sofri.

— Chegamos hoje e a sua mãe quis vir direto para te fazer uma surpresa. Como você está? Pelo que eu vejo, está muito bem — ele diz com aquele ar de superioridade.

Marcos apenas me olha e dá um aceno com a mão, parecendo sem jeito.

— Preciso de um café. Agora! — Ele sai rapidamente da sala com passos largos e, sinceramente, sua desculpa é patética.

— E então, Ísis, já conseguiu validar o seu diploma? Pelo o que Marcos me adiantou, você não exerce a função de advogada — meu pai diz com indiferença. — Ter iniciativa nunca foi um problema para a nossa família. Sei que estava ocupada tentando se aproximar do gerente, mas pode fazer isso e adiantar o seu lado profissional também. — Ele me encara e eu deveria replicar, mas estranhamente mal consigo me manter em pé na sua presença.

— Por favor, vamos ter alguns minutos de paz — minha mãe fala olhando diretamente para o meu pai, que desvia o olhar.

— Acredito que você possa até querer paz, mãe, já o Charles, sei que veio apenas para ter certeza que conseguiu o que queria. E a resposta é sim, você venceu.

— Ah, por Deus! De nada adiantou esses anos longe, Ísis? Você realmente não superou esse sujeito? — Ele nem espera a minha resposta, simplesmente continua falando. — É ingenuidade sua acreditar que vim por isso. Você é minha filha, minha única e estimada filha, e ainda que duvide das minhas boas intenções, não vim por isso. Na verdade, tenho negócios a tratar, e falando em negócios, você se formou em uma das melhores universidades do mundo para no final vir trabalhar como uma funcionária qualquer, ao invés de abrir seu próprio escritório de advocacia. É quase piada.

Eu não consigo me segurar, e acabo soltando uma gargalhada.

— O fato de você ter vencido não significa que me tem sob controle, não ajo mais como você quer. Pouco me importa o que espera de mim, e chega de achar que tenho que fazer da minha vida o que você quer. Acabou, Charles, você conseguiu destruir a minha vida com o Felipe. Conseguiu desfazer a vida que escolhi para mim, tudo por causa desse seu preconceito sujo, mas toda ação tem reação. Não volte a falar comigo como se eu fosse sua filha! Nunca mais!

— É justamente por ser a minha filha que ainda falo com você! — ele diz no mesmo tom que eu.

— Ísis, por favor, seu pai veio porque queria te ver também. Todos erramos. Você voltou e não conseguiu reatar esse relacionamento, mas não interferimos mais. Por favor, vamos tentar pelo menos deixar o que aconteceu de lado.

— Como a senhora me pede uma coisa dessas? Ele errou comigo e sequer reconhece isso. Eu não consigo, mãe. Sofri as consequências do preconceito de vocês. Fui eu que implorei por noites, e agora acha que

realmente posso passar por cima do que aconteceu se não vejo um pingo de arrependimento da parte dele? — Minha garganta está seca e meu corpo treme. Ao perceber o meu estado, a minha mãe toca em meu braço.

— Amor, volte para casa com a gente, lá é o seu lugar. Você não está bem. — Ela toca o meu rosto, preocupada.

— Não, não vou voltar. O meu lugar é longe de vocês. Aqui! — Eu afasto a sua mão. — Se vieram até aqui para tentar me levar de volta, perderam a viagem. Eu não preciso mais do dinheiro de vocês, para nada, já consigo me sustentar, como podem ver.

— Em um apartamento de dois cômodos? Isso é se sustentar? — ele diz como se eu estivesse louca. — Ísis, qual o sentido em continuar aqui se esse rapaz está praticamente noivo de outra? Se ele realmente te amasse, a distância e até mesmo o tempo não teriam apagado o sentimento. Até quando vai se manter cega a isso? — meu pai completa, perdendo a falsa passividade.

— Charles, chega! Você me prometeu que iria tentar — minha mãe intervém.

— Tentar o quê? Me destruir mais um pouco? Posso ter perdido o amor do Felipe, mas você perdeu muito mais, perdeu todo o respeito que eu tinha por você.

— Ísis, chega! Sabe que seu pai te ama...

— Pelo amor de Deus, mãe, até quando vai sustentar essa mentira? Tire essa venda dos seus olhos e veja se realmente ter me obrigado a ir para longe me fez bem? Vocês poderiam ter evitado tudo isso. — Minha voz falha, enquanto tento engolir o choro. — Você sabe que só fui porque ele ameaçou a vida do Felipe, caso contrário, nunca teria me afastado — digo, alterada, e ela abaixa a cabeça.

— Você só vai entender o que um pai e uma mãe são capazes de fazer para proteger um filho quando gerar um — ele diz e vai em direção à porta.

— Ísis, por favor — a minha mãe pede em súplica.

— Você sempre concordou com as atitudes dele, sempre se manteve passiva mesmo me vendo sofrer. Eu não quero ter que brigar com você também. Volte com ele, agora essa é a minha vida — digo.

Ela engole em seco, em seguida me beija delicadamente, se recompõe e deixa a sala. Depois de me controlar, eu saio e sigo para a minha sala. O dia acaba passando sem eu me dar conta.

À noite volto para o meu apartamento e antes que Monique venha me buscar, eu me vejo sentada na cama olhando a foto do Felipe no meu telefone.

Eu sei que fui embora sem dizer adeus, sequer um beijo final, ou uma promessa de que voltaria. Mas como você pode não se lembrar de nós? Como pode beijá-la, fazer amor com ela se eu não consigo sequer te esquecer?

Antes que eu me torture mais, meu telefone vibra, assustando-me. Eu pego a minha pequena mala e desço, encontrando Monique me esperando lá embaixo. Então parece que esse é o meu recomeço. A minha nova vida.

E sem motivação alguma, novamente dou meus passos para longe do nosso amor, decidida de que desta vez não quero mais sofrer, não quero mais amar.

Capítulo 11

Ísis

Ao contrário do sorriso animador com que Monique me recebe em seu carro, eu simplesmente me deixo seguir, tentando reprimir todos os sentimentos que estão arraigados em mim. Enquanto ela tagarela os planos que fez para nós, eu percebo que estou cansada de dias longos e noites solitárias. Estou cansada de continuar amando Felipe e querendo desesperadamente dar um fim que não seja desistir de mim mesma. E apenas quando Miguel a interrompe dizendo que a mamãe ultrapassou um sinal vermelho e que “*o polícia*” irá pará-la, que eu percebo que ele está o carro.

— Está tudo bem, meu amor, mamãe só está com pressa — ela explica para ele, carinhosamente.

— Papai diz que apenas no verde, só no verde.

Então, seduzida por sua insistência, eu me viro e observo a cabeleira loura dele.

— Oi — ele diz timidamente para mim.

— Oi, Marcos Junior.

Monique revira os olhos ao me escutar e ambas caímos na gargalhada. Ela para o carro, e vira para entrar para entrar na garagem de um grande edifício. Se Marcos não mentiu, Felipe também mora aqui, mas não irei encontrá-lo, já que está com a Flávia.

— Felipe mora aqui. No sexto andar. — Monique parece adivinhar os meus pensamentos. — E eu no sétimo.

— Parece ter mais que sete andares. — Tento fingir ignorar tudo que

seu nome provoca em mim.

— Térreo, salão de festas e área de lazer, três a mais. — Ela sorri. — Definitivamente não dá para encarar as escadas. — Ela faz uma observação.

Sáímos do carro e só então vejo que Monique exhibe suas pernas torneadas em um short jeans curto, uma blusa caída no ombro e chinelos. Miguel faz protesto ao notar que voltou para o apartamento, e pela sua reclamação, acho que Monique havia prometido levá-lo ao shopping. Depois de mais algumas reclamações e promessas, ele se acalma e entramos no hall. O lugar, apesar de luxuoso e bem arquitetado, não me impressiona. Na verdade, parece que nada mais na vida me impressiona. E antes mesmo de me ater novamente à conversa de Monique, percebo que estou fugindo de qualquer pensamento que traga quem eu quero e preciso esquecer. Chegando ao andar, assim que Monique abre a porta, Miguel corre em disparada à nossa frente, seguindo pelas escadas.

— Sem bagunça Miguel! — ela grita.

A elegância do apartamento prende a minha atenção. Ela abre um largo sorriso ao se virar para mim.

— Bem-vinda à minha casa. Hoje eu quero uma noite de mulheres para colocarmos a fofoca em dia. — Ela sorri e me puxa para um abraço. — Fique à vontade. O que quer beber? Tenho um ótimo vinho que Marcos deixou aqui semana passada, quer me acompanhar? É delicioso. — Assim que percebe o que disse, ela sorri sem jeito.

— Então vocês...

— Não, é só casual — diz, parecendo não acreditar nisso.

— Então vamos conhecer a sua casa — digo, querendo mudar de assunto.

Monique me leva para fazer um tour pelo apartamento. São quatro suítes no andar de cima – a dela, do Miguel e duas de hóspedes –, em uma

delas deixo a minha mala. Na cobertura, além da área de churrasco e piscina, há um minibar. No andar de baixo, um quarto de brinquedos, sala de jantar conjugada com estar, dois banheiros, uma cozinha ampla e uma lindíssima sacada. Monique explica que tem uma ajudante e uma babá nas horas necessárias. Seguimos para a cozinha e Monique pega um pano de prato antes de abrir o forno.

— Não repare na bagunça. Eu preparei uma lasanha de camarão para jantarmos — ela diz e sinto o cheiro delicioso.

— Estou com fome, então não me importo de já iniciarmos o jantar.

Ela sorri e chama novamente o Miguel. Saboreamos sua deliciosa lasanha e após falarmos sobre pessoas que conhecemos e o que fizeram de suas vidas, Monique leva Miguel ao seu quarto e o ajuda a escovar os dentes. Enquanto ela o coloca para dormir, observo as fotos no quarto – em todas, Marcos está entre os dois –, Monique só fingiu que seguiu em frente, mas não conseguiu fazer isso. Marcos está presente em sua vida, e não apenas financeiramente.

Vendo que Miguel está longe de dormir, ela o deixa assistindo à tv em um canal infantil, e seguimos para a cobertura, sentamos de frente para a sua piscina, e antes de iniciar a conversa ela se lembra de algo, então desce rapidamente, voltando com o vinho e duas taças. Brindamos enquanto nos acomodamos nas espreguiçadeiras, observando as estrelas.

— Espero que a sua intenção não seja me deixar bêbada. Amanhã eu trabalho — brinco.

Monique toma um bom gole.

— Não mesmo. Eu senti falta disso, nunca tive uma pessoa que se aproximou de mim como você. — Ela sorri. — Miguel adora suco de laranja — ela diz, mudando de assunto. — Ele é tão elétrico, mas quando Marcos o leva, eu sinto muito a falta dele.

— E ele fica bem com o Marcos?

— Aquele idiota faz tudo que o Miguel quer, por isso que ele o adora. É só o Miguel o chamar de papai com uma voz manhosa, que ele se derrete.

Eu começo a rir, imaginando a cena.

— Nunca pensei que Marcos seria um pai que faz as vontades dos filhos. Meus padrinhos sempre foram rigorosos com ele, então imaginei que seria assim como pai.

— Seria bom se ele fosse um pouco rigoroso, mas não é. — Ela vira a taça de vinho para logo enchê-la novamente. — Sabe, é fácil ser pai de fim de semana — ela diz. — Não estou reclamando, eu só...

— Você ainda o ama, não é?

Monique prende os lábios entre os dentes e encara a imensidão de estrelas sobre nós.

— Como se deixa de amar alguém que você vê quase todos os dias? Ele é um pilantra, diz que me ama em um dia e que somos uma família, e no outro está na farra. Marcos não vai mudar nunca, e ao invés de me afastar, eu me afundo mais nesse relacionamento de merda.

— E os pais dele, o que dizem?

— Na frente dos pais ele é santo, aceita tudo o que eles falam, mas quando está comigo, ah... Não vale nem a pena dizer.

— Ele me disse que você pisa no coração dele — brinco com ela, tentando mudar o clima.

— Ele é um cínico safado. Sempre brincou com os meus sentimentos. Eu tinha esperança de que ele fosse mudar um dia, Ísis, principalmente depois que Miguel nasceu. Mas o Marcos não presta, e eu também não, já que prometo colocar um fim, e quando juro que acabou, ele está entre as minhas pernas novamente.

— Ele tem a chave do apartamento?

— Tem. Entra e sai daqui quando quer e, no início, como eu era uma boba apaixonada, cedia às investidas dele na esperança que tivesse mudado, mas no dia seguinte ele deixava claro que não estava preparado para assumir um relacionamento.

— Você chegou a conhecer alguém durante esse tempo?

Ela ri como se estivesse se lembrando de algo.

— Sim, um cara na academia. Mas Marcos me vigia, só fica infernizando a minha vida, então eu não levo adiante. Eu quero te apresentar para ele.

— Deixe-me ver se entendi. Ele pode e você não?

— Não é bem isso. Eu não consigo, fora que não tenho amigas. Ah, falando nisso, hoje eu te matriculei na academia.

— Você o quê?

Depois de já ter tomado a terceira taça de vinho, eu gargalho ao escutá-la.

— Ísis, por favor, você vai fazer companhia para mim.

— Não.

— Lá é uma ótima distração, se é que me entende. — Ela pisca com malícia.

— Tudo bem. E que horas vamos?

— Às sete, o que acha? Já conversei com o Marcos e tenho uma babá que às vezes fica aqui com Miguel. Ela é uma senhora de idade e à noite posso deixar Miguel na casa dela, mas Marcos não sabe dessa parte.

— Ele não gosta?

— Não gosta que eu leve o Miguel lá. — Ela sorri, sem jeito.

— E isso não vai te trazer problemas?

— Ele não vai saber.

— Nossa! — Monique ainda tem aquela pontinha de loucura. —

Tudo bem, quem sabe eu não consiga um corpão lindo como o seu!

Após mais gargalhadas e conversas sobre nossos possíveis pretendentes, eu e Monique brindamos ao nosso novo começo.

Já passa da meia-noite quando, cambaleantes, vamos cada uma para o seu quarto. Ao deitar na cama sou traída por meus sentimentos, revivo meu amor prometendo ser a última vez, mas não será e eu sinto isso.

Apesar de saber que estou com Monique em seu apartamento, Marcos não faz perguntas, e seguimos em total profissionalismo. Quando ele menciona o meu pai, eu o ignoro e ele entende o recado.

Às seis e meia da tarde, deixamos Miguel com a babá e seguimos para a academia. Eu passo o meu cartão e assino um plano anual, parece loucura para alguém que nunca sequer esteve em uma academia, mas Monique insiste que assim eu irei ficar animada para vir sempre.

A academia possui quatro andares e é composta por todos os tipos de aparelhos que se possa imaginar. Vamos até a área da musculação, e antes de nos exercitarmos, surge um moreno sarado com sorriso bem charmoso, e ao ver o seu uniforme sei que é instrutor. Ele se aproxima e Monique se joga em seus braços, cumprimentando-o, para logo esse mesmo abraço ser direcionado a mim, que retribuo um pouco sem graça. Ela, alegremente, me apresenta ao seu *personal*, Anderson. Tudo bem, admito que ele é bonito e tem um sorriso bem atraente, mas não sei se isso é direcionado a mim ou a Monique. Ela toma a frente dizendo que eu preciso de um *personal*, e ele se dispõe a me dar aulas, já que estamos treinando no mesmo horário e, pela primeira vez, lá vou eu fazer musculação. Apesar das dores iniciais, seguimos firme nos dias seguintes, e na sexta-feira, pela manhã, sou convencida por

Monique a aceitar o convite de Anderson e Jeferson, outro *personal* que conheci na academia, para irmos ao bar próximo ao escritório onde trabalho. No final da tarde, eu percebo que consegui não pensar tanto em Felipe, e comemoro na conversa com a Karen, que me incentiva a continuar com meus planos de refazer a vida.

Ainda dói e ainda choro pensando em tudo que perdi, mas mesmo com distrações banais, e goles de vinho à noite, tento me convencer que estou seguindo em frente. Após o nosso treino, eu sinto meu corpo bem dolorido e de quebra tenho uma cólica para acompanhar. Quando estou me despedindo do *personal*, sinto um líquido descendo, então corro para o banheiro antes que o desastre aconteça – minha menstruação adiantou – e, se por um lado odeio sair em dias assim, por outro estou aliviada, já que não me lembrei de tomar a droga da pílula quando eu e Felipe transamos sem camisinha. Coloco o absorvente que sempre carrego na bolsa e praticamente arrasto Monique para o carro, pegamos Miguel e seguimos para o apartamento.

Antes de irmos para o bar, ela o deixará com os pais do Rafinha, um amiguinho no colégio. É o aniversário do garoto e como eles são próximos, eles pediram para levar Miguel ao sítio para passar o fim de semana.

Ao chegar ao apartamento, enquanto tomo um banho, relembro as três vezes que a minha mãe me ligou tentando aliviar o lado do meu pai. É o que ela sempre faz, pede desculpas por ele e diz como ele está arrependido, mas nunca escuto uma palavra de arrependimento vindo dele. Ainda me lembro de que até meus quinze anos, ele ia ao meu quarto verificar se eu estava bem aquecida, eu amava sentir seu beijo de boa-noite.

Saio do banho e me deparo com Monique no quarto. Ela insiste que devemos nos produzir, que será a nossa noite e que iremos nos divertir como nunca. E apesar de reclamar da cólica, de justificar que não estou no clima para uma superprodução, Monique me vence pelo cansaço, e enquanto me

arrumo, ela prepara o Miguel. Até mesmo me empresta uma roupa que, segundo ela, ficará perfeita.

Terminando, eu me olho no espelho e mais uma vez desconheço essa pessoa. Estou com uma maquiagem que destaca bem os meus olhos, minha boca está com um batom vermelho e meu cabelo solto com cachos volumosos. Nem me lembro da última vez que me arrumei como alguém da minha idade, e o bom é que gostei de ver o brilho da menina que um dia eu fui. Passo o meu perfume *Chanel 5* e saio do quarto com a minha *clutch* nas mãos. Chegando à sala, eu encontro com uma Monique muito bem produzida. Sua pele se destaca e suas curvas estão bem marcadas na roupa que escolheu. Assim que me vê, ela para de mexer na mochila de bichinhos de Miguel.

— Caramba, Ísis, você está muito gostosa com essa roupa. Essa noite não vai ter pra ninguém.

Eu sorrio com o seu comentário.

— Tem certeza que essa roupa não está chamando muita atenção? — Eu me olho no espelho da sala e vejo como a blusa soltinha em tom pérola caiu muito bem com a saia curta justa com estampa de figuras geométricas pretas e brancas. Monique se aproxima e coloca um colar no mesmo tom da saia.

— Agora está perfeita. — Sorri. Mas ao notar que ainda estou sem jeito, continua. — Ísis, a intenção é chamar atenção mesmo. E eu, como estou? — Ela dá uma voltinha para que veja melhor a sua roupa.

— Está linda e nem por um momento alguém diz que você é mãe.

Ela optou por *cropped* bordado e uma minissaia preta, que realça muito bem as suas curvas.

— Ótimo! Miguel acabou cochilando, mas já liguei para a mãe do Rafa e ela disse que não tem problema. — Ela sorri e sobe as escadas,

voltando com Miguel no colo. Só Monique mesmo para levar Miguel de pijama.

Eu pego a sua bolsa e ela tranca a porta, enquanto chamo o elevador. Demora alguns minutos para ele chegar, mas assim que entramos sinto aquele frio na barriga. Depois de tanto tempo estou indo a um encontro. Não vejo empolgação alguma em mim, apenas estou fingindo, mas quero continuar tentando deixar isso para trás. Tentando tirar Felipe da minha mente, e não me importo em ter outras mãos sobre o meu corpo essa noite.

Assim que chegarmos ao térreo, quando a porta do elevador se abre, meu coração para ao avistar Felipe bem à nossa frente. Tudo desmorona, e eu imploro internamente para ser forte, mas sinto como se estivesse desabando, sem conseguir sequer ter uma reação.

— Ah, que droga, deixei a bolsa do Miguel no sofá. Volta e pega para mim enquanto eu o coloco no carro, pode ser? — Monique diz.

Por que ela me pediu isso?

— Oi, Felipe, tudo bem? — diz, encarando o Felipe.

— Joia, e você? — ele diz, parecendo indiferente a minha presença.

Escutar a sua voz quase me faz fraquejar. Eu o amo e sei disso, mas não vou cair nessa ilusão novamente, esta noite vou tirá-lo da minha mente.

— Estou bem. Está indo viajar ou voltando? — Monique pergunta descaradamente enquanto sai do elevador.

— Voltando — ele diz.

Por que não está com ela? Não, não, não. Eu vou deixar claro que não o quero mais, que não sinto sua falta, ainda que ele saiba que não é verdade.

— Que bom, pode abrir a porta de acesso à garagem, por favor? — Monique pergunta com Miguel no colo.

Felipe o faz rapidamente e ela sai. Ele fica por alguns segundos,

indeciso se vai ou não entrar, mas parece não querer encarar as escadas, então entra no elevador. Eu fico no canto, tentando ignorar a sua presença, e aperto o botão do sétimo andar, concentrada nas luzes que se acendem anunciando cada andar.

— Oi — ele diz.

Eu não quero encará-lo, mas percebo que agora a nossa história se resume a isso.

— Oi — respondo, evitando olhar em sua direção. Quando o silêncio se torna constrangedor, por orgulho, eu preciso mostrar que não me importo, então solto as palavras tentando deixar claro que não há ressentimentos. — Fui ao banco essa semana e me falaram que está de férias. Você e Flávia. — Forço as palavras.

— Estou, mas a Flávia volta na segunda-feira. Está precisando de alguma coisa?

Eu o encaro sem acreditar em suas palavras, ele olha em meus olhos, mas não diz nada. O silêncio toma seu lugar e dói. Eu me pergunto até quando esse sentimento ainda irá nos machucar? O elevador abre as portas no sétimo andar.

— Droga! — ele dispara.

Eu deixo escapar um sorriso ao notar o porquê antes de sair rapidamente. Ao olhar para o molho de chaves, sei que vou demorar horas para descobrir qual é a certa.

— Felipe — eu o chamo. Ele sempre foi prestativo, então decido pedir ajuda, não é como se eu estivesse fingindo algo. — Você sabe qual chave é? São muitas e todas iguais, acho que isso é meio que padronizado.

Ele está tão próximo e ao mesmo tempo tão distante. Eu entrego o molho de chaves sem tocar em sua mão, então ele escolhe a chave e destranca a porta. Abro e rapidamente pego a bolsa que está perto do sofá, e quando

volto a trancar a porta, ele ainda está me esperando no elevador. E, novamente, estamos no mesmo impasse, evitando as palavras enquanto nossas respirações se desestabilizam, deixando óbvio o que sentimos. Mas como optamos pela estrada dos covardes, ignoramos toda a tensão. O elevador começa a descer e logo para no sexto andar.

— Tenha uma boa noite — ele diz ao sair.

— Você também. Obrigada — sussurro.

— Não por isso. — Eu o escuto dizer. *O que é isso, um maldito jogo?*

— Juízo — ele diz ao me encarar.

Olho em seus olhos enquanto as portas do elevador se fecham. Eu penso em nós, em nossos momentos e isso acaba comigo. Seu perfume fica no ar enquanto estou indo mais uma vez para longe dele, essa é nossa história de amor sem final feliz. Chegando à garagem, eu me deparo com o sorriso malicioso da Monique.

— Acho que alguém não ficou satisfeito em ver a ex saindo — Monique diz, brincalhona, e dá a partida no carro.

— Monique, estou tentando, tentando mesmo — suspiro.

— Tudo bem, vamos fazer um acordo? Essa noite você esquece Felipe e eu esqueço Marcos. — Eu sorrio para ela, ainda me sentindo trêmula. — E então, temos um acordo?

— Temos.

Como combinado, deixamos Miguel com a Sandra e Fábio, os pais do Rafael. Assim que chegamos ao bar, encontramos com os dois instrutores da academia. Eles realmente são bonitos e tudo que quero é esquecer. Começamos a beber e Monique se mostra cada vez mais animada, até que Anderson a chama para dançar, e os dois começam a fazer isso de uma forma bem íntima.

— Tem certeza que não quer dançar? — Jeferson pergunta pela

segunda vez.

— Obrigada, mas ainda não — respondo com educação, enquanto tomo mais um gole de tequila.

Começamos a conversar e há muito tempo não sorria tanto ao conversar com alguém. Jeferson sabe como conduzir uma boa conversa, e acaba me fazendo rir e, muito, ao confessar todas as furadas que se meteu com o amigo.

— Ísis, desculpe a pergunta, mas como uma mulher linda e inteligente pode estar sozinha?

— E por que uma mulher linda e inteligente não pode escolher estar sozinha? — argumento.

Ele sorri um pouco sem jeito e se vira para a Monique, que continua dançando cada vez mais próxima do instrutor, que tem agora as mãos em sua cintura. Pelos olhares que estão trocando, tenho certeza que logo sairá um beijo.

— Eles estão se entendendo bem, não acha? Vamos, linda, só uma dança, por favor? — Ele me olha com seu sorriso irresistível.

Quando começo a me levantar, vejo alguém andando rápido entre as pessoas e fico em choque ao ver Marcos quebrar uma garrafa na cabeça do Anderson. Com brutalidade, ele puxa Monique pelo braço, então caminho rapidamente em sua direção. Jeferson faz o mesmo em direção ao amigo, e apesar de ainda sentir o efeito da pancada, não parece ter se machucado. Anderson vai para cima de Marcos e Monique fica entre eles tentando evitar que os dois se enfrentem. Somente quando chego perto é que consigo escutar a confusão.

— Marcos, você não tem o direito de me tratar dessa forma! — Monique grita com ele.

— Como não tenho direito? Você está vestida desse jeito, uma hora

dessas, e se esfregando nesse imbecil. Para começar, foi para isso que deixou Miguel ir para o sítio, Monique? Qual o seu problema?

Os gritos começam a tomar proporções maiores, chamando cada vez mais a atenção, e eu fico sem saber o que fazer.

— Quem é esse cara? — Anderson diz sem entender o porquê de ter sido agredido, enquanto seu amigo tenta segurá-lo.

— É o pai do meu filho — Monique responde, ficando entre eles.

E como se não bastasse toda a confusão, uma mulher se aproxima de Marcos, assustada, e o puxa pelo braço para saber o que está acontecendo.

— Marcos, o que houve? — diz a mulher.

Agora Monique o fuzila com os olhos, e antes que alguém possa ter alguma reação, ela sai em disparada, dando tapas em todos os lugares possíveis de Marcos. Não sei o que é pior, a vergonha ou a confusão. Eu tento puxá-la, mas não consigo. Não vejo mais Anderson ou Jeferson. Marcos tenta conter os ataques de Monique.

— Você é um desgraçado mentiroso. Como tem coragem de continuar saindo com essa vagabunda depois de jurar que não estava mais com ela? — Marcos segura os braços de Monique, enquanto estou feito idiota querendo saber aonde isso vai dar.

— Não é nada disso, Monique, está confundindo as coisas — ele diz e Monique começa a chorar desesperadamente.

— Me deixa viver a minha vida, Marcos. É só isso que eu te peço. Continue comendo suas piranhas e me deixe ser feliz também.

— Se eu sou piranha, você é uma prostituta que ama dinheiro! — A mulher sai de trás de Marcos e grita para Monique.

Monique consegue agarrar o cabelo da mulher, agora eu e Marcos estamos tentando separar as duas. Os seguranças chegam e acabam com a confusão. A mulher que estava com Marcos desaparece rapidamente.

— Vocês vão sair numa boa daqui ou querem ir direto para a delegacia? — um dos seguranças fala.

— Você sabe com quem está falando? — Marcos pergunta, alterado.

— Deixa esse idiota aqui, Ísis. Vamos embora. — Monique me segura e juro que ainda estou tentando entender.

Saímos do bar e Marcos vem atrás de nós.

— Vocês vão embora comigo! — ordena.

— Não vou não, vim com Ísis e vou embora com ela — ela responde, alterada, e como está bêbada, eu pego a chave do carro da sua mão.

— Nós temos que conversar, Monique. Eu quero saber quem é aquele imbecil!

— Vai para o inferno, seu idiota, e me deixe em paz! — ela grita.

— Você não deveria ter deixado o meu filho ficar na casa de estranhos para se encontrar com aquele filho da puta!

— O único filho da puta que tem aqui é você! Na minha casa você não entra mais! — ela grita e Marcos gargalha.

— Onde? Não entraria se você tivesse uma, mas não tem. A casa é minha, querida. Até mesmo o carro e as roupas que você usa são meus.

Ela volta a chorar e quando ele faz menção de continuar atacando, eu o interrompo.

— Marcos, por favor. — Tento amenizar a situação.

Mas Marcos parece estar cego de ciúme.

— Tem razão, é tudo seu. — Ela se vira para mim. — Ísis, eu já fui muito humilhada hoje, pode me deixar na casa da minha mãe e depois leve o carro desse desgraçado até o apartamento dele? Amanhã passo lá para pegar minhas as coisas e do meu filho.

— Meu filho não vai a lugar nenhum com você.

Eu abro a porta do carro e coloco Monique, ainda chorando, dentro

dele. Ele está tão exaltado, mas por eu continuar entre eles, Marcos não se aproxima dela.

— Marcos, amanhã vocês conversam. Vai para casa esfriar a cabeça — eu peço e ele dá um soco no carro.

— Você vai me pagar caro, sua puta! E não, Ísis, nós vamos conversar hoje. Não se meta nisso.

Eu suspiro pesadamente e Monique toca o meu braço.

— Vamos para o apartamento, ele não vai desistir.

Sigo para o apartamento, mas não irei deixá-la sozinha com ele. Monique chora ao meu lado, enquanto xinga Marcos de todos os nomes, por fim sinto pena dela. Monique o ama e Marcos ficou louco em vê-la com outro, mas fidelidade não é uma palavra que pertence ao seu vocabulário.

— Vai ficar tudo bem, Monique. Vou ficar com você essa noite.

— Ísis, eu sou uma boba, não sou? Estou cansada disso. Entra ano e sai ano e eu continuo sozinha e amando esse desgraçado egoísta que sempre tem uma piranha pra comer. Eu não posso ter ninguém, mas ele pode ter várias.

— Você é a única que pode mudar essa situação. Não sou a melhor pessoa para dar palpite na vida amorosa de alguém, mas talvez Marcos mude no dia que você mudar.

— Aquele desgraçado não muda nunca, mas ele vai me pagar, você vai ver.

Estaciono na garagem desejando que Marcos não venha. Subimos para o apartamento e assim que entramos, escuto o elevador ser chamado, mas minutos se passam e ninguém bate à porta. Ela tira as sandálias e se serve de uma taça de vinho.

— Não quer me acompanhar, Ísis?

— Não, obrigada. — Espero mais alguns minutos, e ela passa a beber

direto na garrafa. — Monique, eu vou dormir. Qualquer coisa que precisar é só me chamar.

Beijo seu rosto e a deixo sozinha, se derramando em vinho e lágrimas. Quando estou no corredor, indo para o quarto, ouço o barulho da taça se quebrando contra a parede e logo os gritos de Monique.

— Vai embora, agora! — ela grita e eu volto para a escada, ficando onde é possível vê-los.

— Não vou enquanto você não falar quem é aquele desgraçado que estava com você. — Marcos parece mais calmo do que antes.

— Não é da sua conta!

Vejo Marcos indo em sua direção, mas para quando está bem próximo.

— Por que estava com aquele cara? Você não disse que ia me dar outra chance? — Sua voz está emocionada.

— Disse que pensaria em te dar outra chance. Mas você me provou que não vale a pena.

— Eu não estava com aquela mulher, eu...

— Marcos, vai à merda! Acha que vou acreditar nisso? Você me envergonhou na frente de todos, deixou aquela piranha me tratar como se eu fosse puta e...

— Não vem com drama. Está claro que aquele imbecil poderia ser tudo, menos seu amigo.

Ela volta a chorar e é um choro tão dolorido. Quando vejo Marcos se aproximar novamente, começo a descer a escada, mas sou surpreendida ao vê-lo de joelhos.

— Por favor, me perdoa. Eu não deveria ter feito aquilo, mas como você acha que fiquei quando vi aquele idiota prestes a te beijar, Monique? Porra, não funciona assim, você sabe que eu te amo e...

Ela gargalha.

— Isso é amor? — Ele se levanta e ao tentar tocá-la leva uma bofetada tão forte que fica uma marca em seu rosto. — E com que direito tem de me cobrar fidelidade, se cada dia você está com uma mulher diferente? Você nem abriu a boca para me defender quando aquela vagabunda me chamou de prostituta. Na verdade, é isso mesmo que sou para você, uma prostituta que sempre tem de abrir as pernas quando você resolve aparecer — diz com a voz embargada. — Eu vou embora, Marcos!

— Por favor, não faz isso. Eu estava vindo dormir com você.

— E eu moro no bar agora? — pergunta com ironia.

— Monique, eu passei lá e você também estava lá, cadê a droga do respeito, então? — Ela continua chorando. — Me dá uma chance, por favor? Você me trata feito lixo, fala mal de mim até para a minha mãe. Isso machuca. Eu te amo tanto e você faz isso comigo.

Tento não rir, mas a forma que Marcos se declara só prova o quão cínico ele é.

— Não ama nada. Toda vez você vem com esse discurso ridículo. Você acha que eu sempre estou à venda, Marcos, mas não sou assim. E um dia vou mostrar para você que não preciso do seu dinheiro.

Ela chora desesperadamente e Marcos se aproxima. Monique tenta afastar as mãos dele da sua cintura, mas Marcos a puxa para mais perto e começa a beijar o seu pescoço.

— Para com isso, minha gatinha, eu te amo. Não foi um encontro. Eu passei no bar e ela estava lá. Sei que preciso mudar, mas sem você não consigo.

Ele tenta beijá-la, mas ela o empurra.

— Monique, por favor, vamos esquecer o que aconteceu. Vamos passar uma borracha em tudo e começar de novo. Nós três, só nós três, por

favor? — Ela continua encarando-o. — Você sabe que é a única, por favor, me dá uma chance de provar isso.

Ele é tão bom nisso, se faz de tão arrependido, e quando penso que já vi o melhor teatro, Marcos chora, implorando para ela não o deixar.

Agora já não tenho certeza se é falsidade ou não.

Sei que é errado espionar esse momento íntimo, mas a curiosidade de saber se Monique vai ceder toma conta de mim. Ela volta a dar outra bofetada nele, e quando penso que ele irá revidar, Marcos segura em seu cabelo e a beija. Monique se entrega ao beijo e logo pula no colo dele, passando as pernas em seu quadril. Marcos passa a mão em sua bunda, fazendo com que a saia levante, então ouço Monique gemer e em segundos eles estão no sofá e sei bem onde isso vai dar.

Sigo para o quarto rapidamente e ligo o chuveiro. Noto que meu ciclo está totalmente desregulado, não desceu mais nada. Provavelmente amanhã irá normalizar, já que a cólica persiste. Tomo um banho e penso na forma que Felipe me olhou no elevador. Queria poder esquecer que ele existe, mas mesmo longe o amor que sinto por ele parece crescer cada dia mais. Queria muito poder estar com ele nesse momento, mesmo que fosse de maneira errada, queria que ficasse comigo.

E nessa mesma loucura de pensamentos, estou começando a perceber que não importa o que eu faça, ele irá permanecer mim.

Capítulo 12

Ísis

Acordo com a luz do sol em meu rosto. Olho em direção à janela e apesar de todas as distrações, toda manhã engulo em seco a vontade de chorar ao sentir o vazio que a sua ausência provoca em mim. Sinto falta da maneira como ele me olhava, do seu toque, do seu sorriso, e até mesmo do seu silêncio. Então, com todo esse aperto eu me proponho a levantar, a continuar mantendo a mentira de que vai passar.

Uma vez ouvi dizer que a mentira contada mil vezes se torna verdade. Eu não sei muito sobre isso, apenas que um dia eu me sacrifiquei por amor, confiei no tempo e descobri, tarde demais, que ele é um canalha que nos tira o melhor da vida.

Eu perdi meu único amor e apesar de estarmos vivos, perdê-lo me faz sentir que tudo em mim morreu. E a quem eu deveria culpar por isso? Destino? Tempo? Meus pais? Eu?

Meu silêncio dá a resposta que tanto preciso.

Eu me levanto e já não sei quais distrações posso recorrer para aliviar essa sensação de estar caindo lentamente na imensidão. Agora vejo que não se trata apenas de perder Felipe. Quando eu o conheci, através dos seus olhos eu me conheci, e agora que ele se foi, não sei como juntar os pedaços e recomeçar.

Ao ir ao banheiro, constato que preciso marcar um ginecologista. A cólica persiste, porém não há menstruação. Quando desço para tomar meu café, encontro Monique e Marcos entre carícias. Eles são o casal mais insano

que conheço e prefiro não opinar. Marcos e ela preparam o café como se nada tivesse acontecido, como se ambos não tivessem dado um show ontem à noite. Ele fala de Miguel e começa a fazer planos. Mas não fica muito tempo, por volta da hora do almoço ele vai embora.

Assim que ele sai, Monique volta a falar mal dele, dizendo que Marcos não compensa, que é canalha, que é só ilusão, mas que dessa vez ele vai ver quem é Monique. Eu só escuto e finjo concordar com cada afirmação.

Depois de ter presenciado a briga entre Monique e Marcos, percebo que Monique não tem noção do poder que exerce sobre ele. Marcos faz o que faz com ela, mas no fundo tem medo de perdê-la, e por ser um cafajeste, ele sabe como dar as cartas na relação louca entre eles. No entanto, acredito que no momento em que ela falar menos e começar a agir de verdade, tenho certeza que ele muda. Porém, não sou a melhor pessoa para dar palpites em sua vida, e muito menos me meter na relação dos dois.

A segunda-feira chega sorrateira, me fazendo encarar a vida. Vou ao banco e sou forçada a encarar Flávia e seu estranho sorriso debochado. Eu a vejo cochichando com outra funcionária e lançando olhares na minha direção, mas ignoro.

Para a sua decepção, tenho me tornado especialista em ignorar. Ignoro meu amor, minha dor, resumindo, ignoro minha própria existência.

À noite, sem ânimo algum, sigo com Monique para a academia. Depois que Marcos se foi, ela passou o domingo implorando desculpas por ter arruinado a nossa noite. Monique acredita que se não fosse pelo ocorrido, eu e Jeferson teríamos passado a noite juntos. Ainda assim, fazia tempos em que eu não tinha uma noite tão agitada. Monique continua se lamentando por

ter acabo com a aquela que seria a nossa noite e promete que teremos outra.

Chegamos à academia e, envergonhada, ela se desculpa com o instrutor pela milésima vez. Monique já havia ligado para ele no domingo à noite pedindo desculpas, e até mesmo pensou em sair da academia por vergonha, mas ele a convenceu de que não precisava fazer isso. Então estamos aqui, para mais um dia de treino.

— Ele é o pai do meu filho, mas não temos nada e ele não aceita que acabou — ela se explica e juro que não teria essa cara de pau.

— Mas vocês ainda se falam? — Jeferson pergunta e parece acreditar.

— Raramente. Mas ele é louco. Não é Ísis?

Jeferson me encara e forço um sorriso.

Chego à área da musculação e dou de cara com Felipe. Ele ainda não me viu, está próximo a uma garota de cabelo longo, ajudando em um exercício. Após terminar a série, ela agradece a ele e sorri. Então ele se vira e nossos olhos se encontram, mas desviamos rapidamente. Anderson se aproxima e vejo que está com um curativo na cabeça. Felipe passa por nós e educadamente nos cumprimenta, então segue para a área das barras, não muito distante. Eu não entendo por que é tão difícil aceitar que não tenho mais importância para ele. Por que meu coração se nega a enxergar essa verdade tão nítida? Jeferson se aproxima e começa a me auxiliar nos exercícios, em seguida me manda fazer abdominais perto das barras. Ele coloca um colchonete para mim ali e assim que eu deito, não quero mais me levantar.

— Eu não consigo fazer isso. — Disparo a rir da minha preguiça.

Quando tento me levantar, vejo que Felipe, que está ali perto, para de fazer o exercício e fica cabisbaixo.

— Consegue sim, minha linda. Vamos, eu faço com você — Jeferson diz e se deita ao meu lado.

Eu começo a série e cada vez que ele toca em meu corpo, mesmo distante, percebo o desconforto do Felipe. Como estou concentrada no exercício, levo um susto quando escuto o barulho da barra sendo colocada bruscamente no lugar. Felipe não se dá ao trabalho de se despedir, simplesmente dá as costas e sai pisando duro, surpreendendo até mesmo Jeferson.

— Já vai, Felipe? — a garota que ele auxiliou pergunta.

Felipe apenas confirma que sim e caminha rapidamente. Eu e Monique continuamos sendo instruídas por Anderson e Jeferson, que parecem ter esquecido do ocorrido. Na academia, ela flerta o tempo todo com ele, porém é Marcos quem marca presença em sua cama. A descarada jurou de pés juntos que o Anderson é um aluno e não seu instrutor, e ainda me fez confirmar para Marcos. Não quero estar por perto quando ele descobrir essa mentira.

No decorrer da semana, apesar de buscar todas as distrações possíveis, a dor por sua indiferença persiste, e se antes ele me cumprimentava por educação, agora nem isso faz. Ele me ignora e eu finjo ignorá-lo também, mesmo mantendo todo esse sentimento vívido. Devido à cólica, eu diminuo a sequência de exercícios e peso. Na sexta-feira, ao ver Felipe chegar acompanhado da mesma garota, pergunto a Monique se ela a conhece e por que Flávia não vem com ele. Admito, estou com ciúme.

— Heloisa é aluna aqui. E se a Flávia a quem se refere for a namorada dele, ela está fazendo um tratamento médico e como tem que conciliar com o horário do trabalho, optou por dar um tempo — Anderson diz e eu me sinto envergonhada por ele ter escutado. — Apesar de ele mal me cumprimentar agora, eu já fui *personal* dos dois.

Jeferson se aproxima e lá vamos nós para uma série de treino de pernas. Não consigo resistir as suas tentativas em me fazer aumentar o peso e

manter firme a série, então acabo rindo alto. Monique deixa seu aparelho e vem até nós.

— Por que vocês não marcam logo a droga do segundo encontro de uma vez?

Estranho a sua atitude, até mesmo Jeferson está surpreso. Mas ao terminar, eu vejo que Felipe está no aparelho próximo ao nosso, então com certeza escutou tudo, e isso é confirmado ao vê-lo virar o rosto para não ter que me encarar. E em menos de dois minutos ele está indo embora, mesmo tendo acabado de chegar.

Terminamos o treino e vamos para o vestiário. Tiro a minha roupa e entro para tomar um banho rápido, assim como Monique.

— Ísis, o Anderson me chamou para sair de novo — ela diz antes de ligar o chuveiro.

— Você é louca? Se Marcos descobrir ele vai...

— Sábado ele não vai na minha casa. Ele disse que vai para a casa dos pais com o Miguel. O Marcos pensa que eu sou idiota.

— E qual o problema de ele ir para a casa dos pais?

— Nenhum, se ele realmente fosse. Mas a mãe dele me ligou e disse que vai pegar Miguel amanhã no aeroporto, e que Marcos irá somente no domingo para almoçarem juntos. Mas ele não sabe que eu sei que ele só vai no domingo. Vai ser ele me colocando um chifre lá e recebendo outro aqui — ela diz com orgulho.

— Meu Deus! Vocês dois se merecem.

Antes de ligar o chuveiro, sinto uma fisgada tão forte na barriga, que perco as forças. A cólica é tão intensa, que me faz abaixar no chão. Monique ouve o meu gemido de dor, então sai da cabine do banheiro e eu estico o meu braço e abro para ela entrar.

— O que foi, Ísis? — Ela se abaixa à minha frente e me ajuda

levantar e a me sentar no banco do vestiário, então começo a chorar.

— Vou chamar ajuda.

— Não, Monique, espera um minuto. Me dá dois minutos que vou melhorar.

— Melhorar coisa nenhuma. Vamos para o hospital! — Monique diz e pega as minhas roupas para me ajudar a me vestir.

Quando estamos saindo do vestiário nos deparamos com Jeferson, que ao notar que algo está errado, se oferece para me levar no colo até o carro e eu aceito de bom grado, porque a dor está muito intensa.

Chegando ao hospital, Monique mal estaciona e sai do carro, desesperada. Perdida em lágrimas graças a dor intensa, eu vejo quando o enfermeiro vem até mim e me carrega no colo até a emergência. Eu me concentro apenas na dor ao ser colocada em uma maca.

Monique preenche a ficha, enquanto sou levada até o clínico. Ele me examina, mas eu mal respondo, então ele solicita exames e prescreve um medicamento para a dor. Sou encaminhada para enfermaria e ali os pacientes estão separados por cortinas. Após colherem o meu sangue e me medicarem, Monique se aproxima e entrega a minha bolsa com meus documentos, se desculpando por ter que ir buscar o Miguel, mas prometendo que logo irá voltar.

A dor começa a aliviar, só então percebo que nesta ala da enfermaria também há crianças. Vejo um garotinho tão parecido com Felipe, que me assusto com a semelhança. Ele olha diretamente para mim, e quando seu pai se vira eu vejo que é o Léo. Rapidamente eu desvio o olhar, mas não antes de reconhecer a Mari com outro garotinho idêntico em seu colo. Ambos estão sendo medicados, e choram cada vez que a enfermeira volta para dar outra dose. Graças ao choro dos meninos, a minha presença é ignorada. O tempo passa e eu imploro para que ninguém fale o meu nome. Mas tudo desmorona

quando o médico se aproxima.

— Ísis Fernandes?

Mari se vira em minha direção ao escutar o meu nome, então nos encaramos, mas rapidamente desvio o olhar.

— Sim — sussurro.

Ele se aproxima e fecha a cortina, tirando Mari do meu campo de visão.

— Você já sabia que está grávida?

Eu levo um choque, fico tão assustada que isso deve estar estampado em meu rosto.

— Vou te encaminhar para um ginecologista obstetra, ele deve pedir uma ultrassonografia, dar o diagnóstico e esclarecer as possíveis dúvidas — ele diz e ainda estou em choque com a sua revelação.

— Tem certeza?

— O exame deu positivo. Mas o obstetra irá confirmar com uma ultrassonografia.

Uma enfermeira vem e o médico pede que eu seja levada de cadeiras de rodas. Eu sinto medo, angústia, e estou completamente sozinha.

Passo na frente dos outros pacientes, e na sala da obstetra, a enfermeira me auxilia a tirar as roupas e a colocar uma camisola hospitalar. Ao me examinar, a médica constata um pequeno sangramento, mas se nega a fazer um exame de toque com medo de ser prejudicial. Ela pede uma ultrassonografia com urgência, então sou levada para a área de ultrassonografias e, novamente, não tenho que esperar. A médica me prepara para o exame, mas a minha ficha só cai quando ela o inicia, fazendo as primeiras observações enquanto a assistente as digita.

— Apesar do sangramento, está tudo normal para gestação. Aqui está o bebê — ela diz e olha para mim.

— Ah meu Deus!

Não sei se realmente a minha voz saiu. A médica aponta para o que chama de saco gestacional e me apresenta o “feto”. Eu olho para o meu bebê e me sinto culpada. Então imploro perdão a ele internamente por todos os abdominais e pesos que peguei durante a semana. A médica confirma a idade gestacional – entre três e quatro semanas –, e ainda não dá para saber o sexo, assim como também não dá para escutar os batimentos cardíacos. Ela novamente cita dados e números, e vez ou outra parece me direcionar um olhar curioso.

— Está tudo bem com ele? — pergunto com os olhos cheios de lágrimas, já me condenando como mãe.

— Está sim. Por conta desse pequeno sangramento, a doutora deve pedir repouso, mas está tudo bem.

Ela termina de passar os últimos dados e tudo em que me apego é que ele está bem. É quase inacreditável que serei mãe.

Volto à sala da obstetra com a enfermeira empurrando a cadeira de rodas, então a médica verifica o resultado do exame.

— Ísis, apesar do susto, está tudo bem com o bebê. Essas cólicas são normais no início da gestação, o bebê está crescendo e seu corpo está se habituando com as mudanças. Por ser uma gestação bem recente, o melhor é fazer repouso. Apesar do leve sangramento, não há preocupações maiores. Seu útero está fechado e isso é um bom sinal, no mais, irei te prescrever um medicamento para cólica. Você trabalha? — Confirmo. — Vou te passar um atestado de uma semana. Não pode ter relações sexuais até cessar por completo o sangramento, e o principal, evitar qualquer esforço físico, ainda que mínimo. Ah, em seu hemograma também constatou anemia. Você já tem um obstetra?

— Não.

— Se precisar, eu atendo no centro, a duas esquinas do hospital, na Avenida Levino Coelho, Clínica Santa Isabel. Vou te passar o endereço e o telefone, é só ligar e marcar. Tem alguma dúvida?

— Não.

— Sei que está preocupada, mas se seguir as recomendações vai dar tudo certo.

Ela diz e então me lembro que esqueci de dizer o principal.

— Na verdade, tenho algo a dizer. O pai do bebê é soropositivo.

Ela arregala os olhos e agora não sei se realmente está tudo bem.

— Você é portadora do HIV? — ela pergunta, esperando a resposta imediata.

— Não, quer dizer, ele segue tratamento e... — Eu respiro fundo.

— Ísis, nesse caso recomendo que inicie com urgência o pré-natal. Os exames irão indicar o melhor caminho. — Seu semblante agora está preocupado e meus olhos se enchem de lágrimas, a possibilidade me transporta para outra realidade. — Ísis, a taxa de transmissão do HIV de mãe para filho durante a gravidez, sem qualquer tratamento, pode ser de vinte por cento. Mas em situações em que a grávida segue todas as recomendações médicas, a possibilidade de infecção do bebê reduz para níveis menores que um por cento. Como mãe, você...

— Eu não tenho HIV. — Volto a afirmar, sentindo o desespero crescer em mim.

— Se você transou e engravidou de um soropositivo, infelizmente não podemos negar essa possibilidade. Porém, com o uso dos medicamentos antirretrovirais combinados na gravidez, o bebê...

Ela continua falando e eu mal consigo escutar. Não sei quanto tempo se passou, mas ao deixar a sua sala, quando chego na rua, choro feito menina. Eu me sinto tão sozinha e agora, depois de ouvir a médica, tenho receio pelo

meu bebê, por mim. Chamo um táxi e ao entrar no carro, o motorista pergunta qual será o destino.

— Para casa, eu quero ir para casa — sussurro, sentindo minhas lágrimas.

Capítulo 13

Felipe

Tento de todas as formas tirar Ísis da minha cabeça, estou a ponto de enlouquecer. E como se já não fosse difícil o suficiente, eu passo horas imaginando-a na minha cama, mas quando o dia amanhece é a Flávia quem está na minha vida. Passo a tarde toda na sua casa e pergunto se ela quer que eu a acompanhe na primeira consulta com o psicólogo, mas só a menção do assunto a deixa irritada. E querendo evitar confusão, vou embora antes do previsto.

Volto ao apartamento tentando me distrair, então passo o domingo com a minha família. Mas ao ficar sozinho novamente, em questão de segundos, todas as tentativas se frustram e tudo que sobra em mim são lembranças do que eu deveria esquecer. Esse sentimento faz a minha razão implorar internamente para não me encontrar com Ísis, enquanto meu coração segue desejando ardentemente vê-la. Existe psicologia que explique essa contradição?

E, na segunda-feira à noite, sou pego de surpresa ao vê-la na academia. Gostaria de me comportar civilizadamente, cumprimentá-la tentando fingir que está tudo bem, que podemos frequentar os mesmos lugares e ignorar tudo que vivemos, ignorar que ainda sinto que pertencemos um ao outro, mas tudo vai pelo ralo assim que noto como o Jeferson, o *personal* da academia, se aproxima dela.

Ele sequer disfarça o interesse e isso me acerta em cheio. E dói mais ainda porque ela parece gostar. Nem mesmo quando a Heloísa me pede ajuda

em alguns exercícios eu consigo me concentrar, porque cada parte do meu corpo parece ligado a ela. Mas eu insisto, porque aprendi a ser bom nisso, a fingir que não dói mesmo quando estou quase morrendo de dor. Na quarta-feira, depois da academia, eu me encontro com a Flávia, e novamente pergunto como foi com o psicólogo. Não sei por que esse assunto a irrita tanto. Eu volto para a casa me sentindo esgotado, cansado do comportamento irracional da Flávia, cansado de amar Ísis, cansado da minha vida. E por mais que eu queira ignorar, a mensagem da Karina não sai da minha mente.

Na sexta-feira, na academia, escuto Monique mencionar um segundo encontro entre Ísis e Jeferson. Neste momento, eu me sinto mais patético do que nunca. *É sério que ela saiu com esse idiota?* Quase surto ao pensar na droga do encontro. Tenho uma vontade louca de esmurrar Jeferson somente por vê-lo tocar em Ísis. Eu tento disfarçar, mas é demais para mim. Sinceramente, não sei o que faço para arrancá-la de mim e, para completar, acredito que Monique gosta de me provocar ao incentivar Ísis a continuar com o cara. Não sei como ela se atreve, sabendo de tudo que passei quando Ísis me deixou.

Mal consigo disfarçar o meu ciúme e para não continuar nesse teatro ridículo, eu saio sem ter feito sequer uma série de dez minutos de barra.

Chego mais cedo e pelo barulho do chuveiro sei que Flávia já está no meu apartamento. Movido pela curiosidade de saber o que está acontecendo, eu pego o seu telefone, que está desbloqueado, de cima do criado-mudo. Provavelmente acabou de chegar, então entro no *WhatsApp* e procuro a conversa da Karina, mas ela apagou tudo. Ao me ver online, acreditando ser Flávia, Karina envia uma mensagem.

*Amiga eu te entendo, e se depender da
minha boca, ninguém vai saber o que*

*aconteceu. Mas Felipe não é idiota,
acho melhor você procurar um
psicólogo e continuar com isso, porque
se ele descobrir a verdade vai ser bem
pior.*

De repente, tudo começa a fazer sentido. *Não, ela não pode ter feito isso. Quem colocaria a vida em risco por...? Isso é loucura.*

— Oi, chegou cedo. — Eu ouço a voz da Flávia e me viro em sua direção.

Ela vem até mim e deixa a toalha cair no chão, ignorando o fato de eu estar com o seu celular na mão.

— Qual verdade eu não posso descobrir? — pergunto.

Ela dá um sorriso forçado e tira o telefone da minha mão como se não estivesse nervosa com a situação, lê a mensagem e o joga sobre a cama.

— Não procurei um psicólogo, está satisfeito? — Ela tenta disfarçar.

— E por que mentiu?

— Porque você fica enchendo o saco para eu fazer isso, mas não quero! — Ela se aproxima e tenta me beijar, mas eu a afasto.

— Espera aí. Nós terminamos, você tentou tirar a própria vida e sou eu quem estou enchendo saco quando insisto para que faça terapia?

— Você não entende como é frustrante ter alguém o tempo todo te olhando com pena por você quase ter tirado a própria vida. Eu sei que errei, que não deveria ter feito o que fiz, mas foi por medo de te perder.

Percebo que ela está prestes a chorar, mas nem isso eu suporto mais.

— Não justifica você mentir dizendo que está indo ao psicólogo. Flávia, você está sendo egoísta, só está pensando em si mesma. Eu estou preocupado por você agir como se nada tivesse acontecido — falo, exaltado.

— Olha, eu não acredito em relacionamentos sustentados por mentiras. É só isso mesmo ou tem algo mais? É sua chance de me dizer toda a verdade — insisto, querendo que ela confesse tudo.

— É só isso. Felipe, eu sei que está preocupado, mas não quero ficar lembrando o que fiz. Não quero pensar que fui capaz de quase me matar porque você me deixou. Será que você não consegue me entender? — ela fala, me colocando como culpado.

— Não, desculpa, mas sou o cara que sempre lutou pela vida, então não consigo te entender. E para início de conversa, eu já passei por psicólogos e mesmo eles sabendo o meu diagnóstico, nunca houve sequer um olhar de pena. Eles são profissionais e estão preparados para lidar com situações como esta. Você só está inventando desculpas para fugir do problema. — Ela revira os olhos e sei bem que esse é só o começo. — Como eu posso dormir tranquilo ao saber que qualquer discussão entre nós pode te levar a cometer uma loucura? Isso não é vida!

— Você sabe que não sou assim, foi um momento de fraqueza, apenas isso. E não vai se repetir, confie em mim. — Ela deita na cama, nua, e abre suas pernas, sorrindo.

— Como posso confiar em você, se estava mentindo para mim? E para ser sincero, sei que se não tivesse olhado o seu celular, eu nunca ia saber, você continuaria levando essa mentira adiante.

— Eu ia te contar, só estava esperando o melhor momento para isso. Por favor, acredite em mim — ela implora.

Eu bufo, mais frustrado pela sensação horrível de estar com alguém e desejar outra pessoa, do que por sua mentira.

— Eu vou marcar uma consulta com um psicólogo segunda-feira, e irei com você em todas as outras. Se quiser eu te espero na recepção, mas vou com você e não tem conversa — afirmo.

— Eu faço o que você quiser, amor, só não quero brigar. — Ela estende a mão, e como eu não a toco, ela se levanta e segura meu rosto nas mãos, começando a distribuir beijos. — Me desculpe por ter mentindo, você não merece isso.

Eu olho em seus olhos desejando sentir algo, mas meu coração já fez a sua escolha.

— Flávia, você não está bem. Não é questão de eu merecer ou não, mas sim de se amar mais. Eu sei que não sou perfeito, mas até então nunca alimentei o seu ciúme. Essa insegurança cansa. Estamos juntos hoje, mas amanhã não sei o que será de nós, eu posso...

— Está querendo terminar? — ela pergunta, mudando o tom.

— Não é nada disso. Apenas estou dizendo que estou aqui hoje, mas amanhã posso não estar. Ninguém vive eternamente. Você precisa ter isso em mente e a terapia vai te ajudar a reviver seu amor próprio.

— Eu só preciso de você, amor. — Ela me faz sentar e monta no meu colo. — Vamos esquecer de tudo por hoje? Eu quero você.

Sem deixar que eu responda, Flávia une nossos lábios. Tento ser consciente e afastá-la, demonstrando como estou chateado pela sua mentira, porém meu corpo é traiçoeiro e assim que ela começa a se esfregar em mim, correspondo seus beijos e me entrego ao seu jogo.

Pela manhã o meu telefone toca, e antes que eu perceba, Flávia já está com ele nas mãos.

— Por que essa vagabunda está te mandando mensagens? Você está fazendo academia com ela? — ela pergunta, irritada, antes de jogar o telefone em mim. Ainda confuso, eu olho o telefone e vejo que a Heloísa

mandou uma mensagem perguntando se estou bem.

— Não, você não vai começar! — Eu altero o tom. — Em primeiro lugar, eu gerencio a conta dela, isso já é motivo para ela ter o número do meu telefone. E segundo, o nosso horário na academia coincide em alguns dias, nada além disso. Terceiro, é só a droga de uma pergunta. Minha cabeça está doendo e não vai ficar pior por conta do seu ciúme idiota. Então se for para começar, é melhor ir embora — falo muito irritado e Flávia arregala os olhos, parecendo surpresa, e agora que vejo a sua reação, até eu estou.

— Desde quando você se tornou esse idiota ignorante?

— Desde o dia em que você começou a inventar motivos para brigarmos.

Ela sabe que não vou ceder, então se levanta, emburrada, e veste a minha blusa.

— Não sou a sua puta para ser tratada assim! — diz, irritada.

Eu não discuto, apenas afundo a cabeça no travesseiro enquanto a escuto sair pisando duro. E antes que possa fugir, eu me vejo pensando em Ísis e como foi o seu encontro com o Jeferson. Será que o sexo entre eles é tão perfeito como era para nós? Ela se entrega da mesma forma? Fecho os olhos, mas pensar nela com outro já fez todo o estrago. Não consigo voltar a dormir.

Quando eu me levanto, além da dor de cabeça, tenho que escutar as indiretas da Flávia sobre como sou ingrato. Não é novo o discurso, mas em nenhum momento ela me parece deprimida, pelo contrário, tenta de todas as formas possíveis me fazer sentir culpado. À noite, enquanto ela toma banho, eu vejo seu telefone vibrar, e desta vez não há senha de bloqueio. Novamente vejo que ela apagou toda a conversa com a Karina. Sua atitude me irrita e me deixa desconfiado, então ligo para a minha mãe e pergunto quem falou do diagnóstico da Flávia quando ela foi internada.

— A mãe dela que me disse, Felipe, por quê?

— Qual o nome do medicamento que ela tomou? — Ao fundo, eu escuto Gabriel chorar e logo em seguida começar a tossir. — Ele está doente?

— Os dois estão. Mari os levou ao hospital na sexta-feira, mas o antibiótico precisa de alguns dias para fazer efeito. Voltando ao assunto da Flávia, por que quer saber? Está acontecendo alguma coisa?

— Nada, só estou curioso.

— O nome eu não lembro direito, sei que era um antidepressivo.

— Tudo bem. Obrigado, mãe. E se a Mari precisar, pode me ligar.

— Obrigada, amor. Vocês dois estão bem?

— Estamos. Depois a gente conversa. Boa noite.

— Boa noite, beijos.

Quando a Flávia sai, eu tomo o meu banho e espero dar o horário do medicamento, enquanto ela folheia uma revista, mas o clima está tenso.

— Sabe, Felipe, você deveria realmente tentar de verdade. — Eu olho para ela sem entender. — Você conseguiu destruir até o relacionamento que tinha com meus pais, e ainda assim eu continuo com você.

Ignoro o que ela diz, novamente não há diálogo. Na segunda-feira sou surpreendido quando encontro com a Monique na academia e Ísis não está com ela. Mas depois de todo teatro que ela fez incentivando Ísis a sair com Jeferson, não me atrevo a perguntar.

Mais dias passam e todos são iguais. Essa angústia e ânsia em vê-la me sufoca e é insuportável. Na quarta-feira eu me encontro com a minha mãe e falo das minhas desconfianças em relação à Flávia e me surpreendo quando ela diz que até a Mari notou que Flávia se afastou, evitando-as. Eu peço para que ela consiga o prontuário médico da Flávia. Ela diz que vai tentar, mas afirma que é ilegal e não será fácil. Eu sei que tem coisa aí, mas não faço ideia de como descobrir, visto que a única pessoa que sabe a verdade além da

Flávia é a Karina. Na sexta-feira já estou quase louco e quando Flávia vem ao meu apartamento, eu espero que ela vá tomar banho, mas dessa vez ela fica falando ao telefone com a mãe.

Eu preparo o nosso jantar e quando ela se senta à mesa comigo, começa a falar sobre o pessoal do banco e a reclamar do novo gerente.

— Provavelmente dizem isso de mim pelas costas também.

— Eles não veem a hora de você voltar, e falando em voltar, Ísis não foi ao banco essa semana. Você está sabendo de alguma coisa? — Ela me olha fixamente.

— Por que saberia? Eu nem mesmo tenho o número do telefone dela.
— Finjo não me importar e sinto a minha vida totalmente fora dos eixos. Tudo o que eu quero é descobrir como ter o controle de volta.

Antes de eu dormir, a minha mãe me envia uma mensagem dizendo que passou o prontuário por e-mail, mas que ninguém pode saber disso. Ao perceber que Flávia dormiu, eu ligo o computador, entro no meu e-mail e abro o prontuário. Após ler atentamente, eu acho o que tanto procurava. Dosagem alta de *Dieloft*. Pesquiso sobre o medicamento e descubro que é um antidepressivo indicado para tratamento de depressão acompanhada por sintomas de ansiedade, recomendado geralmente para quem sofre de transtorno obsessivo compulsivo.

Olho para a cama e vejo que Flávia continua dormindo. Silenciosamente, eu me aproximo e pego o seu celular. Depois de hesitar por um instante, pensando se quero levar isso adiante, me dou conta que preciso conhecer melhor essa pessoa que está ao meu lado. Eu mando uma mensagem para a Karina, já imaginando que foi ela quem conseguiu o medicamento para a Flávia, uma vez que ela parece saber muita coisa.

Você ainda tem Dieloft?

Assim que envio, eu me arrependo por ter perguntado dessa forma, a Karina provavelmente irá desconfiar. Alguns segundos se passam antes que ela veja a mensagem e responda.

Por quê? Brigaram de novo?

Fico na dúvida do que responder, ou como Flávia responderia.

Você já deve imaginar...

Miga, você é louca? Não tá na hora de deixar o Felipe de lado? Sei que você o ama, mas tá na cara que ele ainda ama a ex. Você pode até não conversar mais comigo, mas não vou te arrumar Dieloft de novo. Não é porque deu certo uma vez, que vai acontecer de novo, e outra, dá pra resolver seus problemas sem colocar sua vida em risco. Pelo amor de Deus, Flávia, isso não compensa. Toda vez que vocês brigarem você vai fazer isso? Uma hora vai dar merda e vai perder a sua vida mesmo, não dá pra confiar em pesquisas sobre doses letais e não letais, isso é ser muito sem noção. Você

prometeu que não faria de novo.

Porra! Fico tão irritado que não consigo continuar a conversa. Então ela chegou a ponto de colocar a vida em risco para armar tudo isso? Minha raiva explode e sei que não posso continuar aqui, senão vou fazer uma loucura e me arrepender depois. Tiro print da conversa e mando para a Mari e para a minha mãe. A Flávia me fez sentir tão culpado, e tudo não passou de armação. Troco de roupa e saio do apartamento, sentindo-me um imbecil. Entrando na garagem, eu encontro com a Monique. Merda de sorte a minha! Estou tão irritado que nem sei para onde vou.

— Oi — ela diz, mais rápida do que eu.

— Oi — cumprimento, mas continuo caminhando, me esquivando de prolongar a conversa.

— Você já sabe sobre a Ísis?

A simples menção do nome dela me faz congelar, então me viro e encaro a Monique.

— Não, o que houve?

— Acho que ela foi embora.

Ouvir isso me faz desmoronar. Monique continua falando, mas não consigo ouvi-la. Eu simplesmente me viro e vou para o meu carro. Vejo que ela se mantém na mesma posição, parecendo perplexa com a minha atitude, ou talvez esperasse ouvir o que penso sobre isso. Mas não consigo falar, apenas sentir. Ainda seguindo pelas ruas, meu telefone toca. A minha mãe. Ela pergunta onde estou e me diz para ir me encontrar com ela.

Sem ter muitas opções, eu vou até o apartamento da minha irmã e ao atender a porta, eu me jogo nos braços da minha mãe. Estou arrasado e me pergunto a todo momento onde errei para a minha vida ter tomado esse rumo.

Nós conversamos e Mari ainda parece chocada com o que Flávia fez.

Um dos gêmeos começa a chorar no quarto, então ela e a minha mãe seguem para verificar o que está acontecendo.

— E o que pretende fazer, Felipe? — Léo pergunta e acho estranho o fato de ele não ter ficado surpreso com as atitudes de Flávia.

— Não sei. Ela é completamente louca, tão louca que me deixou sem saber como lidar com tudo isso.

— Entendo. Sei que não é um bom momento e Mari acha que eu não deveria te contar, mas sexta-feira passada encontramos com a Ísis no hospital.

— O quê? Aconteceu alguma coisa? — pergunto, ainda tentando digerir suas palavras.

— Não sei, mas...

Eu penso no que poderia ter acontecido.

— Mas percebeu algo grave? — pergunto, preocupado.

— Não faço ideia.

Pego as chaves do meu carro e saio sem me despedir da minha mãe e irmã. Então ligo para a Monique.

— O que aconteceu com a Ísis? — pergunto assim que ela atende.

— Depois de ter me ignorado, agora quer saber? — diz, indignada. — Felipe, ela passou mal na sexta-feira passada e quando voltei para buscá-la, fui informada de que ela já tinha ido embora do hospital. Liguei e só recebi uma mensagem dizendo que está bem e que depois entra em contato.

— Acha que ela pode ter ido embora com os pais? — pergunto com pesar.

— Bom, Marcos me disse que ela apresentou um atestado médico pedindo afastamento por uma semana, então acredito que ela deva voltar na segunda-feira. Eu não tenho certeza, ela não me atende, droga!

— Ok, obrigado, Monique.

Desligo e fico desesperado por saber mais, mas como não tenho o seu

número e não quero ligar novamente para a Monique para pedir, eu fico sem saber como ter notícias dela. Antes de ligar o carro, o meu telefone toca, lembrando-me que tenho problemas para resolver. Mesmo que a Flávia continue me ligando sem parar, eu não atendo. Sei que tem uma tempestade à minha espera, mas dessa vez eu quero me esquivar.

Capítulo 14

Ísis

Sentindo-me tão sozinha nesse lugar que um dia fui tão feliz, em meio às lágrimas, eu me proponho a continuar. As horas passam em silêncio e não há conforto. Monique me liga e eu ignoro, mas a sua insistência me faz enviar uma mensagem dizendo que estou bem e que retornarei assim que possível. Tomo um banho rápido e me deito na cama, ainda nua, cobrindo-me apenas com o meu cobertor. Penso em Felipe e percebo que isso nunca terá um fim. Toco o meu ventre e reflito que ter um filho nunca esteve em seus planos, e nem sei o que Felipe achará disso. Mas agora tenho uma parte dele em mim.

Penso em tudo que vivemos e lágrimas voltam a me assombrar, então encaro o teto tentando encontrar uma solução. Talvez o meu amor tenha me cegado, porque agora que sei que tê-lo de volta não é mais possível. Dói sentir esse amor em mim, saber que apesar de amá-lo, eu o deixei. Ainda distante, eu mantive viva toda a esperança e tentei de todas as formas recuperar o que me foi tirado, mas descobri da pior forma que Felipe não pertencia mais a mim.

Amá-lo foi o mais próximo que cheguei do paraíso, e eu deveria saber que insistir em algo que acabou deixariam feridas profundas em mim, e sei que elas não irão cicatrizar. Mas apesar de toda dor que sinto, agora outra pessoa depende de mim – o meu bebê –, e por ele eu preciso ser forte, agora somos nós dois contra o mundo.

No domingo, a minha mãe liga e conversamos um pouco, mas não

falo sobre o bebê. Não que queira esconder a gravidez, mas ainda não estou pronta para falar. Na segunda-feira envio o atestado por e-mail ao Marcos e logo em seguida recebo uma ligação dele. Eu só confirmo que está tudo bem, e na falta de uma boa desculpa, digo que foi apenas uma torção no pé. Sei que é patético mentir assim, mas foi tudo o que veio à minha mente no momento.

Ligo para a clínica que a médica me indicou e marco uma consulta. Ainda há uma parte minha que espera receber uma ligação do Felipe, aquela parte boba que continua a sentir a sua falta, mesmo sabendo que nada irá mudar. E com tantas dúvidas em mente, eu praticamente me tranco no meu apartamento, esperando o dia da consulta chegar.

Mas nesse meio tempo, a ansiedade me pega de jeito e eu quase enlouqueço. Quando entro em contato com a Karen, confidencio a minha então realidade e começo a me sentir animada até que a pergunta dela me tira novamente de órbita.

— E como tem sido encarar a possibilidade de ter contraído? Você está grávida...

Engulo em seco, sem querer pensar sobre isso.

— Felipe sempre foi cuidadoso e... — Começo a minha justificativa.

— Teve acesso aos últimos exames dele? — A pergunta feita de maneira tão direta me coloca contra a parede.

— Não, mas eu o conheço.

— Conhecê-lo não anula a possibilidade de ter contraído. Uma vez você me disse que mesmo tomando a medicação, a carga viral dele subiu?

As palavras de Karen me deixam receosa, estou tentando ignorar essa parte e ela não está ajudando.

— Mas ele está bem e não quero ter que pensar nisso no momento, não quero me precipitar — falo de maneira rude, então ela muda o rumo da

conversa.

— Entendo, mas pretende contar a ele? — Ela parece estar me sondando.

— Não no momento. Ele tem outra pessoa, você sabe.

— E como está o coração sabendo que terá um bebê? — ela pergunta com serenidade.

— Ainda é novo, mas depois de vê-lo eu sinto que tem um anjo aqui comigo e não existe mais a possibilidade de estar sozinha. Eu soube faz poucos dias, mas sinto como se estivesse pronta para encarar o mundo para mantê-lo seguro — eu digo, emocionada.

— Vai contar aos seus pais?

— Não sei. Primeiro eu quero ter certeza de que tudo está bem com ele — falo e ela sabe que suas palavras surtiram efeito.

— Vamos torcer para que dê tudo certo.

Dou um sorriso e logo em seguida nos despedimos e desligamos.

Quando o dia da consulta chega, eu me sinto mais segura para encarar essa nova etapa da minha vida. Chamo um táxi e sigo para lá, confiante. Chegando, passo meus dados para a recepcionista e aguardo na sala de espera.

Enquanto espero, vejo duas grávidas com as gestações já em evidência, e ambas estão acompanhadas do marido. Acho reconfortante a forma como um deles acaricia a barriga da esposa, eles parecem querer muito o bebê. Quando a porta do consultório se abre, a médica chama por Luciene e o casal ao meu lado se levanta. Após quase quarenta minutos, a porta se abre novamente e a médica, carinhosamente, se despede do casal.

— Acho que me lembro de você — a médica diz ao me cumprimentar assim que entro em seu consultório. Educadamente ela me pede para sentar, então se senta à mesa. — Então, Ísis, pode me ajudar a recordar de onde nos

conhecemos? — ela diz e sorri.

— Dra. Adriana, eu estive no hospital na última sexta-feira com um pequeno sangramento, e após um exame e ultrassonografia eu soube que estava grávida. — Eu sorrio timidamente e entrego o resultado da ultrassonografia.

— Ah sim, Ísis Fernandes, agora estou me lembrando. Como você está?

— Estou bem.

— O sangramento?

— Parou.

— Ótimo. Vamos iniciar o pré-natal.

— Doutora, não sei se está lembrada, mas na ocasião eu disse que o pai do bebê é soropositivo. — Ela me encara com o mesmo olhar de surpresa que recebi no hospital. — Mas ele faz tratamento e...

— Ele sabe sobre a gravidez?

— Não, nós não temos um compromisso — digo, sem graça.

— Transou com ele sem usar preservativo sabendo sobre o HIV? Foi um ato consciente? — ela pergunta, alterando o tom da voz, e a sua atitude me faz recuar.

— Nós tivemos um relacionamento no passado e...

Ela me corta, deixando claro o seu desinteresse.

— Teve acesso aos últimos exames dele? — refaz a pergunta, indo direto ao ponto.

— Não, mas sei que não contraí.

— Como pode ter certeza se não teve acesso aos exames e tratamento dele? Ísis, não sei se está ciente que o HIV é um vírus muito silencioso, não se sente se contraiu ou não. E agora você está grávida, e a possibilidade de ter contraído existe sim, e pode passar ao bebê também.

— Mas você disse que... — Minha voz está embargada, odeio isso.

— Sim, há tratamento, mas seu sucesso depende de você seguir corretamente as indicações médicas. — Aceno positivamente. — Ísis, se seguir à risca tudo que eu falar, a chance de o bebê ser infectado é bastante pequena. Em cada cem crianças nascidas de mães soropositivas, menos de cinco são infectadas pelo vírus HIV. — Percebendo o meu desconforto, ela completa. — Infelizmente, as pessoas ao se apaixonarem acreditam que o amor imuniza, mas o preservativo faz isso, não o amor.

— Mas não é certo que eu tenha contraído — falo ainda relutante.

— Também desejo que não, mas não posso descartar a possibilidade sem um exame. Você está grávida, completou quatro semanas, o HIV leva em média dois meses para se manifestar no organismo. Iremos fazer os exames, porém, mesmo após os resultados, só teremos total confirmação depois desse período. E se o resultado der positivo, eu a encaminharei para um infectologista e juntos iniciaremos o melhor tratamento. Sei que não é fácil encarar um diagnóstico como esse, mas hoje se sabe que a gravidez não debilita a saúde da mulher soropositiva. Existe uma diminuição da imunidade, como acontece em qualquer gestante, no entanto, isso não oferece perigo se a grávida estiver sendo bem acompanhada. — Ela tenta dar um sorriso, mas sei que está tensa.

Não consigo segurar as lágrimas. Eu quero acreditar que não contraí, mas as palavras da médica pesam em mim. Ela pede que eu me troque e siga para a cama ginecológica. Quando eu me deito na posição indicada, eu a vejo colocar dois pares de luvas, máscara e óculos protetores. Isso não me afetaria se eu já não tivesse ido a uma consulta ginecológica antes e soubesse todo o procedimento. O preconceito e o medo de contrair estampados em seu rosto fazem com que emoções contraditórias se choquem violentamente em mim, e fico magoada ao sentir como se eu fosse uma ameaça.

— Já acompanhou um caso assim antes? — pergunto, tentando fingir que a sua atitude não me atinge.

— Não HIV, mas outras situações de risco. Não se preocupe, está em boas mãos — ela diz enquanto termina de examinar. — O útero está fechado e não há sinal de sangramento. Vou prescrever vitaminas e medicamento para enjoo e solicitar alguns exames. Assim que estiver com os resultados em mãos, quero que volte. Tudo bem?

— E se for positivo? — pergunto, receosa.

— Sei que está preocupada com isso, e como a minha paciente eu também estou, Ísis. Mas se foi um ato consciente não deveria estar surpresa — ela diz um tanto rude, mas tenta amenizar. — Caso der positivo para HIV, iremos iniciar o tratamento. O nível de carga viral é um dos fatores mais importantes para avaliar a probabilidade de passar o vírus para o bebê. Quanto menor for este nível, menores serão as chances de o bebê ser contaminado.

— Eu já li sobre isso — digo, engolindo todos os nós da garganta.

— Quero ressaltar que mesmo seguindo o tratamento, o momento do parto é determinante. Se der positivo, optaremos pela cesárea, não pode ser um parto demorado, e já nas primeiras doze horas de vida o bebê começa a tomar a medicação.

Nem dá para dizer o quanto me sinto péssima. Como pude permitir que meu bebê passasse por isso? A culpa me corrói.

— Ísis, uma última coisa. Agora que está grávida, não abra mão do preservativo. Sei que a escolha é sua, mas neste momento as suas escolhas atingem diretamente o seu filho. Acredito que agora ele seja a prioridade, então não se coloque em risco, muito menos ele.

Dói parecer tão irresponsável, mas é o que sou aos olhos dela.

— Tomarei os devidos cuidados — sussurro e ela percebe como estou

mal.

Ela não argumenta, apenas dá um sorriso forçado.

Na despedida, a médica me entrega a receita e as solicitações dos exames. Mas não é tão calorosa como foi com o casal anterior. E assim que saio da clínica, eu desabo. Tudo que fica na minha mente é a pergunta se vou conseguir suportar passar por tudo isso sozinha.

Mesmo abalada, eu vou direto para o laboratório, faço os exames e volto ao apartamento. O medo cresce em mim e até penso em ligar para o Felipe, mas como sei que nunca estive nos planos dele ter um filho, já que me disse várias vezes para tomar a pílula, prefiro encarar tudo sozinha.

Mais dias se passam e novamente sou consumida pela ansiedade e medo. A sensação de isolamento e culpa me dominam. Como encarar o meu bebê se algo acontecer a ele?

O desespero me invade e me sinto muito impotente diante dessa realidade tão cruel. Desde a consulta, eu me desconectei do mundo, sequer olhei para o meu celular. Nem mesmo com a Karen voltei a falar.

No domingo, quando a campainha toca, a dúvida entre atender ou não se faz presente, mas movida pela insistência de quem chama, eu me levanto. Assim que termino de destrancar a porta, a pessoa invade o apartamento, mal me dando tempo para dar passagem. A minha mãe para à minha frente, olha para os meus olhos e me abraça com força

— Ah meu Deus! Você está horrível, o que houve? — Ainda presa em seu abraço, não me atrevo a olhar em seus olhos novamente.

— Torci o meu pé, nada preocupante. Eu estou bem. — Despejo as palavras e ela olha para o meu pé, depois volta a me encarar um tanto confusa.

— Não vai me dizer a verdade? — diz, mudando o tom.

— Essa é a verdade. — Tento soar convincente.

— Querida, eu sou médica. Se realmente fosse isso, eu já teria percebido.

— Você não é boa em perceber muita coisa, mãe. Nunca percebeu o mal que vocês fizeram para mim.

Ela desvia os olhos, observando o ambiente ao seu redor.

— Quer falar sobre o passado?

— Não, eu não quero falar. Apesar de isso ainda me machucar muito, você tem razão, agora é passado.

— Ah, Ísis, por favor. Até quando irá prolongar isso e nos manter afastados? Agora sei que não foi a melhor opção, mas...

— Eu não acredito que está me dizendo isso — falo, sentindo todo o amargor.

— Eu me arrependi muito e você precisa enxergar isso. O medo me cegou e se eu tivesse a chance, faria tudo diferente.

Olho em seus olhos querendo enxergar a verdade neles, mas não existe mais isso entre nós.

— Mãe, eu realmente não quero falar sobre isso. No momento, tenho algo mais importante e, se queria me ver... Bem, já viu. Posso não estar como você esperava, mas, sejamos francas, já me viu bem pior e não fez nada para ajudar. Então é isso. — Aponto para a porta, mas ela fica parada, mordendo os lábios.

— Seu pai não está bem de saúde.

Ouvir isso me faz sentir algo que nem acreditava existir mais, e apesar de querer perguntar, finjo ignorar.

— Ele tem uma boa equipe médica pronta para atendê-lo.

— Era aqui que morava com ele? — ela pergunta, mudando de assunto. — Por isso que veio para cá? Para reviver? Sabe que isso não faz bem, não é?

— Mãe, por favor, não insista.

— O plano era esse? Continuar de onde parou?

— Mãe, para!

— Pode pelo menos me atender quando eu te ligar? Uma torção no pé não é motivo para me ignorar. Você é a minha única filha, Ísis, e no dia em que for mãe vai entender do que somos capazes de fazer para protegermos nossos filhos. Pais também erram, Ísis.

Suas palavras me atingem e eu que deveria proteger o meu bebê, serei a maior responsável se ele contrair HIV. Toda a culpa explode em mim e ao invés de continuar fingindo que estou bem, sinto as lágrimas traiçoeiras deslizando pelo meu rosto.

Minha mãe se aproxima e tenta me abraçar, mas ao me ver esquivar, ela me puxa para o sofá.

— Pelo amor de Deus, me diz o que está acontecendo?

Eu a olho fixamente e penso que tudo pelo que eles lutaram para não acontecer, está acontecendo sem que eles possam mover um dedo para mudar.

— Transei com o Felipe sem camisinha.

Ela leva as mãos à boca ao me escutar, em choque.

— Contraiu HIV? — Sua pergunta sai quase sem voz.

— Não sei, mas esse não é o problema. — Eu respiro fundo e concluo. — Estou grávida.

As palavras saem e o mesmo peso que eu sinto, sei que ela passa a sentir. Vejo suas lágrimas e não sei descrever o que isso provoca em mim. Por minutos, o silêncio é interrompido apenas pelo seu choro. A dor em seu rosto se reflete em suas lágrimas.

— Estou com medo, mãe — sussurro.

— Não precisa ter medo... — Nem mesmo ela consegue completar

essa frase.

— Por favor, quero que vá embora — falo e antes que eu faça qualquer coisa, ela me puxa para os seus braços, então desmorono.

— Já fez os exames? — a minha mãe pergunta e eu aceno em concordância.

— Ficam prontos na segunda-feira. Eu sei o quanto é preconceituosa, e não é porque agora posso também ser portadora que precisa fingir que não o tem.

— Ísis, pelo amor de Deus. Independentemente do que aconteça, você é a minha filha e eu estarei ao seu lado. Nós estaremos.

Eu nem me dou ao trabalho de discutir. Ela se afasta e coloca a minha cabeça em seu colo, fazendo com que eu me deite. Neste momento, eu percebo que era isso que eu precisava. Ter alguém aqui comigo.

— Felipe já sabe? — ela pergunta.

— Não quero que ele saiba, não existe mais “nós”. Ele não tem culpa disso.

Ela parece querer argumentar, mas opta pelo silêncio.

— Como vou encarar o meu bebê se eu o contaminar? — sussurro mais para mim do que para ela.

— Você está assustada, meu bem. Se não tem o resultado do exame ainda, nada é certo. Temos que manter a esperança de que tudo vai ficar bem.

— Ela olha pela janela. — Ísis, sei que está magoada, com medo, mas o Felipe precisa saber. Você mesma dizia que ele se cuidava muito bem e...

— No passado, mãe. E isso é o que restou, tudo que eu conhecia agora é passado.

— É por isso que precisamos ter essas respostas no presente.

— Mãe, eu não quero falar com o Felipe. Não insista. — Ela percebe a minha mágoa. — Não é porque contei, que estou te dando permissão para

entrar na minha vida de novo.

— Você vai ao médico na segunda-feira?

— Ao médico e ao trabalho.

— Então irei ficar com você.

— Não.

— Vou sim e não estou pedindo permissão para isso — ela afirma.

Estou muito cansada para discutir. Depois de um tempo ela se levanta e me deixa deitada no sofá, vai à cozinha e sei que deveria negar a sua ajuda, mas tenho estado tão cansada emocionalmente, que acabo adormecendo.

Quando acordo, ela me traz um prato de sopa. Almoçamos em silêncio, em ocasiões como essas faltam palavras. Vou para o quarto e tomo um banho. Assim que retorno para a sala, eu a encontro com o telefone na mão e o rosto vermelho.

— Não quero que conte ao meu pai.

Ela suspira e talvez já o tenha feito, mas muda o foco da conversa.

— Amor, eu sei que está assustada e eu também estou, mas agora o momento pede que sejamos fortes. Você vai ser mãe e precisa estar forte para o seu filho.

— É justamente por ele que eu ainda continuo aqui.

— Eu sei, então por ele mantenha a esperança de que tudo irá ficar bem.

Quero acreditar em suas palavras, mas quando a noite vem e com ela traz o silêncio, meus pensamentos estão acelerados. Eu estou pronta para encarar isso?

Pela manhã, a minha mãe me acorda e logo em seguida traz uma xícara de café.

— Tome um banho agora. Dependendo do resultado, nós vamos a um especialista amigo meu.

— Mãe, o resultado sai depois das duas.

— Não custa nada dar uma olhada no site antes — ela diz.

Decidida, eu tomo um banho rápido. Abro o site do laboratório e vejo que os resultados dos exames estão prontos. Um calafrio me percorre e ao notar a minha hesitação, a minha mãe vem até mim, pega o notebook e abre os resultados.

— Graças a Deus! Negativo para HIV. Vamos para a sua médica agora.

Solto um suspiro de alívio e a abraço. Agora mais calma, eu termino de me arrumar e tomo um farto café da manhã.

Seguimos de táxi para a clínica e ao entrarmos vou direto falar com a recepcionista e explico o que me foi dito pela Dra. Adriana. Ela pede para que eu aguarde um pouco e vai à sala da médica.

Logo ela sai dizendo que a doutora irá me atender. Minutos mais tarde, a médica chama o meu nome. Entro com a minha mãe e lhe apresento a médica. Ela nos cumprimenta cordialmente e diz que parecemos irmãs. Nós nos sentamos em frente à sua mesa e começamos a conversar. Ela diz já ter visto a minha mãe em algum lugar, e quando a minha mãe menciona o nome e sobrenome do meu pai, a médica se recorda e seu tom de voz se torna bem mais amigável.

— Ah, Ísis, o meu marido e seu pai são grandes amigos — ela diz, sorrindo.

E antes que a conversa se prolongue, eu entrego o protocolo do exame com o login e a senha. Ela entra no site e o silêncio permanece enquanto ela olha para tela, mas tudo que sinto agora é um imenso alívio.

— Já viu o resultado? — ela pergunta, em nada me lembrando da médica receosa da consulta anterior. — Ísis, adoraria afirmar que o resultado é definitivo, mas não é. Como expliquei anteriormente, apenas após os dois meses é que descartaremos a possibilidade por completo.

— Entendo. Mas é comum mudar? Quer dizer, leio e estou sempre me inteirando sobre o assunto, porém sempre há dúvidas — falo.

— Não é comum, mas não é impossível — a médica afirma.

— Querida — A minha mãe me encara. —, caso o resultado venha mudar, iremos procurar o melhor infectologista. Sei que gestantes com HIV precisam de um tratamento diferente de outros pacientes soropositivos.

— Sim — a Dra. Adriana diz em um tom passivo. Deus, o que um sobrenome não faz. — Alguns medicamentos podem ser tóxicos ao feto, outros, podem ser tóxicos às mulheres com altos níveis de CD4. Desta forma, o infectologista irá indicar o melhor tratamento, que deve ser individualizado em alguns casos na gestação.

— Mas não quero que fique preocupada com isso — a minha mãe volta a falar, interrompendo a médica. — Se o resultado mudar e os medicamentos corretos forem utilizados, não existe risco para o bebê. Os efeitos colaterais para as gestantes são os mesmos para qualquer pessoa infectada pelo HIV e específicos para o tipo de medicamento utilizado — ela conclui, tentando me acalmar.

— Sim, claro. Além disso, medicamentos mais eficazes, mais potentes e com menor quantidade de efeitos colaterais têm sido desenvolvidos, como os da classe conhecida como inibidores de integrase — Adriana diz e me lembro de já ter lido a respeito.

— Eu li que o mais recente inibidor de integrase é o *Dolutegravir Sódico* um medicamento potente e sem precedentes detectando muito rapidamente a carga viral, mas não pode ser utilizado por gestantes — minha mãe completa e eu nem imaginava que agora ela se interessava pelo assunto.

— Bom, Ísis, como eu disse, caso venha mudar, quem irá indicar o melhor tratamento será o infectologista. Mas sei que em gestantes é um exemplo de urgência com relação ao tratamento antirretroviral, posto que a

carga viral deve ficar indetectável muito rapidamente, especialmente se o diagnóstico de infecção pelo HIV for próximo do momento do parto. Neste contexto, os inibidores de integrase seriam ideais. Mas creio que não será o seu caso.

— Também espero que não, pelo menos me sinto mais aliviada.

— Resta mais alguma dúvida?

— Não.

Após ela e a minha mãe trocarem mais informações, nos despedimos de maneira mais calorosa dessa vez. Ao deixar a clínica, a minha mãe me abraça novamente.

— Tem lido sobre o assunto.

— Desde que você me pediu para saber notícias do Felipe. — Sua resposta me surpreende. — Vou para a casa hoje, mas assim que puder, volto para ficar com você.

— Não precisa, mãe.

— Sei que não, está bem melhor depois de saber o resultado, mas vou voltar mesmo assim.

Sorrio para ela e novamente eu a abraço, então nos despedimos, pego um táxi para o trabalho, enquanto a vejo entrar outro para ir ao aeroporto.

Olho as ruas pela janela do veículo em movimento e sei que a minha felicidade não está completa – não sem o Felipe –, mas começo a sentir o vento da mudança e mais segurança para andar nesse novo caminho da minha vida.

Capítulo 15

Felipe

Percorrendo o caminho de volta para o meu apartamento, penso na sorte que nunca tive. A estrada vazia produz um perfeito reflexo da minha vida. E, pensando bem, Flávia não tem nenhuma explicação plausível e mesmo assim sei que fará um inferno. Mas estou de saco cheio disso.

Meu telefone toca, mas antes que eu consiga atender a Mari, a bateria acaba. Sai do apartamento horas atrás e sei que chegou o momento de encarar tudo e colocar um ponto final. Pego o elevador e sinto o estresse que a situação pode causar.

Ao entrar no apartamento, dou de cara com a Flávia sentada no sofá. Ela se levanta rapidamente e caminha em minha direção.

— Felipe, eu posso explicar. — Ela se adianta, com desespero.

— Provavelmente sim, mas nenhuma explicação vai mudar o fato de que acabou. — Tento soar calmo.

— Não! — ela grita. — Você não percebe que eu te amo? — Ela tenta me abraçar, mas eu a afasto.

— Isso pode ser qualquer outra coisa, mas não é amor — falo, ainda tentando ser indiferente.

— Amor é o quê, então? O que Ísis fez ao te abandonar? — diz com sarcasmo e até disso estou cansado.

— Por que está colocando o nome dela na história? Ísis não tem nada a ver com isso, sequer nos falamos. E esse é o seu problema, você a coloca no meio de tudo.

— Ah, por favor, não queira me fazer de idiota. Desde que ela voltou, tudo que você quer é estar ao lado dela — fala, alterando o tom.

— Chega! Já está claro para os dois que acabou, e nem adianta insistir. Acabou, Flávia, não tem mais volta.

— Você vai se arrepender, Felipe. Acha que pode reconstruir a sua vida com ela? O motivo pelo qual ela te abandonou ainda está aí, correndo nas suas veias — diz com rancor, e mesmo estando preparado para ser atacado, as suas palavras machucam. — Acha que os pais dela vão aceitar o relacionamento se o seu diagnóstico vier a público? E você sabe, apesar de esconder, que uma hora isso pode vir à tona. E o que acontece? Ísis te abandona de novo, mas dessa vez não vou te aceitar de volta, não se me trocar por ela agora.

— Você está falando besteira. Eu não tenho mais nada com a Ísis e, o assunto aqui não é sobre o que os pais dela pensam ou vão pensar de mim. É você, a loucura que fez, e tudo para fazer com que eu me sentisse culpado, assim me teria preso ao seu lado. Pare de achar que a Ísis quem causou os problemas entre nós, não foi ela e você sabe disso. Você pode dizer os motivos que te levou a isso, mas estou cansado e, no fundo, você também está. Sabe que chegou ao ponto de fazer mal a nós dois.

— Então você está realmente terminando comigo? — pergunta, não querendo acreditar.

— Só colocando um fim em algo que acabou faz tempo.

— Vai contar aos meus pais sobre isso?

— Não. Cabe a você decidir o que é melhor para a sua vida. E mesmo que eu saiba tudo que você fez, eu não guardo rancor, pelo contrário, espero que você possa valorizar mais a vida e que encontre a felicidade.

Seu olhar agora está carregado de ódio. Ela segue para o quarto, enquanto eu continuo na sala, irritado, tentando controlar a raiva e fingindo

que está tudo bem.

Ela volta com algumas coisas nas mãos.

— Pego o restante depois — diz asperamente.

— Quer que eu te leve embora? — ofereço por educação, mas ela me corta ao dizer que já chamou um táxi, então sai batendo a porta atrás de si.

Nunca me senti tão aliviado por algo ter acabado. Onde está a droga da paz que eu tanto preciso? Tranco a porta, vou para o meu quarto e coloco o telefone para carregar, ligando-o em seguida.

Refletindo sobre o que devo fazer da vida, meus pensamentos, sem esforço algum me levam até Ísis, em nós, nas promessas quebradas, em todas as noites que senti a dor do seu abandono. Agora vejo que a Flávia tem razão, o mesmo HIV que fez Ísis se afastar continua aqui, e eu estou cansado de sentir tudo o que ela causa em mim, mesmo sabendo que o que sinto por ela estará preso em mim pelo resto da vida.

Quando eu a conheci, ela fez com que eu me sentisse o suficiente para alguém, me fez acreditar nesse amor, e depois destruiu tudo quando me deixou. Ísis fez isso depois de prometer, olhando em meus olhos, que nunca o faria. E essa mágoa, mesmo sabendo os seus motivos, vai continuar viva em mim. Depois da dor que senti, deveria ter sido fácil esquecê-la, mas esse coração idiota não sabe fazer isso.

Os dias passam e eu não procuro mais a Ísis, mas mando mensagens para a Monique pedindo notícias. Chega a ser patético, já que Monique mora no andar de cima, eu deveria bater à sua porta e perguntar, mas não tenho coragem de fazer isso.

Na sexta-feira, após perguntar novamente se ela tem notícias da Ísis, a sua resposta deixou bem claro que eu não deveria enviar mais mensagem alguma.

Como eu já havia dito, ela passou mal na sexta passada, eu liguei várias vezes, mas Ísis não me atendeu, depois ela me mandou mensagem dizendo estar bem. Ontem, depois que você perguntou de novo, eu falei com o Marcos e ele me disse que ela torceu o pé, mas volta na segunda. É tudo que sei.

Ok, desculpe o incômodo e obrigado, Monique

Sem problemas ^-^

Apesar dos seus pais terem arruinado a nossa vida, parece que esse fato não afetou tanto a relação entre eles como família. Mas isso não importa, eu não pertenço mais a vida dela e deveria ser mais fácil, uma vez que já vivi essa realidade. Porém, em se tratando de Ísis, nunca é fácil para mim.

Mais dias passam, e eu vou à casa da Mari, mas não falamos sobre a Flávia ou a Ísis. Os gêmeos já se recuperaram do último resfriado e até já voltaram a ativa. Sei que eu deveria ter mais paciência, porque, além de tio, sou o padrinho, mas não tenho, então não fico muito tempo lá.

Quando a segunda-feira chega é decepcionante acordar e perceber que é a minha última semana de férias e eu não aproveitei nada. Só enfrentei problemas. Eu corro pela manhã e quando volto ao apartamento envio uma mensagem para a minha mãe convidando-a para irmos ao cinema. Após um banho, eu abro o meu e-mail pessoal e não encontro nada interessante, mas

quando acesso o do trabalho e vejo a pilha de assuntos pendentes, quase desanimo de voltar para todo aquele estresse, mas é o meu trabalho e não tenho escolha.

Segundo a Monique, hoje a Ísis volta ao trabalho. Depois de ter tentado falar com ela duas vezes, quando soube que não estava bem e não ter obtido resposta alguma, eu deveria desistir, mas como sou expert em ser idiota e persistente em relação a ela, não faço isso.

Eu deveria seguir com a minha vida, assim como ela deve fazer também, mas eu quero vê-la. De fato, está além de querer, é mais uma necessidade. Eu fico dizendo a mim mesmo que só preciso saber se ela está bem para conseguir seguir com a minha vida.

Chega a ser ridículo, porque estou sempre cansado de tudo, mas nunca dela. Decidido, pego as chaves do carro e, quando me dou conta, estou em parando em frente ao escritório do Marcos.

Ok, eu não preciso conversar com ela, apenas ver se está tudo bem e ir embora.

Os eternos “por ques” começam a vagar em minha mente e sem conseguir resposta alguma, eu fico ali, decidindo se entro ou vou embora. Por fim, eu me abstenho de ter que decidir quando eu a vejo sair da empresa. Eu fico observando Ísis caminhar, e ela parece bem. Tão linda e perfeita, parece pensativa, e eu me sinto cada vez mais ligado a ela.

Acabo saindo do carro sem nem perceber e caminhar em direção a Ísis. Ela entra no restaurante e eu a sigo. Ísis se senta próxima à janela e eu acabo me aproximando, mas ela está tão concentrada no cardápio, que nem nota a minha presença. Então paro bem na frente da mesa, e isso parecer ser o suficiente para chamar a sua atenção.

— Felipe. — Ela parece se assustar.

— Oi. Desculpe chegar assim, mas eu estava passando por aqui e vi

você entrando. A Monique me disse que você machucou o pé. Está tudo bem agora? — Tento soar convincente para que não fique tão na cara que estou aqui por ela.

— Estou bem sim, obrigada. Quer se sentar? — ela pergunta e não sei se ela realmente quer que eu fique ou se está sendo educada.

— Não quero te incomodar — digo.

— Não incomoda. — Sua resposta é rápida e me faz esboçar um leve sorriso.

— Bom, eu não almocei, então acho que vou aproveitar a sua companhia — falo e ela sorri.

— Isso não vai lhe causar problemas? — diz e sei que se refere a Flávia.

— Não, não vou ter problemas. — Eu me sento à sua frente.

Ísis parece nervosa e acredito que seja por achar que ainda estou com a Flávia.

— O que vão querer — o garçom diz ao se aproximar.

— Risoto e camarão, por favor — diz, sorrindo.

— Vinho branco para acompanhar? — o garçom sugere.

— Não, prefiro suco natural de laranja, por favor.

Ele anota o pedido, em seguida se vira para mim.

— O senhor?

— O mesmo, por favor — peço e o garçom se afasta.

— Felipe, a minha mãe te procurou ou algo assim? — ela pergunta, me pegando de surpresa.

— Não! Aconteceu alguma coisa para a sua mãe, que eu nem mesmo conheço, ir me procurar?

— Não, só não entendo porque está aqui. Se Flávia...

— Nós terminamos — eu a interrompo. — E dessa vez é definitivo.

— Espero que eu não tenha tido nada a ver com isso.

— Não teve. Eu terminei com ela.

— Como da última vez? — ela pergunta com ressentimento.

— Não, aquela vez foi ela, agora sou eu — falo e Ísis desvia o olhar.

O garçom traz as bebidas e se afasta novamente.

— Eu não sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada. E você, estava na casa dos seus pais? — pergunto, dando outro rumo para a conversa.

— Não, fiquei no meu apartamento — ela diz e, assim como eu, Ísis tenta fingir normalidade.

— Sábado passado eu te liguei para saber como estava.

— Ah, me desculpe. Eu não estava muito bem, mal olhei para o telefone. — Ela toca a minha mão e esse contato mais íntimo me faz estremecer internamente. — Você sabe que eu teria retornado se tivesse visto, não sabe? — Ela faz uma pausa e suspira. — Felipe, acho que não precisamos fingir, me diz por que está aqui. — Ela me encara seriamente. Ísis parece tão confusa com a minha presença.

— Eu não estou fingindo, queria saber como você está.

— Por favor, Felipe, não faça isso comigo — ela diz, emocionada. — Você sabe o quanto eu te amo e...

De certa forma, a frase causa sentimentos controversos em mim.

— Tudo bem, Ísis, vou ser sincero com você. Eu queria continuar com a minha vida sem me importar com nada, ser aquele tipo de cara que dá o troco, mas não sou. Mesmo tendo passado por tanta coisa, eu sinto a sua falta e preciso ter notícias suas, saber se está tudo bem para levar a minha vida adiante.

— Eu não tenho você ao meu lado, Felipe, como eu poderia ficar bem?

— Ísis, por favor. Eu acabei de terminar um relacionamento complicado, e agora preciso de um pouco de paz — desabafo.

— E vai conseguir ter paz se eu me manter afastada?

Olho em seus olhos, dando a resposta óbvia.

— Não. E essa é a razão que me faz estar aqui.

Ela toca novamente a minha mão, então baixo os olhos para as nossas mãos, e sentir seu calor é reconfortante. Eu acaricio o seu polegar, querendo bem mais que esse simples toque.

— Eu quero você, mas não estou pronto para tentar algo que já me machucou muito, não ainda.

— Mas o tempo já nos tirou tanto — diz, lamentando, e eu consigo sentir a sinceridade em suas palavras.

— Eu sei. Ísis, eu tentei te superar, mas nunca consegui. É confuso, depois de tudo o que você me fez passar, eu não consigo viver sem você, mas não sei se quero arriscar de novo — confesso e vejo a emoção ao ouvir as minhas palavras surgir em seu rosto.

— Felipe...

— No sábado, a Monique me contou que você não estava bem, que a deixou no hospital, e desde então, mesmo com tantos problemas para resolver, estou feito um idiota querendo ter certeza de que você está bem. É até desconcertante a minha insistência e me sinto mal por isso, mas não consigo me esquivar disso, mesmo já sabendo como vai terminar —falo, sentindo um nó na minha garganta.

— Felipe, dessa vez vai diferente.

— Por que diferente? — pergunto e nem sei se quero a resposta.

Ísis engole as palavras, respira fundo e aperta a minha mão. Eu fico a ponto de enlouquecer com essa atitude dela. Olho em seus olhos e me sinto hipnotizado por ela.

— Com licença. — A voz do garçom nos traz de volta à realidade. Ele coloca os nossos pratos sobre a mesa e se afasta novamente.

— Acho melhor almoçarmos — sugiro. — E não pense que quero ser o seu amigo — digo e ela sorri.

— Eu posso te ver hoje à noite? — Ísis pergunta, e apesar de não saber o que ela pretende, não consigo dizer não. O meu coração está calejado demais para negar estar próximo a ela.

— Vou levar a minha mãe ao cinema e se não for muito tarde, passo na sua casa depois que deixá-la na casa da Mari — sugiro e ela sorri, confirmando.

Ísis pega os talheres e leva uma generosa porção de risoto à boca. Ela come com tanto gosto, que continuo observando seus movimentos, e a cada sorriso que ela dá em minha direção, eu sinto como se cada espaço em branco da minha vida estivesse sendo preenchido por sua presença.

Tudo parece bem até ela se levantar rapidamente e correr para o banheiro. Minutos depois, ela retorna, um pouco pálida.

— O que foi? — pergunto, preocupado

— O risoto não caiu muito bem — diz, ainda limpando a boca e se sentando novamente.

— Então acho melhor eu não comer — falo e ela sorri.

Mas ao sentar-se e olhar para o prato, Ísis novamente coloca a mão na frente da boca, tentando disfarçar o mal-estar.

— Felipe, tenho que ir. Eu te espero à noite no meu apartamento — ela diz, sussurrando.

— Onde você está morando? — pergunto.

— Eu te mando uma mensagem com o endereço.

Ísis chama o garçom e pede a conta.

— Eu pago — digo, mas ela me ignora e paga a conta, em seguida

tenta tomar o restante do suco, mas vejo que passa mal novamente.

— Tem certeza que está bem? — insisto.

— Estou. Preciso ir agora, mas te vejo hoje à noite — sussurra. —
Espero que não falte.

— Não vou faltar.

Saio do restaurante com ela e a acompanho até a empresa. Antes que ela se afaste, eu a puxo para um abraço e ela corresponde.

— Eu vou te esperar — sussurra.

— Não esquece de me passar o endereço. E se cuida — falo.

Ísis sorri e entra na empresa, e eu fico ali parado, vendo-a desaparecer. Caminho até o carro, pensativo. Eu disse que apenas iria vê-la, saber se estava bem. E agora, depois de sentir seu cheiro e seu calor, eu começo a me sentir bem. Não sei se estou pronto para encarar o furacão Ísis na minha vida, mas estou tão calejado que preciso ter um pouco de felicidade, e isso não existe se ela estiver longe de mim.

Capítulo 16

Ísis

Ver o Felipe bem à minha frente dizendo que sente a minha falta, me faz lembrar exatamente o motivo que me fez voltar. Toda a solidão que senti durante esses anos desaparece quando olho em seus olhos. E apesar de ver a dor refletida neles, tão claro como a mágoa, está o nosso amor.

Eu tento uma aproximação, estou receosa com os últimos acontecimentos, e sei que ele também está, mas o sentimento que nos consome ignora qualquer vestígio de medo. Eu toco sua mão e absorvo o calor que me fez tanta falta nesses dias solitários, e sei que preciso de bem mais que isso.

Depois de cada lágrima, o fato de sentir nascer a esperança de tê-lo de volta ao meu lado faz cada tentativa valer a pena. Combinamos de nos encontrarmos à noite, e quando volto para o trabalho, ainda trêmula e sentindo tudo que Felipe provoca em mim, sinto meu coração acelerado. Ele não está mais com a Flávia e deixou claro que se importa comigo, e saber essa verdade me faz querer percorrer novamente o nosso caminho.

Sorrio feito boba, mal conseguindo dar meus passos. Vou à minha sala e me sento à mesa tentando me recuperar da emoção e da felicidade que começa a fazer morada em mim. Apesar de não querer me precipitar, estou em êxtase.

Toco o meu ventre e sei que preciso contar a ele, mas antes quero preparar o terreno, quero que ele o queira tanto quanto eu. E quando isso acontecer, terei certeza que podemos recomeçar a nossa família como sempre

sonhei.

Escuto vozes, e antes que eu possa me recuperar, Monique e Marcos aparecem na minha sala. Ela se aproxima ao mesmo tempo em que eu me levanto.

— Qual seu problema? — ela diz ao nos abraçarmos. — Por que não me atendeu quando liguei? — completa, parecendo magoada.

Marcos sorri, e já prevendo o rumo da conversa, ele sai da sala.

— Desculpa, eu torci o pé e... — minto.

Eu tenho guardado o segredo mais valioso em mim e quero revelá-lo somente no momento certo. E Felipe saberá primeiro.

— Quando Marcos me falou, eu fiquei na dúvida. Aquele dia você não estava com cólica? — questiona sem entender.

Droga! Desvio o olhar, tentando pensar em algo.

— Sim, e não era nada grave. Mas no dia seguinte tive a má sorte de torcer o pé — conto essa história ridícula novamente.

Monique se afasta e somente nesse momento é que noto uma aliança de ouro em seu dedo anelar direito.

— Ficou noiva? — pergunto, surpresa.

— O babado é longo. Mas, sim, Marcos me pediu em casamento. — Ela levanta a mão para exibir a aliança, que é linda, por sinal.

— Nossa! — exclamo. — E quando será?

Monique sorri com cinismo, se aproxima e cochicha:

— Acha que ele quer mesmo se casar? — Eu a encaro sem entender nada. — Ele acha que me engana e eu finjo que acredito. — Ela pisca. — Amor, quando vamos nos casar mesmo? — ela grita

No mesmo instante Marcos responde em um tom mais exaltado: — Monique, não vamos precipitar as coisas. Estamos noivos e casamento não é algo que se faz de uma hora para outra. Nós conversamos e você disse que

iria me dar tempo para planejar.

Ela olha para mim e dá um sorriso irônico.

— Quem é a noiva aqui? — sussurro, brincando.

— Tudo bem, eu entendo. Leve o tempo que precisar, amor — ela grita de volta, me fazendo cair na gargalhada.

— Ainda não estou entendendo como chegaram a isso — falo.

— Miguel pediu a ele um irmão de aniversário e Marcos prometeu dar. Quando ele veio tentar me convencer, eu disse que se for para continuarmos assim, não vou ter outro filho. Então ele me pediu em casamento e hoje compramos as alianças — ela explica. — Mas vamos ao que interessa agora. Você não vai acreditar em quem andou perguntando de você.

— Felipe? — Sorrio ao dizer.

— Ele te ligou? — ela pergunta, curiosa.

— Não, mas nos encontramos no almoço. Ele me disse que terminou com a Flávia, e que vai passar no meu apartamento hoje à noite.

Monique sorri maliciosamente.

— Então acho que alguém precisa de uma camisola bem sexy — provoca.

— Pare com isso, Monique, não é bem assim. Mas me conta, e o *personal*? Você disse que ia sair com ele de novo naquele sábado, e agora aparece noiva?

— Menina, naquele dia o Marcos levou o Miguel dizendo que ia para a casa da mãe. Só que eu sabia que era mentira. Então me arrumei toda e quando estava pronta para sair, ele apareceu no apartamento. Eu consegui convencê-lo de que estava apenas saindo para jantar sozinha em um restaurante, e por fim saímos juntos. Tive que desligar o celular para evitar problemas. Depois eu me desculpei mais uma vez com o Jeferson.

Marcos surge na porta da sala e faço sinal para ela, então ele se aproxima e coloca várias pastas de arquivos sobre a minha mesa.

— Ísis, acesse as documentações de clientes no sistema, confira uma por uma e veja se tem algo faltando nessas pastas. Eu preciso destas documentações completas para ontem, e as que estiverem faltando, entre em contato com o cliente e peça para te passar por e-mail, por favor — ele diz e se vira para a Monique. — Vamos, vou te deixar no apartamento. Tenho que estar no tribunal às duas, e não posso atrasar.

— Tudo bem.

É engraçado ver o Marcos usando aliança e saber o motivo que o levou a isso. Ela se levanta, se despede e juntos saem da sala. Passo a tarde com o foco voltado para o trabalho, mas vez ou outra a imagem de Felipe surge na minha mente.

Quando termino o expediente, eu tento controlar a ansiedade. Chegando ao prédio, a vizinha do meu apartamento me entrega uma caixa que deixaram para mim. Assim que entro no apartamento, eu a abro e dou uma risada. Monique comprou uma camisola curtíssima de estampa de onça. Eu olho para a peça e solto uma gargalhada. Jamais usaria isso, nem deveria ser chamado de camisola, não cobre nem a metade da minha bunda, e nos seios só tem uma telinha. Só então encontro o seu bilhete no fundo da caixa.

Tenha uma ótima noite, gatinha!

Que mulher louca, e é justamente a sua loucura que me faz pensar nas possibilidades. Vou ao quarto e antes de tomar um banho, um sorriso bobo surge nos meus lábios, eu me sinto como se fosse o nosso primeiro encontro. Teremos a chance de reviver o passado e curar cada ferida que ele nos deixou. Felipe pode estar com medo, mas eu posso mostrar a ele que é

possível, que podemos voltar a ficar juntos.

Arrumo o apartamento, tentando deixar como eu me lembro que era. E só então me dou conta que não passei o endereço a ele. Pego o telefone e vejo que já são quase sete da noite. Abro o seu contato e envio o endereço, segundos depois ele visualiza. Algumas coisas realmente não mudam.

Sério?

Ele pergunta e eu não sei se está chateado ou feliz.

Sim...

Respondo e ele não envia mais mensagem alguma, me deixando confusa sem saber se ele gostou ou não.

Por volta das nove horas da noite, eu volto para o quarto depois de ter jantado. Eu até chego a experimentar a camisola que a Monique mandou, mas ao me olhar no espelho só consigo dar risada com a imagem que vejo. Abro meu guarda-roupa e depois de vasculhar um pouco opto por um vestido acinturado que fica acima do joelho. Fico admirando o meu ventre, sentindo-me feliz como há muito tempo não acontecia.

Ele vai querer você tanto quanto eu, tenho certeza disso, anjinho.

Enquanto escovo os dentes, tenho um mal-estar. Eu ando muito sensível com cheiro forte, então evito até mesmo passar perfume. Sei que o meu corpo começa a dar sinais de mudanças, ainda que sejam internas.

Meu telefone toca e atendo rapidamente achando que pode ser o Felipe, mas então vejo na tela que é a Karen. Assim que atendo, ela pergunta do resultado dos exames e fica feliz quando digo que deu negativo. Então conversamos mais um pouco e eu conto o que tem acontecido esses dias. Ela

me deseja sorte no encontro e logo desliga.

O tempo passa lentamente, e a cada segundo a minha ansiedade aumenta. Quando vejo que já são dez e meia, eu começo a me perguntar se ele realmente virá. Será que desistiu?

Por volta das onze, a decepção me consome. Tenho certeza que ele não irá aparecer e nem se deu ao trabalho de me avisar. Desanimada, vou para o quarto e coloco uma camisola antes de me preparar para dormir com o coração apertado. Será que aconteceu alguma coisa? Por que diabos eu criei expectativas?

Já deitada, revirando na cama para tentar dormir, ouço o interfone tocar. Sem pensar duas vezes, eu corro para a cozinha para atendê-lo.

— Oi, é o Felipe.

Sinto um alívio enorme ao ouvir a sua voz.

— Sei que está um pouco tarde e se não quiser não precisa me deixar...

Nem deixo que ele termine de falar, simplesmente abro o portão. Como o prédio não tem elevador, eu abro a porta e o aguardo subir as escadas. Assim que ele aparece à minha frente, eu vejo o quanto está lindo com uma blusa meia-estação branca, jeans e tênis.

— Desculpe-me, sei que está tarde — diz novamente.

— Sem problemas — digo e me afasto para ele entrar.

— A minha mãe é uma sem noção, Ísis. Sem sequer me avisar, ela estendeu o convite a uma amiga e como resultado perdemos a sessão das sete, então tivemos que assistir a das nove. Por fim, ela quis ir comigo levar a amiga para a casa dela e se achou no direito de ter “cinco” minutos de conversa no portão.

— Tudo bem. — Sorrio com a sua confissão. — Não tem problema.

É óbvio que estou chateada, mas não quero fazer disso um drama.

— Mesmo dizendo que eu precisava ir embora, ela não parou de falar. Por isso cheguei agora, nesse horário. Desculpe mais uma vez — ele diz, sem jeito.

— Tudo bem, não se preocupe.

— Posso me sentar? — ele pergunta.

— Claro.

Nós nos sentamos e nos acomodamos de uma maneira que acabamos ficando um de frente para o outro.

— Está melhor? — ele pergunta querendo parecer à vontade, mas falhando terrivelmente.

— Estou sim.

Ficamos em silêncio e posso sentir o seu olhar sobre mim, apesar de não o encarar.

— É contraditório ter voltado para cá, o lugar que implorei para que você voltasse e depois rezei para eu conseguir sair.

Engulo em seco com as suas palavras e agora entendo a sua mensagem no telefone.

— Ficou muito tempo aqui?

— Tempo o suficiente para odiar o lugar. Eu continuei aqui porque achava que você voltaria, depois porque não queria voltar para a casa da minha mãe. No fim, nenhum dos dois aconteceu.

Eu me sinto ridícula ao pensar que poderia recomeçar aqui com ele e ignorado tudo o que ele passou estando sozinho.

— Desculpa.

— Não precisa se desculpar. Apesar de eu não ter boas lembranças, não significa que você não as tenha. Se era o que queria, estamos novamente aqui e deve ter um bom motivo para isso.

Essas palavras me deixam completamente arrasada. Eu encaro Felipe,

que apesar de ter a mesma aparência, é uma pessoa totalmente diferente.

— Por um momento, eu achei que você não viria.

Felipe não diz nada, fica apenas me observando. Antes uma coisa que era tão fácil, como saber o que ele pensava olhando em seus olhos, hoje se torna impossível. Acho que a minha tosca ilusão me fez fantasiar que esse seria o momento onde nos acertaríamos, que apesar das mágoas, o nosso amor falaria mais alto.

— Sinto muito por ter feito você se lembrar tudo que passou aqui.

Ele se aproxima e segura o meu rosto entre as mãos.

— No fundo, eu agradeço a Deus por você não ter estado aqui para presenciar aquele inferno. Se é deprimente ter que lembrar, imagina viver. Mas acho que em algum momento eu teria que encarar isso — ele diz e eu me seguro para não chorar. — Eu conversei com a minha mãe, falei que estava vindo te ver.

— E o que ela disse?

— O que qualquer pessoa sensata diria. — Ele olha em meus olhos. — Que vou desperdiçar o meu tempo de novo, que eu deveria desistir de você. Mas eu me conheço o suficiente para saber que nunca vou conseguir te superar. Eu não sei que droga de sentimento é esse, mas se cinco anos não conseguiram isso, então nunca acontecerá. Eu não sei quanto tempo ficaremos juntos dessa vez e pouco me importa se estou perdendo meu tempo de novo. Mas eu amo você, Ísis, e isso nunca vai mudar.

— Felipe...

— Eu estou magoado e vou continuar por um tempo, é mais forte do que eu. Então que se dane quantos dias você vai ficar na minha vida, estou disposto a pagar o preço para ter novamente esses momentos ao seu lado.

— Eu te amo tanto, Felipe.

— Então fica comigo hoje, amanhã, mas não prometa nada que não

possa cumprir, assim eu vou entender se você se afastar de novo. Somos de mundos diferentes e eu aprendi isso da pior forma possível, mas não significa que não podemos quebrar as regras algumas vezes.

Sinto sua respiração se aproximando enquanto ele olha em meus olhos e, gentilmente, seus lábios tocam os meus. Então todos os meus sentimentos explodem e eu correspondo ao beijo exalando desejo. Calmamente ele se inclina sobre mim, minhas mãos segurando o seu cabelo, enquanto as suas percorrem o meu corpo. A necessidade de saciar o desejo expulsa qualquer dúvida entre continuar ou não.

Seus beijos descem pelo meu colo e eu não consigo controlar os gemidos. Afastando-se, Felipe tira a blusa e o meu olhar de cobiça fica evidente. A sua boca volta para o meu corpo e, delicadamente, desliza pela pele exposta do peito, enquanto abaixa uma alça. Felipe mal me deixa tocá-lo, simplesmente abaixa a outra alça da camisola, revelando completamente os meus seios. Ele geme ao se aproximar e senti-los enrijecidos. Eu me sinto pronta para tê-lo em mim, dentro de mim, e é enlouquecedor o contato da sua língua quente em meus mamilos. Primeiro ele desliza a língua, depois os suga, um de cada vez, e quando volta a me encarar nós dois estamos explodindo de desejo.

Felipe se levanta e me pega no colo sem pedir permissão, caminhando comigo para o quarto. Assim que me coloca sobre a cama, ele se livra rapidamente do restante da roupa, em seguida se aproxima e, carinhosamente, tira a minha camisola e calcinha. Felipe sorri ao olhar para o meu corpo nu antes de pegar a minha mão e levar para a sua ereção. Juro que não existe melhor forma de enlouquecer. Quando ele se posiciona entre as minhas pernas, eu penso no bebê e no que não devo fazer.

— Felipe — sussurro. —, preservativo.

— Eu sei, bonequinha, só quero te sentir um pouquinho, depois eu

vou colocar — ele sussurra, ofegante, e volta a beijar o meu pescoço. Ele desliza o seu membro pelo meu sexo sem me penetrar algumas vezes, e quando eu o sinto prestes a fazer isso, suavemente o afasto.

— Por favor, prefiro que coloque agora — peço, e parecendo envergonhado, ele o faz.

Fecho os olhos, tentando controlar o meu desejo, então eu o sinto se posicionar novamente entre as minhas pernas e me invadir centímetro por centímetro. Ele entra e sai do meu corpo soltando gemidos cada vez mais intensos, e a cada nova investida, eu o vejo se conter para não chegar ao orgasmo.

— Eu te amo — falo, ofegante.

— E eu mais. — Sua resposta sai em um sussurro.

Nossos gemidos ficam cada vez mais altos, e quando não consigo mais me segurar, apesar de querer eternizar esse momento, sinto o meu corpo se entregar à deliciosa sensação de infinito prazer que Felipe me proporciona. Eu chego ao clímax e ao abrir meus olhos vejo Felipe gemer tão gostoso e sei que, assim como eu, ele chegou ao ápice do prazer. Ainda ofegante, ele sorri para mim e se deita ao meu lado. Felipe estica seu braço direito e eu apoio a cabeça sobre ele, sentindo-o me puxar para mais perto e envolver o seu corpo no meu enquanto fico de lado. Quando a sua mão vai parar perto do meu ventre, eu a seguro e coloco perto do meu bebê.

— Eu deveria pedir perdão ao meu coração por amar tanto você. — Ele afasta o meu cabelo e sussurra em meu ouvido. — Você não tem ideia de como é difícil ficar sem você.

— Pode não acreditar, mas também foi difícil para mim. Quando eu fui embora, conheci a verdadeira dor da solidão. Eu me lembrava dos nossos dias felizes e implorava a Deus pela chance de poder voltar. Agora estou aqui e me sinto grata por ter mantido a fé. Eu voltei por você. — Eu me viro e ele

segura meu rosto entre as mãos, voltando a me beijar em seguida, e cada beijo revela que o nosso desejo nunca terá fim.

— Não me deixe de novo, bonequinha, eu não vou sobreviver — ele implora e eu dou um sorriso agradecido por poder voltar a ouvi-lo me chamando assim.

Não demora muito para nos amarmos novamente, e quando os nossos corpos estão enfim esgotados, já é bem tarde. Ao perceber que estou com sono, ele sussurra:

— Bonequinha, eu não queria dizer isso, mas você é uma péssima anfitriã. Sequer me ofereceu um copo de água.

Solto uma gargalhada ao ouvir isso.

— Não seja por isso. Eu permito que você vá buscar para nós — digo, brincalhona.

— Algumas coisas não mudam, não é? — Ele sorri.

— Não, não mudam. E acho que agora é um bom momento para dormirmos — sugiro, sonolenta.

Felipe se levanta, sai do quarto e volta com um copo de água. Eu o tomo e ele volta a se deitar ao meu lado.

— Você janta comigo amanhã, ou melhor, hoje, no meu apartamento? Vou te ensinar a ser um bom anfitrião — brinca.

— Talvez eu tenha um compromisso e me atrase — provoco.

— Tudo bem, o importante é comparecer — ele sussurra e eu adormeço em seus braços.

Quando o meu telefone desperta é desanimador. Abro os olhos e vejo Felipe ao meu lado com seu braço ainda sobre mim. Eu me viro e observo seu rosto e seus lábios – amo cada detalhe. Quando toco o seu rosto, ele abre os olhos relutante.

— Não me diz que tem que ir agora? — diz, sonolento.

— Tenho, mas pode continuar aqui, se quiser.

— Não, obrigado. Vou aproveitar e ir à academia agora de manhã. Você não vai mais treinar?

— Não, prefiro fazer dietas a ter que fazer aquilo — digo e ele sorri.

Eu me levanto e vejo que ele pegou todas as roupas do chão e as dobrou, colocando em cima da cômoda enquanto eu dormia. Ele continua tão detalhista. Assim que ele se levanta, veste a roupa e vai ao banheiro, mas quando eu o chamo para tomar café, ele dispensa e se despede, prometendo me ligar mais tarde.

Eu vou ao banheiro e ao escovar meus dentes tenho os famosos enjoos matinais, então fico grata por ele já ter ido embora. Depois de tomar o medicamento para enjoo, eu me deito e espero um pouco para que faça efeito, então me arrumo e tomo café e as vitaminas receitadas pela médica.

Quando estou saindo para o trabalho, meu telefone anuncia uma mensagem. Eu o pego de dentro da bolsa e vejo que é da minha mãe, desejando um bom-dia e perguntando como estou.

E, pela primeira vez em muito tempo, respondo com sinceridade que estou muito bem.

Capítulo 17

Ísis

Entrando na minha sala assim que chego ao trabalho, encontro Marcos mexendo em algumas pastas. Seu perfume parece dominar o ambiente, e o meu estômago embrulha só de sentir o cheiro. Antes mesmo de conseguir cumprimentá-lo, eu corro para o banheiro.

— Ressaca? — ele pergunta com sarcasmo quando volto à sala.

— Com certeza — respondo.

Ele fica em silêncio e parece me examinar.

— Ontem estive com o seu pai, ele está na cidade e irá embora na quarta-feira — diz e espera que eu faça algum comentário, mas somente me sento à sua frente, permanecendo em silêncio. — Não sei se está sabendo que o seu pai tem investido pesado na compra de créditos trabalhistas. Já ouviu falar disso?

— Marcos, eu não me interesso pelos assuntos do meu pai. E sim, já ouvi falar, mas uma vez que a lei define créditos trabalhistas como verba alimentar, a prática deveria ser ilegal, não?

— Pelo que entendi até o momento, não infringe nenhum mandamento ético da categoria.

— Contraditório ele investir nisso, já que, assim como você, também representa várias empresas. Representar os dois lados não parece ser muito inteligente. — Tento finalizar o assunto.

— Justamente por isso “ele” abriu um pequeno escritório de advocacia trabalhista em seu nome. — Suspiro, frustrada, demonstrando o

meu desinteresse. — Com contratos bem mais acessíveis dos que a empresa dele costuma trabalhar e ele tem conseguido muitos clientes. E isso tem se tornado um grande negócio e muito lucrativo.

— E imagino que a sua preocupação é que ele decida expandir o “negócio” para cá.

— Conhecendo o seu pai, sei que não se trata de “se”, mas quando.

— Marcos, ele não faria isso com você, faria? — Nós nos encaramos.

— Ainda tem dúvida disso? — pergunta com ironia.

— Na verdade, não. E como pretende driblar isso?

— Não existe a possibilidade de jogar contra o seu pai e nem quero correr esse risco. Mas eu soube que ele quer fazer um alto investimento aqui na cidade, e espero contar com você para descobrir exatamente do que se trata. Sei que a proposta abrange o diretor do banco que o Santos trabalha, parece que será uma sociedade ou algo assim — ele diz e se levanta.

— Mas por que aqui? — pergunto, sentindo um frio na espinha.

— É onde a filha dele mora. Ela é advogada, então, por que não? — Ele pisca. — Me conte quando descobrir mais alguma coisa, por favor.

Aceno em concordância.

Ter o meu pai novamente envolvido com o diretor do banco me deixa angustiada. Ele prometeu que não iria mais se intrometer, então por que isso? O meu estômago volta a embrulhar, então me levanto e abro as janelas para fazer com que o perfume do Marcos que ainda permeia o ar se dissipe. Dessa vez não vou aceitar as intervenções do meu pai. Sei que não vou conseguir passar o dia sem ter certeza do que ele pretende, então ligo para a minha mãe, que atende no segundo toque.

— Mãe, que investimento é esse que o meu pai está fazendo com o diretor do banco. Vocês não se cansam? — Disparo, com raiva.

— Ísis, calma. Foi o Rodrigues que propôs ao seu pai, e não tem nada

a ver com o banco. É uma sociedade entre os dois.

— E sobre o que seria essa sociedade?

— Cafeterias.

— O quê? E desde quando o meu pai se interessa por lojas de café?

— pergunto, desconfiada.

— A proposta aconteceu em um jantar na casa do Rodrigues. Ele entende muito do assunto e então convidou o seu pai para ser sócio, e após analisar a proposta de investimento o Charles aceitou.

— Espero que isso não tenha nada a ver com o Felipe.

— Não tem, pode ficar tranquila.

— Vou confiar em você, mãe.

— Como está se sentindo?

— Muito enjoada, mesmo tomando o medicamento.

— Normal, amor, provavelmente irá continua até o terceiro mês, depois passa. E de resto, tudo bem?

— Esta sim, não se preocupe — digo.

— Tudo bem, então. A Ângela, esposa do diretor, está preparando uma festa surpresa para o aniversário do marido. Ela conta com a nossa presença, e o seu pai gostaria que você fosse conosco. Seria bom apresentá-la a eles, já que falamos tanto de você.

— Não ando com disposição para sair, você sabe o porquê.

— Não será agora. Só no final do outro mês, até lá seus enjoos já terão passado. Pense a respeito, meu amor.

— Não, mãe, pode esquecer isso. Agora tenho trabalhar.

— Tudo bem. Beijos.

Começo a analisar as propostas do acordo trabalhista que Marcos irá fazer e penso que, se o meu pai pretende mesmo expandir o seu “negócio”, elas rapidamente perderão o efeito.

Mas a minha mente não para de voltar para a noite que tive com Felipe – foi tão perfeito estar em seus braços novamente. Reflito em como devo contar a ele e acho que tem que ser essa noite, quanto antes melhor, não posso esconder algo desse tipo. Eu quero que ele volte a confiar em mim para começarmos a tomar as decisões juntos.

O dia passa e por estar com muito enjoo, nem mesmo consigo almoçar. No final do dia compro um pote de sorvete e praticamente o devoro inteiro. Felipe me envia uma mensagem perguntando que horas poderá me buscar, então combinamos que ele irá às sete horas.

Quando estou saindo do escritório, eu me deparo com Marcos, que está acompanhado de uma mulher muito atraente e elegante, cabelo escuro e longo, corpo definido e um rosto perfeitamente desenhado.

— Achei que já tivesse ido — ele diz, sem graça. — Renata, essa é a Ísis.

Ela se aproxima de mim e exhibe um sorriso ao estender a mão.

— É um prazer conhecê-la, Ísis. Sei que está um pouco tarde, mas como sou cliente do Marcos há três anos, acho que ele não se importa de me ajudar com uma pendência a essa hora — parecendo um pouco nervosa, ela justifica sem eu nem ter aberto a boca.

— Igualmente. Bom, já vou indo. Bom trabalho para vocês. E, Marcos, poderia pedir para a Monique me ligar depois? Preciso falar com ela — falo e ele me lança um olhar de poucos amigos.

— Sem problemas. — Ele me dá um sorriso cínico arqueando a sobrancelha. Agora quem está sem graça sou eu. Então a Renata sabe sobre a Monique.

Eu me despeço e sigo para a casa. Depois de um banho, fico pronta para encontrar o Felipe, mas a imagem de Marcos e da cliente não sai da minha mente. Sei que não deveria me intrometer no relacionamento do

Marcos e da Monique, mas não resisto e acabo mandando uma mensagem para ela.

*Monique, Marcos pediu para você
ligar para ele. ??*

No mesmo instante ela visualiza.

Ok, obrigada. ??

Não sei se agi certo, mas se Renata sabe sobre a Monique, nada mais justo Monique saber sobre ela. Às sete em ponto Felipe envia uma mensagem dizendo que está me esperando em frente ao prédio. Eu coloco a ultrassonografia na bolsa e desço as escadas decidida a falar com ele sobre nosso bebê.

Vendo o seu Corolla vermelho estacionado do outro lado da rua, eu a atravesso ao mesmo tempo em que Felipe sai do carro e se aproxima. Antes de dizer qualquer coisa, ele me puxa para os seus braços e me dá um beijo cálido.

— Vamos. — Ele abre a porta para mim.

Enquanto seguimos para o apartamento dele, o tempo todo fico segurando a sua mão livre, e notando a minha obsessão, volta e meia ele me lança um sorriso.

Após estacionar o carro em sua vaga, nós descemos e seguimos para o elevador, onde ele aperta o botão para o sexto andar. Felipe se aproxima e me beija, e ao se afastar eu fico olhando em seus olhos, querendo muito contar sobre o nosso bebê.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta ao notar que estou

encarando-o.

— Não. Só pensando em nós — falo e ele sorri.

As portas do elevador se abrem e em minutos eu me vejo em um hall predominantemente masculino. Entrando em seu apartamento, percebo que ele segue o mesmo estilo do hall, as paredes em tom cinza claro contrastam com quadros retrôs em preto e branco, com o sofá retrátil azul-marinho, o tapete escuro, a mesa de centro em formato de pera, e a frente o rack branco, que cobre toda a extensão da parede. A decoração com elementos básicos é de tirar o fôlego. O apartamento é perfeitamente arquitetado e decorado, que me deixa envergonhada por tê-lo levado ao meu.

— Bem-vinda! *Mi casa, su casa* — ele sussurra no meu ouvido, me fazendo virar em sua direção.

— *Danke, meine Liebe* — respondo.

— Alemão?

Confirmo, acenando.

— Sinto informar, mas alemão está proibido nessa casa — ele diz e ambos sorrimos.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou — brinco, ele sorri.

Felipe fecha a porta e antes de me levar para fazer um tour pelo apartamento, ele me pressiona contra a parede e olhando em meus olhos, segura as minhas mãos acima da minha cabeça. Ele aproxima seus lábios dos meus e dá uma leve mordida.

— Aí — sussurro com charme.

Ele volta a me morder e em seguida inicia um beijo intenso. É quase insana essa necessidade que tenho de ser dele. Felipe pressiona seu corpo contra o meu e libera uma de suas mãos, descendo seus beijos pelo meu pescoço e colo, e com abandono eu fecho os olhos e absorvo cada toque. Meu corpo estremece quando sinto sua mão quente entre as minhas coxas.

— Adoro quando você está de vestido — sussurra e volta a me beijar.

Quando sinto seu dedo me tocar intimamente, eu imploro para tê-lo em mim, mas ao invés de continuar, ele se afasta e respira fundo, recompondo-se.

— Não faz isso, não é certo — reclamo.

Felipe me dá um olhar safado e leva o dedo molhado da minha umidade para a boca, chupando-o.

— Vou te mostrar o meu apartamento primeiro. Você vai ver que cursar Arquitetura valeu a pena — brinca. — Tenho uma surpresa para você. — Sorri com malícia e sei que ele tem plena consciência do que causa em mim. — Não se preocupe, sua sala também é bonitinha — ele diz, brincando.

Chega a ser bizarro como tudo é tão organizado. Ele segura a minha mão e me guia para conhecer os outros ambientes. Ao passarmos pelo aparador que fica no corredor, vejo várias fotos em porta-retratos – em uma ele está beijando o rosto da mãe, em outra está de terno ao lado da irmã vestida de noiva. Tem Felipe fazendo trilha, em cachoeiras, na praia, em montanhas, e em todas exibe um lindo sorriso. Imagino que sejam das suas viagens. Em algumas reconheço a Flávia, e vê-la me causa repulsa, apesar de saber que não faz sentido.

— Jogou as nossas fotos fora? — pergunto e pela maneira como ele desvia o olhar, eu me arrependo.

— Estão guardadas — diz e sei que ele não quer mais falar sobre isso.

Essa é a parte da sua vida que perdi. Eu olho cada detalhe, cada sorriso, e tento disfarçar, mas sinto muito por todo esse tempo perdido. Vejo uma foto antiga de uma criança e pelo sorriso sei que é ele, então eu a pego e fico imaginando o nosso bebê. Penso que isso poderia me ajudar a iniciar o assunto, então viro a foto para ele. Felipe sorri e rapidamente a tira da minha mão, colocando-a no lugar. Eu faço uma careta e quando volto a minha

atenção para as fotos, vejo uma com os gêmeos da Mari.

— Eles são lindos, se parecem com você.

— Gabriel e Lucas, já os conheceu?

— Eu os vi quando estive no hospital e reconheci porque estavam com a sua irmã. — Pego a foto — Eles vêm muito aqui?

— Não. — Felipe fica olhando a foto na minha mão.

— Mari não deixa? — Questiono e sei que ele está esperando que eu a coloque no lugar.

— Na verdade, eu não chamo porque eles são uns pestinhas.

— Felipe, são só crianças — contradigo. — Com certeza a sua irmã deve se sentir realizada com eles.

— Não sei se é exatamente assim não. — Felipe me encara. — Ela e o Léo sempre saíam, agora não tem mais vida social – com os gêmeos mal têm tempo como casal.

— Mas a sua mãe não ajuda?

— Ajuda ficando com eles para a Mari trabalhar. Eu deixei bem claro que ela já estava fazendo muito. À noite é por conta dos dois. Eles queriam filhos, então encarem as consequências.

Desvio o olhar ao notar como ele encara o filho como um fardo.

— Mas todo casal também precisa de um tempo, não tem problema dar isso a eles às vezes...

— Ísis — ele me interrompe. —, quando a pessoa decide que quer ter um filho, ela tem que ter plena consciência de que a vida vai mudar. Eu, por exemplo, gosto da minha vida como ela é. Estou sempre fazendo algo diferente nos feriados: vou à praia, escalo, vou às montanhas, acampo. Entende? Coisas que não exigem tanto planejamento. A Mari sempre ia junto, mas agora ela tem que saber se o lugar é seguro para os meninos. Às vezes eles choravam a viagem toda, e quando passavam mal, ela tinha que voltar

antes, sem contar que, mesmo quando ficava, era vinte quatro horas atenta a eles. Era tão estressante que eu passei a não convidar mais, então íamos só a Flávia, a minha mãe e eu. — Quando percebe o que disse, Felipe fica sem graça e tenta mudar de assunto. — Vamos jantar?

— Justamente por ver essas dificuldades, não acha que deveria ajudar mais? — insisto.

— Se ela decidiu ser mãe, sinceramente, a obrigação de cuidar é dela. A minha mãe já ajuda muito ficando com eles para que ela possa trabalhar. Quando a minha mãe foi morar com ela, eu avisei que se soubesse que ela estava ficando com Gabriel e Lucas para a Mari e o Léo saírem à noite, nós teríamos problemas.

Ele não altera o tom em nenhum momento, mas as suas palavras me desconcertam. Eu queria apenas achar uma brecha e me deparo com essa realidade.

— Acho que essa é uma decisão da sua mãe — falo, mudando o tom.

— Não é não, porque ela é fácil de ser convencida e os dois são folgados. Se eu não falar nada, a minha mãe não terá mais vida além de cuidar dos gêmeos.

— Então você realmente não quer essa mudança na sua vida? — pergunto um pouco ressentida, e acho que Felipe percebe.

— Falar sobre isso é tão chato e, na verdade, nem sei por que insistir nisso. Não vamos perder tempo com um assunto que não tem nada a ver com a nossa noite — diz, tentando encerrar o assunto.

— Tem razão, mas acho que o seu comportamento deve magoar a sua irmã. Imagina se fosse o seu filho? — falo, enfatizando o “seu filho”.

— Esquece isso, bonequinha, não vai acontecer. Não quero ter filhos, e é justamente por isso que eu me previno — ele diz, e fico tão desconcertada que nem sei mais o que pensar.

Reparo à minha volta e percebo que o apartamento tão perfeito não parece um bom lugar para crianças, já que elas são naturalmente curiosas. Tento melhorar o clima, mas o estrago já foi feito. Felipe me leva à cozinha, e mesmo chateada, não tem como deixar de notar como os armários e balcões planejados tornam o ambiente mais despojado. Peças soltas em preto e branco equilibram bem a ideia de dois ambientes. Há uma pequena divisória de vidro com contornos pretos e é possível ver o quanto a ideia do contraste em preto e branco é bem trabalhada em cada detalhe. Felipe é muito bom nisso – seu apartamento é bem menor que o da Monique, porém, bem mais aconchegante e decorado.

— Sua cozinha é linda, todo o planejamento foi feito por você? — pergunto, tentando melhorar o clima.

— Sim, eu desenhei e o marceneiro executou.

— O interessante é que mesmo sendo um cômodo pequeno, você dividiu em dois ambientes, e dá a impressão de ser bem maior. E ainda tem essa pequena e luxuosa sala de jantar, sinceramente, a utilização dos objetos decorativos, como o relógio, o lustre e as cortinas dão um charme especial ao espaço. Juro que eu jamais pensaria nisso. Uma decoração de poucos detalhes e muito resultado. Parabéns — digo.

— Obrigado. Eu realmente sou bom no que faço — agradece, convencido.

— Quer dizer, tem alguns defeitos — respondo e ambos sorrimos.

Mesmo tendo preparado todo o jantar, não tem sequer uma colher fora do lugar. E ainda que eu tente disfarçar, as suas palavras sobre não querer ter filhos pesam em mim. Sobre a mesa em mármore negro com cadeiras brancas está uma salada e uma garrafa de vinho tinto. Era para ser a nossa noite perfeita e tudo que sinto é vontade de chorar. Felipe traz uma lasanha e a coloca à minha frente, em seguida me abraça por trás. Ao sentir o cheiro da

lasanha, o meu enjoo volta com tudo.

Eu me viro e ele tenta me beijar, mas eu o afasto.

— O que houve? — ele pergunta.

Nem mesmo consigo responder. Eu me desvencilho dos seus braços e sigo pelo corredor procurando um banheiro. Abro uma porta e me deparo com o quarto, e neste momento o seu telefone, que está em cima da cama, começa a tocar.

— Ísis, está tudo bem? — Felipe se aproxima, parecendo confuso.

— Desculpe-me, estava procurando o banheiro.

Ele aponta para lateral e fico meio sem graça e desapontada por não ter notado o banheiro conjugado.

— Oi, Mari — ele atende o telefone.

Vou ao banheiro, mas travo ao ver que ele está me olhando. Então lavo o rosto e imploro para o mal-estar passar.

— Ah, Mari, fala sério. O Léo não pode voltar de táxi? — Ele coça a cabeça e se vira de costas. — Então deixa os meninos com a vizinha. — Ele parece contrariado. — Tudo bem. Mas você só vai buscar e voltar, não é? Vai ser rápido? Eles já jantaram? Eu não vou dar comida para ninguém, nem banho. E não esquece que eu sei quanto tempo gasta do seu apartamento ao hospital. Se em uma hora você não estiver de volta, eu vou embora e deixo os meninos sozinhos.

Fico até meio assustada de ouvi-lo falar desse jeito.

— Tá bom, mamadeira eu faço. Tá, ok, em vinte minutos eu chego. Tchau.

Ele desliga, vem até mim, e ver essa versão do Felipe me magoa muito. Como posso, depois disso, contar a ele que estou grávida?

— Bonequinha, o Léo quebrou o braço, não é nada grave, mas a Mari terá que ir buscá-lo. Como a minha mãe não está em casa, eu vou ter que ficar

com os meninos para ela — ele diz, como se ficar com os meninos fosse a pior coisa do mundo. — Volto no máximo em uma hora. Você se importaria de esperar um pouco? — ele pergunta, mas eu sinto que não conseguirei ficar aqui.

— Felipe, se não se importa, eu prefiro ir embora — falo e ele me encara, parecendo confuso.

— Por quê? Eu fiz alguma coisa? Vai ser rápido, prometo.

— Não, eu só prefiro ir para casa. Você passa lá quando estiver voltando — falo, decidida, deixando claro que não adianta insistir.

— Tudo bem. Vamos?

O silêncio domina não só no elevador, mas em toda viagem. Fico observando os carros nas ruas enquanto sentimentos controversos se chocam dentro de mim. No momento, tudo o que eu quero é ficar sozinha. Quando vai se despedir, ele me beija, mas eu mal correspondo.

— O que foi, bonequinha? Fiz alguma coisa de errado?

— Não, só estou cansada. Boa sorte com os seus sobrinhos — falo, magoada.

Ele não diz nada, então simplesmente atravesso a rua e passo pelo portão. Subo as escadas e entro no apartamento, seguindo direto para a cama. As lágrimas começam a deslizar ao perceber que foi tolice achar que poderíamos voltar a ser como antes. Felipe não é mais o mesmo, dói saber que esse tempo tirou bem mais do que acreditei, e agora não existe mais a chance reviver a nossa vida simples e feliz.

Capítulo 18

Felipe

Fico perdido, sem saber o que fiz para a Ísis mudar tão repentinamente. E sem tempo para pensar a respeito, eu sigo para o apartamento da Mari. Mal estaciono e já a encontro em frente ao prédio abrindo o portão. Ela nem mesmo me dá tempo de falar, simplesmente dá instruções.

— Acabei de fazer mamadeira e eles estão no quarto. Vão dormir rápido. Obrigada, Felipe — diz, apressada.

— Qualquer coisa me liga — digo enquanto ela se vira e sai rapidamente.

Assim que entro no apartamento eu tranco a porta, e ao me virar vejo brinquedos por toda parte, então vou até a cozinha e encontro a pia lotada de louça suja. Sigo pelo corredor e me deparo com mais brinquedos espalhados. Ao escutar um choro, vou para o quarto dos gêmeos e demoro a acreditar na cena diante dos meus olhos. Gabriel está encharcado de leite, chorando, enquanto Lucas espalha o leite que sobrou na mamadeira pelo chão.

— Lucas, pare com isso. Agora!

Ambos arregalam os olhos enquanto eu me aproximo, tentando não pisar no leite espalhado pelo chão. Pego Gabriel no colo, que ainda está chorando.

— Biel *moio* de leite. — Lucas se aproxima com a maior cara de pau do mundo.

— Você que o molhou, Lucas, e eu vou contar para a sua mãe. — Ele

dá de ombros. — Se bem que não resolve nada contar — falo, tirando o pijama do Gabriel, que está com o cabelo pingando leite.

Droga, vou ter que dar banho no garoto. Eu o levo ao banheiro e o coloco no chão para ligar o chuveiro.

— Fica debaixo do chuveiro, daqui a pouco eu volto para te pegar — explico, mas nem sei se presta atenção, uma vez que não para de chorar.

Volto para o quarto e vejo Lucas com as mãozinhas no chão espalhando o leite, então eu o pego no colo e o sem-vergonha limpa a mão na minha roupa.

— Calma, Felipe, é só uma hora, passa rapidinho — digo para mim mesmo.

— O Biel tá molhado.

Olho para a porta e vejo Gabriel pelado com água escorrendo do corpo ao chão. Fecho os olhos e respiro, frustrado.

— Gabriel, volte para o banheiro agora! — Altero o tom, ele me encara e volta a chorar. — Que merda! Não precisa chorar, Gabriel. — Abaixo o tom e me aproximo, levando os dois para o banheiro, onde tiro o pijama do Lucas e coloco os dois debaixo do chuveiro. — Do que você tem medo, Lucas?

— *Sapu.*

— E você, Gabriel? — Ele olha para o irmão.

— Bicho. — Gabriel finalmente para de chorar.

— Vou colocar um bicho e um sapo na porta, se saírem vão pegar vocês. Não saiam daqui, eu já volto.

Vou para a área de serviço e procuro pano, balde, rodo e detergente. Ao pegar tudo, lá vou eu para o quarto dos garotos limpar todo o leite e respingos que têm nas portas do guarda-roupa. Troco o lençol da cama do Gabriel e seco o corredor antes de voltar ao banheiro. Desligando o chuveiro,

enrolo os dois na toalha e os levo de volta ao quarto, visto o pijama e os coloco na cama.

— Cadê a mamãe? — Gabriel pergunta.

— Foi buscar o seu pai — informo e ele volta a chorar.

Isso é um pesadelo, só pode.

— Biel, não precisa chorar — digo ao me sentar na sua cama. — O tio está aqui com você. — Dou um sorriso forçado e ele chora mais ainda.

— Eu *qué dedela* — Lucas pede.

— Você jogou o leite da sua mamadeira e do seu irmão no chão, agora não tem mais.

Lucas faz bico e começa a chorar. Meu Deus, agora são os dois. Que estresse! Fico alguns minutos quieto para ver se param de chorar, mas não. Esses dois não ficam quieto um minuto.

— Tudo bem, vocês venceram. Eu vou fazer mamadeira, mas parem de chorar, combinado?

Eles me ignoram, então os deixo lá e vou preparar as mamadeiras. Assim que volto, encontro o Lucas na cama do Gabriel. Eu o coloco de volta em sua cama e entrego a mamadeira, que mal a experimenta antes de jogar no chão.

— Lucas, pega a mamadeira agora!

Ele faz bico e volta a chorar.

— Tá *uim*. — Gabriel faz o mesmo com a sua mamadeira.

Qual o problema dessas crianças?

— Não está ruim não, pode pegar do chão agora e mamar. Os dois — eu os repreendo e, em segundos, pego as mamadeiras e entrego para eles.

— Tá *fio* — Gabriel reclama, chorando.

— Tudo bem. Vou esquentar, mas não precisa chorar, ok?

Depois de esquentá-las, volto ao quarto e vejo que estão no chão com

brinquedos espalhados ao redor. Respiro fundo, tentando controlar a raiva. Mais uma vez, coloco cada um em sua cama e entrego as mamadeiras.

— Hora de dormir — digo e apago a luz.

— Tio, eu *quelo* mamãe — Gabriel volta a pedir, manhoso.

— Eu também. Daqui a pouco ela chega. — Ele volta a chorar e Lucas, que tinha parado, acompanha. Vou até a cama do Gabriel e pergunto: — Quer que eu me deite com você? Só deito se ficar caladinho.

— *Quelo* minha mamãe.

Eu o pego no colo para tentar fazê-lo dormir, mas não funciona, então me deito com ele em sua cama e Lucas vem até nós.

— Lucas, agora é hora de dormir. — Ele me ignora e tento ser bem calmo. — Luquinha, vamos dormir? Gabriel está quase dormindo.

— Não tô — Gabriel contradiz, e eu sinto meu sangue ferver.

Eu não quero isso para a minha vida.

— Biel não *qué domi*, nem eu — Lucas volta a falar e eu perco a paciência.

— E eu não quero saber, os dois vão dormir agora! — quase grito e os dois ficam em silêncio, se deitam em cima de mim, se reviram um pouco, mas acabam dormindo.

Eu me desvencilho dos dois e os cubro, saindo do quarto silenciosamente. Vou para a sala e vejo que já é quase meia-noite. *Valeu, Mari, faz duas horas e meia que você saiu.*

Sei que já era para a minha mãe estar em casa, mas estou estressado demais para ligar para ela. Não suportando mais essa bagunça, eu pego um saco grande de lixo e começo a juntar os brinquedos e quando termino já têm dois sacos cheios. Vou à cozinha e começo a lavar a louça, ao terminar enxugo as mãos e finalmente o silêncio faz parte da casa. Sem ter mais o que fazer, eu me deito no sofá e envio uma mensagem para Ísis.

Ainda acordada?

Ela sequer visualiza. O tempo passa e sou acordado pelo som da porta se abrindo. Assustado, eu me levanto e vejo a Mari, o Léo – com o braço enfaixado – e a minha mãe entrando.

— Graças a Deus! — falo, aliviado, fazendo todos caírem na gargalhada.

— Sobreviveu, Lipe? — Mari brinca e eu não retruco, seu rosto parece cansado. — Eles se comportaram? — pergunta.

— Sim. — Decido não contar a bagunça que fizeram. — Você não disse que a mamãe chegaria cedo?

— Uma vez que a Mari me disse que você estava com os meninos, eu fui ao hospital ver como o Léo estava.

— E o que aconteceu, Léo?

— Bati o carro e de brinde quebrei o braço, mas, graças a Deus, nada grave. Valeu pelo favor.

— Por nada. Agora preciso ir embora. Boa noite a todos.

— Obrigada por ter quebrado esse galho pra mim.

A Mari me abraça e eu saio do apartamento aliviado por saber que tudo acabou. Vejo as horas e sei que é tarde, mas mesmo assim ligo para a Ísis. Ela não atende, então entro no *WhatsApp* e vejo que ela já visualizou a mensagem que enviei, mas não respondeu.

Merda. O que aconteceu para ela me ignorar dessa forma?

Saio dirigindo pelas ruas e só paro quando estou em frente ao seu prédio, então envio outra mensagem.

Bonequinha, o que foi? Por que não

me atende?

Estou no seu portão.

Demora alguns segundos, mas a resposta chega.

Estou indisposta.

Nos falamos amanhã, boa noite.

Leio e releio a mensagem sem acreditar no que está acontecendo. Suspiro tentando conter a frustração. Demora alguns minutos para cair a ficha de que ela está me dispensando.

Sigo pelas ruas silenciosas tarde da noite sentindo muita raiva. Ao entrar no meu apartamento, fico pensativo tentando descobrir o que aconteceu para tornar essa noite um desastre total?

Já são quase duas da manhã quando vou me deitar, sentindo uma falta tremenda da Ísis. Eu tinha muita expectativa quanto a essa noite, mas tudo foi pelo ralo sem nem saber o porquê. Ísis é uma incógnita.

E, sem querer, eu me vejo navegando no mar dos meus eternos por quês. Quem eu quero enganar? Eu tenho medo de me machucar novamente, mas não posso ignorar o que sinto por ela. Talvez Ísis tenha ficado magoada por acreditar que seria como antes, ou talvez foram as fotos. Realmente não sei. A única coisa que tenho certeza é que não posso perdê-la novamente.

Algum dia você já foi minha? O que aconteceu, Ísis? Você esperava uma conversa mais íntima? Esperava que eu te contasse como sobrevivi? Ao ver as fotos, você achou que não senti sua falta?

Você deveria saber que por trás de cada sorriso forçado, havia um coração despedaçado pela sua ausência. Eu só estava tentando, Ísis, e você não pode me culpar por isso. Você deveria estar aqui, ao meu lado, jogando

na minha cara todos os motivos pelos quais nunca irei te esquecer, jurando que me ama, e a todo instante tentando me convencer que não irá embora.

Meus pensamentos me incomodam, e eu fico preso às minhas inseguranças. No fundo, eu sei que a mágoa persiste e quando finalmente pego no sono já é quase dia.

Eu me levanto às pressas com alguém tocando insistentemente a minha campainha. Mal lavo o rosto e ainda de pijama, levo um susto ao abrir a porta e dar de cara com Charles Brückner. Ele me olha de cima a baixo, parecendo desgostoso.

— Tem dois minutos?

Ainda surpreso, confirmo que sim, temendo que algo tenha acontecido com a Ísis. Mas, pensando bem, eu seria a última pessoa que ele procuraria.

— Santos, vou ser direto. — Ele entra e, uma vez que está de terno e com a valise nas mãos, acredito que esteja na cidade a trabalho. — Quando se tem um problema, a gente tenta resolvê-lo o mais diplomático possível? — ele pergunta, mas não esperando uma resposta. — Imaginei que não. Bom, a Ísis é a minha única filha e, vamos ser sinceros, quem quer que a filha namore um portador de HIV? — ele fala, esperando a minha reação, mas só desvio o olhar, já prevendo o que vem a seguir. — Como pai, eu sempre quis que ela tivesse o mundo aos seus pés. Ela sempre foi doce e ficava comovida até com a vida dos seus animaizinhos de estimação, então quando ela te conheceu e você contou uma historinha triste, foi o suficiente para a minha filha acreditar que estava apaixonada e ir contra todos os seus princípios — ele completa, indignado.

— Eu nunca inventei história alguma para a sua filha — eu o interrompo, mas ele me ignora.

— Eu fiz tudo o que pude para afastá-la de você, mas a Ísis é teimosa

como eu — diz, irritado. — Todos esses anos longe foram em vão. Só que agora você foi além, e eu já deveria ter previsto isso. Como se já não bastasse ter iludido a minha filha fazendo com que ela ficasse contra a família, depois de cinco anos, você ainda teve a audácia de engravidá-la.

Suas palavras me desequilibram e o meu mundo desaba.

— Espera. Eu o quê? — pergunto, atônito.

— Não se faça de idiota — ele diz, aproximando-se. — Acha que me engana?

— Você está enganado. A Ísis não está grávida.

Mal termino de falar quando sinto um soco na minha boca. Ele me empurra contra a parede, mas se afasta rapidamente assim vê o sangue escorrendo da minha boca. Juro que penso em revidar, mas sei que agressão física não é o melhor caminho. Limpo a minha boca enquanto ele se vira de costas.

— Santos, estou cansado. Cansei de tentar fazer Ísis enxergar o que é melhor para ela. Eu não vou mais afastá-la de você, não vai adiantar. Se é isso que a Ísis quer, ela vai ter, mas não pense que irá arruinar a vida dela.

— Ísis não está grávida — volto a insistir, querendo ouvir que ele está mentindo, mas isso o irrita mais.

— Sério? Por que acha que estou aqui? Está insinuando que o filho não é seu? — ele pergunta, irritado, mas ao me encarar percebe que eu realmente não sabia disso. — Por que ela não te contou? Não estão juntos?

— Não contou porque não é verdade. Se ele estivesse grávida, tenho certeza que me contaria — insisto.

— Então talvez ela não confie tanto assim em você — ele provoca, passando a mão no queixo. — Talvez porque ela tenha medo de ter contraído a sua doença e, pior, corre o risco de passar para o bebê.

Ouvir essas palavras saírem da boca dele é humilhante.

— Não há possibilidade de isso acontecer. Eu não sei o que pretende com tudo isso, mas nada do que disser faz diferença para mim, então não perca o seu tempo — afirmo, já alterando o tom.

— O primeiro exame deu negativo e espero que não mude. Caso contrário, teremos um grande problema.

— Isso não é problema seu e eu não tenho nada para falar com você. Vá embora — falo e aponto para a porta.

— Deveria ser mais grato a mim. — Ele me olha de cima a baixo. — Se hoje tem esse apartamento e é gerente naquele banco, foi graças a minha influência, ou acha que te dariam aquela chance no banco? Você só está onde está, porque eu quis. — É humilhante ouvi-lo e saber que é verdade. — Acha que conseguiria estar nessa posição sem a minha ajuda? — Ele sorri com cinismo. — Você tem razão quanto a perder tempo. Graças a você, a minha filha não me escuta mais, então resolvi inverter o jogo e nós agora estaremos do mesmo lado.

— O quê? — pergunto com ironia.

— A partir de agora quem dita as regras sou eu, e você irá segui-las. Caso contrário, da mesma forma que um dia melhorei e muito, a sua vida, posso arruiná-la. Não só a sua, mas de toda a sua família, e juro que não vou poupar esforços para isso.

Sem conseguir me conter, eu solto uma gargalhada ao escutá-lo.

— Não sou a Ísis, as suas ameaças não surtem efeito em mim — retruco.

— Se ama realmente a Ísis como diz, vai querer proteger a ambos, não? — Ele me encara, esperando a minha resposta, mas ainda estou sem chão, não acreditando em suas palavras. — Santos, você vai fazer uma lista de quem sabe do seu diagnóstico e, a partir de hoje, mais nenhuma pessoa deverá saber. Vou comprar o silêncio deles e Ísis não será associada a esse

seu vírus! Entendeu? — ele diz, autoritário.

— Você pode convencer a sua filha com as suas ameaças, mas não a mim. Não vou fazer o que você quer — revido.

— Não queira brigar comigo, Santos, eu não costumo avisar. Na verdade, eu faço. E, a propósito, como está o seu cunhado? Sofreu um pequeno acidente ontem, não foi?

Agora fico paralisado, desnorteado, e ele sorri ao perceber a minha reação.

— Você teve algo a ver com isso? — Eu o encaro, perplexo.

— Está me acusando de alguma coisa? — diz pausadamente, e eu desvio o olhar. — Não, não está. Só está com medo. E se eu estivesse em seu lugar e prezasse pela vida dos meus entes queridos, eu também estaria. Mas não se preocupe, eu cumpro com a minha palavra se você cumprir com a sua. Temos um acordo? — Continuo não olhando para ele, chocado com as suas ameaças. — Espero que tenha entendido o recado — diz e se afasta.

— E, Santos, o que vou te dizer agora, fica entre nós dois. Algo me diz que você será um bom genro, e caso duvide disso, eu estarei aqui para te provar o contrário — fala com sarcasmo, e antes que eu consiga sair do meu torpor, ele sai do apartamento.

Ainda sentindo o sangue na minha boca, eu não sei o que é pior. Saber que Ísis está grávida e ter descoberto através do seu pai, ou estar ciente do que ele é capaz de fazer contra a minha família caso os seus planos frustrem. Mas, depois da sua confissão, eu entendo o que causou a mudança repentina em Ísis. Mais uma vez, ela não quis contar a verdade para mim.

Capítulo 19

Ísis

Eu me sinto péssima por tudo o que Felipe falou. Mas saber que ele estava sendo sincero acaba comigo. Está bem claro que ele não quer ter filhos. Mas eu estou grávida e se ele não quer essa mudança na sua vida, devo continuar com a minha e, como sempre, sozinha.

Com essa mágoa doendo no peito, eu me deito e ignoro as suas mensagens. O tempo passa e as suas palavras vêm em minha mente, machucando. Ele insiste ao enviar outra mensagem dizendo que está no meu portão, mas não quero ter que encará-lo agora.

A minha vida continua, e na manhã seguinte vou trabalhar e tento me concentrar no serviço a ser feito, mas, novamente, sou traída pelos meus pensamentos e, pela primeira vez, o silêncio em mim se torna ensurdecedor. Um pouco aérea, saio dos meus pensamentos quando vejo Marcos entrando em minha sala e se sentando à minha frente.

— Não me lembro de ter pedido a você para dar um recado à Monique — ele fala e eu congelo.

— Marcos, eu...

— Ísis, eu te respeito e não me meto na sua vida. Poderia fazer o favor de não se meter na minha? — pergunta, e sei que assim como eu, ele não está em seu melhor dia. Agora eu me sinto culpada por isso.

— Acha certo fazer isso com a Monique? — falo, encarando-o.

— O que estou fazendo? Realmente era trabalho, e mesmo que não fosse, isso não é problema seu. Aí é que está, Ísis, a Monique me conhece

melhor do que você. Ela lidou com um longo relacionamento comigo sabendo que eu namorava com você, então pare de achar que ela é inocente. Nós somos adultos o suficiente para sabermos onde estamos entrando, e não se engane, toda história tem dois lados e as pessoas só contam o lado que lhes convém. Ninguém detém toda a verdade, geralmente sabemos só uma parte dela e para julgar, precisamos saber todo o contexto. Então, por favor, não faça mais isso — ele diz sério e segue para a sua sala.

Marcos tem razão. O que ele disse deveria me fazer repensar sobre a atitude que tive com ele e Monique, mas penso em Felipe. Eu errei ao não contar a verdade para ele quando fui embora, e não posso cometer o mesmo erro novamente. Ainda que ele não aceite bem no início, Felipe merece saber que será pai. Ligo para Felipe e ele não me atende, mas um tempo depois envia uma mensagem.

Oi

Pode vir me ver no almoço?

Eu passo aí à tarde.

Sua resposta fria me confunde. Ele sequer justifica o porquê de não poder vir, mas me controlo, não querendo tirar conclusões precipitadas.

O dia passa e ao sair da empresa no final do expediente, eu vejo o carro do Felipe estacionado junto ao meio-fio. Mesmo me vendo, ele não sai do carro, então percebo que algo está errado. Não quero mais fingir que estou bem, tudo o que preciso fazer é contar a verdade a ele. Eu me aproximo do carro, abro a porta e me sento no banco do passageiro. Só então ele vira o rosto em minha direção.

— Oi — digo, aproximando-me dele, mas Felipe desvia o olhar e eu paro.

— Ísis, já pensou em como a nossa vida teria sido diferente se você tivesse voltado para aquela droga de hospital e me dito a verdade?

— Nós já conversamos sobre isso, eu tive medo de...

— Medo. Esse é o problema. O medo nos faz recuar e, geralmente, por ele perdemos grandes oportunidades na vida.

— Você conhece os meus motivos, sabe exatamente o que me fez ir embora.

— É, eu sei. Mas até quando vai deixar o medo te dominar?

— Onde quer chegar? Está magoado por ontem? — Tento tocá-lo, mas ele evita o meu contato.

— Não. Eu preparei todo o jantar e, para ser sincero, tive um trabalhão. Eu só queria te agradar, fazer algo diferente e fui dispensado. Mas tudo bem, em se tratando de você não é a primeira vez. Faz parte — diz com amargura.

— Eu sinto muito, Felipe — sussurro e abaixo a cabeça, engolindo em seco.

— Não é sobre o jantar que eu quero falar. — Ele se vira e me encara. — Desde criança, a minha mãe me dizia que eu deveria sempre dizer a verdade, ser sincero. Até que eu descobri que a sinceridade não funciona bem com algumas pessoas. — Ele olha bem nos meus olhos e completa: — Você é uma delas.

Já não suportando mais essa situação, esse constrangimento, decido falar de uma vez.

— Estou grávida — falo e ele não diz nada, nem mesmo parece surpreso. — Eu me esqueci de tomar a pílula e... — ele suspira, frustrado, e olha fixamente para a rua. — Eu sei que não quer isso para a sua vida e não

tem que...

— Chega! — ele me interrompe, alterando o tom. — Eu já até sei onde isso termina. Como eu te falei que não queria ter filhos, você novamente ia tomar uma decisão que cabe a nós *dois*, acertei?

— Não, eu só não sabia como te contar.

— Algumas situações em nossa vida nos pegam de surpresa, Ísis, mas não significa que não iremos enfrentá-las. Lembra quando os seus pais descobriram sobre o HIV e você foi ficar comigo na casa da minha mãe porque eu não tinha nenhum outro lugar para te levar? — Eu aceno, sem conseguir entender. — Eu não estava preparado para dar aquele passo, fui pego de surpresa. Assim como você, eu também tinha medo do amanhã. Mas você estava passando por aquilo por minha causa e eu tinha que assumir a minha parte nisso, independentemente da situação, eu estaria ali para você. E ainda estou aqui.

— Mas você disse que não queria isso para a sua vida e achei que não estivesse preparado para saber.

— E quem está preparado para encarar as mudanças da vida? Nós nunca estamos e talvez seja esse fato que nos faça dar valor a cada conquista e a volta por cima. Se alguém tivesse me perguntado se em algum momento eu me senti preparado para lidar com o HIV, eu diria que não. Mesmo depois de todos esses anos, eu fico tenso a cada novo exame, mas é isso, essa é a minha vida. Eu não queria ter filhos e ainda estou tentando lidar com essa notícia, mas eu vou estar ao seu lado. Nós vamos passar por isso juntos.

— Ouvindo você falar parece algo tão ruim — falo com a voz embargada.

— Eu nunca quis ser pai, e não vou ser hipócrita de dizer que estou feliz. Agora eu realmente não estou, mas isso muda. Se eu soubesse da sua gravidez, é claro que eu teria te poupado de saber a minha opinião sobre isso.

Eu nunca menti para você e não vai ser agora que vou passar a fazer isso. Ainda estou apavorado com a ideia, mas você está grávida e não podemos mudar esse fato.

— Você não é obrigado a estar do meu lado.

— Realmente não. Mas o que eu faço com toda essa droga de amor que sinto por você? E não me venha com essa de achar que é pela gravidez, eu escolhi você bem antes de saber. E talvez essa seja a verdade mais difícil de encarar, eu sempre escolho você, sempre sou sincero com você e dói admitir que não é recíproco.

— Eu queria ter contato antes, mas...

— E por que não contou? — ele diz, deixando claro o quanto está magoado.

— Porque eu queria que você desejasse o nosso bebê tanto quanto eu o desejo agora. Só então eu te contaria.

— Sei. Teve algum problema em relação ao fato de eu ser soropositivo?

— A médica pediu exames e deu negativo, mas devo repeti-los quando completar dois meses.

Felipe encosta no banco e olha em meus olhos.

— Geralmente, quando se contrai, ainda que no início, o primeiro exame acusa indeterminado. Quando se obtém um resultado negativo é bem difícil mudar. Sem contar que no meu último exame foi constatado que a minha carga viral permanece indetectável.

— Fez há quanto tempo?

— O último exame tem sete meses, eu o faço uma vez por ano. Está preocupada com isso?

— Não — falo, mas está óbvio que eu me preocupo.

Felipe me puxa para um abraço e sussurra: — Eu amo você e vou

continuar te amando, Ísis, mas para isso funcionar, independentemente de como julgar ser a minha reação, tem que me deixar ser o primeiro a saber de tudo que nos envolva. Não é pedir muito em um relacionamento. — Sinto seu beijo em minha cabeça. — Podemos buscar as suas coisas?

— O quê? — Eu me afasto, confusa.

— Você está grávida, acho que isso muda por completo os nossos planos.

— Não. Temos que ir com calma, você...

— Semana que vem eu volto ao trabalho. Por favor, fique esses últimos dias comigo? — ele pede e antes que eu responda, completa: — Não vou preparar um jantar, mas posso fazer um macarrão instantâneo — ele diz e me faz sorrir.

— Tem certeza que quer isso?

— Eu soube o que queria desde a primeira vez que te beijei, depois disso todas as minhas escolhas se resumiram à minha certeza.

Eu me aproximo e me sento em seu colo.

— Obrigada por ser quem é. Eu amo você. Somos uma família, somos nós três agora — sussurro.

— Para mim sempre fomos, Ísis, mas espero que dessa vez nada nos separe — ele diz ainda magoado.

Eu me aproximo dos seus lábios e o beijo. Felipe me aperta contra o seu corpo e eu coloco as pernas ao redor do seu quadril. Ele solta o meu cabelo e passa os dedos entre os fios, puxando-os para o lado para deixar o meu pescoço livre para os seus lábios. Sua outra mão vai para a minha perna, acariciando a coxa por cima do tecido. Eu não sinto nada além das suas mãos se movendo rapidamente pela minha blusa, cintura e chegando aos meus seios. Felipe geme ao tocá-los, mas para bruscamente, tentando controlar a respiração.

— Eu senti a sua falta, bonequinha, e quero muito acreditar que dessa vez será diferente — ele diz, ofegante.

— Eu cometi um grave erro ao te deixar e só me dei conta disso quando ficou impossível voltar atrás. Sei que é difícil acreditar, e não estou falando isso pelo nosso bebê, mas será diferente. Eu prometo. — Felipe se afasta e me observa. — No dia em que meu pai me levou embora, doeu tanto, tanto, que era palpável. Eu passei anos tentando juntar os cacos, tentando consertar, mas não tinha como, porque a parte que me faltava, a principal, eu havia deixado aqui. — Lágrimas começam a deslizar pelo meu rosto.

— E se as coisas piorarem, eu ainda serei a sua escolha? — Felipe pergunta, inseguro.

— Ainda assim teremos um ao outro.

Ele volta a me beijar e só paramos quando o meu estômago ronca, fazendo Felipe sorrir.

— Tem um bebê com fome aqui, ok? — digo, tentando justificar, mas falhando miseravelmente.

Ele sorri e me ajuda a ir para o meu lugar antes de colocar o carro em movimento. Só então consigo me sentir aliviada. Apesar de ainda não sentir a mesma emoção pelo nosso bebê, quando olho em seus olhos, sei que não estamos longe disso. Os erros são a nossa melhor escolha, e se antes eu tinha medo do amanhã, hoje, tendo Felipe novamente ao meu lado, eu vejo nele a esperança e a força para encarar o nosso futuro. E, mais uma vez, o nosso amor faz morada. Hoje ele está além de nós e o nosso bebê é o fruto disso.

Capítulo 20

Felipe

Passamos no apartamento da Ísis, e ela rapidamente pega as suas coisas. Eu ainda não me acostumei com a ideia de ser pai, mas não quero ficar batendo na mesma tecla toda hora. Em silêncio, nós seguimos para o meu apartamento. Enquanto coloco a mala dela no meu quarto, ela segue para o banheiro.

À tarde, antes de me encontrar com a Ísis, fiquei pensando em tudo o que o pai dela disse, então entrei em contato com a Mari para ter mais informações sobre o acidente. Ela me explicou tudo, mas nada indicava que foi algo provocado e nem acaso, então continuo sem saber se o pai da Ísis está metido nisso.

Meu telefone vibra, anunciando uma mensagem. Ao abrir, vejo que é de um número desconhecido.

*Sua lista se resume à sua família,
providenciarei para que continue assim.*

Excluo a mensagem, uma vez que sei quem está por trás dela. Pode realmente ter sido um acidente que chegou aos ouvidos dele, mas ter essa dúvida me faz recuar diante das suas ameaças.

Eu peço uma pizza e fico deitado na cama pensando em como devo agir. Ísis sai do banheiro com uma toalha enrolada em seu corpo e quando sinto o cheiro do seu xampu no ar, fecho os olhos, desejando que dessa vez

seja real.

Sentando perto de mim, Ísis me faz desejar ter o poder de apagar todos esses anos que estivemos longe um do outro, mas isso é impossível. Ela me contou os seus motivos e depois do encontro com o seu pai, eu tive mais certeza do que ele é capaz.

— Como seus pais reagiram à gravidez?

Posso ver quer a pergunta a surpreende.

— Minha mãe me apoiou muito, e... — Ela não conclui a frase.

— E seu pai? — insisto, sem querer deixar evidente o motivo da pergunta.

— Não falamos sobre isso. Na verdade, nós nem nos falamos mais, mas ele já deve estar sabendo. E quanto a sua família? Pretende contar para eles?

— Você sente falta dele, Ísis? — Ela desvia o olhar, deixando claro que sim.

— Não de quem ele é agora.

— E de quem ele foi?

— O meu pai era o meu herói, então sim, sinto falta de quem ele era. Mas, voltando ao assunto, e sua família? Quando vai contar sobre o nosso bebê? — Ela olha para o ventre e o acaricia.

— Acredita que ainda não pensei nisso? — falo, observando seus movimentos. Mas quando volto a encará-la, eu me arrependo pela sinceridade. — Ísis, eu vou contar. Prometo que assim que fizer isso, eu vou te falar como foi. Tudo bem?

Ela acena e eu observo seu rosto sereno, seus olhos fixos nos meus. Agora, depois de saber de tudo, eu quero enxergá-la além da minha mágoa. Eu sei que as palavras não ditas ainda me farão mergulhar na dor que um dia senti, mas não quero perder mais tempo com lembranças da sua ausência.

Eu a faço deitar ao meu lado e ela me dá um sorriso que há muito tempo eu não via. E esse sorriso me faz lembrar de todos os motivos que me fizeram amá-la. Ela não é a mesma pessoa e eu também não sou, mas estamos novamente aqui, seguindo o nosso caminho. Juntos.

Olho em seus olhos e tenho uma deliciosa sensação de estar em casa. E estar aqui, ao seu lado, sentido o seu abraço, eu sei que ainda posso lutar por nós. Esse amor que sinto por Ísis é o mais puro e honesto que posso ter por alguém. Neste sentimento não existe brecha, você ama e às vezes o amor o faz conhecer a dor, às vezes o faz conhecer a saudade, às vezes até o machuca, mas ele vai além. Ele o faz perdoar com a mesma intensidade que o sente. E não há como fugir disso. O amor traça seu próprio caminho e ainda que fique tudo sombrio, ainda que um dia se sinta perdido na escuridão da sua dor, basta confiar. Ele te guiou até aqui e continuará fazendo isso. Parece poético demais, mas depois de tudo o que passamos, estamos aqui, então como posso não acreditar que foi por amor?

— Amor, independentemente do que aconteça, eu quero que saiba que...

— Eu pedi pizza — eu a interrompo, não querendo que ela diga nada —, mas temos trinta minutos antes de ela chegar. — Pisco e ela arqueia a sobancelha. — Mas, se quiser, posso preparar um macarrão instantâneo para você — brinco e ela sorri, então eu a beijo.

— Acho que vou esperar a pizza — diz.

Apesar de deixar claro o meu desejo, Ísis parece distante. Eu me aproximo e a beijo, e mesmo que ela corresponda, percebo que a sua atenção está voltada para o bebê, já que está com uma mão sobre o ventre. Tenho certeza que ela será uma mãe do tipo leoa.

E como eu serei como pai? Eu, o cara que até evitava o assunto, agora será pai. Ainda não consigo imaginar uma criança mexendo nas minhas

coisas, mas Ísis não precisa saber disso agora. Tudo bem, a minha vida sempre se resumiu a palavra adaptação, e provavelmente é o que irá ocorrer nessa nova etapa.

— Felipe, eu senti a sua falta todos os dias. — Ela se vira de lado e me encara, então faço o mesmo e percebo que seus olhos estão marejados.

— Está tudo bem. Embora ainda doa lembrar, é passado, não é?

Ela acena e eu volto a beijá-la, mas Ísis não prolonga, simplesmente se vira de costas e eu a abraço.

— Isso é definitivo? Nós dois aqui — ela sussurra e me faz rir.

Ela se virou só para não ter que me encarar ao perguntar isso?

— Você quer que seja?

— Eu perguntei primeiro — reclama.

— É sim, bonequinha. É definitivo.

Virando-se novamente para mim, ela pergunta, ansiosa: — O que vamos fazer essa noite?

— Pizza e sexo, mas podemos alterar a ordem — falo e ela sorri.

— Gostei do seu plano.

Antes que eu volte a beijá-la, o interfone toca e ela aponta para o lado fazendo sinal para eu ir atender.

Desço rapidamente para pegar a pizza. Enquanto espero o elevador chegar para voltar ao apartamento com a pizza, Marcos, com o filho no colo, e Monique se aproximam.

— Boa noite, Santos — Marcos me cumprimenta. — Já não está na hora de voltar a trabalhar? — ele pergunta como se tivesse algo a ver com isso.

— Semana que vem. — Dou um sorriso forçado.

— Passou rápido — Monique diz. — Tem visto a Ísis? — ela pergunta e não sei o que dizer, mas sou salvo de responder quando as portas

do elevador se abrem e nós entramos.

— Vocês irão se casar. Legal — afirmo, tentando mudar de assunto ao ver a aliança na mão direita de Monique.

— Assim você enfraquece a amizade, Santos. Esse não é o modo apropriado, você não pode observar pessoas com alianças e logo afirmar que vão se casar. Primeiro diz você diz: vocês estão noivos, legal. — Marcos aperta o botão para o meu andar e o dele.

— Ah, desculpe-me — falo, sem graça.

— Você é um idiota, Marcos. As pessoas podem achar que estou com você pelo dinheiro, mas o único motivo de ainda estarmos juntos é porque você trepa bem, fora isso não vale nada — Monique diz, irritada, e eu fico constrangido.

Marcos solta uma gargalhada, então olho para o menino, agradecido por ele estar dormindo.

— Está vendo, Monique, você não sabe se comportar. Se falar isso perto da minha mãe, ela enfarta com os seus modos, ou a falta deles.

— Vai me dizer que ela não sabe que o filhinho é pervertido? Se não enfartou até hoje com o filho que tem, não será por ouvir algumas verdades — ela volta a argumentar.

— Ei, calma, estou brincando, okay? — ele diz. — E não se preocupe, Santos, o convite chegará até você — Marcos conclui.

— Boa noite — falo quando a porta se abre no meu andar.

— Na próxima me chame para comer pizza com você. Ouviu o que a Monique disse? Eu trepo bem. — Marcos pisca e eu não digo nada. Eles são loucos.

Entrando no meu apartamento, eu me deparo com a Ísis na cozinha vestindo a minha blusa sentada à mesa.

— Frango à bolonhesa ou quatro queijos?

— Frango à bolonhesa.

Sirvo a pizza e o refrigerante para nós antes de me sentar perto dela. Eu a observo devorar a pizza e minutos depois ela corre para o banheiro, agora sei o que está acontecendo. Quando ela volta, senta-se novamente e pede outro pedaço.

— Está tudo bem? — pergunto.

— Estou, quer dizer, você vai ter que se acostumar com isso. — Dá um sorriso sem graça.

— Desde que você esteja bem, eu não me importo.

Ela volta a comer e eu a acompanho, mal conseguindo prestar atenção na pizza. Eu fico fascinado por seus movimentos e estou tão atraído que não consigo sequer pensar a respeito. Eu me levanto e a puxo para ficar em pé.

— O que você quer de mim? — sussurro, olhando em seus olhos.

— Seu coração. — Ela morde o lábio, me provocando.

— Você vai me fazer ir ao inferno novamente, não vai? — Ela não responde, apenas sorri e eu imploro internamente para não ter fim. Eu a puxo contra o meu corpo e aproximo meus lábios lentamente dos dela, mordendo delicadamente. Ela se afasta por segundos. — Chega a ser masoquismo a maneira como entro no seu joguinho.

Ela coloca os dedos sobre os meus lábios, fazendo com que eu me cale, e em seguida se aproxima novamente e me beija com ímpeto. Eu amo a sensação de ser dela e ela sabe disso. Os beijos se intensificam até estarmos quase loucos, então voltamos para o quarto. Ao tirar a sua calcinha, eu enlouqueço quando toco a sua intimidade e a sinto úmida. Eu estou sedento por ela.

Ísis geme com o meu contato, então tiro a sua blusa e sem pensar duas vezes eu me sento na cama e a puxo para o meu colo, completamente nua. Eu me afasto um pouco para admirar o seu corpo, que é capaz de me levar a

fazer loucuras. Com esse corpo, eu jamais imaginaria que ela está grávida. Grávida de um filho meu. Por mais estranho que seja, talvez essa criança tenha vindo para afastar um pouco os meus medos.

— Que foi? — ela pergunta um pouco ofegante, enquanto me olha.

— Nada, apenas vendo como você é linda.

Ela sorri, envergonhada, e passa os braços ao redor do meu pescoço. Eu a beijo com toda sede que tenho por ela e Ísis retribui na mesma intensidade. Como o ar é necessário, eu distribuo beijos por seu pescoço e desço em direção aos seios. Sugo um seio, enquanto aperto o outro, fazendo Ísis gemer em meu colo.

— Você tem noção do poder que exerce sobre mim? — pergunto enquanto a estimo mais e mais. Os gemidos de Ísis tomam conta do quarto.

— Tenho, pois você exerce o mesmo em mim — diz e volta a me beijar com volúpia. — Eu quero você agora, Felipe.

Eu a coloco na cama e tiro a minha roupa, em seguida coloco o preservativo e me sento novamente, puxando-a mais uma vez para o meu colo. Ísis rapidamente segura o meu membro e me coloca dentro dela. Ambos gememos com o contato e aos poucos ela começa a ditar o ritmo, subindo e descendo, fazendo com que eu solte um gemido ao sentir o têsão por estar dentro dela.

Ela é meu paraíso particular e não importa o tempo que passe, eu sempre terei certeza que isso nunca irá mudar. A forma como ela se entrega a mim me deixa convicto de que não terei isso com mais ninguém.

— Eu te amo... Te amo muito — ela diz, olhando em meus olhos.

Eu afasto o cabelo do seu rosto molhado de suor, enquanto encosto a testa na dela, olhando dentro dos seus olhos.

— Eu também te amo muito, bonequinha.

Ísis joga a cabeça para trás e eu volto a distribuir beijos por seu

pescoço. Sinto quando o orgasmo dela se aproxima, assim como o meu, e com poucos movimentos chegamos juntos ao ápice. A nossa noite é perfeita e, pela primeira vez, esqueço da bagunça na minha cozinha. Eu não quero ficar longe dela, longe do seu cheiro, do seu calor. Como fui capaz de sobreviver sem ela?

Na manhã seguinte, ao acordar sozinho na cama, o desespero me atinge. Será que foi tudo um sonho? Mas ao organizar os meus pensamentos, eu olho ao redor e vejo as peças de roupas dela jogadas no chão e a mala perto do guarda-roupa. O alívio é enorme ao saber que foi real. Eu me sento na cama e pego o celular, vendo que já são quase onze horas e que recebi uma mensagem da minha mãe desejando bom-dia e uma da Ísis, então abro a dela primeiro.

Bom dia, amor, espero que tenha um ótimo dia.

Eu não quis te acordar,

mas precisei ir trabalhar, afinal,

alguém tem que ser o provedor da casa, rsrs, te amo.

*Uau! Você não sabe o quanto estou
feliz por saber que não precisarei
voltar ao trabalho. Você está
cumprindo com o seu papel como
provedora direitinho. Tenha um
excelente dia, bonequinha.*

Também te amo, bjs

Enquanto dou uma arrumada no apartamento, eu penso em como devo contar para a minha mãe e para a Mari que serei pai. Sei que não posso adiar

por muito tempo, então ligo para a minha mãe, que atende no primeiro toque.

— Oi, amor. — Sua voz parece animada.

— Mãe, a Mari vai almoçar em casa hoje? — pergunto.

— Sim, ela já deve estar vindo.

— Posso almoçar com vocês?

— Claro. Aconteceu alguma coisa?

— Não. Só quero conversar, nada sério.

— Tudo bem, estou te esperando.

Eu me despeço dela e sigo para o banho. Quando estou saindo para encontrar com a Mari, recebo uma mensagem da Flávia.

Você não responde as minhas mensagens.

Não precisa ser dessa forma,

antes éramos amigos, não?

Estou tão chateado com o que ela fez, que nem tenho vontade de responder, simplesmente ignoro e sigo para a casa da minha irmã.

Entrando no apartamento dela, eu encontro a Mari sentada à mesa com Gabriel no colo e Lucas ao lado, sentado em sua cadeirinha, almoçando. Minha mãe se aproxima e me dá um beijo na bochecha.

— A que devemos a honra? — Mari pergunta em tom de deboche.

Eu me aproximo e estendo a mão para Gabriel, em seguida dou um abraço em Mari, e por último mexo no cabelo do Lucas.

— Aconteceu alguma coisa, Felipe? — Minha mãe é a primeira a perguntar.

— Não — digo ao me sentar à mesa. — Quer dizer, é... — Eu olho para o seu rosto, evitando encarar a Mari. — Faz um tempo que terminei com a Flávia e...

— Ela esteve aqui ontem. — Mari me interrompe. — Ela ainda está envergonhada pelo que fez e parece bem arrependida.

Sabendo que vai começar a ladainha que Flávia é uma santa, que não fez por mal e coisas deste tipo, decido ser bem direto.

— Eu vou ser pai.

Minha mãe engasga com a notícia, em seguida toma água para se recuperar.

— O quê? — Mari abre um sorriso enorme. — Como assim?

— A Ísis está grávida — digo olhando para Mari, e o sorriso dela se desfaz.

— Ísis? — minha mãe diz, esperando entender.

— Como assim? Vocês estão juntos de novo? Vocês planejaram isso?

— Mari começa o seu interrogatório, ainda incrédula.

— Não. Fiquei com a Ísis no dia em que eu e Flávia terminamos, antes de ela ir parar no hospital.

— Transou sem camisinha com ela?

— Mari, acho que seus filhos não precisam ouvir os detalhes.

Ela não diz nada, está claramente irritada. A minha mãe já sabia que tinha passado a noite com Ísis e talvez por isso não esteja muito surpresa.

— Mas depois dessa briga você voltou para a Flávia. Então não entendo como planejou esse filho?

— Eu disse que não planejei, Mari. Aconteceu.

— Não vem dar uma de macho escroto não. Se transou sem camisinha, o mínimo que se podia esperar era uma gravidez. — Reviro os olhos com a sua afirmação. — Engraçada a sua maneira de ver a vida, Felipe. A Ísis te abandonou, mas está tudo bem você dar uma segunda chance para ela, já a Flávia cometeu um erro idiota e você sequer pensou na possibilidade de reatar o namoro. Parece que estava esperando uma oportunidade de

colocar um fim.

— Você escutou a parte que a Ísis está grávida?

— Duvido que seja seu. Ela não se arriscaria desse jeito.

— O quê? — Ela conseguiu me deixar puto. — Está insinuando que ela está mentindo para mim? É isso?

— Não comecem, por favor — Minha mãe intervém. — Se você está dizendo que é seu, Felipe, deve ter certeza disso, e sabe qual caminho seguir.

— É só isso que tem para dizer, mãe? — falo, sentindo-me magoado.
— A reação da Mari eu já esperava, mas a sua... Eu vou ter um filho, mãe.

— Felipe, é óbvio que estou feliz por você, só não esperava ser dessa forma, mas...

— Mas?

— Fala para ele o que a Flávia está passando.

— Mariana, chega!

— O que a Flávia está passando? O que tem para me contar.

— Mariana, pare com isso. A Flávia deixou claro que o seu irmão não tem nada a ver com isso.

— E a senhora acreditou? Bom, se ela não tem coragem de falar, eu falo. E acho que você, como é um homem de caráter — diz com deboche. —, também vai saber o que fazer.

Eu suspiro, frustrado com as suas provocações. Lucas começa a chorar, então a minha mãe o pega no colo para acalmá-lo.

— Mariana, por favor. Não vamos sobrecarregar o seu irmão com esses problemas.

— Flávia está se sentindo acuada no trabalho. Ela tem recebido bilhetes anônimos dizendo que sabem que ela é “aidética”.

— O quê? — pergunto sem entender.

— A pergunta quem faz sou eu. O que pretende fazer sobre isso,

Felipe? Hoje é ela, amanhã será você, e daí sabe o que acontece? A Ísis te chuta de novo, porque ela pode até gostar de você, mas não suporta a ideia de você ter HIV. E se vier à tona, ela não vai querer estar associada a isso, e então, o que pretende fazer?

Eu gostaria de poder dizer à Mari que isso é impossível, que Ísis não se importa com o HIV e que jamais irá me deixar novamente, mas é ilusão. Ainda mais depois de saber do que seu pai é capaz para manter essa verdade sobre mim longe do nome da família. O nosso amor será posto à prova novamente, mas dessa vez não tenho fichas para apostar que ele vencerá. E mesmo que tivesse, eu não quero me enganar novamente.

Capítulo 21

Felipe

— Você realmente acha que a Flávia está passando por isso por minha culpa? É isso que está dizendo, Mari? — Eu a encaro, visivelmente magoado.

— Não estou culpando você. — Ela desvia o olhar, envergonhada. — Só acho que você deveria fazer algo a respeito. Mas sei que não vai fazer, porque tem a Ísis na história. E, como sempre, que se danem todos, ela é a única que não pode sair magoada, não é? Essa garota te transforma em um idiota — ela diz com rancor.

— Mariana, chega! — Minha mãe aumenta o tom. — Felipe, acho que agora não é um bom momento para conversarmos. Vocês estão alterados.

— Sabe, Mari — Eu ignoro a minha mãe, e tenho novamente a atenção da minha irmã voltada para mim. —, acha que está sendo fácil para mim? Eu tive que engolir o orgulho e superar tudo o que passei para aceitar a Ísis de volta. Se acha que está sendo fácil, você é bem estúpida. A Ísis me procurou, contou os motivos para ter ido embora, e ainda que eu não entenda a sua decisão, eu a aceitei mesmo não tendo razões suficientes para isso. Mari, bastou apenas vê-la para reviver tudo o que eu sinto por ela e se isso é ser idiota para você, tudo bem, eu também penso isso. Mas eu a amo, isso pode até soar ridículo, e para ser sincero, eu pouco me importo com a sua opinião.

“A única certeza que eu tenho é que ninguém é capaz de preencher o vazio que sinto quando ela não está por perto, então foda-se se ela vai me

deixar de novo. Eu não quero saber e nem falar sobre isso. Vou aproveitar o tempo que puder ao lado dela, sejam meses, dias ou horas. E ‘se’ ela vier a me abandonar novamente, quem irá encarar as consequências serei eu, não você. Então me poupe da sua opinião. Eu só vim porque queria que vocês soubessem da gravidez por mim, mas parece que o fato de que eu serei pai não importa, somente quem é a mãe.”

— Ah, Felipe, pare com isso. Você nunca quis ter filhos.

Suspiro com a sua afirmação e decido ir embora.

— Mãe, eu vou embora — digo e me levanto, ignorando a Mari.

Ela sabe como me atingir e odeio esse fato sobre nós. Ela sempre sabe como me fazer sentir um idiota. A minha mãe se aproxima e me acompanha até a porta, enquanto a Mari permanece imperturbável com o seu orgulho.

— Amor, a sua irmã anda estressada com o trabalho. Não liga para isso, você sabe como ela é. E você nos pegou de surpresa com a notícia, mas tenha certeza que esse bebê será muito bem-vindo. Ficarei muito feliz em ter mais um netinho. Assim que a sua irmã se acalmar, vocês conversam a respeito. — Ela me dá um abraço rápido. — A Ísis está ficando no seu apartamento? — Aceno com a cabeça. — Eu prometo que irei visitá-los. Eu amo você, Felipe.

— Também está chateada por eu estar com a Ísis, mãe?

— Amor, eu já vi essa garota te magoar muito e fico preocupada em saber que está correndo o risco de passar por isso novamente. Eu adoraria poder escolher por você, mas não posso. Se está disposto a encarar as consequências, tudo o que posso fazer é pedir a Deus para que dessa vez ela te valorize. Mas é a sua vida, e apesar de não concordar, eu respeito as suas escolhas.

As palavras da minha mãe me machucam. Mas eu não digo nada, simplesmente me despeço e desço a escada. Por que é tão difícil quando se

trata da Ísis?

Entro no carro e penso por alguns segundos no que Mari disse sobre a Flávia, e qual a porcentagem de isso ser verdade. Uma vez que só obterei resposta através dela, eu pego o telefone e ligo.

— Oi. Tudo bem? — ela diz assim que atende.

— Joia, e você?

— Estou bem, quer dizer, melhor agora, achei que...

— Flávia, — eu a interrompo. —, fui visitar a Mari e ela me contou sobre os bilhetes.

— Ah, meu Deus! Eu pedi para ela não falar nada.

— Então é verdade? Mas o que estava escrito?

— São bilhetes anônimos dizendo que sou “aidética” e me chamam com esses nomes baixos. E que devo pedir demissão ou todos irão saber — ela conclui e começa a chorar.

— Comentou com alguém?

— Não, eu não quero que as pessoas saibam, Felipe. Nem estamos mais juntos. — Ela faz questão de ressaltar isso.

— Mas desconfia de alguém? — Tento não mudar o assunto.

— Eu não sei. Sempre aparece algum bilhete dobrado sobre a minha mesa. Estou com aquela sensação estranha, como se todos já soubessem. Depois que comecei a receber esses bilhetes, ninguém mais almoça comigo. Não sei, pode ser coisa da minha cabeça, mas no último bilhete a pessoa, ou pessoas, ameaçaram espalhar na internet. Estou tão desesperada que não sei o que fazer.

— Por que não procurou a polícia?

— Porque não quero me expor e nem te expor. — Novamente ela me coloca no problema.

— Mas é mentira o que estão falando de você. Difamação e calúnia.

— Sim, mas não é sobre você. E se, na verdade, a pessoa quiser atingir você?

Merda! Eu não tinha pensado nisso.

— Mantenha a calma e se precisar conversar, estou aqui. Na semana que vem eu volto a trabalhar e prometo que vou resolver isso, okay?

— Como?

— Pode me enviar os bilhetes?

— Eu queimei todos. Você acredita em mim, não acredita?

— Sim, acredito. — Suspiro. — Tenho que desligar agora, desculpe-me por isso.

— A culpa não é sua, mesmo assim, obrigada por se preocupar.

— Tudo bem, boa tarde.

Não sei se é verdade ou só mais uma invenção da Flávia, mas isso começa a me preocupar. Ísis mal volta e surge um furacão de problemas na minha vida. É como se para ficarmos juntos, precisássemos lutar contra o fogo. E como se todos os problemas não fossem suficientes, tem a droga do pai dela envolvido e para completar, Ísis está grávida.

Eu me sinto perdido em meio a tudo isso. Pensativo, eu ligo o carro e pego a estrada, andando por quilômetros até chegar à praia. Aqui é sempre deserto por ter muitas pedras e o fato do mar nunca estar calmo, é um perfeito reflexo do nosso amor. Passo a tarde pensando em nós, em nossa vida, e apesar de todas as reflexões, no fim eu não tenho nenhuma promessa de um amanhã melhor.

Lembro-me de ter vindo para cá quando ela me deixou, onde fiz tantas promessas e não cumpri nenhuma. No fundo, eu não sou bom em esquecer. As horas passam e o sol se põe, tão perfeito e triste. Ele está indo embora com a sua luz e em minutos todos sentirão a sua falta, e a escuridão irá dominar toda a esperança. Até que, quando todos os desesperançados se

acostumam com a ausência de luz, ele ressurgue trazendo de volta à vida.

O tempo passa e no fim eu sei que quero apenas sentir o seu beijo novamente. Ele não é a cura, mas alivia as minhas feridas. Ísis é o meu sol. Primeiro ela me aquece, ilumina, ama, e nos momentos mais difíceis da minha vida, ela se vai, deixando-me sozinho para enfrentar a escuridão. Mas quando acredito que é o fim, ela ressurgue e me traz de volta à vida.

Já dentro do carro, escuto o celular tocar anunciando a chegada de uma mensagem. Olho para tela e vejo que é da Ísis.

Onde você está?

São quase seis e estou em frente ao seu apartamento.

Devo ir para a minha casa?

Nem mesmo respondo a sua mensagem, simplesmente dirijo o mais rápido que posso e chego ao meu prédio em trinta minutos, onde eu a encontro sentada no banco da praça do outro lado da rua. Assim que estaciono, saio rapidamente do carro e sigo até ela, que está com o celular na mão e de costas para mim.

— Onde você estava? — ela pergunta, assustada, assim que toco em seu ombro.

Ela se joga em meus braços e eu a aperto muito forte. Quando olho em seus olhos, eu vejo todos os motivos para continuar sendo o idiota que Mari diz. Ísis pega a bolsa e uma sacola que estava sobre o banco.

— Sabe, bonequinha, se eu fosse você, não me deixaria por nada no mundo. Nem que a vida me desse mil motivos. — Ela volta a sorrir e me beija, então o mundo e as suas razões desaparecem. — Eu amo tanto você.

— Eu também te amo. Vamos entrar, tenho uma coisa para te mostrar — ela diz com entusiasmo, mas eu nem me mexo, simplesmente a beijo por

um tempo.

— Agora vamos — falo assim que me afasto.

— Vai deixar o carro na rua?

— Depois guardo na garagem — digo.

Eu caminho com passos largos, e mesmo sem entender a pressa, Ísis me acompanha. Finalmente dentro do apartamento, eu volto a beijá-la, não dando tempo para ela se esquivar. Beijo seu rosto, desço por seu pescoço e em segundos estou beijando seus seios.

— Calma, Felipe, eu quero tomar um banho primeiro.

Continuo beijando-a até que Ísis se afasta.

— Por favor, podemos tomar banho depois — imploro e ela sorri de uma forma que me derrete.

— Onde passou a sua tarde, já que não atendeu as minhas ligações?

— Ela arqueia a sobrancelha e faz aquela carinha que tanto amo.

— Fui almoçar com a minha mãe e a Mari.

— Contou para elas? — pergunta em expectativa e eu não quero que esse sorriso se desfaça.

— Ficaram surpresas. A minha mãe até prometeu fazer uma visita. — Tento soar convincente.

— Tem mais alguma coisa que eu precise saber?

Seguro seu rosto e a aproximo de mim, olhando diretamente em seus olhos.

— Eu tenho só mais alguns dias de férias, é a sua missão fazê-los inesquecíveis.

— Então não me resta outra opção a não ser aceitar a missão — ela diz de forma sensual e volta a me beijar.

Eu sinto o meu sol iluminando a minha vida outra vez e imploro para que não haja mais noite. Completamente envolvido pelo nosso momento, eu a

pego no colo e a coloco no sofá, em seguida beijo seus pés, tiro a sua roupa e enlouqueço ao senti-la tão pronta para mim. Cada entrega é tão única, que me faz questionar se é mesmo real. O que começa na sala, termina no quarto. Depois de um tempo, Ísis, que está deitada em meus braços, se vira para mim.

— Tenho algo para te mostrar — diz, ainda ofegante.

Ela se levanta nua e desaparece pela porta. Quando volta, traz nas mãos um embrulho e nele está um macacão e sapatinhos brancos. Ela vem até mim e vejo a emoção em seu rosto.

— Meus pais almoçaram comigo hoje e a minha mãe me deu. É da *Carter's*. — Um arrepio percorre o meu corpo quando ela menciona os pais, mas Ísis mantém o sorriso no rosto. Eu desvio o olhar, tentando não quebrar o clima. — Felipe, eu sei que pode achar que é ilusão minha, mas, pela primeira vez, o meu pai pediu perdão. Ele disse que quer ter a chance de conviver com o neto e que acima de tudo preza pela minha felicidade. — Ela espera a minha reação. Ele realmente é bom nisso. — Eu até conversei com a minha psicóloga e disse a ela como ele me pareceu arrependido, até prometeu que não vai mais ficar contra nós. Ele disse que ama o nosso filho e quer vê-lo feliz. — Ela me encara, parece estar esperando a minha aprovação. — Eu sei que não deveria, mas quero acreditar que dessa vez ele está sendo sincero. O que você acha?

Eu não me atrevo a destruir a sua felicidade, afinal, em algo nós concordamos. Eu quero fazer Ísis feliz e sem a família, a sua felicidade não estará completa.

— Confie no seu instinto, bonequinha. Se é isso que acredita, eu sempre vou estar ao seu lado, com ou sem eles.

Ela suspira, aliviada. Ísis continua falando de como seu pai chorou, e que todos se emocionaram, e deixa claro que quer que o bebê conviva bem

com todos da família. Ela continua relatando tão entusiasmada, que eu me lembro de quando Mari e eu brigávamos e nos ofendíamos, eu dizia que não queria ter irmã e Mari chorava por isso. A minha mãe então me perguntava se eu realmente queria isso e ao confirmar que sim, ela dizia que sinceridade sem filtro costuma machucar, e que mesmo achando que era verdade, eu deveria desculpas para a minha irmã. Hoje eu entendo bem isso e em momentos como esse eu prefiro guardar a verdade para mim.

— Eu trouxe o ultrassom, quer ver? — ela fala toda empolgada e nem espera a minha resposta, sai novamente e volta com a ultrassonografia e a coloca sobre a minha mesa de cabeceira. Ela se deita ao meu lado, ansiosa, e permanece assim por uns minutos.

Ver a ultrassonografia tornará essa gravidez mais real, e agora, neste momento, acredito que eu ainda não esteja preparado.

— Eu vou tomar um banho e preparar o jantar — ela diz e eu acabo dando risada com a sua última declaração.

— Você o quê? — pergunto, ainda incrédulo.

— Eu melhorei, e muito, na cozinha, então guarde o seu deboche para quando estiver lambendo os dedos — diz, repreendendo-me.

— Estou surpreso e quero muito comprovar essa evolução — brinco.
— Posso saber o que teremos para hoje?

— Macarronada — ela diz com tanto orgulho, que mordo os lábios para conter o riso. — Não ria — ordena.

— Não vou rir — falo entre risos.

— Prometo fazer o meu melhor, então não vale rir.

— Será a melhor macarronada do mundo.

Ela se levanta e segue para o banho, então coloco uma roupa e desço para guardar o carro. Assim que entro no carro, eu me dou conta de que tinha esquecido o celular aqui. Depois de colocar o carro na garagem, pego o

celular para voltar ao apartamento e vejo que tem duas chamadas perdidas da Mari, então ligo de volta para ela.

— Me desculpe, eu não deveria ter falado aquilo para você. — Ela dispara sem nem mesmo me dar a chance de dizer “alô”.

— Está tudo bem.

— Jura?

— Juro. Não estou chateado por isso.

— Lipe, me desculpe mesmo. Você é um irmão maravilhoso e sei que será um excelente pai. Desejo que seja muito feliz, independentemente de quem escolha para estar ao seu lado. E quero que saiba que vou adorar ser tia.

— Eu te amo, Mari.

— Também te amo, Lipe. Boa noite.

— Boa noite.

Entrando na sala, eu já sinto o cheiro de tempero queimado, mas ao invés de ir à cozinha, vou tomar banho. Passo um tempo embaixo do chuveiro pensando no que está acontecendo. Será essa história não é mais uma invenção da Flávia? E se não for, quem poderia estar fazendo algo do tipo?

De banho tomado, sigo para a cozinha, já vestindo um pijama, e encontro uma bagunça. Pela quantidade de louça suja, se pensaria que ela preparou um banquete. Ao me sentar à mesa, Ísis vem com um sorriso enorme no rosto com uma travessa de macarrão nas mãos, então me serve e fica me encarando, esperando que eu diga algo. Levo uma garfada à boca e me surpreendo com o quanto está horrível. Tem gosto de alho queimado e o sal passou longe do prato.

— Uau, você se superou, está deliciosa — elogio com a intenção de fazer com que esse sorriso lindo permaneça em seu rosto.

Ela sorri, pega um garfo e após levar uma porção à boca, ela mastiga

calmamente e engole. Segundos depois corre para o banheiro, então aproveito esse tempo para jogar o macarrão fora e sigo até o banheiro para ver como ela está.

— Está tudo bem? — pergunto, enquanto ela enxuga o rosto.

— Estou um pouco tonta, acho que vou me deitar. Pode guardar a macarronada, por favor?

Eu me aproximo dela e a pego no colo, levando para a cama em seguida.

— Assim que terminar de jantar, eu volto. — Eu a beijo e coloco o cobertor sobre o seu corpo.

Depois de arrumar a cozinha, volto para o quarto e encontro Ísis com os olhos fechados. Eu me deito ao seu lado e me lembro da ultrassonografia que não cheguei a ver. Acho que uma hora terei que aprender a ser pai, e acredito que quanto antes, melhor. Pego o exame e vejo a imagem de um borrão, acho que nem mesmo se parece com o famoso “feijãozinho” que todos falam, mas a emoção que me invade é incrível. Fico olhando o exame e sinto os olhos de Ísis em mim, ao me virar eu vejo seus olhos marejados.

— Não vejo a hora de tê-lo em meus braços — ela diz.

De todas as surpresas que a vida me trouxe, um filho é a que eu menos esperava, mas a vida costuma ser gentil com quem é grato pelos milagres. E ter um filho, de forma natural, é um pequeno milagre. Penso em nós três e me dou conta de que essa é a minha família. Eu abraço Ísis e sei que quero permanecer aqui, ao lado da mulher que amo e do meu filho.

Capítulo 22

Ísis

Durmo em seus braços e sei que nunca irei me cansar disso. Na manhã seguinte, Felipe me deixa no escritório e eu passo a contar os segundos para estar novamente com ele.

As minhas idas ao banco se tornam monótonas – sem Felipe, tudo perde a graça. A Flávia continua me ignorando e tenho certeza que ela não faz ideia de que estamos juntos, mas não é sempre que eu a vejo. Quando volto à empresa, fico perdida nas análises dos processos até Marcos entrar em minha sala.

— A partir da semana que vem eu volto a fazer o serviço bancário. Quero que você se concentre nestes processos.

Ele me entrega mais algumas pastas antes de colocar uma cadeira ao meu lado para se sentar. Durante um tempo analisamos vários casos trabalhistas, e quando o relógio marca cinco e meia, Marcos percebe o meu desespero para ir embora. E o motivo da minha pressa é confirmado assim que ele vê o carro do Felipe estacionado em frente à empresa, enquanto caminhamos lado a lado para irmos embora.

— O amor é tão lindo, não acha? — ele provoca, percebendo que estou indo na direção do carro do Felipe.

— Com certeza, já que está prestes a subir ao altar — revido e seu sorriso se desfaz na hora.

Eu atravesso a rua a passos largos e assim que entro no carro e olho para o Felipe, tudo o que mais quero é beijá-lo. Nem tenho tempo de dizer

uma palavra sequer antes dos seus lábios encostarem nos meus. Eu aprofundo o beijo, mas ele tenta se afastar, então seguro o seu rosto e continuo beijando-o até que o sinto sorrir.

— O que foi? — pergunto, afastando-me.

— Se continuar assim eu vou gozar aqui mesmo — diz para me provocar.

— Humm. — Olho para baixo, especificamente para a sua virilha. — Acho que não é uma boa ideia, têm muitos olhares curiosos aqui — falo.

Ele sorri e olha para o escritório no exato momento em que Marcos está saindo com o seu carro. Felipe dá a partida e eu não consigo desviar meus olhos dele. Rapidamente chegamos ao prédio e assim que colocamos os pés dentro do apartamento, nós nos beijamos e sei que quero me perder para sempre em seu corpo para novamente escrever a nossa história. Os beijos fazem o desejo explodir e eu acabo perdendo o controle de mim mesma, e tudo que eu mais quero é que isso nunca acabe.

Os dias vão passando e nos levando com eles. Na sexta-feira ligo para o Felipe na hora do almoço, sei que pareço uma adolescente apaixonada, mas depois de termos ficado tanto tempo afastados, eu quero aproveitar cada segundo que posso ao seu lado ou, pelo menos, escutar a sua voz.

— Oi. — Ele atende depois de três toques.

— Oi. Já estou com saudade — digo, e tenho certeza que um sorriso apareceu em seu rosto.

— Estou no cartório com a minha mãe resolvendo a transferência de um imóvel que ela comprou. Quer almoçar conosco? Estamos terminando aqui.

— Eu não quero atrapalhar vocês, Felipe.

— Não vai atrapalhar. Ela só vai terminar de assinar a papelada e já saímos. Passo aí em dez minutos.

— Amor, eu acho que não é uma boa ideia, por...

— Ísis — diz ao me interromper. —, está tudo bem. Isso vai ter que acontecer em algum momento, não acha?

— Tudo bem. Espero vocês, então.

Agora me sinto mais apreensiva do que nunca. Faz muito tempo que eu não a vejo e não sei como agir. O celular vibra, então olho para a tela e vejo uma mensagem do meu pai. Acho isso tão estranho, nunca imaginei que um dia poderia ter um bom relacionamento com os meus pais estando com o Felipe. E por mais que eu não consiga confiar totalmente no pedido de perdão dele, Karen me aconselhou a dar mais uma chance — ela acredita em recomeços.

Ísis, está tudo bem?

Posso te ligar daqui a pouco?

Fico sem saber o que responder.

“Ísis, ao menos tente.” Consigo ouvir Karen me dizendo isso.

Tudo bem...

É difícil dar esse passo, então tento não me lembrar de tudo que ele me fez passar. Toco em meu ventre e me dou conta de que não quero tirar a chance do meu bebê de conviver com os avós. Respirando fundo, tento fazer o mal-estar passar.

Marcos se aproxima e pergunta se já almocei, e assim que digo que não e que estou esperando alguém, ele me dá um sorriso deixando claro que sabe muito bem de quem se trata. Depois daquela situação chata onde me intrometi na vida dele com a Monique, ele não tem falado muita coisa além

de trabalho comigo. Ela também não me procurou mais, se bem que eu também não tentei entrar em contato com ela, então nem sei se o que fiz atrapalhou a nossa amizade.

Quinze minutos depois o Felipe chega e estaciona perto da empresa. Eu o vejo sair do carro, e logo em seguida a sua mãe, então a apreensão aumenta. Vou até a entrada e espero que eles se aproximem. A mãe dele não mudou muito durante esses anos – continua com o mesmo corte e tom de cabelo. Ela diz algo a Felipe, que responde e ambos sorriem. Então eles atravessam a rua e me encontram, nem mesmo sei o que dizer. Ao me encarar, o sorriso dela que até então parecia contagiante, desaparece, e fica claro que ela não gostaria de estar aqui, deve ter feito isso para agradar o Felipe.

— Olá, Ísis. Quanto tempo? — Eliane diz com a voz um pouco áspera demais.

— Oi — respondo quase sussurrando.

Felipe se aproxima e me dá um beijo casto, e pelo canto do olho vejo sua mãe virar o rosto, em seguida ele segura a minha mão. Neste momento, eu vejo que ela encara a minha barriga, como se estivesse se perguntando se realmente estou grávida.

— Podemos almoçar nesse restaurante da esquina. O que acham? — Felipe sugere.

— Por mim tudo bem — a mãe dele responde.

— Ísis? — ele pergunta diretamente a mim.

Só aceno, então seguimos caminhando em um silêncio desconfortável, pelo menos para mim. No restaurante, Felipe escolhe uma mesa logo na entrada e puxa a cadeira para que eu me sente, em seguida se senta ao meu lado e a sua mãe de frente para ele.

— Então, esses são seus planos? — Felipe se dirige a mãe.

Provavelmente eles já estavam discutindo o assunto em questão.

— Em algum momento eu teria que arrumar o meu cantinho — ela responde, e isso o faz sorrir.

— Mari não pode nem sonhar com isso.

— Não precisamos falar com ela. Será apenas quando vocês não precisarem mais de mim — ela diz e percebe que está fazendo charme.

— Isso nunca irá acontecer, sabe disso. — Ele coloca a mão sobre a dela e a acaricia.

O garçom traz o nosso pedido e eles continuam falando sobre algo que nem tenho ideia do que seja. Depois mudam para imóvel, reforma, e vez ou outra o Felipe me inclui na conversa. Eliane não olha diretamente para mim e acho que Felipe se precipitou em nos colocar frente a frente.

— Como vai a gravidez, Ísis?

Quando estou quase terminando a refeição, ela me surpreende com essa pergunta.

— Bem, a não ser pelos enjoos matinais. Estamos bem. — Volto a encarar o prato e sinto Felipe passar o braço pelos meus ombros.

— Você acha que dessa vez vai ficar mesmo? Quer dizer, não pode nos fazer apegar ao bebê e depois levá-lo embora — ela diz e sequer consigo encará-la.

— Mãe, pare com isso — Felipe diz, categórico. — Não vamos falar sobre isso.

— É só uma pergunta, não precisa ficar irritado — Eliane revida.

— Não estou irritado, só não é um bom momento para esse tipo de pergunta. Estamos almoçando, em família — ele diz sem alterar o tom.

— Tudo bem, Felipe, está tudo bem. — Tento amenizar a situação. — Eliane, eu sei como decepcionei vocês, e entendo que é difícil para você acreditar em mim novamente, mas se me der uma chance eu posso te contar...

— Eu nunca te dei uma chance, Ísis. Foi sempre Felipe quem deu, não eu. Realmente espero que dessa vez seja diferente, agora tem uma criança envolvida e devem pensar nela antes de qualquer decisão precipitada.

Eu desvio o olhar me sentindo péssima e arrependida por ter aceitado almoçar com eles. Eliane continua tão direta como sempre foi, e antes que eu consiga dizer alguma coisa o celular toca. Peço licença e me levanto para atender a minha mãe.

— Ísis, o que foi? — Felipe pergunta, sem entender.

— Vou atender a minha mãe — eu me justifico enquanto me afasto, mas não antes de conseguir ouvir a Eliane perguntando ao Felipe por que eu ainda mantenho contato com os meus pais, se foram eles que me obrigaram a ir embora.

Tento me controlar, engolindo a vontade de chorar. Às vezes é tão difícil deixar as coisas claras. Eu saio do restaurante, mas do lado de fora ainda consigo ver Felipe com a mãe.

— Oi, mãe. — Minha voz sai chorosa.

— Querida, está tudo bem? — ela pergunta, preocupada.

— Está sim, quer dizer, eu só estou um pouco enjoada. Você sabe como é horrível. — Invento uma desculpa.

— Tem emagrecido?

— Não.

— Mas está se alimentando direito?

— Estou, está tudo bem.

— Felipe já sabe da gravidez?

— Sabe. — Respiro fundo. — Estamos juntos de novo — completo.

— Ísis, eu sei que você o ama, mas, por favor, não abra mão do preservativo.

— Mãe, eu sei.

— Hoje eu conheci dois casos, e em ambos o primeiro teste deu negativo, mas no segundo, positivo.

— Mãe, você não está ajudando — afirmo, desmoronando.

— Querida, só estou sendo franca com você. Eu me preocupo com a sua saúde e a do bebê. E tiver relações com ele sem preservativo vai estar se expondo. E não só você, o bebê também.

— Mãe, por favor. Agora não é um bom momento, estou tentando almoçar.

— Me promete que, independentemente do que o Felipe diga, você não vai abrir mão do preservativo?

— Mãe, eu não vou. A saúde do meu bebê vem em primeiro lugar.

— Tudo bem. Beijo, querida. Se cuide.

— Tchau.

Sem que me notem, fico observando Felipe, que parece mais calmo, conversando com a mãe. Volto para a mesa e me sento, mas preferindo me manter longe da conversa. O almoço passa arrastado e logo Felipe me acompanha até a empresa, desculpando-se pela atitude de mãe. Já na minha sala, começo a pesquisar na internet casos que no primeiro resultado deu negativo e no segundo positivo. Como Felipe havia dito, são raríssimos e todos em situações de risco. Mas eu e Felipe seríamos considerados uma situação de risco?

No final do expediente sigo para o apartamento dele de táxi, uma vez que ele está na casa da irmã. Depois daquele incidente em que fiquei esperando por ele na praça, Felipe me deu uma cópia das chaves.

Cansada, decido tomar um banho. Eu olho para o meu reflexo nu e não vejo mudanças significativas em meu corpo, mas ainda estou para completar dois meses. Embaixo do chuveiro, penso nas palavras da Elaine, que se misturam com as da minha mãe, deixando tudo ainda mais confuso.

Apesar das nossas famílias serem contra o nosso relacionamento, estamos lutando, tentando sobreviver. Com as lágrimas escorrendo pelo rosto eu fecho os olhos e me perco em meus pensamentos até me assustar com alguém me tocando.

Felipe, que está completamente nu, fecha o boxe e entra debaixo do chuveiro. As palavras são sempre inexistentes em momentos como esses, nós não precisamos delas. Ele me beija com volúpia e eu me entrego, essa é a nossa zona neutra, aqui somos intocáveis e as opiniões opostas pouco importam. Somos só nós e eu imploro para que seja sempre assim.

A noite cai e cada momento que passamos juntos preenche o espaço que um dia esteve em branco em minha vida. Poder acordar ao lado dele é quase divino, e mesmo que eu me esforce para fazer cada momento inesquecível, Felipe é quem faz cada momento ser único. A cada entrega, o meu corpo implora para ser eternamente dele. Ele me faz conhecer novamente o caminho do prazer, tornando as nossas noites longas e intensas, e na manhã seguinte, o que mais quero é que isso nunca tenha fim. Apesar de toda resistência, estamos aqui, vivendo o nosso amor, e sei que nenhum sonho poderia se comparar ao que estou vivendo agora.

Mal consigo abrir os olhos ao acordar e me dou conta de que já é segunda-feira.

— Acorda, bonequinha — ele diz, enquanto espalha beijos pelo meu corpo. — Hoje nós dois temos que ir trabalhar — Felipe sussurra em meu

ouvido, em seguida o beija.

Eu abro os olhos vagarosamente e sorrio ao vê-lo à minha frente.

— Que horas são? — pergunto ainda sonolenta.

— Quase sete. Não queremos nos atrasar, certo?

Eu me espreguiço e Felipe oferece a mão para me ajudar a me sentar, e ao fazer isso, o lençol desliza pelo meu corpo, deixando meus seios à mostra. Um sorriso safado aparece nos lábios dele ao contemplá-los, mas, pelo jeito, ele realmente não quer se atrasar, já que não se mexe.

Sentindo um cheiro de café fresco, eu olho para o lado e vejo uma bandeja com café, torradas e uma maçã.

— Assim não vale — digo enquanto puxo o lençol para cobrir o meu corpo. — Eu que deveria preparar o café para você, não o contrário. Esqueceu que a minha missão é tornar os seus dias inesquecíveis? — digo, sonolenta.

Ele sorri e se aproxima, sentando-se à minha frente. Olho cada detalhe do seu rosto como se quisesse memorizá-lo – Felipe parece um anjo –, então me aproximo e sinto quando seus lábios tocam os meus em um beijo casto.

— Você já faz cada segundo ser inesquecível só por ser quem é — ele diz.

— Você não deveria dizer isso. Eu não posso me apaixonar por você mais do que já estou, não faz bem ao coração — eu brinco e ele se mantém sereno, em seguida pega uma mecha do meu cabelo e enrola em seu dedo, acompanhando o formato do cacho.

— Eu imaginei que você iria querer preparar o café, então levantei mais cedo para não correr esse risco — afirma, brincando.

— Engraçadinho. Dias atrás você gostou da minha macarronada. — Eu o lembro e Felipe solta um riso espontâneo.

— Tem razão. — Ele solta a mecha e em seguida afasta o meu cabelo,

que deve estar uma juba.

— Eu estive pensando em nós e... — falo, mas ele me interrompe.

— Eu também estive pensando, então liguei para o Dr. Glender e expliquei a situação. Além de me enviar novos pedidos de exames, ele perguntou se não queríamos marcar uma consulta para tirarmos as nossas dúvidas em relação à gravidez e ao vírus. Assim que eu tiver os resultados dos exames em mãos eu marco, pode ser? Farei os exames hoje para irmos o quanto antes.

— Não precisava ter feito isso — sussurro ao desviar o olhar.

— Precisava. Você ainda tem receio de ter contraído o HIV, e a melhor pessoa para tirar as suas dúvidas sempre será o médico.

— Felipe, não é isso. — Eu o encaro. — Eu tenho medo pelo nosso bebê, medo do que ele terá que encarar caso aconteça. E ao pensar nisso eu me desespero, porque não quero que ele tenha que encarar todo o preconceito que está agregado ao HIV, e é justamente por isso que estou tentando não pensar a respeito. Quer dizer, você disse que é impossível e quero confiar nisso.

— É tão estranho, não é? — Agora quem desvia o olhar é ele. — Eu entendo você, mas é difícil encarar essa verdade quando sou eu quem carrega o vírus.

— Eu não tive a intenção de te magoar. Eu amo você e não quero que pense o contrário.

— Bonequinha, está tudo bem. — Ele segura as minhas mãos. — Não precisa se preocupar com isso.

— E outra, quase ninguém sabe sobre o HIV, então... — falo no sentido de ele não precisar de se preocupar em ter que encarar o preconceito, mas pelo olhar em seu rosto, sei que não deveria ter dito dessa maneira. Eu não quero que ele se magoe.

— Tem razão. Está tudo bem desde que as pessoas não saibam sobre o HIV. — Ele dá um sorriso forçado e confere as horas. — Acho melhor nos apressarmos.

— Amor, eu não quis dizer isso para te magoar, é...

— Ísis, está tudo bem. Eu sei como é ruim ter que passar por isso, e entendo que você só quer proteger o nosso filho. No entanto, no meu caso, não é algo que eu possa evitar, mas você pode, não é um problema pessoal seu — ele diz e eu sinto a mágoa em suas palavras.

— Me desculpe — sussurro e sinto quando ele toca em meu rosto, fazendo com que eu o encare.

— Eu amo você, Ísis. Amo bem mais do que o meu coração me permite amar e, apesar de tudo, estou bem com isso.

— Não faça isso, por favor — imploro, mas ele se levanta e me entrega a bandeja.

Eu pego a xícara e provo o café – forte e levemente doce –, e encontro um bilhete ao lado escrito “eu te amo”. Droga!

— Você tem trinta minutos, bonequinha. Se não se apressar vai se atrasar, vou te esperar na sala — Felipe completa e sai do quarto.

Eu termino o café e por não ter tomado o medicamento ainda, o mal-estar vem com tudo. Tomo um banho rápido, me arrumo em minutos e sigo para a sala, onde eu o encontro pronto para o trabalho e me esperando. Saímos em silêncio e permanece assim até estarmos dentro do carro, então seguro em sua mão, precisando estar em contato com ele.

— Felipe, eu não queria te magoar.

— Ísis, não estou magoado, pode ficar tranquila. Estou preocupado com o mercado financeiro e todas as metas que devo ter que cumprir, só isso.

— Jura que é isso?

— Juro.

Ele tira o carro da garagem, mas o silêncio fúnebre continua presente. Ao nos despedirmos rapidamente, eu me sinto mal porque sei que o magoei. Minutos passam, então decido enviar uma mensagem.

Pode me perdoar outra vez?

*Ísis, eu te perdoaria mesmo
que não merecesse perdão
Sabe por quê?
Porque eu te amo.
E o amor nos faz passar por cima do orgulho.
Quando digo que está tudo bem,
é porque tenho essa frase como meu mantra.
E pela primeira vez em anos,
não importa o quão péssimo seja meu dia.
No fim da tarde vou me encontrar com você
e realmente vai ficar tudo bem.
Eu te amo, tenha um
excelente dia, minha bonequinha.*

Capítulo 23

Felipe

Minha cabeça parece um redemoinho, mal consegui dormir pensando no que terei que encarar essa manhã. Fiquei refletindo sobre a importância daquela noite no hotel. Ísis pode até achar que não, mas significou muito o fato de ela ter aberto mão do preservativo – foi algo tão íntimo. Pela primeira vez, eu senti que ela me enxergava além do vírus, e agora, como resultado, vamos ter um filho. Minha mente viajou para as mensagens que eu vinha trocando com a Flávia, onde ela me dizia que os bilhetes continuavam, e apesar de parecer errado Ísis não saber disso, estou apenas tentando manter a situação sob controle.

Minha mente vagou para o que me tornei hoje, e sei que essa é a minha pior versão. Tudo o que eu não queria ser, foi o que me tornei, e admito sentir vergonha disso. Depois que entrei no banco, a rotina pesada e os estudos me fizeram desvincular de todos os grupos de soropositivos. E não somente isso, eu passei tanto tempo focado na minha dor, que me fechei em meu mundo. Isso acabou servindo de esconderijo e, consequentemente, eu me afastei das pessoas que, assim como eu, encaravam de frente o preconceito e lutavam com esperança de um amanhã melhor. Vivenciando essa outra realidade, eu passei a esconder essa verdade sobre mim como se, de alguma forma, eu devesse me envergonhar disso. E agora, tudo que mantive em segredo está batendo à minha porta.

Não quero perder Ísis, mas quando foi que eu tive as armas para fazê-la ficar ao meu lado?

Um dia eu ofereci o meu tudo e foi tão pouco perto do medo que a fez ir embora. Hoje esse mesmo medo tem me sufocado e não sei se continuo ou me entrego a essa loucura. Justo eu, um cara que já vivenciou, conheceu e sabe como é sentir o preconceito na pele, está apavorado com a possibilidade de todos saberem sobre o HIV.

Pensei nas ameaças do pai dela e em como ele ia ferrar com a minha a vida de novo se isso vier a público. Justo agora que a vida parecia ter voltado aos eixos, meu amanhã novamente é incerto e o pior é não saber quem está por trás das mensagens da Flávia. Seria mais fácil se as pessoas aprendessem a não acusar e, principalmente, não julgar. Um soropositivo não necessita de piedade, apenas respeito e igualdade. Mas a sociedade é injusta e os heróis que buscavam resgatar a justiça parecem estar todos mortos.

O que Ísis me disse essa manhã, o receio que de que o nosso filho possa contrair a doença, o preconceito, só confirmou as minhas suspeitas de que ela teme o vírus. Já não sei mais se ela enxerga o Felipe, ou o vírus em mim. Quando falei do Dr. Glender, eu precisava loucamente ouvi-la refutar a ideia, dizer que não era necessário, que não temia nada, mas foi decepcionante e me destruiu ouvir a sua justificativa. O medo que ela tem de que outras pessoas saibam atingiram a ferida.

Eu saí daquele quarto depois de não ter ouvido que ela não se importava em ter que encarar todo preconceito ao meu lado, e suas palavras foram tão opostas às que eu precisava escutar, que me magoaram profundamente. E eu nem mesmo posso culpá-la, o seu pai estava certo o tempo todo, a nossa realidade é totalmente diferente.

Eu combinei de dar carona para a Flávia para pegar os bilhetes que ela

diz ter guardado, e Ísis não pode nem sonhar com isso. Parece tão errado, e sinto como se estivesse traindo a Ísis, mas as suas palavras me deixaram desesperado. Paro na frente da casa da Flávia e buzino, em segundos ela aparece. Noto que agora está loira, mudou o corte de cabelo e tem uma aparência de cansada.

— Oi — ela diz ao entrar e afivelar o cinto de segurança.

— Bom dia — digo.

Ela abre a bolsa e me entrega os bilhetes.

— Estou enlouquecendo, não sei mais o que fazer... — desabafa.

Eu leio os bilhetes, que são tão ofensivos, e em todos a ameaça de expô-la a todos se ela não se demitir está bem clara. Eu me pergunto o que leva alguém a ser tão cruel e brincar com outra pessoa dessa forma.

— Desculpe-me por te fazer passar por isso.

— Felipe, não são só sobre mim. — Ela suspira e eu sei o que virá a seguir. — Eu não queria falar por telefone, mas estão falando de você também.

— Eu já imaginava isso. — Solto um longo suspiro.

— E o que pretende fazer a respeito?

— Dizer a verdade e te tirar disso.

— Você vai assumir para todo mundo que tem HIV? — ela pergunta, chocada.

Estou cansado de as pessoas acharem que isso é a pior coisa do mundo. Não é, existem coisas muito piores!

— É o único jeito de fazer essa pessoa parar de enviar bilhetes e te livrar desse inferno.

— Mas, Felipe, se...

— Flávia, apesar de você achar que essa é a pior alternativa, é a minha realidade. Eu tenho HIV. Mas não é verdade quando dizem isso de

você.

— Mas você sabe o que vem depois disso? Falar a verdade pode até arruinar qualquer chance que você acredita ter em voltar para Ísis — ela fala como se importasse.

Dou um sorriso irônico e sigo para o banco sem dizer nada.

Como sou um dos primeiros a chegar, eu tento me esquivar, mas as palavras da Flávia permanecem em minha mente. Eu me forço a não pensar nisso até a primeira reunião do dia, então percebo que vai além do que ela falou. Os olhares e a maneira patética de tentarem disfarçar quando você olha, até o bem-vindo de volta soa falso. Quando vou à minha sala para checar a correspondência, eu recebo uma mensagem de Ísis se desculpando mais uma vez.

Apesar de toda dor e tudo o que tenho que enfrentar, eu digo a Ísis o que ela precisa ouvir, porque no fim das contas nós oferecemos aquilo que somos, e apesar de tudo, é isso que sou.

Durante o dia espero receber algum bilhete, mas não isso não acontece, e ignorando que já estou novamente ocupando o meu cargo, alguns funcionários chamam o Carlos para resolver assuntos que seriam da minha competência. Sou pressionado a corrigir erros que não foram cometidos por mim, clientes insatisfeitos pelo tratamento que tiveram no meu período de férias, metas de vendas, mais reclamações e cobranças para que tudo volte ao normal como se a culpa fosse minha. Até mesmo, quando recebo Marcos, antes de me cumprimentar ele solta um *“graças a Deus que você voltou, não suportava mais aquele tal de Carlos”*.

Quando o dia finalmente chega ao fim, eu me sinto aliviado por ter acabado. Ao chegar no apartamento e perceber que estou sozinho, eu me jogo no sofá e choro enquanto penso no quanto me esforcei para ser bom, para sempre me superar, mas no fim a presença do HIV em meu sangue supera

todos os esforços.

O tempo passa e eu continuo sentindo cada olhar de julgamento, então tudo vem à tona. Desde criança, eu desejava um mundo melhor, mas a vida é feita de ilusões e o mundo melhor é apenas uma delas. Vejo tudo que construí ruir bem à minha frente. Acabo adormecendo no sofá e só acordo quando Ísis se senta ao meu lado e fica me encarando. Ainda assimilando a realidade à minha volta, eu me sento e a puxo para os meus braços.

— Está tudo bem? — ela pergunta parecendo preocupada. Eu devo estar um trapo. — Felipe, sinto muito pelo o que eu disse hoje de manhã, fui uma idiota e fiquei muito mal por ter te magoado — ela fala com a voz embargada e começa a chorar. — Você é tão perfeito e eu sei que não mereço alguém como você, eu... Pode me perdoar por ser tão idiota?

Eu a coloco em meu colo e não digo nada, somente aproximo o meu rosto do dela e olho em seus olhos, beijando seus lábios em seguida. E essa é a minha dose de medicação necessária para fazer toda a dor desaparecer. Eu sinto o meu sol iluminar a minha pele, o meu escape, de repente toda a escuridão em minha vida começa a se dissipar. O meu sol está aqui comigo trazendo a luz que preciso para continuar persistindo no caminho.

— Eu só quero sentir você — sussurro entre beijos, enquanto desejo que essa luz continue me aquecendo em meio aos meus espinhos.

Capítulo 24

Felipe

— Eu queria tanto te fazer feliz como você merece — ela sussurra e volta a me beijar.

— Você faz. — Ísis olha em meus olhos. — Só por estar aqui comigo, você me faz feliz.

— Mas queria ir além disso, eu...

Ela novamente se aproxima e nossos lábios se encontram. Ísis está de volta na minha vida e apesar de desejar muito que ninguém nos separe, estou começando a achar que isso irá acontecer mais rápido do que eu esperava, e seja lá qual for o fim disso, está claro quem sairá machucado. Então, se essa é a verdade, até quando vou continuar fingindo que podemos viver juntos?

Eu me afasto dela e me levanto, fazendo com que ela faça o mesmo, sigo para o quarto, mas paro ao sentir sua mão tocar a minha.

— Felipe — ela diz o meu nome, e como um eco a sua voz continua na minha cabeça. —, o que foi?

— Nada, só estou cansado, o meu dia foi estressante. Eu cheguei e apaguei no sofá, mas agora vou tomar um banho. Você pode pedir pizza para nós? Tem dinheiro na gaveta do quarto.

Ela parece confusa, então desvia o olhar.

— Eu posso pagar a pizza — diz, ressentida.

— Eu sei disso, mas hoje é por minha conta — falo e ela prende os lábios entre os dentes, claramente discordando. Sigo para o quarto e ela vem atrás. — Quando é sua consulta mesmo?

Ela parece surpresa e mal consegue conter a alegria.

— Quarta da semana que vem. Você vai poder ir comigo? — Seus olhos brilham em expectativa.

— Que horas?

— Às cinco da tarde.

— Provavelmente vou chegar atrasado, mas farei o possível para estar lá.

— Tudo bem — diz e dá um sorriso lindo.

— Ísis, acho que quinta os meus exames ficarão prontos e se isso acontecer, vou ver com o Dr. Glender se ele me atende depois do meu expediente na sexta.

— Ele atende tão tarde assim?

— Ele sabe como são os meus horários e como faz anos que me acompanha, sempre abre uma brecha.

Sigo para o banho, e assim que saio, enrolado em uma toalha, eu a encontro ao telefone. Ela parece estar conversando com a Monique, então coloco uma roupa e sigo para a cozinha, mas antes pego o celular na sala. Ao me sentar à mesa, eu vejo que tenho algumas chamadas perdidas de clientes, três da minha mãe e duas da Mari. Acredito que elas queiram saber como foi a volta ao trabalho, e como não quero falar sobre isso hoje, eu envio uma mensagem dizendo que ligo para as duas amanhã. Minutos depois o interfone toca, então desço para pegar a pizza.

Voltando ao apartamento, eu a coloco sobre a bancada e começo a comer, dispensando os talheres. Como Ísis esqueceu de pedir refrigerante, pego um suco na geladeira e assim que eu me sento novamente, sou surpreendido ao sentir a sua mão passar em meu peitoral. Ísis beija as minhas costas, então me viro de frente para ela e observo a sua camisola curta. Ela está sexy e linda com seus cachos ainda molhados. Ela sabe que exerce esse

poder sobre mim, que fico feito um idiota encarando os seus movimentos. Ísis me seduz facilmente e consegue fazer com que cada pensamento meu esteja conectado a ela. Após me beijar com fervor, ela se afasta apenas para ter certeza que eu a quero, então volta a me beijar e em segundos eu esqueço todos os meus problemas.

— Nós... — ela fala, interrompendo o beijo, mas eu a calo ao voltar a beijá-la.

Quando desço os beijos pelo seu pescoço, ela novamente tenta iniciar uma conversa, mas coloco um dedo sobre seus lábios, indicando delicadamente que não quero conversar, mas quero fazer amor. Ísis não questiona, talvez assim como eu, ela queira ignorar tudo que parece errado em nosso relacionamento e simplesmente aproveitar cada momento. E sabemos muito bem como aproveitar cada segundo ao lado do outro.

Na manhã de terça-feira eu saio antes dela, e quando estou perto do banco a Flávia liga pedindo uma carona. Eu deveria dizer que não posso, mas a droga da minha consciência me faz sentir culpado, então faço o retorno sabendo que isso ainda vai me deixar em maus lençóis com Ísis. No entanto, depois do que passei ontem, me compadeceria por qualquer um que estivesse encarando o mesmo que eu, e ela está. Corro e faço o trajeto em tempo recorde, encontrando-a já na frente da sua casa me esperando.

— É verdade que a Ísis está grávida? — Flávia dispara.

Eu paro o carro e a encaro, só então me dou conta de que ela devia ter chorado.

— Flávia, eu sei que isso a magoa e não acho que seja interessante falarmos sobre a Ísis. Até porque isso diz respeito a minha vida. — Tento soar calmo.

— Ela suportaria o que eu estou suportando? — ela pergunta com indignação.

— Isso não faz diferença. Sei que está chateada, mas temos que ir agora. — Dou partida e sigo pela rua.

— Comigo você nunca abriu mão da camisinha — ela desabafa com rancor.

— Por favor. Esqueça isso, pois não diz respeito a você, como eu já disse. E no momento estamos passando por um problema que merece bem mais atenção. Precisamos descobrir quem está por trás desses boatos sobre você no banco.

— Alguém falou com você? — ela diz, enxugando as lágrimas.

— Não acho que falariam, não diretamente, mas você percebe a mudança no ambiente. As pessoas evitam te encarar e quando você vira as costas os cochichos começam.

Quando ela tenta voltar no assunto Ísis, eu pergunto como vão seus pais, mas não funciona, ela me ignora. Somente no estacionamento do banco é que ela volta a falar.

— Ela vai acabar com você. Ísis vai quebrar você em tantos pedaços que não terá mais conserto. — Ela me encara com um sorriso irônico. — Seja franco consigo mesmo, se naquela época, quando você se internou, ela teve medo de que as pessoas descobrissem e foi embora, imagine agora que todos sabem sobre você! E ainda que tente esconder, não vai demorar para as pessoas terem a confirmação, e você sabe, notícia ruim corre rápido. E quando isso acontecer, eu vou ficar muito feliz por te ver na pior, porque é isso que você merece, ficar na pior — ela diz com tanto rancor, que fico até surpreso. Em seguida sai do carro e bate a porta com força.

Não quero pensar nas “verdades” que a Flávia acha que sabe, porque apesar de querer ignorar, essas verdades machucam. Entro no banco desejando que não seja pior do que ontem, mas fica claro que o destino não está disposto a cooperar. Obviamente que por serem subordinados a mim, os

funcionários não falam na minha cara, mas percebo os olhares de pura recusa e condenação.

De repente eu começo a perceber a cara fechada por estar compartilhando o mesmo banheiro que eles, e quando vou tomar café a situação chega ao limite. Cleide, a copeira, diz um pouco sem jeito que separou uma garrafa só para mim, justificando que o gerente merece esse mimo. E se eu não soubesse o porquê disso, até agradeceria, mas uma vez que estou ciente fico tão perplexo que sequer respondo.

E tudo complica mais quando percebem que a Flávia chega com rosto vermelho, enxugando as lágrimas. Durante a reunião da manhã, eu ignoro todos os olhares e engulo cada nó na garganta, desejando que esse inferno logo acabe. Até mesmo as brincadeiras que antes me incluíam, agora param no exato momento em que eu apareço. As pessoas ainda acham que ser soropositivo é como ter lepra e com isso pouco se importam em manter o mínimo de respeito.

As horas demoram a passar e lá vai o Felipe abrir contas físicas e jurídicas, atender os seus clientes com problemas ou dúvidas sobre a conta, saldos e extratos, explicar e esclarecer pela milésima vez os planos de investimentos e taxas, realizar investimentos altos para os clientes, solucionar problemas referentes a cartões de créditos ou cheques, fazer transferências de recursos e oferecer empréstimos bancários. E mesmo com todos os olhares de reprovação, eu finjo estar bem e continuo a supervisionar todos os funcionários do departamento. Até mesmo Carlos agora se afasta toda vez que eu aproximo e a Flávia só me olha com ódio evidente em seu rosto.

Horário de almoço não existe quando se tem que organizar uma pilha de documentos jurídicos necessários para cada operação. E mesmo com toda a tensão, eu tento manter o meu objetivo de atender às necessidades dos clientes prezando pelo bom atendimento. Quando consigo alguns minutos de

folga, saio para comer qualquer coisa e aproveito para ligar para Ísis, mas não conversamos muito. Na verdade, eu só pergunto como ela está e deixo que ela domine a conversa, em determinado momento paro de prestar atenção, e ao perceber isso ela se despede e desliga.

Se a exposição do meu diagnóstico não afastar a Ísis, a falta de interesse da minha parte que ela acredita existir irá afastá-la. Ligo para a minha mãe e em poucas palavras falo como está sendo. Basta apenas ouvir a sua voz para a minha falhar, então ela percebe que estou mal, mas não quero ter esse tipo de conversa pelo telefone, porém, apesar de começar a me esquivar, ela me conhece o suficiente para saber que estou no meu limite.

— Amor, se acha que não dá mais, existem outras cidades, outros empregos. Vou sempre estar do seu lado, em qualquer decisão que tomar.

— Mãe, estou tão cansado disso, cansado de sempre fugir. A minha infância toda se resumiu a fugir e eu não quero mais. Nesses anos todos pouca coisa mudou, é sempre essa mesma merda.

— Sinto tanto por você. Sempre foi tão bom, tratou as pessoas com tanto respeito, e se eu pudesse trocar de lugar com você, eu o faria. — Ela começa a chorar e eu odeio causar isso a ela, então engulo a minha própria dor.

— Está tudo bem, mãe, uma hora as pessoas se cansam e isso passa. De um jeito ou de outro, sempre acaba. Vou ter que desligar agora.

Quando volto ao banco, eu me surpreendo ao ouvir o meu supervisor me pedir dois minutos, então o sigo até a sua sala, já sabendo o que ele quer falar.

— Felipe, primeiro quero dizer que estou feliz por tê-lo de volta, isso aqui parecia uma zona com Carlos na gerência. Além de deixar claro que ele não está à altura do cargo, hoje eu tenho certeza que ter te colocado ali foi a nossa melhor decisão.

— Obrigado.

— O mérito é todo seu. Eu sei que a nossa política de trabalho não dá margem para conversinha fiada, mas, infelizmente, o assunto já está rendendo há mais de duas semanas. Mesmo que você tenha acabado de voltar, terei que te deixar a par dessa situação no mínimo ridícula. — Ele desvia o olhar, parece procurar as palavras com cautela. — Felipe, eu tenho um assunto chato para falar com você. — Ele coça a cabeça. — E, sinceramente, eu até imagino de onde surgiu tal absurdo. Sei como algumas mulheres não aceitam bem o fim de um relacionamento, mas, poxa, algumas vão longe demais. Inventar que você em AIDS? — ele diz, indignado com a situação.

— O quê? — pergunto quase caindo da cadeira. — A Flávia que começou isso?

— Então você já sabia? Nossa, isso me deixa até mais aliviado porque estava com receio de ofendê-lo. Ainda mais você, uma pessoa de caráter tão exemplar. Felipe, eu lamento muito essa situação, mas chegou aos meus ouvidos que você passou AIDS para a Flávia. Eu fiquei tão indignado com essa mentira, que fiz questão de ir a fundo, e quando soube que vocês terminaram, liguei os fatos.

— Por que acha que foi ela quem falou isso? — pergunto, querendo saber a verdade.

— Porque ela queria se vingar? — diz, sugerindo. Provavelmente ele não sabe que ela também estava sendo ameaçada. — O fato é que alguns funcionários que trabalham com você vieram reclamar e eu só consegui rir desse absurdo. — Ele espera a minha reação, mas como mantenho silêncio, ele continua. — Você? Justo você?

Ele começa a fazer piada com a situação como se o fato de ser um soropositivo fosse algo sujo. Ele chega ao ponto de exaltar todas as minhas qualidades como se elas provassem exatamente o contrário, julgando

soropositivos como pessoas incapazes. No fim, consegue ser cruel, preconceituoso e desumano, e pior, me faz sentir como se eu fosse alguém tão descartável pelo simples fato de ter HIV.

— Eles poderiam falar isso de qualquer um, mas de você, o galã do banco? — diz em tom de brincadeira e isso me faz sentir péssimo. — Bom, eu não sei quem começou com esse boato ridículo. Está claro que além de invejosa, essa pessoa quer apenas manchar a sua índole, mas eu quero que saiba que tem o meu apoio e que fique claro que, assim que soubermos quem iniciou, o indivíduo será descartado do nosso quadro de funcionários. E vamos resolver isso antes que chegue aos ouvidos dos clientes. Você sabe como isso poderia causar desconforto a eles. Felipe, não quero que fique abalado com isso, muito menos que esse boato comprometa o seu desempenho.

Eu respiro fundo, depois de tudo isso não posso fingir que não me atinge. Busco forças onde não existem e deixo que as minhas próximas palavras saiam.

— Fernando, não é boato, é verdade.

Ele arregala os olhos e fica boquiaberto, calado, esperando que eu diga que estou brincando, mas como não acontece, ele respira fundo.

— Ah... — Ainda está em choque e quando finalmente consegue absorver a situação, continua: — O RH sabia disso quando você foi contratado? — pergunta ainda perplexo.

— Na verdade, de acordo com o Ministério do Trabalho, não é permitido, de forma direta ou indireta, em exames admissionais, a testagem do trabalhador quanto ao HIV.

— Então essa história com a pobre da Flávia é verdade? — Seu semblante muda totalmente. Agora a Flávia deixa de ser a bruxa e se torna a vítima aos seus olhos.

— Não estamos mais juntos, mas ela sempre soube do meu diagnóstico, e não se tornou soropositiva.

— O que significa isso?

— Que ela não tem HIV.

— Se ela sabia sobre isso, por que terminaram?

— Decisão unânime... — Tento terminar o assunto. — Fernando, eu sei que o HIV nos é apresentado com uma doença terrível, cruel e negativa. Um fardo a ser carregado pelo resto da vida. Um vírus de culpa e vergonha atribuído ao sexo sem responsabilidade e também sei que nós, soropositivos, temos consciência de que esse é um vírus que tem o poder de trazer rejeição social. Prova disso é todo esse alarde. Mas com a evolução da ciência, hoje se é...

— Como a Flávia não contraiu?

Eu nem sei por que ainda tento, ele obviamente me corta sem ter dado atenção a uma palavra sequer. Suspiro, frustrado, não vai adiantar dar uma aula de transmissão e prevenção. Tudo que ele ouviu foi que eu tenho HIV e depois disso só quer saber se Flávia tem ou não.

— Parece coisa de outro mundo para os desinformados, mas a camisinha previne totalmente o HIV, porém, infelizmente, não é capaz de evitar a discriminação — falo, mas ele permanece tão atônito que as minhas palavras não surtem efeito.

E todo medo que carrego de ser visto como diferente se concretiza diante de mim. Indo mais além, agora tenho medo de que as pessoas se esqueçam que eu, Felipe, sou tão humano quanto elas.

— Felipe, eu não quero que o que me disse saia daqui — diz, mudando totalmente o tom. — Não tenho quem o substitua no momento. De imediato, temos que parar com esses boatos, não quero que isso chegue aos ouvidos dos clientes, vamos encontrar uma solução para... — Ele engole as

próprias palavras. — Quanto a Flávia, acho que ela tem férias vencidas, vou olhar isso. Obrigado, Felipe, pode voltar ao trabalho.

Ao entrar na minha sala, eu fecho a porta e sinto todo o peso que o meu HIV traz ao ser descoberto, e tudo que sinto são buracos por dentro. Eu me sento na cadeira e apoio a cabeça sobre a mesa, lembrando-me que, quando criança, a minha mãe dizia que eu deveria tomar cuidado, que não deveria contar a ninguém sobre o HIV.

Eu era cuidadoso, mas sempre tive o péssimo hábito de acreditar nas pessoas erradas, e todas as vezes que eu confiava em alguém, a notícia se espalhava igual praga, e, novamente, era um inferno. Mas no meio de todo esse caos, a minha mãe vinha com a força necessária e dizia as palavras que eu precisava ouvir. Ela era forte e me fazia acreditar que eu também era. Mas hoje, novamente, eu tenho prova disso. Eu me vejo em frangalhos e acho que fui descuidado, eu me esqueci que a sorte tem seus favoritos e não estou entre eles. E agora que assinei a minha sentença ao confirmar que tenho HIV, não há muito o que fazer para mudar o quadro.

As horas parecem se arrastar, definitivamente não passam. Às duas da tarde recebo a Heloísa Telles, não sei até onde isso chegou, então a cada cliente que recebo é um dilema interno.

— Desculpe o horário, hoje eu me atrasei.

Ela entra e se senta à minha frente, então conversamos sobre transações e alguns cheques da sua conta que voltaram. Não sei se é coisa da minha cabeça, mas percebo que ela está mais receosa. Por fim, sei que ela quer dizer mais alguma coisa, então imploro internamente que o dia termine rápido.

— Felipe, posso te perguntar uma coisa? — ela diz antes de sair.

E este é o momento em que congelo, até porque eu não quero mentir, mas, geralmente, falar sobre o HIV é algo calculado. Existe isso de escolher as

peessoas a dedo, então é um caos todo esse falatório a meu respeito. O engraçado é que ninguém fala diretamente comigo ou quer ouvir o meu lado da história, para as pessoas isso não interessa.

— Claro. — Tento transparecer tranquilidade, mas estou péssimo.

— Há uma semana, eu recebi uma mensagem anônima falando que você tem HIV.

Ela recebeu uma mensagem? Nem sei o que dizer.

— Ah sim, esse parece ser o assunto do momento.

— Primeiro achei que fosse mentira, mas os comentários começaram a espalhar, e pelo que eu soube a Flávia confirmou tudo.

Eu me sinto tão idiota por pensar que Flávia não estava envolvida. Agora preciso pôr um fim na conversa, saber a verdade me deixa muito mal.

— Heloisa, eu...

— Sendo verdade ou não, eu gostaria de dizer que o admiro muito como pessoa. Isso não muda em nada para mim.

— Não é mentira — eu falo, esperando que ela fique chocada, mas ao invés disso ela sorri de uma forma meiga, e eu não entendo o porquê desse sorriso.

— Felipe, está tudo bem. — Ela toca em minha mão. — Eu sei o que é passar por isso, e se precisar de alguém para conversar, estou à disposição. Eu só quero que você fique bem.

Sua postura me deixa paralisado, então encaro o seu rosto e vejo sinceridade em seus olhos.

— Eu entendi direito? Você também tem HIV?

— Eu contraí de um ex-namorado — diz, e desvia o olhar, parecendo ressentida.

— Eu sinto muito, mas quero deixar claro que não é como as pessoas estão falando. Quando comecei a namorar a Flávia, ela sabia. E não, ela não

contraiu HIV. Posso garantir isso.

— Eu sei que não, Felipe, porque foi a própria Flávia quem começou a falar isso de você.

Fico chocado com a sua revelação e antes que ela possa me contar mais, alguém bate à porta. Aline entra e avisa que o Fernando me pediu para ir à sua sala novamente. Heloísa se levanta e espera Aline sair da sala.

— Como sabe que foi a Flávia?

— Primeiro recebi uma mensagem anônima. A princípio achei que fosse relacionada a mim por ser soropositivo, então paguei uma pessoa para rastrear e ao me enviarem o endereço de IP, descobri que era o endereço da casa dela. — É deprimente saber a verdade — Felipe, eu sei que deve estar sendo uma barra, mas não deixe que isso mude quem você é. As pessoas são cruéis com quem não consegue entender.

— Obrigado, Heloisa, por tudo.

Ela se levanta, estende a mão e seu gesto me comove, aperto sua mão, ela então sorri.

— Eu moro no apartamento em cima da academia. Tem um bar ali na frente, se quiser conversar hoje, estou à disposição. Você tem o meu número, então é só me ligar. Espero que fique tudo bem.

— Obrigado.

É tudo que consigo dizer. Eu respiro fundo e absorvo a verdade, mas antes que eu possa me recuperar o meu telefone toca. Fernando pede que eu faça uma transação para um cliente e para acabar de vez comigo recebo uma visita inesperada.

Charles Brückner entra pela primeira vez na minha sala. Ele está acompanhado do diretor do banco, ambos apenas me cumprimentam, e continuam a falar sobre cafeterias. O diretor me entrega um papel com dados de uma conta estrangeira.

— Felipe, Charles precisa que faça a transferência de uma de suas contas para a conta da filha, na Alemanha.

Entro no sistema e acesso a conta. O saldo é milionário.

— Qual o valor? — pergunto quase sem voz.

— Dois milhões — Charles diz ao me encarar. — Creio que a minha filha precisará usá-lo muito em breve, e como sou um pai precavido, aqui estou eu cumprindo o meu papel. — Ele sorri para mim, agradece, e sai da sala junto com o diretor.

Acabou. A verdade sempre esteve na minha cara. Desde o início, o nosso amor tinha prazo de validade, e parece que novamente está perto de finalizar, ainda que nunca acabe.

Capítulo 25

Ísis

Na terça-feira, Felipe sai antes de mim sem nem me acordar ou me dar um beijo de despedida. Não sei o aconteceu para chegarmos a isso. Por mais que eu tente saber o que está havendo, nunca consigo. Ele sempre diz que está tudo bem, mesmo estando óbvio que nada está bem. Só de olhar para ele eu vejo algo errado, mas Felipe não parece confiar em mim quando o assunto é o seu sentimento.

Pela manhã eu mando mensagens, mas ele não responde nenhuma. E, pela primeira vez, estamos juntos e distantes. No horário do almoço ele me liga.

— Oi, Ísis, como você está? — ele pergunta.

Mas parece aqueles atendentes eletrônicos, algo mecânico, sem realmente se importar com a resposta, porém, ainda assim eu insisto.

— Com saudades, e você? — falo, tentando chegar a ele.

— Estou bem.

— Marcos já passou por aí?

— Não — responde brevemente.

— Outro advogado entrou de férias e eu irei ficar no lugar dele acompanhando Marcos nos processos. E como ele quer que eu seja bem detalhista, agora será ele quem irá te visitar, ele estará à frente do departamento financeiro por um tempo — falo, mas Felipe parece nem me ouvir. — Agora a pouco eu estava organizando alguns processos, um cliente do Marcos se chama Antony, achei o nome lindo, se for menino é uma

possibilidade. O que você acha? — Toco meu ventre e sorrio. Ele não responde. — Felipe?

— Oi, desculpa. Sobre o que estamos falando mesmo?

Isso foi como um balde de água fria. Felipe nunca está interessado quando o assunto é o nosso filho.

— Está tudo bem mesmo? — pergunto novamente.

— Está, só estou ocupado. Muito ocupado — ele diz e me deixa sem graça.

— Tudo bem, então vou desligar, não quero te atrapalhar. Em casa conversamos. Eu te amo — digo e como não há resposta, percebo que ele já desligou.

Respiro fundo, engolindo esse nó da garganta, e espero Marcos sair da sua sala. Ele passa pelo corredor e quando seus passos se distanciam, eu choro feito criança. Essa não era a vida que eu queria para nós. Onde está todo aquele amor que jurávamos sentir? Eu ligo para a Karen, mas ela não atende, porém, minutos depois ela retorna.

— Oi, Ísis, como vai?

Volto a chorar e fica evidente qual é a resposta.

— Karen, como ter certeza que a pessoa ainda te ama?

Demora alguns segundos para que ela me responda.

— Está com problemas com o Felipe?

— Pior é que eu nem sei se estamos com problemas. De repente o ar se tornou pesado e ele passou a se isolar. Toda vez que eu tento conversar, ele não está disposto, fora que parece não se importar com o bebê. E mesmo que eu tente, parece que estou perdendo meu tempo. Estou me sentindo uma tola frágil. Eu o quero tanto, mas parece que ficarmos juntos não é certo.

— Mas o que ele diz em relação a gravidez?

— Nada. E quando falo a respeito, Felipe sequer presta atenção.

— Ísis, com base no que você me conta, é fácil perceber que Felipe tem um bloqueio em relação a crianças. Talvez pela infância difícil que teve que enfrentar. Vocês devem conversar sobre isso. Já perguntou a ele se está com problemas no trabalho?

— Toda vez que eu toco no assunto, ele insiste que está tudo bem. Fala que é porque a rotina é estressante, mas no fundo eu acho que ele nunca me perdoou por tê-lo deixado. Acho que criei expectativas demais e me perdi em ilusões achando que seríamos como antes.

— As pessoas mudam, talvez você tenha projetado nele alguém que você queria encontrar, não quem ele realmente é, e pode ser que esse seja o real problema.

— E se ele não me ama mais?

— Por que ele estaria com você?

— Talvez porque não tenha percebido ainda.

— Ísis, eu jamais posso responder por Felipe. Converse com ele, diga como se sente e abra espaço para que ele fale a respeito com você.

— Eu o amo muito, mas parece que há um muro gigantesco entre nós.

— Então tente ultrapassá-lo.

— Como farei isso, se ele não está disposto a dar esse passo?

— Você tem que descobrir. Agora vamos falar sobre os seus pais. Como foi estar com seus pais novamente?

— No mínimo estranho. A minha mãe quer fazer um jantar para nós quatro na casa dela. Eu prefiro nem mencionar para ele, isso pode causar muito desentendimento entre nós.

— Então por que não tenta um jantar mais íntimo, algo especial só para vocês dois. Todo relacionamento tem problemas e não conversar só piora tudo.

Ela continua a me dar conselhos e é bom poder conversar com alguém

que seja parcial, mas não sei se vai funcionar.

Saio para almoçar e no trajeto passo em frente a uma loja de bebês. Acabo entrando e comprando algumas peças que servem tanto para menino como menina. Escolho um macacão com as palavras *Sou do Papai* bem no meio da peça com a intenção de tentar conectá-lo com a gravidez. Como Karen sugeriu, decido preparar um jantar especial para nós, mesmo que tudo esteja parecendo tão incerto.

O dia segue e apesar de estar trabalhando com Marcos ao meu lado, meus pensamentos estão todos voltados para o Felipe, ficando difícil me concentrar. Ele percebe que estou meio aérea e várias vezes chama a minha atenção.

No meio da tarde envio uma mensagem dizendo que o amo, mas ele nem visualiza. Quando estou saindo da empresa pego o celular e vejo que não recebi ligação alguma dele, então provavelmente não vem me buscar. Sigo para um supermercado pensando no que preparar para o jantar. Quero que tudo saia perfeito, que pequenos detalhes demonstrem que apesar de tudo nós pertencemos um ao outro e estamos juntos novamente.

Escolho um peixe, que já vem limpo e temperado, batatas para fazer um purê, e um vinho branco para acompanhar, mesmo sabendo que não irei beber.

Chegando ao apartamento, vejo que ele não voltou ainda, então sigo para o quarto e troco de roupa para começar a preparar o jantar. Pouco tempo depois já estou na cozinha pesquisando algumas receitas na internet e opto pela mais simples, já que não sou nenhuma expert. Coloco o peixe no forno, cozinho as batatas para o purê e preparo o arroz e a salada. Quando finalmente termino tudo, arrumo a mesa com duas velas no centro com o vinho, e duas taças em frente aos pratos. Fica tudo lindo e perfeito, e como ele é tão detalhista, tenho certeza que vai amar.

Como ainda acho que tenho tempo até ele chegar, tomo um banho e coloco uma camisola e lingerie vermelha, e como hoje não tive mal-estar, decido passar um pouco de perfume *Chanel 5*. Faço uma leve maquiagem, solto os cachos e coloco o macacão do bebê perto do seu computador, e como o seu medicamento fica na gaveta da mesa é impossível que ele não o veja. Uma vez que tudo está pronto, só me resta esperar. Volto mais umas quatro vezes para a cozinha, vendo se está tudo arrumado, e deixo para acender as velas quando ele chegar.

Fico andando da sala para o quarto, da sala para a cozinha e quando vejo já se passaram quase duas horas. Às oito e meia eu ligo para ele, mas chama até ir para a caixa de mensagens. Tento novamente, mas nem assim tenho retorno. Acabo ficando preocupada e envio várias mensagens, que o aplicativo indica que ele recebe, mas não visualiza.

Chego ao ponto de pensar em ir atrás dele, mas onde? Penso que talvez tenha ido para a casa da irmã, mas como não sei o número dela, não tenho como confirmar. Ligo até mesmo para o banco, mas ninguém atende, acho que todos já devem ter ido embora.

Mesmo estando muito aflita, não quero pensar no pior. A cada minuto que passa o meu desespero se mistura com a angústia e fico igual a uma idiota andando de um lado para o outro.

Às dez horas já estou um desastre, totalmente descontrolada e chorando compulsivamente. Todas as possibilidades passam pela minha cabeça, mas se algo grave tivesse acontecido, a mãe dele teria me avisado. Ou não?

Pensando no meu filho, eu sigo para o quarto e me deito, mesmo sabendo que não vou conseguir dormir enquanto ele não chegar. Por volta da meia-noite eu ouço o barulho da porta da sala se abrindo, então sei que ele está em casa. Enxugo as lágrimas e me viro na cama.

Como a luz do quarto está apagada, acredito que ele irá acender e perceber que estou acordada, então irá me dar uma a boa explicação para isso e nós ficaremos bem novamente.

Felipe entra no quarto e ao contrário do que eu esperava, ele não acende a luz, simplesmente segue para o banheiro e acende a luz de lá, deixando o quarto um pouco iluminado. Ele ainda está de terno, mas sem a gravata e falando quase que sussurrando ao telefone. Felipe só olha em minha direção e não diz nada, fazendo com que eu me sinta invisível.

— Mari, se você ligou, mandou mensagens e eu não retornei, é porque eu não queria falar com você — ele sussurra. — Não quero conversar agora, amanhã nos falamos. Eu não quero conversar — repete de maneira grosseira. — Eu estou bem, só não quero conversar. Tchau, Mariana.

Fico magoada, pois vejo que isso também serve para mim. Felipe vai até o guarda-roupa, pega uma peça de roupa, em seguida até a mesa do computador, onde fica o seu medicamento. Ele o encontra e sequer nota o macacão. Displícientemente, ele coloca o celular, chaves e carteira sobre a mesa. Parecendo frustrado, Felipe suspira e passa a mão pelo cabelo antes de sair do quarto.

E se antes eu estava tentando conter as lágrimas, agora é impossível. Eu o escuto vomitar no outro banheiro, em seguida o chuveiro é ligado. Os minutos passam e fica claro que ele não quis me atender, sequer achou que precisava dar satisfações.

De repente, o seu telefone vibra anunciando uma nova mensagem. Eu me levanto e mesmo sabendo que isso é errado, eu leio a mensagem de Heloísa Telles perguntando se ele chegou bem e avisando que esqueceu a gravata lá.

Fico chocada ao saber que ele estava com outra mulher. A mulher da foto não me é estranha, então fico tentando me lembrar até que me vem à

mente a garota da academia que ele estava ajudando um dia. Deixo o celular onde o encontrei e sigo para a cama.

A decepção é tão grande, que sinto minhas pernas trêmulas. Sentada, eu tento entender o que está acontecendo. Felipe nunca deixou de tomar os medicamentos no horário, e agora, porque estava com essa mulher, ele fez isso. Quando ele finalmente volta para o quarto, não tem como fingir que não me viu, então acende as luzes.

— Quem é Heloisa Telles e por que estava com ela até agora? — eu pergunto, me sentindo arrasada

Felipe fica parado, mas não olha na minha direção.

— Se está preocupada achando que te traí, eu não sou esse tipo de pessoa. Pode ficar tranquila, nós só estávamos conversando.

Sua resposta faz a minha raiva duplicar.

— Nossa, sério? Engraçado, né? Comigo você não conversa, mesmo eu perguntando tantas vezes que está acontecendo — falo, alterada, e Felipe encara o chão.

— Ísis, está muito tarde. Nós dois trabalhamos amanhã, é melhor...

— Não me venha com essa desculpa ridícula. Você vai falar o que está acontecendo agora! — grito.

Ele desvia o olhar para a janela aberta e parece pensar por alguns segundos, como se escolhendo as palavras.

— Por que falar com você dos meus problemas, se isso não vai durar?

— O quê? — Eu me levanto, enfurecida, e apesar de tentar muito, fica impossível segurar as lágrimas. — Quem é você? Porque a pessoa por quem eu me apaixonei, que escolhi para ser o pai do meu filho, não é esse cara que está aqui à minha frente.

— Que escolheu? — pergunta com sarcasmo. — Você não disse que foi um acidente? E vamos ser sinceros aqui. Você é uma Brückner, seu nome

faz as pessoas servirem de tapete para você passar, não precisa de mim para ser pai do seu filho.

— Qual é o seu problema, Felipe? Por que está fazendo isso? Não vem me dizer que você mudou, porque...

— Eu não mudei, Ísis — ele me interrompe. — Ainda sou o mesmo cara que você abandonou em uma cama de hospital. Eu só não quero falar dos meus problemas. Ou melhor, quero, mas não com você — ele praticamente grita.

— Tudo isso é ressentimento? Mesmo depois de saber tudo o que aconteceu você não conseguiu me perdoar. Não me ama mais, é isso?

— Eu não quero falar sobre isso. Nós temos que levantar cedo amanhã, então... — ele diz e se vira de costas.

Rapidamente vou em sua direção e o puxo pelo ombro com tanta força, que acabo o arranhando, só então ele me encara.

— Você não vai fazer isso, não está sendo justo comigo! — falo, totalmente descontrolada. — Vai me falar agora o que está acontecendo e quem é essa mulher, ou então...

— Ou então o que, Ísis? — Ele ri na minha cara. — Vai me deixar, de novo? Da primeira vez até me surpreendeu, mas agora não seria surpresa alguma. É o que você faz de melhor, esqueceu? Abandona depois de dizer que ama — ele fala, rancoroso.

— Por que está fazendo isso? Você não é assim, você...

Começo a chorar compulsivamente, nem mesmo conseguindo terminar de falar. Felipe simplesmente desvia o olhar.

— Quer saber? Acho melhor você ir embora, Ísis, por favor.

Como chegamos a isso? É quase inacreditável. O que está acontecendo?

— O quê? — pergunto, achando que não ouvi direito.

— É isso. Acabou.

— Por que, Felipe? — Olho em seus olhos, não acreditando em suas palavras. — Você está apaixonado por outra, é isso? É essa Heloisa?

Ele não diz nada, parece petrificado. Meu choro sai descontrolado, só então ele se aproxima e toca o meu rosto, tentando limpar as minhas lágrimas, mas eu o empurro com raiva.

— Diga alguma coisa, droga!

— Em cinco anos, mesmo depois de você ter me deixado, eu não deixei de amar você. Por que acha que aconteceria agora?

Fico desnorteada com a sua resposta. *Ele está brincando comigo, é isso?*

— Então por que você quer que eu vá embora? — eu pergunto, tentando entender.

Ele respira fundo e começa a chorar. A sua atitude me deixa tão confusa quanto uma criança.

— Felipe, o que está acontecendo? Nós não somos mais uma família? Vamos ter um bebê, não pode desistir de nós assim.

— Ísis — Ele respira fundo e diz, sem me encarar. —, a Flávia não aceitou muito bem o fim do relacionamento. Ela acha que você foi embora anos atrás com medo de ter o seu nome relacionado ao HIV, então contou o meu diagnóstico para o pessoal do banco achando que isso te afastará de mim. Eu até achei que poderia controlar a situação, mas do jeito que as coisas estão indo, não vai demorar para começarem a repassar as minhas fotos avisando para terem cuidado com o cara que tem HIV. — Levo as mãos à boca, deixando claro o meu espanto. — No banco todos já sabem, então acho melhor você nem aparecer lá — ele fala e eu fico em choque, sem saber o que dizer. — Eu tenho encarado uma barra e se posso proteger o bebê e você de passarem por isso, esse é um bom momento para ir embora. — Ele

finalmente olha em meus olhos. — Está tudo bem, Ísis, eu não te culpo se quiser ir. Se está sendo uma barra para mim, que já conheço esse caminho, imagine para você. Eu só preciso que me perdoe por não conseguir manter isso em segredo. Você é a única mulher que eu amo e não quero que passe pelo o que estou passando — ele completa e se vira mais uma vez, seguindo pelo corredor.

— Então é isso? Acaba assim para você? — pergunto e ele novamente se vira em minha direção.

— Eu tentei evitar, e sinto muito por não ter conseguido.

— Felipe, quando fui embora, eu era uma criança ingênua demais e deixei o medo me dominar. Paguei caro pelo meu erro, chorei por noites desejando ter você de volta, implorei uma segunda chance. E agora que eu tenho, você está me dizendo para ir embora porque estão sabendo da sua soropositividade? — Eu me aproximo e toco o seu rosto.

— Ísis, eu não quero que você passe por isso e...

— Cometi um erro quando te deixei, mas não estou disposta a errar novamente. Eu não vou embora, então, por favor, não desista de mim.

— Não se trata de desistir de você, Ísis. Eu sei que você não aguentaria, nem eu estou aguentando. Pode ir embora, sem ressentimentos dessa vez.

— Que diabos tenho que fazer para você entender que eu não vou embora? — grito, assustando-o.

— E se for demais para você? Eu não quero ter esperanças, não quero acreditar que é possível, e depois me decepcionar de novo quando tiver que acordar novamente sozinho. Porque dói demais, Ísis, dói demais ter que me limitar a viver de lembranças.

— Isso não vai acontecer, e se no banco eles não conseguem te enxergar além de um vírus, é sinal de que não são dignos de ter alguém como

você lá.

Felipe dá um sorriso torto.

— E você me enxerga além disso?

— O que quer dizer?

— Você nunca deixou de me enxergar assim, Ísis, só não percebeu ainda.

— Não. Isso não é verdade, eu te amo — falo, contrariando-o.

— Ama até que ponto? — Ele continua olhando para mim e eu não sei o que ele pretende.

— Felipe, nem pense em fazer isso. Você sabe que eu te amo — falo e tento abraçá-lo, mas ele se afasta.

— Ama até o ponto que é conveniente amar. Ama até o seu limite de segurança. — Ele engole em seco. — Dói admitir, mas essa é a verdade, Ísis. Eu já fui cego, mas está claro demais para fingir que não vejo. A sua presença aqui em alguns momentos alivia a dor, e em outros causa a dor. Suas palavras me magoam e eu tento ignorar, afinal, são só palavras. Mas aí tem toda a medicação, tem o HIV, tem o preconceito, e você sempre deixa claro que não quer se sujeitar a isso. Por mais que eu me cuide, por mais que eu tente te mostrar a verdade sobre a minha carga viral, você ainda me vê como um risco. Para falar verdade, eu nem sei se você acredita nisso. E não posso mais ignorar essa verdade.

— Isso não é verdade! Felipe, eu amo você e li a respeito e...

— O que você leu? Me diz, por favor. Está tão claro, que qualquer merda de pesquisa no *Google* te mostra que pacientes com carga viral indetectável são incapazes de transmitir HIV. Mas que se foda a ciência, que se fodam os dados, o importante é continuar cego e perpetuar o preconceito.

— Felipe, você tem razão eu...

— Não, Ísis. Desta vez eu não quero ter razão. Só vá embora, por

favor! Deixe as desculpas por minha conta, eu assumo a culpa. Digo que fui eu quem quis assim.

Fico desesperada ao vê-lo tão irredutível, tão decidido, tão certo do que quer.

— Amor, eu já disse que não vou embora. Eu sei que errei naquele dia, e tenho errado desde então, mas não consigo continuar sem você. Por favor, não desista de mim, de nós. — Choro, tocando o meu ventre.

— Chega, Ísis. Não foi pelo que você falou aquele dia, tudo bem que as palavras machucam, mas, sinceramente, vindo de você eu nem me importo mais. A verdade está além disso, está no que você não diz. Você ignora um médico infectologista que é especialista em tratar de soropositivos, que inclusive dá cursos em outros países, para escutar uma ginecologista que sequer tem acesso ao meu caso. Mas a verdade é que você só usa isso como pretexto.

— Felipe, não é pretexto, eu juro — falo, desesperada.

— Enquanto estava no bar, conversando com a Heloisa, pode parecer estúpido, mas fiquei pensando em nós, em você e em como deve ser horrível transar com medo da camisinha estourar, com medo de contrair HIV. Você merece bem mais do que isso e talvez as pessoas tenham razão. Talvez o melhor seja nos relacionarmos com quem tem o mesmo diagnóstico, pelo menos evita a sensação de se sentir tão inferior a outra pessoa. Porque é assim que eu me sinto com você.

— Felipe, por favor, não fale assim. Eu amo tanto você e nunca tive esse receio que você diz existir.

— Ísis, desculpa, mas eu não quero mais.

— Você não pode me deixar agora, não pode me abandonar depois de tudo o que passamos.

— Não estou te abandonando. Abandonar é quando você não espera e

a pessoa te deixa, e eu nunca faria isso com você. Se for pelo bebê, meu nome é uma merda, mas se quer que eu registre, eu faço isso. Se me deixar pagar pensão e fazer visitas, faço também. A decisão é toda sua. Eu só não quero continuar assim, é demais para mim e para você.

— Por favor, amor, me dê a chance de provar que eu não me importo.

— Não. Isso já nos machucou demais. Você só está dizendo isso por eu ter me aberto, não partiu de você.

Eu olho nos olhos dele e vejo a dor. Ele está quebrado, eu quase consigo tocar as suas feridas. Tento me aproximar mais uma vez, mas ele se afasta.

— Por favor, não faça isso — ele pede.

— Você tem razão, Felipe. Eu sei que o machuquei muito, e o fiz sentir inferior, que não era o suficiente. Também sei que não mereço estar ao seu lado, depois de tudo, sei que não mereço estar em seu coração. Mas como eu vou ficar sem você? Quando digo que eu te amo, não há restrições. Eu te amo e sei que errei, mas quero juntar cada pedaço que está quebrado em você. Me deixe provar que se não for ao seu lado, não existe lugar para mim. Por favor? — falo, implorando entre lágrimas. Eu me aproximo, mas ele desvia o olhar, então toco o seu rosto e o beijo. — Eu sinto muito por você estar passando por isso, sinto muito por não ter quem você merece ao seu lado. Mas eu o encontrei e não posso seguir se não for com você. Eu nunca vou permitir que você me deixe. Nunca.

Ele fecha os olhos e eu volto a beijá-lo. Felipe fica por alguns segundos imóvel, tentando resistir, mas acaba se entregando e a cada segundo que passa, eu sinto que estou entrando no meu refúgio.

Sinto seus braços me envolvendo e apertando o corpo contra o meu, e o que mais quero é que ele consiga sentir o tamanho do meu amor por ele. Em um salto, passo minhas pernas em volta dele e Felipe me segura contra o

seu corpo, e com passos rápidos ele nos leva para a nossa cama.

Deitando-se sobre mim, ele olha em meus olhos e volta a me beijar, e cada vez mais sinto que pertencemos um ao outro. Minhas palavras desaparecem e meus pensamentos se tornam totalmente dele, até mesmo a minha respiração está em sintonia com a dele. Felipe tira a minha camisola e toca meus seios antes de beijá-los, me enlouquecendo. Cada vez que seus lábios tocam em minha pele, eu me sinto no paraíso. Depois de me deixar completamente nua, ele me toca intimamente e eu sei que preciso disso, que nós precisamos. Então tudo se torna urgente, cada beijo, cada toque.

— Eu te amo tanto, Ísis — ele sussurra antes de voltar a me beijar.

Ele se posiciona entre as minhas pernas e no mesmo instante que sinto o seu beijo, eu o sinto me invadir. Felipe geme com o nosso contato, e cada vez que ele entra em mim, nos aproximamos do nosso paraíso. Gememos como dois loucos, o prazer é sem limites. Ele olha em meus olhos e eu vejo como ele está emocionado, e quase sem fôlego voltamos a nos beijar, mas com a respiração acelerada é quase impossível.

— Eu quero que seja para o resto das nossas vidas — sussurro.

Eu sei que ele ainda não está seguro disso, mas tenho certeza que vai ficar. Felipe apoia a cabeça em meu ombro, e em um movimento de vai e vem sinto o meu suor se misturar ao dele. E cada gemido que ele dá, sei que estamos mais próximos do limite. É delicioso poder sentir Felipe derramar tudo de si dentro de mim, segundos depois de eu gozar.

— Recomeçaremos juntos. Eu te prometo — falo, ofegante.

— Você é a minha vida, Ísis. Se entendesse isso, saberia que eu nunca te colocaria em risco — ele afirma, emocionado, e se deita ao meu lado, puxando-me para os seus braços.

— Por que a sua gravata ficou com essa tal de Heloisa? — pergunto, ainda curiosa.

Felipe solta uma gargalhada e em seguida beija a minha cabeça.

— Você não existe, bonequinha.

— Tudo bem, mas essa não é a resposta que espero ouvir.

— Eu estava me sentindo meio formal naquele bar usando a gravata, daí decidi tirar e esqueci em cima da mesa — ele esclarece a minha dúvida e volta a me beijar. — Me desculpe por não ter entrado em contato, nem ter atendido as suas ligações. Eu estava com tanto medo de você ir embora, que não queria te encarar naquele momento — completa e coloca a mão sobre o meu ventre, acariciando-o.

— O que acha de Antony? — sugiro e o encaro.

— Eu pensei em Felipe — diz, e eu fico boquiaberta.

— Por quê? — pergunto, tentando entender.

— Por que não?

— Por que é brega? — falo e ele me dá uma leve mordida em protesto. — Felipe, eu acho que você deveria me pedir em casamento.

Ele fica segundos olhando em meus olhos, e eu não consigo saber o que está pensando.

— Você quer casar comigo? — ele pergunta, sorri e me beija.

— Posso responder amanhã? — brinco.

— Engraçadinha.

— Se não tenho outra opção, tudo bem, eu aceito me casar com você — digo, brincando.

Ele volta a me beijar e continuamos incansavelmente nos entregando um ao outro. Quando o alarme do telefone toca é quase insano perceber que passamos a noite quase toda acordados. Felipe é o primeiro a se levantar, então eu o vejo se arrumar e antes de sair ele se aproxima da cama e me beija.

— Coloquei o alarme para despertar daqui a meia hora — diz, acariciando o meu rosto. — Obrigado pelo jantar. Eu provei o peixe, estava

uma delícia. Eu amo você e se precisar de algo, me ligue.

Ele me dá um último beijo antes de sair do quarto. Estou com tanto sono, e apesar de querer dormir agora, minha realidade é mais feliz do que qualquer sonho de amor.

Capítulo 26

Felipe

É estranho como a vida nos surpreende, em um minuto você acredita estar tudo perdido, mas no minuto seguinte acontece aquela mudança que faz toda a diferença. Ontem eu estava esgotado, havia chegado ao limite e realmente acreditei que não tinha como mudar a situação. Mas Ísis me mostrou que não existe limite quando realmente se ama alguém. A maneira como ela me fez sentir, como se entregou a mim sem receio algum me fez entender porque eu preciso tanto tê-la ao meu lado. Ela provoca o desejo de querer ser eternamente dela e isso faz com que cada despedida, ainda que momentânea, se torne mais difícil, porque todo o amor que eu preciso ter para aguentar mais um dia, é o amor que só ela, com seu jeitinho louco, pode me oferecer.

Sinto meu corpo pesado, mas não há uma gota de arrependimento pela noite em claro. Quando chego ao banco, o ambiente ainda está carregado, mas diferente de ontem. Eu exorcizei meus demônios e quando se chega ao ponto de estar bem consigo mesmo, até o caos parece ter um ponto de equilíbrio.

— Bom dia, Felipe — Aline me cumprimenta.

— Bom dia.

Espero um tempinho para que todos cheguem e quando estão presentes, antes que a reunião comece, Fernando toma a palavra. Ainda que de uma maneira rude, ele tenta amenizar a situação ressaltando que não devemos, de maneira alguma, trazer problemas pessoais para o trabalho, que

a empresa está à disposição de todos, mas que problemas externos devem ser resolvidos lá fora. Ele olha para mim umas cinco ou seis vezes, e sei o que está em questão aqui. Indiretamente, ele teme que a situação chegue aos ouvidos dos clientes, e apesar de não ter sido convincente, esse é o seu modo de ordenar a todos que parem com os burburinhos.

Ele passa por mim e dá um leve tapinha em meu ombro, deixando claro que agora é a minha vez. Ignorando tudo o que ele disse, faço apenas o meu trabalho e, após essa breve reunião, eu pego a correspondência e sigo para a minha sala. Poucos minutos depois a Flávia bate à porta e entra. Eu odeio o fato de ainda ter que falar com ela, mas sou profissional.

— Felipe, eu queria conversar com você. Eu vou entrar de férias semana que vem, e queria ter certeza de que você vai ficar bem — ela diz, e eu me pergunto como alguém consegue ser tão falso.

— Eu soube como os boatos surgiram. Na verdade, eu sei quem começou — afirmo de maneira firme, e a vejo arregalar os olhos. — E você sabe, tanto quanto eu, que qualquer conversa sobre esse assunto é desnecessária. — Ela fica sem jeito, claramente desconfortável. — Se bem que depois de tudo o que você fez, e diante da sua evidente “preocupação”, acho que merece saber, apesar de aqui não ser o lugar ideal para falarmos sobre isso, que Ísis e eu estamos melhor do que nunca. Mesmo com todo esse falatório, estamos lidando muito bem com a situação. Então, na verdade, eu preciso te agradecer. Você fez um enorme favor ao nos forçar a conversar a respeito, e sabe, Flávia, o bom de se estar em um relacionamento saudável é justamente isso. Você expõe seus problemas com a pessoa sem levar a terceiros.

Ela força um sorriso e morde os lábios.

— Ela sabe dos comentários daqui do banco? — Arqueia a sobrancelha, como se estivesse duvidando disso.

— Sim, ela sabe. Ela sabe até mesmo que foi você que começou, mas eu não guardo mágoa, porque quando se é feliz, você não tem tempo para desejar o mal, nem mesmo para quem te faz mal. Essas pessoas tropeçam e caem no próprio veneno. Mas acho que você entende bem sobre isso, não é?

— Tudo bem — ela diz, com o ódio brilhando em seus olhos. — De qualquer jeito, espero que tenha sorte, e que não fique pior por aqui, porque você sabe como é, né? A tendência é piorar — completa com rancor.

— Se ficar, não tem problema, estou preparado. Ainda assim, muito obrigado por tudo. — Dou um sorriso forçado.

Ela sai da sala sem dizer mais nada e eu respiro aliviado. Eu penso na Ísis, no nosso filho e nessa droga de mundo que o espera. Mal me recupero e Marcos entra.

— Tudo bem, Santos? Entrei sem bater, desculpe. — Ele coloca os malotes sobre a mesa. — Soube que a Ísis está grávida. Parabéns. — Ele dá um sorriso malicioso.

— Ela te contou? — pergunto enquanto abro os malotes.

— Meu padrinho. Ele acha que vocês se casarão em breve. Mas eu fiquei curioso, sabe? Porque acredito que não tenha sido inseminação artificial, então foi...? — ele pergunta, sorrindo.

— Desculpe-me, mas não entendi aonde você quer chegar. — Eu o encaro e Marcos sorri, sem graça.

— Você é dos meus. — Ele pisca. — Olha com carinho a questão dos cheques, por favor.

— Vou conferir, e qualquer dúvida que eu tenha, entro em contato.

— Obrigado. Tem umas contas pessoais aí e sei que você vai quebrar esse galho pra mim. Hoje estou muito ocupado. Beijo. — Ele literalmente sopra um beijo para mim. — Tenha um bom dia.

Apesar de não conseguir ignorar esse inferno que a Flávia criou, eu

foco no trabalho. Quando atendo a Heloísa, ela me devolve a gravata e toca no assunto de relacionamentos. Eu sou franco ao falar sobre a Ísis e Heloísa diz que já imaginava que eu tivesse alguém, que está claro pelo meu olhar.

Procuro distrações no trabalho e consigo vencer mais um dia, mas é um fardo muito pesado. Às dezoito horas já estou indo para a casa e me faz bem saber que Ísis está me esperando. Somente quando estou dentro do carro é que tenho tempo de olhar as mensagens, e, conseqüentemente os vários “*eu te amo*” que ela mandou durante o dia.

Minha mãe me liga e pede que eu passe na casa da Mari, que precisamos mesmo conversar. Antes de seguir para lá eu aviso a Ísis e ela até pergunta se realmente estou indo para a casa da minha irmã, então eu a convido, mas ela diz que não quer ir.

Pego um trânsito pesado e demoro até mais que o previsto para chegar, e quando o faço, mando mensagem para o Léo dizendo que estou no portão e peço para não avisar a minha mãe e a Mari.

Ele abre, então subo rapidamente e toco a campainha. Do outro lado da porta, eu ouço Mari perguntando para o Léo se ele está esperando alguém. Ela mal abre a porta, quando dou um susto nela, e após me chamar de idiota, ela me abraça.

— Por que você andou fugindo? Nossa, que olheira horrorosa, está tão abatido — diz, bancando a detetive, e é o suficiente para a minha mãe vir às pressas.

— Eu trabalho, querida, e não estava fugindo, e sim ocupado. E sobre a aparência, eu trabalho muito, não sou como você que finge que trabalha — eu brinco.

A verdade é que passei a noite em claro, mas ela não precisa saber desse detalhe. Eu cumprimento a minha mãe com um beijo e um abraço e, em seguida, aperto a mão do Léo.

— Onde estão os pestinhas? — pergunto e levo um tapa da Mari.

— Olha como você fala dos meus filhos. Eles são anjinhos e estão dormindo. Mas, e aí, como está sendo no trabalho? — ela pergunta, preocupada.

— Posso tomar um café primeiro?

Pela cara que elas fazem, percebo que não, então eu me sento no sofá e conto tudo o que aconteceu. Mari fica muito revoltada com as atitudes da Flávia, até mesmo a minha mãe parece decepcionada. O único que não fica surpreso é o Léo, e enquanto escuto toda a revolta da Mari e em como ela vai acertar as contas com a Flávia, vou para a cozinha e tomo uma xícara de café.

— E a Ísis está sabendo disso, Felipe? — minha mãe pergunta, mas é Mari quem está ansiosa pela resposta.

— Nós conversamos ontem e decidimos que já que vamos ter um filho, devemos nos casar — afirmo e olho para os três, que estão boquiabertos.

— O quê? Como assim, vão se casar? E a questão do trabalho? E a família dela?

— Eles ficaram sabendo sobre o bebê antes mesmo que eu soubesse, e Ísis voltou a se aproximar deles. Mãe, mesmo tendo errado, eles são a família dela, e ela os ama. E sobre o trabalho, eu não sei se vou continuar, quero apenas um tempo para decidir. Vou conversar com a Ísis sobre isso também.

— Lipe, eu te conheço e sei que você não a pediria em casamento. Não depois de tudo. Foi ela que veio com essa isso, não foi? — Mari pergunta, desconfiada.

— Eu pedi, Mari, e ela aceitou. E se não for pedir muito, você poderia ser a minha madrinha. Vamos nos casar só no civil. — Mari faz cara de surpresa.

— Vai mesmo se casar, meu filho? — minha mãe pergunta e não sei

por que estão tão surpresas.

— Nós vamos.

— É o que você quer?

— É o que eu mais quero.

Ela fica emocionada e me abraça, com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu quero que você seja muito feliz, meu filho. Você merece.

— Pode até parecer que não sou feliz pela barra que estou enfrentando no trabalho, mas eu sou, mãe. A Ísis é a mulher que amo, e eu vou me casar com ela.

— Nunca pensei que esse dia chegaria, mas como você apressou as coisas e já vai me dar um sobrinho, espero que dessa vez ela faça por merecer. Eu te amo, Lipe. — Ela me abraça, emocionada.

Conversamos por mais algum tempo sobre Ísis, suas escolhas e Mari pergunta por que ela foi embora, então digo tudo que Ísis me contou.

— Felipe, se é o que você quer e acha que vale a pena, vai fundo, cara. A vida é curta demais para ressentimentos e privações — Léo diz tão calmamente que faz todos rirem.

Eu confiro as horas e vejo que já são quase nove da noite.

— Mãe, preciso ir. A Ísis está me esperando — falo e Mari ri.

— Vai lá homem de família — brinca. — Lipe, independentemente do que decida, somos a sua família e sempre estaremos do seu lado.

— Eu sei, por isso que eu amo vocês.

Sigo para a minha casa e a sensação nunca foi tão reconfortante como agora, quando mal estaciono o carro e corro para o apartamento. Assim que abro a porta, encontro Ísis bem à minha frente com um enorme sorriso no rosto

— Como foi o seu dia? — ela pergunta depois de beijá-la, olhando em meus olhos.

Com um suspiro cansado, eu conto sobre o trabalho e o encontro que tive com a minha família, que falei sobre o casamento e que convidei a Mari para ser a madrinha.

— Então vejo que o seu dia foi muito produtivo — ela brinca.

— Não posso reclamar, mas a melhor parte começa agora — concluo.

Ela abre um largo sorriso e seguimos para o banho juntos. Pela primeira vez, fazemos amor debaixo do chuveiro, e apesar de todo prazer que ela me proporciona, o melhor está em poder olhar em seus olhos e não ver mais o medo, nenhum receio, apenas o nosso amor refletido neles, assim como tenho certeza que está nos meus.

Após o banho, jantamos a macarrona que ela preparou – que está um pouco melhor que a anterior –, mas não posso reclamar, acho que todo trabalho deveria ser medido pelo amor que você põe nisso e não por detalhes, e sei que, apesar de não ser uma boa cozinheira, Ísis faz com muito carinho. E quando vamos nos deitar é como reviver o meu melhor sonho, e nós o construímos e o realizamos todas as noites.

Na quinta-feira, assim que pego os resultados dos exames, fico feliz por estar exatamente como eu esperava, então eu o envio à Ísis, que apenas me manda beijos em resposta. À noite entro em contato com o Dr. Glender para agendar uma consulta para o dia seguinte.

Perdido em meus próprios pensamentos, percebo que Ísis pegou no sono ao meu lado. Nossos dias juntos são simples e perfeitos, e cada vez que eu me pego em uma situação como a de agora, onde ser soropositivo me faz encarar uma situação de preconceito, sinto como se a vida estivesse disposta a me dar motivos para desistir. E ainda que seja verdade, se antes, sendo apenas eu, não desistia, agora que terei um filho, não desistirei mesmo que ela queira me dar mil motivos para isso. Ter Ísis em minha vida, depois de tudo que passamos, só me prova que não importa quanto tempo demore, se o

amor for verdadeiro, ele sempre vence. E eu precisava ter esse momento com ela, livre de pretensões ou culpa. Apenas nós, como foi um dia, para voltar a ter fé em mim mesmo e no nosso amor.

Enquanto Ísis está entregue ao sono, eu espero o alarme do meu celular despertar para tomar a medicação. Com a dúvida de ainda não saber se devo o não continuar no banco, eu ligo no notebook para fazer algumas pesquisas. Abro o *Google* e digito “soropositivos no trabalho”, esperando encontrar algo me ajude a tomar essa decisão. Em segundos, aparecem várias páginas.

“Pessoas com HIV sofrem preconceito até na família.”

“Empresas devem garantir a proteção social do portador no local de trabalho.”

Leio as matérias e vejo que informam todas as leis que protegem o portador do HIV contra o preconceito e quais são os seus direitos. É ressaltado que as pessoas que vivem com HIV têm os mesmos direitos no trabalho que os trabalhadores sem a doença. Mas destacam que a Recomendação 200 da OIT – Organização Internacional do Trabalho –, que aborda diversas questões sobre os trabalhadores soropositivos, principalmente sobre os danos morais, dispensa imotivada e demais itens que a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) propõe para os trabalhadores de forma geral. Nada que eu já não soubesse.

Passo para a próxima página. *O preconceito ainda é um problema enfrentado por pessoas com HIV (Aids). “Piorou o preconceito, o estigma de quem é portador”* - diz o presidente da...

Como essa é a minha realidade, dispenso ler sobre o assunto e sigo para a próxima página.

“Ao ser revelada a doença, o portador passa a ser discriminado por todos. O preconceito acontece na família, na escola e no trabalho”

Continuo lendo matéria atrás de matéria, e apesar de algumas serem bem superficiais, sei que houve evolução, porém, a maior parte das notícias em relação à aceitação do soropositivo ainda é desanimadora. As pessoas ainda preferem nos limitar a grupos fechados, como se a nossa existência ameaçasse a delas.

Leio alguns depoimentos, até mesmo de um bancário que foi demitido após descobrirem que ele é portador do HIV.

Cansado de ler muito e não encontrar nada, desligo o notebook e tento dormir. Passo o meu braço pelo corpo de Ísis e a puxo para mim, acariciando os seus seios por cima da camisola. Deslizo a mão para baixo e sinto um leve receio ao tocar em seu ventre, talvez tenha nós demais presos em mim. Sinto as lágrimas descenderem, sabendo o motivo. Eu nunca quis trazer um filho ao mundo para ter que encarar isso.

— Me perdoe por te trazer a um mundo como esse. Você merece bem mais que isso. Sinto muito — sussurro.

Escuto o vento soprar na janela e acabo adormecendo sem expectativas de melhoras no trabalho.

Quando acordo na manhã seguinte com o alarme tocando, vejo que Ísis permanece dormindo ao meu lado. Ao conferir as horas, vejo que dá tempo de preparar o café para ela. Depois de tudo arrumado, coloco o alarme do celular para despertar meia hora depois. Já pronto para o trabalho, beijo seus lábios e percebo não existe mais o medo de não a encontrar quando eu voltar.

No horário de sempre, eu chego ao banco e noto que os olhares atravessados continuam. Praticamente todos que chegaram notam a minha presença, então cumprimento quem cruza o meu caminho, mas ao olhar para a Flávia, vejo que ela desvia o olhar. Graças a Deus por isso. Quase tive que implorar para a Mari para não ir falar com ela, mas a minha irmã é

imprevisível e disse que elas ainda irão acertar as contas.

Antes de iniciar a reunião, Aline me diz que Fernando pediu que eu passasse no RH. De fato, isso não me pega de surpresa, eu já esperava que, de um jeito ou de outro, eles resolvessem o “problema”. Agradeço e vou direto ao RH, no trajeto encontro com o Carlos e ele, que sempre foi competitivo e ansiava muito pela vaga de gerente, não consegue disfarçar o sorriso ao notar o meu destino.

Entro na recepção e cumprimento a Priscila, que me informa que a Ângela me aguarda. Eu fico surpreso ao saber que a diretora do RH, mais conhecida como a esposa do Diretor Geral, irá fazer as “honras”, ainda mais sabendo que foi Fernando, o meu supervisor, quem deu a notícia. Bato à sua porta e a ouço me pedindo para entrar. Ângela é uma mulher de meia-idade, usa óculos, terninhos sempre de cores frias, e escarpim. Ela fala elegantemente e tem uma educação invejável, apesar do tom alto.

— Bom dia, Felipe. Sente-se, por favor. — Ao retribuir o seu bom-dia, faço como ela me pede. — Acredito que posso ser direta com você, uma pessoa pela qual tenho uma grande admiração — diz e sorri.

— Obrigado.

— Felipe, eu soube através do Fernando, o seu supervisor, de todo esse importuno no qual você está inserido. — Abaixo o olhar ao escutá-la, mas, infelizmente, não dá para fugir disso, então volto a encará-la. — Sei que não tenho o direito, mas conhecendo o seu caráter, a pergunta quase me inflama.

— Se a senhora se refere ao fato de ser portador do HIV, quero reforçar que vírus algum pode definir o caráter de alguém. Infelizmente, a doença é mais social do que biológica, e todo portador carrega um estigma muito grande — digo, percebendo que Ângela se mantém atenta às minhas palavras.

— De primeiro momento, confesso que fiquei assustada. E, para ser

sincera, quando o vi entrar pela primeira vez naquela porta, era apenas um menino aos meus olhos, quando foi promovido a vaga de gerente, Deus, juro que não esperava que desse conta. Mas você surpreendeu não apenas a mim, mas ao meu marido também. Depois de ouvir os comentários sobre você, eu me lembrei que na década de 90, no auge da epidemia da AIDS, perdi um grande amigo para a doença. Mas nunca pesquisei a respeito, não é algo que as pessoas falam, somente vemos as campanhas governamentais. Talvez o meu choque foi justamente não conseguir associar você, uma pessoa tão sadia, a um portador de HIV, que acreditava eu, ainda sofrer com os males da doença.

— A ciência evoluiu. Hoje, os pacientes tratados vivem uma vida completamente normal, com a ressalva de termos que seguir corretamente o tratamento. Desculpe ser tão direto, mas ainda não estou entendendo onde iremos chegar com...

— Claro. Bom, eu conversei com o meu marido e com o advogado sobre isso, e ele obviamente nos orientou como agir. — Ela faz uma pausa, esperando alguma reação de minha parte, não obtendo, continua. — Felipe, eu poderia ignorar todo esse murmurinho, mas não me parece justo. Não com você. Tentar conscientizar as pessoas apenas com palestras, ou mesmo chamar alguém da saúde não irá solucionar e nem irá trazer o impacto que eu quero. O mesmo impacto que eu senti ao saber sobre você. As pessoas não precisam apenas de panfletos, elas são como São Tomé, precisam ver para crer. Estive pensando em algo inovador, uma campanha de conscientização encabeçada pelo banco, obviamente. Um projeto que teve seu início na Alemanha – o Viver Positivamente –, além de conscientizar as pessoas sobre o HIV, ele procura esclarecer as dúvidas sobre o convívio com soropositivos. Mas eu quero ir além com essa campanha, pesquisei muito a respeito. — Tento entender onde ela quer chegar, mas não consigo. — Quero trazer esse

choque de realidade ao expor e poder contar a sua experiência. Mostrar um caso verídico, e obtendo resultados satisfatórios aqui, os patrocinadores abraçarão essa ideia e nós poderemos ampliar o projeto em todas as agências. Você sabe como essas campanhas têm um enorme alcance e resultado.

Fico sem palavras ao entender o que ela quer fazer. O banco obviamente ganhará com isso, além de beneficiar a própria imagem, mas seria uma exposição nacional.

— Mas isso seria uma grande exposição, e nós estamos falando de uma doença que carrega um grande estigma. — Não penso só em mim, mas em Ísis e no meu filho.

— Sim. Eu entendo que seria uma grande exposição da sua vida, principalmente no que se refere a algo que até o momento não passa de boato. Porém, apesar dos contras, teremos a oportunidade de mudarmos o quadro. A sua história é fantástica, o menino que contraiu quando criança e venceu a luta contra a AIDS.

— Como soube disso? — pergunto, surpreso por ela saber de como contrai.

— Eu queria ouvir de você a história, mas estivemos com o pai da Flávia semana passada e não consegui guardar esse projeto apenas para mim. Quando mencionei você, eles contaram como você contraiu, e saber de tudo isso só me fez acreditar ainda mais que dará certo. Felipe, eu o colocarei a frente disso, não iremos ultrapassar o seu limite. E... — ela continua a explicar, empolgada. — Além disso, nós manteremos o seu cargo, claro, provando que uma pessoa soropositiva pode sim ter grandes ambições.

Saber que tenho a chance de manter o meu emprego deveria me deixar feliz, mas as ambições por trás disso me fazem recuar. Se por um lado seria um alívio não esconder mais o meu diagnóstico, eu conheço bem o cunho do peso social, e isso, querendo ou não, atinge bem mais que somente

eu. Reflete diretamente na Ísis, no nosso filho, na minha família e até mesmo na família dela.

— Posso pensar a respeito? — finalmente digo.

— Claro. — Sorri. — Ah, eu soube que você e a Flávia não estão mais juntos. — Ela faz uma pausa. — Quanto a isso não terá problemas, acho que toda essa exposição é mais fácil quando se é solteiro — ela completa e eu não digo que estou com Ísis justamente por ligarem o HIV com a promiscuidade. E como acabei de terminar um relacionamento com a Flávia, prefiro não revelar.

— Mais alguma coisa? — pergunto.

— Não, era apenas isso. Muito obrigada. — Sorri gentilmente.

— Eu que agradeço. — Eu me levanto.

E antes de sair da sala, ela completa: — Felipe, essa é a nossa chance de fazermos história e tornarmos o mundo um lugar melhor. Conto com você.

Apenas retribuo com um sorriso e saio da sala com a Ângela me acompanhando. Chegando perto do meu setor, levo um choque ao ver Ísis com o seu pai, o diretor e Marcos. Imploro internamente para que ela não venha em minha direção. Ângela vai até eles e eu tento passar sem ser notado, mas o diretor me chama, assim como faz com o Fernando e o Carlos.

Eu e aproximo, desejando que Ísis saiba ler os sinais, mas isso não acontece. Quando o diretor pergunta se conhecemos a Ísis, após os dois negarem, ela vem até mim e entrelaça a mão na minha.

— Há pouco o senhor perguntou quem era o sortudo que havia fisgado o meu coração. Eu tenho a honra de apresentá-lo, mas lembrando que a sortuda aqui sou eu. — Ela sorri para mim. — Felipe é o meu noivo, iremos nos casar em breve. — Em seguida ela se aproxima e me dá um beijo casto, mas a sua atitude é o suficiente para todos ficarem boquiabertos ao nosso redor.

Capítulo 27

Ísis

Acordo com o alarme do celular tocando, e vejo que Felipe não está mais ao meu lado. Sorrio ao ver que ele nomeou o alarme de *Acorda bonequinha*. Felipe é a luz que me faz querer continuar a cada manhã. Acaricio o meu ventre e desejo um bom-dia ao meu bebê, levantando-me para me preparar para o dia.

Mal termino de me arrumar e todos os meus pensamentos já estão em Felipe. Eu queria estar ao seu lado neste momento, queria poder dizer as palavras que ele precisa ouvir para ficar bem, dizer para as pessoas que ele é o ser humano mais bondoso e incrível que conheço. E que ele não merece passar por isso, mas, infelizmente, eu não posso. Não no trabalho dele.

Enquanto sigo para a empresa, recebo uma ligação da minha mãe.

— Bom dia, amor. Como você está?

— Estou bem, mãe. E você?

— Ótima, querida. — Ela faz uma pausa. — Ísis, eu preciso te contar algo extremamente chato.

— Pode falar — respondo, receosa.

— Quando o seu pai soube da sua gravidez, ele procurou o Felipe.

Meu coração gela ao escutá-la. *Então foi por isso que Felipe me procurou?*

— Como assim, mãe? — pergunto, ainda em choque.

— Eu sei que foi estúpido da parte dele e, sinceramente, eu só fiquei sabendo quando perguntei onde ele estava aquele dia, então me confessou.

— E o que ele fez? — disparo.

— Ele ameaçou o Felipe. Disse que se ele queria voltar para você, deveria manter segredo sobre o HIV, caso contrário, você não ficaria com ele porque não teria o seu nome associado à doença.

— O quê? — pergunto, indignada.

Fico arrasada ao escutar isso, e muito chateada por Felipe não ter me falado nada.

— Querida, eu sinto muito. Quando ele me contou, eu fui totalmente contra, nós brigamos, eu até disse que queria me separar, foi então que ele prometeu não se intrometer mais. Porém, ontem, ao conversar com a Ângela pelo telefone, ela falou sobre o Felipe. Ela perguntou se eu o conhecia, e eu não respondi, então ela contou sobre o que anda acontecendo com ele no banco, que todos sabem do diagnóstico dele e que isso tem gerado incômodo em outros funcionários. Sem saber como lidar com a situação, ao se encontrar com alguns amigos, Ângela pediu conselhos e soube através deles como Felipe contraiu, acho que foram os ex sogros dele. Ela, que já estava comovida, se sentiu tão tocada que pensou em uma campanha de conscientização.

— Mas isso é ótimo, isso... — falo, sem entender o porquê da preocupação dela.

— Seria, querida. O problema é que ela quer usar a história do Felipe em uma campanha nacional que irá gerar uma grande exposição. Você sabe como essa doença carrega um grande estigma.

— E se Felipe não aceitar? — pergunto, sentindo um frio na espinha.

— Irão transferi-lo para uma cidade do interior. Isso ou perderá o emprego.

— O quê? — Levo a mão à minha boca. — Mãe, Felipe tem enfrentado uma barra lá e...

— Imagino que sim. Ontem eu falei com o seu pai sobre a campanha e ele ficou preocupado em relação a isso. Pensou até em propor a vocês para se mudarem para a Alemanha.

— O quê? Não. Felipe jamais aceitaria ficar longe da família, ou mesmo a ajuda do meu pai.

— Querida, pense a respeito. Se casando com você, o Felipe terá direito a cidadania alemã e então poderão se mudar para lá. Nós os ajudaremos a se manterem na Alemanha.

— Mãe, eu não sei o que Felipe pretende fazer a respeito, e seja o que for, estarei ao lado dele.

Felipe sequer falou mal dos meus pais, mesmo sendo ameaçado.

— Querida, não assumo o seu relacionamento com ele agora, espere para ver se o seu pai conseguirá resolver esse problema.

— Mãe, acho que você não entendeu. Felipe é a pessoa que eu amo e o que ele decidir fazer, vou estar ao lado. Não quero que vocês façam nada.

— Ísis, eu conversei com o seu pai e ele está arrependido. Prova disso é que não voltou a procurar o Felipe. Por favor, querida, estou te contando para não ter mais segredos, mas precisamos pensar em você e no bebê também. Uma exposição como essa irá refletir em vocês dois, então aja com a razão.

— Estar ao lado do Felipe é tudo que pretendo fazer a respeito.

Ela não contradiz, então nos despedimos e desligamos.

Fico tentando encontrar um jeito de fazer o meu pai entender que ele não vai mais se intrometer na minha vida. Quando estou perto da empresa, eu peço ao motorista para voltar. Ele me encara como se eu fosse louca, mas faz o retorno. Hoje sequer passei maquiagem, mas o momento pede que eu seja uma verdadeira Brückner.

Volto ao apartamento e enquanto sinto as lágrimas deslizando pelo

meu rosto, coloco o terno mais caro que tenho, solto o cabelo, calço um par de sapatos de grife, e separo uma bolsa para usar, deixando evidente o peso do meu sobrenome. Depois de lavar o rosto, faço uma maquiagem marcante.

Chamo um táxi e saio às pressas, seguindo rapidamente para uma joalheria, onde escolho alianças grossas e chamativas. Não sei o número do Felipe, mas podemos resolver isso depois. Coloco a aliança em meu dedo e sigo para a empresa.

Ao chegar, eu me deparo com o meu pai e o Marcos em sua sala. Engulo em seco a minha mágoa e penso em como fazer isso, já que é Marcos quem irá ao banco. Meu pai está de costas para mim, conversando com Marcos sobre cafeterias, então peço licença, coloco um sorriso falso no rosto e entro na sala.

— Bom dia! — falo fingindo animação.

Eu me aproximo deles e Marcos me encara sem entender, provavelmente estranhando o fato de eu estar tão impecavelmente arrumada.

— Bom dia. Aconteceu alguma coisa? — Marcos pergunta.

— Que eu saiba não.

— E como vai a gravidez, Ísis? — meu pai pergunta.

— Estamos bem, pai — respondo fingindo naturalidade. — Quer dizer, pai, estou precisando de um favor.

— Ah... claro — diz, surpreso. — O que você precisar.

— Preciso comprar um carro urgente, e quero fazer um empréstimo no banco para isso.

— Que bobagem, Ísis, o meu dinheiro é seu também. Não precisa fazer empréstimo algum — diz com desdém.

— Por favor, eu prefiro assim. No entanto, para um valor alto o banco exige um avalista e pensei que poderia fazer isso por mim.

— Ísis, você não precisa fazer um empréstimo para comprar um carro.

Eu posso te dar ou então pode retirar da sua conta na Alemanha.

— Não. Eu quero pagar por ele com o dinheiro do meu trabalho, só preciso que você seja o avalista — falo, tentando ser convincente.

— Tudo bem, se prefere assim, não vou me opor. Vou ligar para o diretor do banco e já resolvo isso para você.

— Já que estamos indo ao banco, por que você não vai junto, Ísis, e resolve isso de uma vez? — Marcos sugere e meu pai fica claramente desconfortável.

— Claro, quanto antes melhor — respondo e meu pai não faz objeção.

Enquanto seguimos para o banco, o meu pai e Marcos discutem sobre o novo investimento dele com o diretor. O tempo todo eu mantenho a minha mão direita escondida, então eles nem notam a aliança. Ao entrarmos no banco, eu entrelaço o meu braço no do meu pai, e vejo que isso o surpreende.

— Já conhece o Rodrigues, Ísis? — ele pergunta, e me lança um olhar estranho.

— Isso o incomoda? — pergunto, indicando com a cabeça os nossos braços entrelaçados.

— Não, jamais me incomodaria — afirma e dá um beijo em meu rosto.

Marcos dá um sorriso cínico, com certeza achando que estou fazendo isso pelo dinheiro, mas está totalmente enganado. Ao caminharmos, noto o olhar de todos em nós. Flávia me olha de cima a baixo, mas eu a ignoro e procuro Felipe com olhar, porém eu não o encontro. A recepção é oposta do que estou acostumada a receber. Vários puxa-sacos vêm até nós e um deles pergunta se o meu pai precisa de algo.

— Quero falar com o Rodrigues.

— E eu com o Santos. — Marcos se adianta.

— Felipe está em uma reunião, provavelmente não irá demorar...

Antes que ele conclua, um senhor com cabelos grisalhos vem até nós.

— Oh meu Deus, então essa é a famosa Ísis? — ele pergunta e imagino que seja o Rodrigues

Estendo a minha mão com a aliança para cumprimentá-lo, e é tão chamativa que é impossível não ser notada.

— Sim, essa é a minha filha Ísis. — Meu pai se vira para mim. — Querida, esse é o Rodrigues, que tenho o prazer de chamar de amigo — ele diz e sorri, mas sei que está tenso.

— Muito prazer, Rodrigues, eu sou Ísis — digo, ele sorri e responde ao cumprimento.

— Com todo respeito, Charles, mas devo dizer que ela é linda como a Sara — afirma e faz todos sorrirem.

— Significa que eu tive a sorte ao meu lado por duas vezes — meu pai afirma, categórico.

— Seu pai não para de falar de você. É o orgulho dele, mas sendo Charles tão ciumento e protetor, não imaginava que alguém tivesse fisgado o seu coração. Pelo visto está noiva e imagino que seja recente.

— Sim, é recente. E concordo com o fato de que o meu pai é ciumento. Foi difícil encontrar alguém que realmente tivesse valor aos olhos dele, mas essa aliança demonstra que não foi impossível. Não é mesmo, papai? — Dou a ele o meu melhor sorriso.

— Claro. E um dia você terá o prazer de conhecê-lo, Rodrigues — meu pai diz, tentando encerrar o assunto.

Antes que ele comece a falar sobre o empréstimo, eu vejo Felipe vindo em nossa direção ao lado de uma mulher de meia-idade. Ela vem até nós e Rodrigues nos apresenta como sendo Ângela, a sua esposa. Ela me enche de elogios e novamente reforça que sou a cara da minha mãe. Desvio o meu olhar para Felipe, que parece chateado, não vejo aquele brilho que me

cativa tanto. Ele mal olha para mim. O diretor o chama, mas não só ele, como outros dois rapazes que estavam nos observando. Felipe está cabisbaixo, evita me encarar e tenho certeza que ele deve estar implorando para que eu finja não conhecê-lo.

Meu pai fica claramente desconfortável com a situação quando o diretor pergunta se eles me conhecem. Após os dois negarem, encaro Felipe e vou até ele, entrelaçando a minha mão na dele.

— Há pouco o senhor perguntou quem era o sortudo que havia fisgado o meu coração. Eu tenho a honra de apresentá-lo, mas lembrando que a sortuda aqui sou eu. — Sorrio para ele. — Felipe é o meu noivo, iremos nos casar em breve. — Eu dou um beijo casto em Felipe e todos parecem chocados com a minha atitude.

— É sério? — Ângela não consegue se conter. — Felipe, você não nos disse que...

— Eu pedi para que ele não falasse nada — eu a interrompo. — Queríamos fazer uma surpresa para todos, mas não resisti ao vê-lo tão lindo à minha frente. Então, sou ou não uma mulher de sorte? — pergunto, sorrindo.

— Devo discordar de você, minha princesa. O Felipe tirou a sorte grande ao ter o seu coração, e sei que ele cuidará bem de você, caso contrário, eu estarei aqui para fazê-lo cuidar — meu pai diz em tom de brincadeira para tentar acabar com a tensão no ambiente. — Bom, agora que conhece a minha filha e sabe quem é o meu genro, vamos cuidar dos negócios? — Meu pai encerra o assunto ao se dirigir ao diretor.

— Felipe, sabe que o considero como um filho e apesar de estar chateado por não ter sido convidado para o noivado, eu o perdoo e já me convido para ser o seu padrinho — Rodrigues brinca e todos sorriem, até mesmo a sua esposa, que ainda parece chocada.

— Ah claro, eu acho — ele diz, sem jeito.

— Querida, vamos lá cuidar da papelada? Você e Felipe terão muito tempo para...

— Pai, vou adiantando com o Felipe o processo, e caso precise eu o chamo. Pode ser? — digo, interrompendo-o.

— Claro. Estarei com Rodrigues. Vamos, Marcos?

Eles se afastam e eu ainda consigo sentir o olhar de todos em nós. Puxando Felipe pela mão, seguimos para a sua sala, mas percebo que ele evita olhar para os lados enquanto eu sorrio para todos, até mesmo para a Flávia, que me olha chocada e com o ódio evidente em seus olhos.

Ao fechar a porta atrás de nós, Felipe me encara.

— Você não deveria ter feito isso, Ísis.

Eu me aproximo e toco o seu rosto.

— Te forçar a marcar a data do casamento? Eu estou grávida, não quero esperar a minha barriga ficar enorme a ponto de não caber em um vestido — brinco e aproximo lentamente os meus lábios dos dele, beijando-o em seguida.

No começo ele não corresponde, mas em segundos estamos feitos loucos em um quase sexo.

— Ísis, o seu pai... — ele tenta falar.

— Pouco me importo com ele.

Volto a beijá-lo, mas ele se afasta.

— O que as pessoas estão pensando sobre mim, irão pensar de você também — ele diz, tentando se recuperar.

— Felipe, eu quero que as pessoas saibam que você é meu. Você todinho. — Tento me aproximar novamente, mas ele se afasta de novo.

— Ísis, pare com isso. É sério, bonequinha, eu não quero que você e o nosso filho passem por isso.

— Eu sou capaz de aguentar qualquer coisa se você estiver ao meu

lado. Se eles te magoarem, eu quero estar aqui para curar as suas feridas, quero carregar seus medos e vencê-los com você. Felipe, metade dessas pessoas que estão falando de você não valem sequer uma lágrima sua. Eu não quero mais que o nosso amor seja segredo.

Ele apenas me encara, enquanto a sua respiração normaliza. Então pego a aliança dele da minha bolsa.

— Não tinha uma mais grossa, não? — ele brinca ao tirar a aliança da caixinha. — Era eu quem deveria ter comprado, até cheguei em outra época, mas — suspira — você deveria ter me esperado, eu iria fazer... — Para de falar e balança a cabeça, parecendo incrédulo.

— Tudo bem. Não estamos quebrando nenhuma regra por isso.

Eu a pego da mão dele e coloco no anelar da sua mão direita, fica um pouquinho larga, mas para a ocasião está perfeita. Ele passa a mão entre os meus cabelos, se aproxima e me beija.

— Eu amo muito você.

— Então casa comigo. Mas tem que ser logo — falo e consigo fazer com que ele dê um sorriso verdadeiro.

— Olha onde você me colocou. Mari seria a minha madrinha e não o Rodrigues com a Ângela.

— Eu sei que você sugeriu nos casarmos só no civil, mas podemos fazer uma cerimônia simples na igreja.

— Por que você quer isso?

— Porque nada será mais glorioso do que ver o meu pai me levando até o altar para me entregar a você diante de Deus e de todos da família.

— Bonequinha, esses não são os melhores motivos para subirmos ao altar.

— Nosso amor é sincero, ele sobreviveu a muita coisa e não existirá dia mais feliz do que aquele onde me tornarei a sua esposa perante todos que

lutaram contra.

Felipe desvia o olhar, pensativo, então me conta sobre a proposta de Ângela.

— E o que pretende fazer a respeito? — pergunto sem mencionar o que a minha mãe me contou.

— Por um lado eu acho que é muita exposição, mas talvez ajude outras pessoas em suas lutas. Porém, ao invés de fazer da minha história o marco para que o preconceito acabe, queria que as pessoas entendessem que somos humanos e que o preconceito machuca. A forma como a doença foi contraída não muda em nada, e todos nós merecemos respeito.

— Então faça isso. Aceite a proposta dela, se quiser.

— Mas, Ísis, isso iria te expor também e eu não quero te ver chorar por isso.

— Amor, você tem que entender que as pessoas sempre darão motivos para chorarmos, nós só precisamos selecionar quais realmente valem a pena derramar lágrimas. Eu te conheci e estive por um tempo longe, mas somente fisicamente, porque o meu coração sempre esteve com você. Então, se é isso que quer, se acha que realmente pode ajudar mais pessoas, faça, porque esse é quem você é.

Ele me abraça, e percebo que se segura para não chorar.

— Se em algum momento eu disse que me arrependi de te conhecer, quero que saiba que menti — ele sussurra no meu ouvido e em seguida me beija.

— Felipe, agora quero falar de negócios com você. Eu vim fazer um empréstimo.

Ele sorri sem me entender, então conto toda a verdade, o que o faz rir mais ainda.

— Não acho que você seja confiável para um empréstimo — ele

brinca.

— Bom, eu sou uma Brückner, mas caso precise de garantias, podemos marcar um encontro à noite — brinco.

Ele me beija novamente e se afasta para se sentar à sua mesa, enquanto faço o mesmo na cadeira que fica de frente para ele. Depois de preparar toda a documentação para o empréstimo, eu chamo o meu pai para que ele possa assinar a papelada, e como ele está ao telefone, não diz nada, somente assina e agradece ao Felipe com um gesto de cabeça. Eu me despeço dele e saio da sala com o meu pai, aliviada por ter conseguido fazer isso.

— Pretende se casar em breve, Ísis? — ele pergunta antes que eu saia do carro, já no estacionamento da empresa.

— Sim, nós faremos isso em breve, e vamos continuar morando aqui — falo e ele entende o que eu quero dizer.

Então me despeço dele com um forte abraço e agradeço por ter me ajudado no banco, antes de seguir para a minha sala.

O dia passa e Felipe e eu ficamos como dois adolescentes trocando mensagens o tempo todo. No final do dia ele vai me buscar para irmos à consulta, e eu pergunto como foi o dia depois que fui embora. Ele diz que as pessoas acham que tudo não passa de uma mentira inventada pela Flávia.

— Mas mesmo assim você quer fazer a campanha com a Ângela?

— Não sei, bonequinha, ela me deu um tempo para pensar e disse que entende que a prioridade no momento é o nosso casamento — ele diz e sorri.

Felipe estaciona em frente ao consultório e eu pergunto se o Dr. Glender sabe o que aconteceu entre nós.

— Fica tranquila, bonequinha. Na época eu disse que tínhamos terminado, mas ele não vai fazer perguntas, até porque ele não tem nada a ver com isso.

Nós entramos e depois que o Felipe assina a documentação de praxe

para passar em consulta, somos levados até a sala do médico. Nós o cumprimentamos e ele diz que se lembra vagamente de mim.

— Então o amor falou mais alto e estão juntos novamente — ele brinca.

Nós rimos e a consulta começa. Felipe entrega os resultados dos exames e fala da gravidez. Ele nos parabeniza e diz o que eu já sabia – que paciente com carga viral negativa não pode transmitir HIV – e esse é o caso do Felipe. Ele pergunta ao Felipe sobre a alimentação e ao ler os resultados de exames, diz que está tudo bem, como sempre. Ele diz que está à disposição também para responder qualquer dúvida que eu tenha e se oferece para acompanhar a minha gestação dizendo que ao seguir o tratamento corretamente, o soropositivo pode ter uma vida normal e ninguém melhor que o Felipe para servir de exemplo para os seus outros pacientes.

Depois de sairmos do consultório, vejo que o Felipe não está seguindo para o apartamento.

— Para onde vamos?

— É uma surpresa — diz e sorri.

Eu o observo enquanto seguimos pela estrada. Uma vez me falaram que o amor é cego e surdo, e hoje tenho certeza disso. Ele se faz de cego diante das adversidades que querem separá-lo, e se mantém surdo a todas as vozes que querem silenciá-lo, e é justamente por isso que ele vence. Não importa o quanto árdua seja a luta, o amor sempre vence.

Eu vejo o mar e me lembro que Felipe me trouxe aqui uma vez, foi quando a sua carga viral estava alta e ele sentiu medo do que poderia enfrentar. O local é de difícil acesso por ter muitas pedras, mas Felipe parece gostar de lugares assim.

Ao descer do carro, ele dá a volta e abre a porta para mim, sendo o cavalheiro de sempre. Tiro os meus saltos e ele faz o mesmo com os sapatos,

então deixamos no carro e ele, cuidadosamente, me guia por entre as pedras. Ao chegarmos em uma em especial, ele me ajuda a subir, se senta e me faz sentar em seu colo.

O céu estrelado produz um cenário lindo com o mar. Felipe fica um tempo em silêncio e assim como eu, ele se rende ao grande espetáculo da natureza.

— Ísis — ele sussurra e me faz encará-lo. —, quando você me deixou, quando perdi a esperança de voltar a ter a parte que faltava em mim, eu vim até aqui e olhei para o mar, sentindo-me tão triste e solitário. Naquele momento eu estava te perdendo por tudo, até por ter me deixado. Eu achava que fazendo isso conseguiria seguir em frente, mas isso nunca aconteceu, porque o vazio só poderia ser preenchido por você. Nós nos machucamos algumas vezes e achamos que era impossível, mas tudo não passou de uma mentira que tentaram nos fazer acreditar.

“Uma vez ouvir dizer que quando as almas estão ligadas, nada pode separá-las, e talvez as nossas sempre tenham sido e sempre serão. Apesar de parecer confuso, eu quero dizer, diante desse mar que um dia me viu chorar amargamente a sua ausência, que se acreditarmos, não importa o quanto estejamos longe um do outro, o amor nos conduzirá de volta ao caminho certo. Eu não me importo com o que o amanhã trará para as nossas vidas, tudo que quero, independentemente de quão difícil seja o meu dia, é chegar em casa, olhar em seus olhos e me encontrar em você. Porque me vendo em seus olhos, eu terei a certeza de que vale a pena. Eu queria prometer que vai ficar fácil daqui em diante, mas não posso.”

— E eu quero que você saiba que, independentemente de quão difícil seja o seu dia, de quantas palavras as pessoas falem para te derrubar, eu sempre estarei em casa te esperando para olhar em meus olhos, para que você se veja em mim e juntos nos reerguermos. Nós somos a nossa casa agora,

nosso lugar de refúgio, e enfrentaremos qualquer tempestade. Eu não quero uma vida fácil, quero uma vida ao seu lado, independentemente de ser fácil ou não. Eu te amo. — Volto a beijá-lo, e nesse beijo não há promessas de um amanhã perfeito – o nosso amor já é perfeito –, então não nos preocupamos com o amanhã, apenas queremos vivê-lo juntos.

Quando o mar começa a produzir ondas mais altas, nós decidimos que é hora de ir embora. Entre carícias e beijos, chegamos ao apartamento. Entre beijos apaixonados, nos amamos debaixo do chuveiro. Quando saímos, não há sequer um pensamento que não pertença a nós e aos nossos planos para o bebê. Agora entendo perfeitamente o que é se tornar um com quem se ama, porque, hoje, o nosso amor nos fez ser um. E assim, sentindo o nosso amor a cada segundo, entregamos tudo de nós.

Capítulo 28

Ísis

O que é a felicidade? Um dia eu me fiz essa pergunta até perceber que ela é simples demais para ser traduzida em palavras. Ela não se baseia em realizações ou dinheiro, é simples como ver o primeiro raio de sol depois de dias nublados, é algo que não se explica, apenas sente. E eu a sinto, mesmo que tenha um dia caótico, que tenha que encarar um trânsito daqueles, que nada saia como planejado, no fim do dia, Felipe está do lado de fora do trabalho me esperando. Eu me aproximo dele, olho em seus olhos e me vejo neles, então nos beijamos e seguimos para a nossa casa. Isso é felicidade. O maior prêmio consentido a todos que, independentemente de quão árdua tenha sido a luta, não deixaram de acreditar no amor.

Antes que eu possa abrir os meus olhos, sinto Felipe me envolver em seus braços e novamente tenho a plena certeza que encontrei a felicidade. Ele acaricia o meu ventre, aconchega seu corpo junto ao meu, e deixa claro que não preciso de mais nada além de estar em seus braços.

— Você só prometeu ir ao cartório hoje porque é sábado. Não é, seu engraçadinho? — sussurro.

— Juro que não havia pensando nisso, mas podemos ir na segunda-feira — sugere.

— E o que faremos hoje? — Arqueio a sobancelha.

— Hoje ficaremos na cama, apenas nós três — afirma e me beija.

— Adorei o seu plano, mas alguém acordou com muita fome — brinco e ele sorri.

— Tudo bem, podemos abrir uma exceção para alguém poder comer — ele concorda, volta a me beijar e eu sinto como se o meu corpo absorvesse cada beijo.

Felipe prepara o café, traz para mim na cama, e após comermos, ele leva a bandeja para a cozinha e se deita ao meu lado novamente. E o nosso sábado segue com ele tentando me convencer que o nome do nosso filho tem que ser Felipe Lopes Santos Junior.

— Não, pode pensar em outro nome, não vou fazer isso com ele. Coitado — brinco. — Mas, e se for menina?

— O nome da minha mãe, claro. — Eu o encaro, não acreditando no que acabei de ouvir.

Depois de alguns segundos, caímos na gargalhada. Olho para o seu rosto e as palavras simplesmente desaparecem. Nós nos beijamos e os nossos momentos são perfeitos, voamos acima de qualquer preocupação, só nós é que temos importância.

No domingo, Felipe me convence a ir almoçar com ele no apartamento da Mari. Estou tensa e apesar dos seus sorrisos tentando me acalmar durante o trajeto, eu não sei o que esperar.

Quando estamos em frente ao prédio, ele toca o interfone e ao escutar a voz do outro lado, eu fico paralisada.

— Vamos? — Felipe pergunta.

Seguro a mão dele e assim caminhamos lentamente até o apartamento. Paramos em frente à porta, então Felipe olha para mim e dá um beijo em minha testa.

— Está tudo bem, bonequinha. Quando quiser embora é só me dar um sinal que faremos isso. Obrigado por ter aceitado me acompanhar.

Eu apenas dou um pequeno sorriso antes de Felipe bater à porta. Segundos depois, Mari a abre e puxa Felipe para um abraço. Ele se afasta e

entra, então encaro Mari e nem sei como agir.

— Oi, Ísis, como vai? — ela pergunta e em seguida me abraça.

Surpresa com a atitude dela, demoro alguns segundos para retribuir, mas eu o faço.

— Bem, e você? — Minha voz sai em um sussurro.

— Estou bem. Entre e fique à vontade — ela diz.

Eu entro e a próxima pessoa que vejo é a mãe dele, que se aproxima e também me abraça, dizendo que está feliz por nós. Mesmo que não pareça muito animada, a sua voz soa sincera. Após cumprimentarmos o Léo, que é muito educado, Eliane pergunta sobre a gravidez, e eu digo que estamos bem.

Depois de conversamos um pouco, fico emocionada ao ouvir a Mari chamar os gêmeos para conhecerem a “titia Ísis”. No começo eles parecem um pouco envergonhados, mas Felipe brinca com eles e acabam deixando a vergonha de lado. Os dois estendem as mãozinhas para me cumprimentar e logo em seguida chamam o Felipe para mostrar que ganharam um videogame. Se o Felipe tivesse olhado para mim, entenderia que não era para me deixar sozinha. E assim que Felipe sai com Léo e os gêmeos, Mari pergunta se pretendo me casar só no civil ou no religioso também.

— Eu pretendo fazer uma cerimônia simples na igreja, mas ainda estamos decidindo isso.

— Ísis — a mãe dele interrompe a conversa e só agora vejo que o seu olhar está fixo em mim. — Você realmente quer se casar com o Felipe? Não só pelo bebê, e sim por você, por ele...

— Quero e vou me casar com ele.

— E seus pais?

— Estão cientes da minha escolha, e sabem que irá acontecer, eles querendo ou não.

— Mas vocês vão continuar morando aqui? Mesmo com o que está

acontecendo no banco? — ela insiste e Mari desvia o olhar.

— Eliane, o HIV não é mais pauta no nosso relacionamento. — Eu toco o meu ventre. — O nosso amor está além disso. Agora os nossos planos são sobre nós e o nosso bebê. Estamos começando a nossa família e aceitamos quem quiser fazer parte dela — falo em um tom bem calmo.

Ela se levanta, vem até mim e segura a minha mão.

— Então saiba que eu estarei sempre por perto para apoiar e ajudar no que for preciso. Desejo apenas que sejam felizes. Neste momento, eu quero deixar todo o passado no passado, e agora, com o bebê, quero recomeçar com vocês. Ao lado de vocês, nós somos uma família, e se realmente vai se casar com o Felipe, você faz parte dela também. Eu desejo, de todo o meu coração, que vocês sejam felizes.

— Obrigada, fico feliz por isso — digo, emocionada.

Mari desvia o olhar e sei que com ela a relação será mais complicada. Estou ciente da mágoa que ela sente por eu ter feito o Felipe sofrer, mas tenho certeza que iremos tentar nos dar bem.

— Mariana, eu...

— Ísis, eu não sou como a minha mãe e depois da Flávia a minha cota de decepções já se esgotou. Eu fui tirar satisfações com ela e como não sei ser boazinha, na primeira oportunidade que tive dei uma bofetada na cara dela. — Arregalo os olhos ao escutá-la. — Felipe não sabe disso e não quero que saiba, por não concordarmos nesse ponto. Mas ela mereceria isso, e se essa cretina tiver vergonha na cara, nunca mais irá aparecer por aqui — diz e respira fundo. — Eu sei que tivemos os nossos desentendimentos e apesar de não conseguir aceitar bem tudo o que você fez o meu irmão passar, entendo os seus motivos. Mas agora vocês estão juntos novamente, vão me dar um sobrinho e, para ser sincera, eu não conheço ninguém que mereça ser feliz mais do que o meu irmão. Eu não quero ter problemas com você de novo,

então só peço que o faça feliz e juro que um dia nós seremos como irmãs — ela conclui e eu tento disfarçar a emoção.

— Eu vim para almoçar — Felipe diz ao voltar para a sala. — Mas nessa casa não nos oferecem nem água.

— Ah, Felipe, para de graça. Até parece que você precisa que te ofereçam alguma coisa aqui — Mari o provoca e pede para nos sentarmos à mesa.

A conversa flui e graças ao Léo, é bem divertida. Ele faz perguntas sobre a Alemanha e diz que Felipe deveria ir morar lá, mas lógico que a Eliane e a Mari não concordam. Eu gosto de ver como eles são unidos.

Quando decidimos ir embora, a nossa tarde já acabou. Na segunda-feira Felipe me deixa cedo na empresa e às nove ele passa para irmos ao cartório levar a documentação necessária para dar entrada no processo de casamento. Então marcamos o casamento para daqui a um mês, o prazo mínimo necessário.

Após sair do cartório com sorriso bobo no rosto, Felipe me leva ao laboratório e eu faço novamente todos os exames de sangue, até mesmo o de HIV, só que dessa vez é diferente, não há dúvida alguma ou medo.

Eu volto para o escritório e Felipe para o banco, e assim mais um dia se vai. À noite, quando chego em casa, encontro um lindo buquê de rosas e uma caixa de chocolates com um bilhete em cima.

Para a minha futura esposa.

Mesmo com o dia tão cheio, ele ainda encontra tempo para esses pequenos detalhes, que me fazem amá-lo mais ainda. Quando penso em começar a fazer o jantar, recebo uma mensagem dele dizendo que iremos jantar fora e que espera que eu use o meu perfume, então acabamos

comemorando em um motel.

Na quarta-feira vamos à obstetra, e como a minha mãe já sabia da consulta, ela pediu para nos acompanhar. Ela tenta se aproximar do Felipe, não como a família dele fez comigo, apenas se mostra muito educada e fala sobre o bebê.

Quando entramos no consultório e Felipe se apresenta como o pai do bebê, a médica fica sem jeito. Assim que ele começa a falar com naturalidade sobre o HIV, ela parece um pouco chocada com o comportamento dele.

Eu entrego os resultados dos meus exames e depois mostro os do Felipe, que acaba dando uma aula para ela sobre prevenção, contaminação e carga viral. Mas, bem diferente de como foi comigo, ela se mostra tão interessada que até pede o contato do Dr. Glender. Somente quando olho para a minha mãe é que percebo que ela está envergonhada. Infelizmente, como uma vez o Felipe disse, o preconceito abrange todas as classes, até mesmo a classe médica.

Felipe segue para o banco e eu vou almoçar com a minha mãe. Conversamos sobre o casamento, e ela sugere que ele seja realizado na minha cidade natal, uma vez que os meus avós têm a saúde um pouco frágil. Eu digo que vou conversar com Felipe e depois falo com ela.

Os dias vão passando e cada detalhe do nosso sonho realizado conta muito. Além da Mari e do Léo, eu convido a Karen e o marido, que aceitam e se dizem muito honrados com o convite, para serem padrinhos. Monique e Marcos ficam tão empolgados por marcamos a data, que acabam fazendo o mesmo – irão se casar no próximo ano. Felipe convida para serem os nossos padrinhos Rodrigues, diretor do banco, e a Ângela, e não se esquece do Dr. Glender e a esposa. O Léo e a Mari também serão as nossas testemunhas no civil.

Juntos decidimos que os convites serão feitos em um tom pérola. Em

nenhum momento o meu pai faz objeções, pelo contrário, ele e a minha mãe querem pagar por tudo. No começo, eu não queria aceitar, mas depois de refletir um pouco, acabo achando justo que paguem pelo meu sonho realizado.

Monique, Mari e Eliane vão comigo escolher o vestido e a roupa dos pajens – que serão os gêmeos, claro. Quando escolho um vestido sereia em renda, todas aprovam o modelo. Com ele no corpo, eu tiro uma foto e mando para a minha mãe, que me liga logo em seguida, chorando de emoção. Ela está me ajudado muito com os preparativos do casamento.

Quinze dias antes da data, os convites são enviados, mesmo sabendo que deveríamos ter feito isso antes, mas estamos com pouco tempo e muita pressa. Estou muito ansiosa e Felipe percebe isso e tenta me acalmar.

No banco, as pessoas começaram a achar que a Flávia inventou toda a história sobre o HIV. Felipe pretende em breve falar a verdade, uma vez que não tem motivo para se envergonhar disso, e nunca terá. Mas, no momento, queremos nos preocupar apenas com o nosso casamento. Ainda assim é impressionante a mente pequena das pessoas que anularam qualquer possibilidade do Felipe ter HIV por estar se casando comigo, uma Brückner.

Um dia antes do casamento eu faço um ultrassom e ficamos extremamente emocionados quando o médico revela que teremos uma menina. Felipe fica aéreo depois da notícia e à noite decidimos que ela se chamará Ester. Porque não importa quão escuro sejam nossos dias, agora temos nossa pequena estrela que sempre indicará o caminho a seguir.

Nossos dias são simples e de plena felicidade. Depois de tudo que passamos, cada segundo ao lado dele me faz valorizar ainda mais a sua presença. Independentemente de toda a tempestade que esteja lá fora, estar nos braços um do outro é como ter o sol nos aquecendo.

Quando finalmente o grande dia chega, eu tento controlar as minhas

lágrimas. Mas eu me casarei com o meu grande amor e ter Felipe como meu e ser sua é dádiva. Depois de casarmos no civil, viajamos para a minha cidade natal. Felipe e a família se hospedam em um hotel no centro, enquanto eu sigo para a casa dos meus pais. Durante todo o dia trocamos mensagens carinhosas. Estou ficando cada vez mais nervosa, e ele não parece muito diferente.

A minha mãe e eu passamos o dia juntas no “meu dia de noiva”. Ela não para de chorar e acaba fazendo com que eu chore também. Às seis e meia da tarde, o meu pai vem nos buscar. Eu me olho no espelho, já pronta para encarar o meu grande momento. A maquiagem está bem suave, o cabelo preso em um coque bagunçado e o véu completa o visual. Quando caminho em direção ao carro, ele fica emocionado ao me ver vestida de noiva, então me ajuda a entrar no carro e em silêncio seguimos para a igreja.

— Ísis — ele diz com a voz embargada assim que paramos na frente da igreja. —, quando eu a vi vestida de noiva, eu me dei conta do quanto errei ao separá-la do Felipe e...

— Pai, eu não quero falar sobre isso agora. Não estou dizendo que não vou te perdoar por ter me tirado esses anos, todos estamos sujeitos a erros, mas o perdão é um processo. — Eu engulo em seco, tentando não chorar. — Hoje é o dia mais feliz da minha vida, eu vou me casar com o homem que amo. Eu mereço ser feliz e o Felipe também. Mesmo que tenham tentado nos separar, ficou provado que o amor venceu, porque nada é capaz de separar um amor verdadeiro. Hoje eu começo a minha vida ao lado dele, a nossa vida. E mesmo ainda estando um pouco magoada com vocês, não irei afastar o meu bebê dos avós. Irei te dar a chance de fazer as escolhas certas e através delas você terá o meu perdão.

Ele só me olha com lágrimas nos olhos, mas se mantém calado. Ao sairmos do carro, ele me abraça e beija o meu rosto.

— Eu desejo toda a felicidade a você, minha princesa — ele sussurra.

Eu apenas sorrio, e de braços dados seguimos para a entrada da igreja. Vejo os primeiros convidados assim que o meu pai e eu surgimos à porta da igreja. A marcha nupcial começa a ser tocada e eu só tenho olhos para o Felipe, que está no altar. Sinto as lágrimas em meus olhos e não consigo conter a emoção. A cada passo dado, sinto meu coração prestes a explodir.

Enquanto caminho pela nave, eu olho para os convidados e percebo que todos estão maravilhados. Cada passo que dou, representa a nossa trajetória, tudo o que passamos e agora, diante de todos, iremos confirmar a nossa vitória.

Quando finalmente chegamos ao altar, Felipe vem até nós e esse é o nosso momento. Sorrindo para mim, ele estende a mão para o meu pai.

— Espero que possamos finalmente ser uma família, e como família, desejo que possa um dia alcançar o seu perdão. Sejam muito felizes — ele sussurra enquanto segura a mão de Felipe e o cumprimenta emocionado. Felipe revida com um singelo sorriso. Encara meus olhos.

— Você está tão linda, minha futura esposa — sussurra.

— Estou usando *Chanel 5*, deve ser por isso — brinco e ele sorri espontaneamente.

É difícil me concentrar nas palavras do padre, são gentis, mas eu quero apenas olhar para o Felipe e viver esse olhar eternamente. Penso em tudo que fizemos, em tudo que passamos, em como tive medo quando descobri sobre o HIV, de como me senti envergonhada depois disso, então tento me segurar para não chorar. Foram tantas vozes contrárias, tantos desafios, mas estamos aqui, dizendo a todos que vencemos.

Quando o padre finalmente pergunta pelas alianças, Lucas e Gabriel roubam a cena ao caminharem pela nave. Eles entregam ao padre e se saem muito bem, em seguida, vão até os pais. E o momento mais esperado

chega, o nosso juramento. De frente para ele e de mãos dadas, trocamos olhares. Sinto meu coração acelerado e lágrimas deslizando pelo meu rosto. Nesse momento de muita emoção e amor, eu vejo várias pessoas chorando.

— Felipe, pode dizer os seus votos — o padre diz e lhe entrega o microfone.

— Ísis — Ele respira fundo. —, nós nunca sabemos que caminhos as nossas vidas irão tomar. Quando eu conheci você, já havia planejado a minha vida toda, e jamais imaginei que a melhor parte ainda estava por vir, o meu melhor presente. — Ele suspira. — Desde criança eu aprendi a guardar um segredo, eu não entendia o porquê, mas sabia que esse segredo afastaria as pessoas, isso meio que me fez levantar barreiras. Mas então você apareceu e as derrubou. Foi exatamente aí que eu passei a questionar por que alguns tinham uma carga tão pesada, enquanto outros pareciam ter uma vida tão leve. Só depois que eu parei de questionar, e passei a aceitar, que descobri que quanto maior a carga, maior a recompensa.

“Você foi a minha recompensa por todas as noites de tempestade, por toda a dor que um dia eu cheguei a sentir. Você sempre será o meu consolo, a minha força, a alegria de chegar em casa e poder te abraçar. Hoje não se trata mais de ter que encarar a vida, e sim de vivê-la plenamente ao seu lado. Ainda que tenha que enfrentar tempestades, eu estarei sempre ao seu lado para te dar coragem quando você desanimar, te dar esperança quando estiver desiludida, te mostrar o caminho sempre que a estrada da vida parecer estreita demais para nós. Ísis, eu quero te fazer feliz todos os dias da minha vida. Você me fez conhecer o amor e depois que o conhecemos e amamos verdadeiramente, o impossível perde o seu significado e passa a ser apenas uma questão de fé. Ísis Fernandes, me concede a honra de ser o seu esposo por toda a minha vida?”

Ele sorri e me faz chorar mais ainda.

— Felipe, eu poderia concordar com tudo o que você disse, mas não é verdade. Se alguém foi abençoado, esse alguém fui eu. — Engulo o nó na garganta. — Um dia Deus permitiu que um anjo aparecesse na minha vida, mas eu deveria olhar além das adversidades para reconhecer esse anjo. Eu deveria ir além do preconceito, porque só quem poderia enxergar esse anjo é que teria a grande recompensa de tê-lo ao seu lado. Sem mérito algum, Deus permitiu que esse anjo me fizesse conhecer o amor, e bem além disso, permitiu que esse anjo me amasse. Houve espinhos em nosso caminho, e apesar de todos os empecilhos, nós mostramos que não importa quão árdua seja a luta, o amor é um dom supremo e ninguém pode vencê-lo. Eu serei eternamente grata por ter você em minha vida, o meu anjo. Eu amo você, e amando você eu me amo também, porque hoje eu sei que o nosso amor nos tornou um. Sem ressalvas ou preconceitos. Obrigada por me fazer tão feliz, e sim, eu aceito ser a sua esposa por toda a minha vida. Eu te amo.

Emocionados, trocamos as alianças e o padre finaliza.

— Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor. Porém, o maior desses é o amor. E mediante a esse grande amor que os uniu, diante de Deus e todas essas testemunhas, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Felipe me beija, e ao som de aplausos seguimos para o início das nossas vidas.

O amor é a única e verdadeira força que leva o homem a transpor barreiras e vencer preconceitos, transformando radicalmente a realidade e fazendo deste um mundo um pouquinho melhor e mais humano!

Michelly Christina

Epílogo

Felipe

Passamos a nossa lua de mel em Cancun. Foram os melhores dez dias da minha vida, onde nos amamos intensamente, até a nossa Estrelinha começar a se mexer. A primeira vez que eu a sinto é quase surreal, singular é a maneira como eu a amo. Agora os meus beijos e juras de amor são direcionados para as duas mulheres da minha vida. E eu, o cara que nunca pensou em ser pai, agora se derrete ao ver um macacão cor-de-rosa em uma loja de bebês.

Volto ao trabalho como um homem casado e à medida que a gravidez de Ísis se torna evidente, todos me parabenizam pelo bebê. O tratamento agora é outro, as pessoas acreditam que sou um Brückner, mas não, sou somente o Felipe, um soropositivo que se orgulha muito da vida e da família que tem.

Ângela me informa que achou melhor transferir a Flávia, então logo ela irá para outra agência. Nos momentos vagos, iremos focar no projeto e nos dedicaremos para que tudo seja perfeito. Fico surpreso quando ela me informa que o Charles é um dos maiores patrocinadores.

Depois de alguns dias, ao sair do trabalho, a Mari me liga e antes que eu consiga dizer oi, ela pergunta como foi voltar ao trabalho como um homem casado. Rimos muito disso.

Eu conto do projeto e que estou entrando de cabeça, e como já esperava, Mari me incentiva e diz que tem certeza que eu me sentirei mais aliviado por não ter que esconder o fato de ser soropositivo, e que, principalmente, ajudarei muitas pessoas a mudarem a visão sobre

soropositivos ao relatar a minha experiência.

— Mari, mas você sabe que isso irá expor todos nós.

— Eu sei como você fica quando alguém descobre e o receio que tem com as possíveis reações. Essa mulher tem razão, Felipe, é a sua chance de mudar o quadro. Você tem o meu total apoio.

Ela continua falando e a ideia amadurece em mim. Ao desligarmos, eu penso nas possibilidades, consequências e, principalmente, no peso que sairá dos meus ombros.

Ângela envia o projeto por e-mail e depois de tê-lo estudado com muito cuidado, faço as minhas sugestões e sei que estou pronto para isso.

No decorrer das semanas, organizamos tudo para tirar o projeto do papel e colocá-lo em prática. Eu convido o Dr. Glender para ser um dos palestrantes e ele aceita de imediato.

Tempos depois, quando tudo está pronto, damos início ao evento em um salão de exposições da cidade com a participação de funcionários do banco, convidados e patrocinadores. Eu me sento ao lado da Ísis, que está bem barrigudinha, na primeira fileira. Ao lado dela estão a Mari, Léo, e a minha mãe, contrariando os pensamentos da minha família, que acreditavam que o meu lugar seria ao lado do Rodrigues, Dr. Glender e os outros palestrantes.

Às dezenove em ponto, a Ângela sobe ao palco para iniciar a campanha. Primeiro ela agradece a presença de todos, em seguida começa a falar sobre o início da epidemia da AIDS e sobre o amigo que perdeu. Logo depois mostra a evolução da ciência, como se vive bem hoje com HIV e conclui com a triste frase: *“Apesar de todos esses avanços, o estigma ainda é grande, mas para que se tenha um mundo complacente e justo, cada cidadão tem por dever combater o preconceito.”*

Ela se emociona novamente ao falar do amigo e reforça que ainda

hoje, pessoas sofrem o mesmo estigma e preconceito que outros sofreram no auge da epidemia, e depois de ser aplaudida, Ângela chama o Dr. Glender para falar sobre a transmissão, o tratamento que um soropositivo recebe e as novas combinações de medicamentos.

Ele responde todas as perguntas que são feitas com informações precisas e vez ou outra ele me lança um sorriso. Quando finalmente o meu momento chega, estou suando frio, é a primeira vez que irei falar para um público tão grande, e apesar de todo o apoio, eu sei o que vem depois disso.

Assim que ela me chama e sinto todos os olhares sobre mim, eu quase fraquejo. Subo ao palco e vejo meus colegas de trabalho, os pais da Ísis, muitas pessoas anônimas, fotógrafos, e percebo que esse é o momento do agora ou nunca. Quando finalmente meus olhos encaram os da Ísis, eu sei que preciso fazer isso. Olho para o nosso bebê em seu ventre e tenho certeza que quero construir um futuro melhor ou, pelo menos, colocar um tijolo nessa construção.

De frente para tantas pessoas, eu limpo a garganta e me concentro no microfone.

— Boa noite, eu me chamo Felipe Santos e fui convidado para contar a minha história para vocês essa noite — digo e o silêncio no auditório me intimida. — Meu pai era motorista de caminhão, estava sempre viajando, eu me lembro que contava os dias para tê-lo em casa, porque quando isso acontecia nós passávamos todo o tempo juntos. Em um desses retornos para a casa, nós estávamos indo pescar quando sofremos um acidente que, além de tirar o nosso pai, mudou o rumo da minha vida. No atendimento de emergência, eu recebi uma transfusão de sangue e meses depois, ao ter frequentes infecções que qualquer outra criança se curaria bem, mas que me deixavam muito debilitado, fui diagnosticado com HIV. — Após minha confissão o silêncio se torna ensurdecador. Respiro fundo. — O sangue que

recebi na época do acidente estava contaminado e não tinha mais nada a ser feito, ele já havia desenvolvido a síndrome da deficiência imunológica. — Agora eu vejo o choque no rosto das pessoas, então abaixo o olhar e evito encará-las. — Aos seis anos eu mal sabia o que era a vida, não tinha ideia do que era preconceito ou como ele me machucaria, mas eu tinha um vírus circulando em meu sangue e ainda que não entendesse o porquê, as pessoas sempre se afastavam por causa dele.

“Eu descobri cedo que não poderia nunca, em hipótese alguma, falar sobre o HIV, porque falando sobre ele, eu deixava de ser humano para as pessoas, ainda que fosse apenas uma criança. Eu não tinha amigos, não era convidado para festas de aniversário, e as minhas, geralmente eram celebradas no hospital, uma vez que eu sempre estava internado, com a presença da minha irmã, mãe e as enfermeiras. Começamos cedo a luta pela minha vida e a minha mãe foi uma guerreira. Os medicamentos eram muito fortes e eu não entendia como algo que estava me fazendo tão mal, poderia ao mesmo tempo me fazer bem. Fui rejeitado por diversas escolas e nunca pude ter um amigo em quem confiar a não ser a minha família. Eu entendi cedo que não importa se você tem princípios ou caráter, preconceitos sempre estarão acima deles. A minha adolescência foi solitária, eu aprendi a me isolar, já que as experiências passadas de uma aproximação eram “catastróficas.”

“Quando a ciência finalmente conseguiu nos ajudar com novos avanços e medicações, a sociedade continuou desinformada e querendo manter os soropositivos em grupos distantes, como se de alguma forma ter um vírus nos tornasse inferiores. E mesmo as campanhas governamentais sobre a importância da prevenção, e as constantes alertas sobre nunca abrir mão do preservativo, não diminuía em nada o preconceito ou a falta de conscientização. Durante muitos anos eu me mantive calado, aceitando as

regras injustas e o estigma que é imposto a nós portadores do HIV. E assim que a Ângela me convidou gentilmente para falar da minha experiência, eu pensei se deveria relatar ou não como fui contaminado. Vejo que muitos de vocês estão comovidos, mas não é isso que busco ao dar o meu relato, eu quero mostrar que não importa como se contrai, tudo que precisamos é ter empatia e respeito. Soropositivos hoje em dia vivem uma vida completamente saudável, mas ainda assim a nossa luta contra o preconceito é grande. Porém, se ao invés de nos dividirmos entre soropositivos ou negativos, apenas nos reconhecemos como humanos, estigmas não existirão mais. Hoje, assim como muitos, a luta é minha, mas pode ser de todos nós, porque o bem que fazemos hoje reflete diretamente no amanhã. Se o mundo pode mudar, eu acredito que com amor pessoas podem mudar o mundo. Mas não me veja como a exceção, seja essa exceção e trate a todos com respeito.

“O apoio de vocês e o acesso à informação é uma poderosa arma para o combate ao estigma e à discriminação relacionada ao HIV, e juntos contribuiremos para o fim da epidemia de AIDS. Obrigado pela oportunidade. Sou formado em Arquitetura e Finanças, sou filho, um marido realizado e muito em breve serei pai. Eu gostaria de ressaltar que a nossa filha foi gerada de maneira natural e é completamente saudável, isso prova mais uma vez que se seguirmos o tratamento, podemos ter uma vida normal como todos os soronegativos. Eu sou a prova viva de que soropositivos merecem a oportunidade de ter uma vida sem exceções, como todos vocês. E o que nos separa de alcançarmos esse objetivo é apenas o preconceito e a falta de informação. Espero que a minha experiência tenha impactado a vida de todos vocês de forma positiva, mas espero muito mais que as minhas palavras possam gerar a mudança que queremos e que precisamos para ter um futuro melhor. Esse é o objetivo do Projeto Viver Positivamente, e não inclui apenas a aceitação de soropositivos, mas que possamos viver positivamente, sem

preconceitos e estigmas, nos aceitando como somos, humanos. Eu agradeço a todos pela oportunidade.”

Ísis sorri e esse é o único sorriso que preciso receber para ter certeza que falar sobre a minha sorologia foi a melhor escolha. Agradeço novamente a todos, recebo muitos aplausos e é um alívio enorme sentir todo o peso ser tirado de mim.

Ângela agradece novamente a presença de todos, fala sobre a continuidade do projeto e finaliza ao me oferecer a oportunidade de continuar palestrando, algo que não tenho dúvida que continuarei fazendo. Ao descer do palco com todos em pé me aplaudindo, eu recebo um beijo emocionado da Ísis, a mulher que tanto amo e que tenho certeza que sempre estará ao meu lado.

— Eu me saí bem? — pergunto, sussurrando.

— Você foi maravilhoso, tenho tanto orgulho disso — ela diz ao me dar outro beijo.

— Eu te amo, Ísis.

— E eu te amarei eternamente — ela diz com o amor nítido em seus olhos.

Tenho certeza que nós acabamos de vencer a última barreira e me sinto realmente livre para voarmos juntos para resto das nossas vidas. Recebo vários cumprimentos e agora sei que tenho uma boa história para contar para a minha pequena princesa quando ela estiver Entre Nós.

“Nunca é tarde para abirmos mão dos nossos preconceitos.”

([Henry David Thoreau](#))